

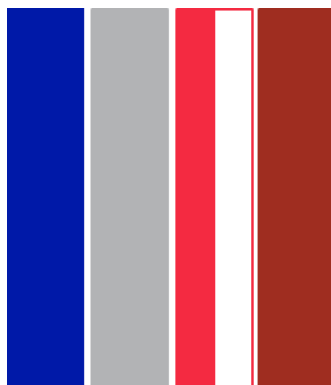
2º CICLO
ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO EM CULTURA E CIÊNCIA

Plataformas Digitais Culturais. Processos de divulgação da Cultura (de Cabo Verde para a Diáspora)

Vandira Lopes Rodrigues

M

2021



Vandira Lopes Rodrigues

**Plataformas Digitais Culturais.
Processos de divulgação da Cultura (de Cabo
Verde para a Diáspora)**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação – Área de Especialização em Cultura e Ciência, orientada pela Professora Doutora Olívia Pestana.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2021

Vandira Lopes Rodrigues

Plataformas Digitais Culturais. Processos de divulgação da Cultura (de Cabo Verde para a Diáspora)

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação – Área de Especialização em Cultura e Ciência, orientada pela Professora Doutora Olívia Pestana.

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Sumário

Declaração de honra	1
Agradecimentos	2
Resumo.....	3
Abstract	4
Índice de Figuras	5
Índice de Gráficos.....	6
Introdução.....	7
1.Conceito de Cultura.....	11
1.1. Cultura nas Ciências Sociais.....	11
1.1.1. Património, Património Cultural, Património Cultural Material e Imaterial	14
1.2. Divulgação de Cultura.....	18
1.2.1. Como começou o processo de divulgação/exposição de Cultura?	18
1.3. Cultura cabo-verdiana	22
1.3.1. Breve Introdução à História Geral da Cultura cabo-verdiana.....	22
1.3.2. Língua kabuverdianu ou crioulo de cabo verde	27
1.3.3. A morna como representante da identidade cabo-verdiana	35
1.3.4. Funaná como música tradicional cabo-verdiana	38
1.3.5. Batuque, género musical cabo-verdiano com maior expressão africana.....	40
1.3.6. Coladeira, por vezes sátira por vezes meiga.....	42
1.3.7. A tabanca como prática cultural e social.....	44
1.3.8. Colá S.Jon – festa de S. Jon	46
1.3.9. Artes plásticas em Cabo Verde - a pintura	47
1.3.10. Práticas artesanais: cestaria, panaria e cerâmica	49
1.3.11. Literatura cabo-verdiana	53
1.3.12. Teatro.....	55
1.4. Cultura cabo-verdiana na diáspora	59
1.4.1. Diásporas cabo-verdianas.....	60
1.4.2. O caso de Portugal.....	62
2.Metodologia de investigação utilizada	64
3.Agentes da cultura cabo- verdiana	67

3.1. Jornalismo Cultural	72
3.1.1. Jornalismo Cultural em Cabo Verde	73
3.1.2. <i>Expresso das Ilhas</i>	77
3.1.3. Análise da seção de cultura do Jornal <i>Expresso das Ilhas</i> : online vs impresso	80
3.1.4. Análise e discussão dos resultados	81
4. Plataformas digitais	90
4.1. Análise das Entrevistas	93
4.2. Divulgação e promoção na diáspora (inquérito por questionário)	95
4.3. Agência cabo-verdiana de notícias	106
Conclusões	107
Referências Bibliográficas	111
Anexos	119
Anexo 1: Obras Helder Cardoso	120
Anexo 2: Batuque	121
Anexo 3: Dia Nacional da Cultura	122
Anexo 4: Festa de São João	123
Anexo 5: Grupo Musical Ferro Gaita	124
Anexo 6: Literatura cabo-verdiana	125
Anexo 7: Morna	126
Anexo 8: Texto Festas de São João	127
Apêndices	130
Apêndice 1: Jornal Expresso das Ilhas Online/Impresso	131
Apêndice 2: Texto dia das comunidades	142
Apêndice 3: Texto Homenagem Orlando Pantera	142
Apêndice 4: Exposição Figuras da Morna	146
Apêndice 5: Texto sobre raiz de polón	149
Apêndice 6: Exposição “Mundi di Sonhus”	152
Apêndice 7: Orlando Pantera atividades 20 anos	155
Apêndice 8: Artigos sobre Cabo Verde	158
Apêndice 9: Entrevistas	166
Apêndice 10: Consentimento entrevistas	227
Apêndice 11: Questionário	237

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação de mestrado é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto 16 de Setembro de 21

Vandira Lopes Rodrigues

Agradecimentos

Resultado de um longo percurso esta dissertação não teria sido possível sem a ajuda e motivação de todos os que me acompanharam de perto o desenvolvimento deste trabalho.

Sou grata à minha família, tanto em Cabo Verde, como em Portugal pelo suporte ao longo do árduo caminho, em especial à minha mãe que esteve comigo em todos os momentos, sem me deixar cair nos momentos mais difíceis, aos meus irmãos e à minha sobrinha pelas gargalhadas quando tudo parecia escuro, ao meu pai, à minha avó e à minha tia por acreditarem sempre em mim.

Um especial agradecimento ao meu *cretcheu ffp* por sempre me ter incentivado a persistir nos meus sonhos, sem nunca me abandonar e ser o meu pilar em todos os momentos.

À Professora Doutora Olívia Pestana pela atenção, dedicação e esforço incansável ao longo deste percurso.

A todos que de alguma forma contribuíram para este trabalho fosse possível e um especial obrigada ao colegas e amigos que tornaram o meu caminho mais leve.

Resumo

Cabo Verde é um arquipélago constituído por 10 ilhas, tendo como 11ª ilha, a diáspora. O país apresenta uma enorme diversidade de âmbito cultural e um grande número de eventos e práticas culturais realizados durante todo o ano, os quais, por vezes, não chegam ao conhecimento dos cabo-verdianos residentes fora do país.

Tendo como título *Plataformas Digitais Culturais. Processo de Divulgação da Cultura (de Cabo Verde para a Diáspora)*, esta investigação teve em conta três elementos: a cultura, as plataformas digitais e a comunicação. Estabelecendo uma ponte entre esses três conceitos, foi importante perceber o funcionamento destes dentro do contexto da sociedade cabo-verdiana e a respetiva diáspora.

Neste estudo de caso foram abordadas as principais manifestações culturais cabo-verdianas e a forma como estas têm sido divulgadas na diáspora, principalmente em Portugal, através das plataformas digitais passando também pela abordagem do jornalismo cultural em Cabo Verde.

Assim, foram exploradas algumas dessas manifestações culturais, aquelas consideradas como fazendo parte do designado património cultural imaterial, como a língua crioula, a música, o teatro, as artes plásticas, o artesanato, a literatura oral, entre outras. Recorreu-se a entrevistas semiestruturadas com as principais entidades e agentes culturais responsáveis pela salvaguarda dessas manifestações, com o intuito de perceber o trabalho que os mesmos têm vindo a desenvolver no país e internacionalmente junto das comunidades que fazem parte da Diáspora. Foi analisada a secção de cultura do jornal *Expresso das Ilhas* e foi ainda realizado um inquérito destinado aos cabo-verdianos residentes em Portugal, com o objetivo de perceber através de que plataformas os mesmos têm acompanhado as atividades culturais relacionadas com o País de origem.

Palavras-chave: Cultura cabo-verdiana, Plataformas digitais, Comunicação.

Abstract

Cape Verde is an archipelago consisting of 10 islands, with the diaspora being the 11th. The country has an enormous cultural diversity and a large number of cultural events and practices held throughout the year, which sometimes do not reach the attention of Cape Verdeans living outside their country.

With the title *Digital Cultural Platforms: Culture Dissemination Processes (from Cape Verde to the Diaspora)*, this research took into account three main key concepts: the culture, digital platforms and communication. Establishing a bridge between these three concepts, it was important to understand how they work and come together within the context of Cape Verdean society and its diaspora.

In this case study, the main Cape Verdean cultural events were addressed and the way in which they are disseminated in the diaspora, mainly in Portugal, through digital platforms and also through an approach of cultural journalism in Cape Verde.

Thus, some of these cultural events and practices were explored, mainly those considered to be part of the so-called intangible cultural heritage, such as the Creole language, the music, the theater, the visual arts, the crafts, the oral literature, among others. Semi-structured interviews were used with the main entities and cultural agents responsible for the safeguarding of these events, in order to understand the work which is being done in the country and internationally with the communities that make part of the Diaspora. The culture section of the newspaper *Expresso das Ilhas* was analyzed, and a survey was also carried out with Cape Verdeans residents in Portugal, with the aim of to understand which platforms are being used to follow cultural activities related to their country of origin.

Key-words: Cape Verdean cultural, Digital platforms, Communication

Índice de Figuras

FIGURA 1: RESULTADO DO INQUÉRITO MULTI-OBJETIVO CONTÍNUO 2018 (INE CABO VERDE)	78
FIGURA 2: RESULTADO DO INQUÉRITO MULTI-OBJETIVO CONTÍNUO 2018 (INE CABO VERDE)	78
FIGURA 3: RESULTADO DO INQUÉRITO MULTI-OBJETIVO CONTÍNUO 2018 (INE CABO VERDE)	79
FIGURA 4: IMAGENS HELDER CARDOSO	120
FIGURA 5: ARQUIVO INSTITUTO DO PATRIMÓNIO CULTURAL.....	121
FIGURA 6: MINISTÉRIO DA CULTURA E DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS_DIA NACIONAL DA CULTURA.....	122
FIGURA 7: ARQUIVO INSTITUTO DO PATRIMÓNIO CULTURAL_S.JOÃO	123
FIGURA 8: IMAGENS FORNECIDAS PELO GRUPO MUSICAL “FERRO GAITA”.....	124
FIGURA 9: IMAGENS MINISTÉRIO DA CULTURA E DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS_LITERATURA	125
FIGURA 10: ARQUIVO INSTITUTO DO PATRIMÓNIO CULTURAL_MORNA	126
FIGURA 11: HOMENAGEM ORLANDO PANTERA (PRAIA, CABO VERDE 2020)	144
FIGURA 12: HOMENAGEM ORLANDO PANTERA (PRAIA, CABO VERDE 2020)	145
FIGURA 13: EXPOSIÇÃO FIGURAS DA MORNA (PALÁCIO DA CULTURA 2020).....	146
FIGURA 14: EXPOSIÇÃO "FIGURAS DA MORNA" (PALÁCIO DA CULTURA 2020).....	147
FIGURA 15: EXPOSIÇÃO "FIGURAS DA MORNA" (PALÁCIO DA CULTURA 2020).....	148
FIGURA 16: ANIVERSÁRIO RAIZ DI POLÓN, PALÁCIO DA CULTURA 2020	150
FIGURA 17: ANIVERSÁRIO RAIZ DI POLÓN, PALÁCIO DA CULTURA 2020	151
FIGURA 18: EXPOSIÇÃO "MUNDI DI SONHUS" PALÁCIO DA CULTURA 2020	153
FIGURA 19: EXPOSIÇÃO "MUNDI DI SUNHOS" PALÁCIO DA CULTURA 2020	154
FIGURA 20: ORLANDO PANTERA ANIVERSÁRIO 20 ANOS	156
FIGURA 21: ORLANDO PANTERA ANIVERSÁRIO 20 ANOS	157

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1: EXPRESSO DAS ILHAS <i>ONLINE</i> - TEMAS	81
GRÁFICO 2: EXPRESSO DAS ILHAS <i>ONLINE</i> – GÊNEROS JORNALISTICOS	82
GRÁFICO 3: EXPRESSO DAS ILHAS <i>ONLINE</i> – PEÇAS.....	83
GRÁFICO 4: EXPRESSO DAS ILHAS <i>ONLINE</i> – LOCAL DOS ACONTECIMENTOS	83
GRÁFICO 5: EXPRESSO DAS ILHAS <i>ONLINE</i> – ESTILO DE DISCURSO	84
GRÁFICO 6: EXPRESSO DAS ILHAS IMPRESSO - TEMA.....	85
GRÁFICO 7: EXPRESSO DAS ILHAS IMPRESSO – GÊNEROS JORNALISTICOS	86
GRÁFICO 8: EXPRESSO DAS ILHAS IMPRESSO – PEÇAS	87
GRÁFICO 9: EXPRESSO DAS ILHAS IMPRESSO – LOCAL DOS ACONTECIMENTOS.....	88
GRÁFICO 10: EXPRESSO DAS ILHAS IMPRESSO – ESTILO DE DISCURSO	89
GRÁFICO 11: IDADE	96
GRÁFICO 12: HABILITAÇÕES LITERÁRIAS	97
GRÁFICO 13: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS MAIS EXPRESSIVAS	98
GRÁFICO 14: NAVEGADOR ASSIDUO	99
GRÁFICO 15: CLASSIFICAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES NAS PLATAFORMAS DIGITAIS	100
GRÁFICO 16: PLATAFORMAS DIGITAIS	101
GRÁFICO 17: CLASSIFICAÇÃO DA CULTURA CABO-VERDIANA NA DIÁSPORA	102
GRÁFICO 18: MEIOS DE DIVULGAÇÃO DA CULTURA CABO-VERDIANA EM PORTUGAL	103
GRÁFICO 19: MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL CABO-VERDIANOS.....	104
GRÁFICO 20: OS MEIOS.....	104

Introdução

A cultura crioula cabo-verdiana é resultante do processo de colonização, ou seja, da miscigenação entre a cultura europeia (portuguesa) e africana, o que faz com que seja um tanto complexa, originando dúvidas e curiosidades, potenciando interpretações e estudos.

Assim, no âmbito desta dissertação de Mestrado o objeto de estudo foi a cultura cabo-verdiana e o objetivo da investigação passou por perceber como tem sido o processo de divulgação da mesma na diáspora, principalmente em Portugal, e através de que plataformas digitais essas informações chegam aos cabo-verdianos que residem fora do país.

O primeiro capítulo centra-se no conceito de cultura e como tem vindo a ser explorado esse mesmo conceito no âmbito das ciências sociais, tendo vindo a adquirir várias definições ao longo da história. Nesta investigação o conceito de cultura considerado pertinente é o conceito empregue nas ciências sociais, em particular de natureza antropológica e sociológica. No âmbito das ciências sociais, áreas científicas como a Sociologia e a Antropologia, sempre tiveram um papel determinante na conceção dos fenómenos culturais. Edward-Burnett Tylor (1871) definiu a cultura “como um conjunto que compreende os conhecimentos, as crenças, a arte, a moral, as leis, os costumes e outras capacidades e usos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade”. Este autor associou o termo cultura a um conjunto de factos que podem ser observados num determinado contexto e que representam aspetos comportamentais e qualidades caracterizados como mentais, interiorizados pelo indivíduo e que são adquiridos como resultado da sua educação. Depois de Tylor o conceito passou a fazer referência a tudo o que resultava da relação entre o homem e a natureza e claro a sua relação com os outros.

A Cultura passou do conceito de lavrar ou cultivar a terra, depois pelos progressos de aspetos estéticos e intelectuais nos Sécs. XVIII e XIX, até chegar ao significado sociológico e antropológico que existe atualmente, a noção de cultura teve uma evolução, pode-se dizer, coerente tendo em conta as épocas históricas.

De acordo com o antropólogo cabo-verdiano João Lopes Filho (2003a), “Uma breve retrospectiva da evolução do termo ajuda a encontrar uma definição de cultura que abrange um conjunto interligado de maneiras de ser, pensar, sentir, agir mais ou menos formalizados, que aprendidas e partilhadas por uma sociedade servem, simultaneamente, para organizar e congregar os seus elementos uma coletividade particular e distinta”.

Na obra *Introdução à Antropologia Cultural* os autores Mesquitela Lima, Benito Martinez e João Lopes Filho (1991), afirmam que o homem se distingue dos outros animais por possuir cultura, ou seja, o homem é um ser cultural por natureza. A cultura é considerada por muitos autores como uma herança social, ou seja, que passa de geração em geração, sofrendo diversos processos de transformação, nomeadamente processos de socialização dos indivíduos em distintos grupos sociais. Já o antropólogo Lévi-Strauss (1973) refere que, da relação entre Homem, Natureza e Cultura, resultam as obras e as matérias que constituem as mesmas e estes representam processos comunicativos que têm a função de integrar e adaptar o Homem à sociedade.

Neste primeiro capítulo também são explorados conceitos como o de património, património cultural e património cultural imaterial. São conceitos que se encontram interligados às manifestações culturais que foram sendo referidas ao longo do trabalho. A nível mundial existem algumas instituições em que o conceito de património está presente na sua área de atuação e que têm a responsabilidade de preservação e divulgação do património, entre outras. Uma dessas organizações é a UNESCO.

Para além da apresentação dos conceitos acima referidos, no primeiro capítulo deste trabalho houve espaço para a perceber como começou e se procede à divulgação de cultura. Sendo o objeto de estudo a cultura cabo-verdiana, ainda neste mesmo capítulo, é feita uma breve introdução à História geral da cultura cabo-verdiana. De acordo com João Lopes Filho (1983) “A sociedade cabo-verdiana é um *melting pot* resultante da convergência de várias culturas e intensa miscigenação de diversas etnias (tanto europeias como africanas). São justamente cinco séculos de interpenetração do tecido social de modos de ser, de regras de convivência, tradições e costumes europeus

e africanos, que constituem o substrato básico da cultura cabo-verdiana, cuja característica dominante será, conseqüentemente, a harmonização de elementos daquelas duas culturas”.

Quando se fala de Cabo Verde é preciso ter em consideração os diversos aspetos como as questões da colonização, da independência, das crises e secas, da emigração, da insularidade e da diversidade cultural.

Apesar de ser pequena, a sociedade cabo-verdiana constitui um reportório com um vasto leque de manifestações culturais distintas. Assim, foram abordadas as manifestações que mais se destacam, acrescentam valor e são representativas da identidade cabo-verdiana, como: a língua *kabuverdiana*, a *Morna*, o *Funaná*, o *Batuque*, a *Coladeira*, a *Tabanca*, o *Colá San Jon*, as artes plásticas (pintura), a literatura cabo-verdiana e o teatro. Após a identificação dessas manifestações culturais, o foco foi direcionado para a cultura cabo-verdiana na diáspora, fazendo referências às diásporas cabo-verdiana, em específico o caso de Portugal.

O segundo capítulo diz respeito às metodologias empregues ao longo do período de investigação.

Passando ao terceiro capítulo, o primeiro ponto do mesmo é referente às entidades máximas na gestão da cultura em Cabo Verde destacando-se o Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas, como sendo o órgão máximo ao nível da gestão e legislação da cultura no país e o Instituto do Património Cultural, como a entidade que desenvolve diretamente um trabalho técnico-científico de algumas das manifestações anteriormente referenciadas. De seguida é desenvolvida uma breve contextualização daquilo que tem sido o jornalismo cultural em Cabo Verde, apresentando-se a análise da secção de cultura tanto no formato impresso, como *online* do Jornal *Expresso das Ilhas*. Essa análise teve como base o estudo realizado por Carla Baptista (2000 – 2010) *Jornalismo Cultural em Portugal – Retrato de uma década e projecções para o futuro*, com as seguintes categorias de análise: tema, género jornalístico presente, foco das peças (centrada no indivíduo, no acontecimento ou em ambos), local e estilo de discurso.

No quarto e último capítulo desta investigação, o foco incide sobre as plataformas digitais e o processo de comunicação através das mesmas na diáspora cabo-verdiana. O capítulo aborda o conceito de plataformas digitais, sendo que alguns autores defendem que as plataformas digitais podem ser vistas como redes estratégicas para comunicação e divulgação, por exemplo por via das redes sociais. Jackson (2008) mencionou as proposições de Turkat (1980), face ao conceito de redes sociais, referindo este último, que as redes sociais consistem em grupos de indivíduos que compartilham laços, “sendo essenciais na transmissão de informação, críticas para troca de bens e serviços, e de forte impacto na maneira como vivemos”. Assim sendo, as redes sociais merecem especial atenção, pois podem ser vistas igualmente como ferramentas que podem ser utilizados pelas empresas para se posicionar de maneira mais competitiva no mercado, abandonando o modo tradicional de divulgação e apostando em novas formas de comunicação.

De seguida, no ponto “Divulgação e Promoção na Diáspora” são apresentados os resultados do inquérito realizado no âmbito desta investigação, dirigido aos cabo-verdianos ou filhos de cabo-verdianos residentes em Portugal. O inquérito tinha como principal objetivo perceber como tem sido o processo de comunicação da cultura cabo-verdiana na diáspora e através de que plataformas digitais. No total foram obtidas 90 respostas, que foram alvo de análise e respetivas conclusões.

A finalizar, no último ponto deste trabalho é apresentada uma análise da comunicação de cultura estabelecida pela *Inforpress*, a única agência cabo-verdiana de notícias, com os órgãos de comunicação na diáspora.

1. Conceito de Cultura

1.1. Cultura nas Ciências Sociais

“Tudo é cultura”. Esta é possivelmente uma das frases mais *clichés* em torno da definição do termo cultura. Para muitos autores o conceito de cultura é uma das palavras mais complexas que existe, o que originou diversas definições do termo ao longo dos tempos.

A palavra cultura etimologicamente vem do termo latim *colere*, que significa cultivar, lavrar, ou seja, o termo fazia referência a processos utilizados na agricultura, cultivo do solo, que consequentemente contribuíam para o aumento da fauna e da flora.

No âmbito das ciências sociais, áreas como a Sociologia e a Antropologia, sempre tiveram um papel relevante na análise dos fenómenos culturais. Na vertente da sociologia e da antropologia “a cultura consiste na própria sociedade, enquanto esta oferece às pessoas e aos grupos padrões de conduta. Ela concerne, assim, toda a vida social, na medida em que abarca os sistemas de ideação, de representação e de expressão, os seus sistemas éticos e os seus referenciais de ação. Confere, deste modo, sentido ao mundo e à história, à natureza e ao homem, ao trabalho e ao lazer, às limitações e às aspirações de liberdade, satisfação e à esperança, à vida e à morte, ao presente e ao futuro” (Fernandes, 1988).

Na sua obra *A Noção de Cultura nas Ciências sociais*, o antropólogo e sociólogo Devys Cuche (1999), faz referência a diversos estudiosos que exploraram o conceito de cultura com o intuito de perceber a essência da palavra. Cuche refere que:

"a noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos".

Na obra o autor recorre ao Séc. XVIII, em França, época em que o termo começou por adquirir um sentido mais moderno, pois já se encontrava ligado ao conceito de “civilização”. No Séc. XX, na Alemanha o termo ganha um significado relativista, em que cultura reporta a tudo o que se encontra ligado à alma, ou seja, tudo o que contribui

para o enriquecimento e progresso espiritual e intelectual. A partir daí o conceito de cultura ficou cada vez mais enraizado. Assim, em meados do Séc. XX, Edward-Burnett Tylor (1871) define cultura “como um conjunto que compreende os conhecimentos, as crenças, a arte, a moral, as leis, os costumes e outras capacidades e usos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade”. Este autor associou o termo cultura a um conjunto de factos que podem ser observados num determinado contexto e que representam aspetos comportamentais e qualidades caracterizados como mentais interiorizados pelo indivíduo e que são adquiridos como resultado da sua educação. Depois de Tylor o conceito passou a fazer referência a tudo o que resultava da relação entre o homem e a natureza e claro a sua relação com os outros.

Assim passando do conceito de lavrar ou cultivar a terra, depois pelos progressos de aspetos estéticos e intelectuais nos Sécs. XVIII e XIX, até chegar ao significado sociológico e antropológico que existe atualmente, a noção de cultura teve uma evolução pode-se dizer coerente tendo em conta as épocas históricas.

Veja-se, ainda, a definição de João Lopes Filho (2003b): “Uma breve retrospectiva da evolução do termo ajuda a encontrar uma definição de cultura que abrange um conjunto interligado de maneiras de ser, pensar, sentir, agir mais ou menos formalizados, que aprendidas e partilhadas por uma sociedade servem, simultaneamente, para organizar e congregar os seus elementos uma coletividade particular e distinta”.

Para o antropólogo cabo-verdiano, convém evidenciar o termo «cultura»:

“...que é por nós empregado como uma noção que pretende traduzir tudo quanto numa dada sociedade é adquirido, aprendido e pode ser transmitido, abarcando, naturalmente, o conjunto de técnicas, instituições, formas espirituais, representações coletivas, modos de viver, tradições, comportamentos e relações entre os mesmos da comunidade em causa”.

Para fazer a análise cultural de uma determinada sociedade é preciso ter em conta as características mais intrínsecas da vertente humana. Deste modo, na antropologia o conceito de cultura é muito complexo e holístico, pois implica a análise de diversos fenómenos culturais resultantes da herança, do dinamismo e de um

processo contínuo que caracteriza as sociedades. E consequentemente a preocupação com o respetivo futuro.

Na obra *Introdução à Antropologia Cultural* os autores Mesquitela Lima, Benito Martinez e João Lopes Filho (1991), afirmam que o homem se distingue dos outros animais por possuir cultura, ou seja, o homem é um ser cultural por natureza. Também “pela capacidade de modificar e transmitir, acrescentando ao que recebe tudo quanto inventa, o seu conceito engloba todo o património de artefactos materiais ou espirituais em que se movimenta e de que se serve para satisfazer as necessidades físicas, fisiológicas e espirituais em que se movimenta e de que se serve, ou seja, tudo aquilo que recebeu dos seus antepassados, acrescentou ou modificou, transformou ou inventou”.

A cultura é considerada por muitos autores como uma herança social, ou seja, que passa de geração em geração, sofrendo diversos processos de transformação, nomeadamente processos de socialização e enculturação dos indivíduos em distintos grupos sociais. Existe um confronto relativamente à dominância dos fatores biológicos ou fatores culturais, contudo apesar de interagirem entre si, a parte cultural é considerada dominante perante os mesmos fatores biológicos.

Assim, como referiu o antropólogo Lévi-Strauss (1973), da relação entre Homem, Natureza e Cultura resultam as obras e as matérias que constituem as mesmas e estes representam processos comunicativos que têm a função de integrar e adaptar o Homem à sociedade.

Quando falamos da satisfação básica do ser humano estamo-nos a referir a um conjunto de mecanismos de desenvolvimento do homem que são impostos a cada cultura. Primeiramente é preciso satisfazer as necessidades de carácter nutritivo, reprodutor e higiénico. E para resolver estes “problemas” o homem cria um ambiente propício para tal, ou seja, cria a própria cultura. Mas a cultura por si só exige reprodução e administração constantes.

Cada cultura é formada por um contexto cultural, em que existe um conjunto pré-definido de crenças, ideias, conhecimentos, valores inerentes a cada sociedade. É

importante perceber que as pessoas não nascem com uma cultura, mas sim sofrem processos de enculturação¹ ou de inculturação², que são fatores que permitem a integração social e cultural. Esses processos repetem-se de geração em geração e estão intimamente ligados a classes sociais, a sociedade, a etnia ou com a própria cultura.

Alguns autores procuram avaliar aspetos comportamentais de indivíduos consoante as características das culturas, ou seja, a influência que determinada cultura possui sobre os respetivos comportamentos. Margaret Mead (1964) conclui que as influências culturais regulam a formação das personalidades, pois certos traços psicológicos dos indivíduos, tendo em conta características específicas da sua cultura, como valores, as normas, variam de acordo com a cultura onde estão inseridos.

1.1.1. Património, Património Cultural, Património Cultural Material e Imaterial

“A cultura, sejam quais forem as suas características, ideológicas ou idealistas das suas manifestações, é um elemento essencial na história de um povo.” (Amílcar Cabral)

De facto, cultura engloba um conjunto multifacetado de características que envolve toda a atividade humana e que definitivamente não é estática. As culturas são entidades dinâmicas, pois vão evoluindo ao longo dos tempos através dos padrões de conduta, com a evolução tecnológica e com a ação do homem sobre a natureza.

O processo da globalização pode ser considerado o principal responsável pelo dinamismo cultural, provocando fenómenos como o multiculturalismo, o hibridismo cultural, entre outros, visto que existe um fluxo migratório intensivo de pessoas, bem como a produção e distribuição de bens materiais e simbólicos. Hall (2002) diz que “podemos afirmar que a globalização é a compreensão, a diminuição do espaço

¹ Enculturação é um conjunto de processos de aquisição ou aprendizagem através dos quais um indivíduo se apropria da cultura do grupo a que pertence. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2020.

² Aquisição gradual dos preceitos, dos hábitos, das normas e das características de uma cultura ou de um grupo por outra (cultura ou pessoa). In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

geográfico pelo encurtamento do tempo, o que acontece num determinado lugar, tem um impacto imediato sobre as pessoas e lugares situados a uma grande distância.”

No que diz respeito à identidade cultural, a globalização provoca o chamado “choque cultural”, pois aproxima diferentes grupos étnicos, religiões e culturas. Contudo a questão da identidade tem reduzida importância neste ponto. Aqui o importante é estabelecer a ponte entre a cultura e o património.

As noções de património e cultura estão intrinsecamente ligadas, visto que o património está ligado à cultura de um povo, quer seja a nível de património nacional, de património regional ou património da humanidade.

O Património³ “é o conjunto de bens, materiais e imateriais, manifestação, um testemunho, uma invocação, ou melhor, uma convocação social legítima a identidade de um grupo, recorrendo, para isso, do património importante; daí a relação com o conceito de memória social. A memória do passado. Tem, portanto, a função de (re)memorar acontecimentos mais” (Martins 2011).

Assim como a cultura, o património é dinâmico, visto que o conceito foi evoluindo de acordo com o avanço das ciências sociais. Tal como a origem da palavra, inicialmente a noção de património era muito restrita, significava um conjunto de bens ou valores herdados (poder familiar). Era considerada apenas uma realidade física, que era sinónimo de riqueza, de bens pertencentes às elites.

“O património expressa a identidade histórica e as vivências de um povo. O património contribui para manter e preservar a identidade da nação, daí o conceito de identidade nacional, de um grupo étnico, de uma comunidade religiosa, tribo, clã, família” (Choay, 1992).

Nem sempre a noção de património foi vista como património coletivo. O processo de salvaguarda do património enquanto património coletivo e respetivo dever ser preservado e transmitido às gerações futuras, teve início no Séc. XIX com a revolução

³ Etimologicamente o termo Património vem de origem latina *Patrimonium* que significa casa dos pais, terra dos pais, bens herdados dos ascendentes.

industrial. Inicialmente no contexto da Revolução Francesa o intuito era de proteger os bens pertencentes ao Clero, dos emigrados e também da Coroa, bens estes colocados à “disposição da nação”. Assim a Revolução Francesa como processo de desenvolvimento planetário fornecia ao conceito de monumento histórico uma denotação universal, aplicável à escala global. A partir daí o mundo ocidental incorporou esta nova noção, de que os bens patrimoniais devem ser conservados e transmitidos às gerações que se seguiam.

Para João Lopes Filho, a noção de património pode ser percecionada como um conjunto de testemunhos ou valores herdados, no que diz respeito a bens familiares, mas no sentido mais amplo da herança coletiva. É constituída por valores mundiais, nacionais, também regionais ou locais, consumidos em tempos pelos nossos antepassados e que atualmente leva à necessidade de consciencializar o Homem e os estados para a preservação dos respetivos legados culturais.

A palavra património tem vindo a ser alargado o seu âmbito visto que tem sofrido alterações significativas: “o que era considerado património ontem poderá não o ser hoje ou deixar de o vir a ser amanhã, tal como o que ontem não estava contido nesse conceito hoje pode vir a estar nele incluído ou vir a sê-lo no futuro.” (Paulino, 2018). Esse facto remete-nos para uma das características do património que, tal como a cultura, é evolutivo.

Com a evolução das Ciências Sociais, nomeadamente da História, da Antropologia e da Sociologia, o património alargou-se a outras áreas e manifestações, como o património industrial, o património popular, o património imaterial. Ou seja, o objetivo passou a ser não só a defesa do elemento patrimonial em si, mas também o espaço em torno do mesmo, bem como as pessoas que participam nos costumes desses locais, nas tradições, nas práticas e manifestações patrimoniais.

Para esta investigação interessa realçar alguns conceitos ligados ao património que serão abordados ao longo deste trabalho. Existem alguns órgãos internacionais em que o conceito de património está presente na sua área de atuação e que têm a responsabilidade de proteção do património e não só. Um desses órgãos é a UNESCO

(Organização para a Educação, Ciência e Cultura para as Nações Unidas). De acordo com a UNESCO, o património pode ser separado em dois grupos: património cultural e património natural. O conceito de património cultural é extremamente vasto, pois engloba a cultura dita erudita, mas também a chamada herança cultural (manifestações objetos de uso no dia a dia), ou seja, esta última está ligada à memória coletiva de um povo. O património cultural pode ser um monumento, um conjunto de edifícios ou um sítio de valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico e antropológico. De acordo com Martins (2011), o património cultural “é um conjunto de bens materiais e imateriais, que são considerados de interesse coletivo, suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo. O património faz relembrar o passado; é uma manifestação, um testemunho, uma inovação, ou melhor, uma convocação do passado. Tem, portanto, a função de (re)memorar acontecimentos mais importantes; daí a relação com o conceito de memória social. A memória legitima a identidade de um grupo, recorrendo, para isso, do património”.

Enquanto que o património natural está ligado às características físicas, biológicas e geológicas, encontra-se ligada a habitats de espécies animais como vegetais em risco e áreas abrangentes com interesse científico e estético ou também do ponto de vista da preservação.

Dentro do património cultural destacam-se as tipologias mais comuns, o património cultural material e o património cultural imaterial. Quanto ao património material está dividida entre património cultural (material) móvel e património cultural (material) imóvel. O património cultural móvel representa tudo o que pode ser transportado de um lugar para outro, como por exemplo livros, peças de artes, documentos, vestuários, peças religiosas, ect. Enquanto que o património cultural imóvel consiste no oposto, representa tudo aquilo que não pode ser movido, quer seja por impossibilidade ou porque ao fazê-lo iria mudar completamente o seu significado. Segundo Faria Paulino (2018) “Integram o património cultural imóvel os bens imóveis que assumem relevância para a compreensão, permanência e construção de uma identidade nacional e para a democratização da cultura”. Os bens imóveis podem

pertencer às categorias de monumentos, conjuntos ou sítios e a proteção legal dos bens imóveis assenta num processo de classificação e na inventariação.

Para este trabalho é crucial destacar os domínios e os bens que fazem parte do património cultural imaterial ou intangível. Deste modo, património cultural imaterial distinguem-se em três grupos de bens culturais: 1. Os géneros de literatura oral tradicional, tais como romanceiros, rezas, contos populares, etc. 2. As manifestações histórico-religiosas: rituais festivos, lendas e mitos, contos sobrenaturais, etc. 3. As manifestações das tradições, como festas, danças, jogos tradicionais, romarias, gastronomia, artesanato, etc. E ainda o património cultural imaterial abrange domínios tais quais, tradições e expressões orais, com a língua, expressões artísticas e manifestações de carácter performativo, práticas sociais, rituais e eventos festivos, conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo e competências no âmbito de processos e técnicas artesanais tradicionais.

Em suma o património abarca um conjunto de bens materiais e imateriais, que ao ser reconhecido e atribuído um determinado valor, são considerados de interesse para que se mantenha a identidade de uma cultura através dos tempos.

1.2. Divulgação de Cultura

1.2.1. Como começou o processo de divulgação/exposição de Cultura?

Até ao Séc. XVIII e meados do Séc. XIX existia apenas a chamada cultura de elite, ou seja, grande parte da população não tinha acesso a bens culturais e artísticos devido à iliteracia e a educação era escassa. Consequentemente para as massas o acesso a esses bens era dificultado. Com “a segunda revolução industrial e as transformações políticas, sociais, laborais (baseadas na produção em série) e tecnológicas, aparecem as primeiras formas de mediatização da cultura: a imprensa, o cinema, a rádio, a fotografia e, posteriormente, a televisão” (Silva Dora, 2012)

Segundo McLuhan (1911 – 1980), foi a *cultura de massas* ⁴ o responsável pelo nascimento de uma cultura globalizada. Entretanto como vimos anteriormente, o fenómeno da globalização teve um papel importante na construção desta cultura globalizada. Os média permitiram alterações de carácter cultural e de acordo com Dora Silva existem algumas teorias que realçam alguns conceitos relacionadas às alterações culturais. Entre as quais estão a Teoria Crítica; a Teoria Culturológica e os *Cultural Studies*. Na Teoria Crítica existe um choque entre o conceito de *indústria cultural* e a obra de arte como um “bem que não deve ser reproduzido”.

O conceito de *indústria cultural* nasceu com os filósofos Max Horkheimer e Theodor Adorno em 1944. Era um conceito utilizado para explicar o processo de comercialização da cultura. Assim, “pela primeira vez, a produção dos bens culturais é estudada no contexto global da industrialização da cultura como mercadoria” (Silva Dora, 2012).

O conceito de *indústria cultural* baseava-se num processo de reprodução em série de bens culturais. Contudo esta conceção foi ao longo do tempo questionado por diversos autores, como é o caso de Walter Benjamin (2014). Ele questiona: “a serialização e reprodução incessante de uma obra de arte não implicaria o fim do seu carácter único e verdadeiro? Não trairia o efeito que a obra de arte inculca no seu observador, naquele momento e hora específica?” E essa continua a ser uma questão de extrema importância e repetida vezes e vezes por artistas, estudiosos, etc.

Essa ideia de que a obra de arte não podia ser reproduzida era defendida por Walter Benjamin, ao qual se atribui a designação de *High Culture*⁵.

Em suma, nesta Teoria Crítica criada pela escola de Frankfurt, segundo Mario Wolf (1985) o propósito seria “fundir o comportamento crítico nos confrontos com a ciência e a cultura com a proposta política de uma reorganização racional da sociedade,

⁴ Para Dora Silva (2012) os *media* foram os principais impulsionadores da *cultura de massa*.

⁵ “Cultura superior ligada ao sagrado. Sustentavam-se na ideia da obra de arte que não podia ser reproduzida, a que continha ‘aura’, com vista a defender que a indústria cultural é o símbolo do anti-iluminismo”. (Silva Dora, 2012)

de modo a superar a crise da razão.” A *indústria cultural* é um negócio cujo objetivo principal é obtenção de lucro, baseando-se assim na produção de produtos uniformizados destinados a um público massificado e por vezes pouco informado e pouco esclarecido acerca dos mesmos produtos. Aqui a questão da individualidade e originalidade do artista acaba por ser posta em causa e como já foi referido anteriormente no paradigma da contemporaneidade percebe-se que a *Teoria Crítica* é atual e se justifica. “A mediatização do produto cultural, feito em moldes para que possa, mais facilmente, ser noticiado; ou seja, pensado numa lógica mediática e de rápido consumo, numa linguagem muito semelhante e facilmente reconhecida pelos órgãos de comunicação social, traduz-se na sua standardização e perda de complexidade”. (Fernandes, 2019)

Relativamente à *Teoria Culturalológica*, por outro lado é fundamentada no estudo da cultura de massas. O sociólogo Edgar Morin é considerado o pioneiro desta teoria. Para ele, os *media*, representam um problema para o entendimento da cultura de massas. Ou seja, “os estudos da comunicação de massas são redutores, não estudando a cultura como uma totalidade; aliás Edgar Morin encara a cultura de massas como um conjunto de cultura, civilização e história” (Silva Dora, 2012). Ainda, segundo Dora Santos Silva (2012), a cultura de massas “é constituída por conteúdos relacionados com necessidades privadas e afectivas (...), imaginárias (...) ou materiais”.

Em relação aos *Cultural Studies* trata-se de um projeto que teve origem nos anos 50 e 60 em Birmingham. O objetivo principal do projeto seria estudar as práticas culturais do dia a dia, tendo em conta o contexto do protagonismo dos *media*. Os principais pensadores que estiveram ligados à origem dos *Cultural Studies* foram Mathew Arnold (1822–1898) e Frank Raymond Leavis (1895–1978). Foi Mathew Arnold um dos primeiros teóricos a utilizar o conceito de cultura popular, apesar de ter defendido a teoria que critica a massificação da cultura.

Mas os verdadeiros fundadores dos *Cultural Studies* foram Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Thompson. “Estes teóricos pegam de forma definitiva nos temas da cultura popular, cultura do operariado e cultura de massas, dando-lhes (...) objectivo de estudo, o que constitui (...) uma ruptura com o passado” (Silva Dora 2012).

Richard Hoggart foi o teórico que estudou a relação a influência cultural dos meios de comunicação da altura, entre as classes operárias britânicas. E muitos outros estudos que se seguiram sobre *Cultural Studies* tiveram como base Richard Hoggart.

1.3. Cultura cabo-verdiana

1.3.1. Breve Introdução à História Geral da Cultura cabo-verdiana

Neste ponto será importante fazer uma pequena contextualização acerca da história do arquipélago de Cabo Verde, desde os descobrimentos até à formação da identidade/cultura do seu povo. Sendo a história um elemento fundamental para a formação da identidade de um povo, a cabo-verdianidade ⁶ revela-se como um claro exemplo disso mesmo.

Para a recolha de informações acerca da história de Cabo Verde recorreu-se à coleção *A História Geral de Cabo Verde* (Albuquerque e Santos, 2001-2002). Desta coleção fazem parte três volumes e estes representam a compilação de dados como o próprio nome refere, da história geral de Cabo Verde, englobando a fase dos descobrimentos, o povoamento, o nascimento e desenvolvimento da sociedade cabo-verdiana, a ascensão económica do país, entre outros aspetos. Esta publicação é posterior à independência do país, 15 anos depois e resulta de uma parceria entre Cabo Verde e Portugal através da Direção-geral do Património de Cabo Verde e o Instituto de Investigação Científica Tropical de Portugal (1986-1987). O primeiro volume da coleção foi lançado em 1991, o segundo em 2001 e o terceiro em 2002. Como referiram Joaquim Alberto da Cruz e Silva e Manuel Veiga (1991), a colaboração deste projeto entre Cabo Verde e Portugal “foi um ato cultural e político de transcendente significado”.

Cabo Verde é um arquipélago insular de origem vulcânica, situado na região do Atlântico Norte a cerca de 400 a 500 km da costa africana. É constituído por 10 ilhas e alguns ilhéus, entre as quais nove dessas ilhas estão habitadas. Existem uma “divisão” no arquipélago, pois as ilhas de Santiago, Maio, Fogo e Brava fazem parte do grupo de Sotavento e as ilhas de S. Vicente, S. Antão, S. Nicolau, Boavista e Sal constituem o grupo de Barlavento.

A história aponta que a descoberta do arquipélago tenha sido por volta de 1460, contudo não se sabe ao certo a data do achamento. Nem o seu descobridor em

⁶ Expressão utilizada para caracterizar a identidade do povo cabo-verdiano

concreto, pois apontam-se vários nomes, os principais Diogo Gomes e António de Noli. De qualquer modo, e de acordo com João Lopes Filho (2003a), não há dúvida de que foi ao serviço de Portugal que efetivamente foram descobertas todas as 10 ilhas. Existem rumores sobre a passagem de outros povos por Cabo Verde antes dos portugueses, contudo, supostamente desapareceram sem deixar vestígios.

Os portugueses viram em Cabo Verde um forte potencial devido à posição estratégica que ocupava e desse modo para a comercialização de escravos e bens, ocuparam o território cabo-verdiano, sendo a primeira ilha a ser ocupada, a ilha de Santiago, ilha na qual se situa a capital do país.

No séc. XV a sociedade cabo-verdiana era constituída por portugueses e africanos provenientes da África Ocidental. Contudo existem dados que indicam a presença de espanhóis, bem como de italianos em Cabo Verde. A maioria dos portugueses que desembarcavam no arquipélago estavam envolvidos direta ou indiretamente no comércio e os africanos apesar de constituírem a maioria, eram escravos trazidos da costa da Guiné e da região que se estende entre o Senegal até à Serra Leoa. No entanto devido ao facto dos escravos serem vistos como mercadoria, praticamente não houve registos de escravos, muito menos da sua origem étnica.

Com o passar do tempo houve a chamada fusão étnico-cultural entre povos africanos e portugueses, que deu origem ao processo de miscigenação. A miscigenação passa a ser a principal característica da sociedade cabo-verdiana. Em meados do séc. XV a cultura cabo-verdiana ainda não estava presente na sociedade insular. “Ela vai-se estruturando, adquirir consciência e a automatizar-se muito posteriormente” (Baleno, 1991).

Como já foi referido anteriormente, no arquipélago existiam indivíduos naturais de diversos grupos étnicos e uma enorme diversidade a nível da língua, dos costumes, de religiões, de crenças. Ou seja, uma simbiose entre diferentes culturas. Contudo não se consegue saber qual era a presença mais significativa em termo de números e cultura devido a essa grande diversidade.

A nova cultura, a cultura cabo-verdiana, começa-se a formar a partir de dois troncos culturais: uma de origem africana e outra de origem europeia, nesse caso de origem portuguesa. No entanto, língua e religião são aspetos que vão ser preservados pelos portugueses, fator que se fez sentir de forma mais “forte” na nova cultura. Devido ao facto de não haver muitos registos acerca da comunidade africana na altura, considera-se que neste processo de aculturação a cultura africana teve perdas significativas, maiores que a cultura europeia e isso é possível verificar-se atualmente na cultura cabo-verdiana.

Não podemos deixar de mencionar um aspeto importante, a língua portuguesa. Foi um dos primeiros elementos a ser absorvido pelos africanos, quer por imposição dos portugueses, quer pela necessidade de comunicarem entre si, facto que depois permitiu o desenvolvimento da língua crioula.

Citando João Lopes Filho (1983) “A sociedade cabo-verdiana é um *melting pot* ⁷ resultante da convergência de várias culturas e intensa miscigenação de diversas etnias (tanto europeias como africanas). São justamente cinco séculos de interpenetração do tecido social de modos de ser, de regras de convivência, tradições e costumes europeus e africanos, que constituem o substrato básico da cultura cabo-verdiana, cuja característica dominante será, conseqüentemente, a harmonização de elementos daquelas duas culturas”.

Como refere este autor, ao todo foram cinco séculos de colonização e foi apenas em 1975 que se deu o “nascimento” do estado de Cabo Verde, ou seja, Cabo Verde tornou-se independente a 5 de julho de 1975.

Contudo não se pode deixar de mencionar o processo pré-independência e fazer referência ao principal ator na luta pela independência de Cabo Verde, Amílcar Cabral. Cabral foi ativista e responsável pela formação do partido político PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde). O líder do partido considerava a luta pela libertação, antes de mais, um ato cultural. “Para que a luta pela

⁷ Lugar onde há uma mistura de diferentes culturas.

«libertação nacional» enquanto «ato de cultura» se concretizasse, Cabral considerava necessário o que apelidou de «retorno às fontes», um processo que possivelmente identificaria como um traço parcialmente inscrito no seu trajeto pessoal e nos dos intelectuais e ativistas com quem conduzia a liderança do movimento anticolonial” (Cidra, 2011).

A independência de Cabo Verde deu-se rapidamente e com pouco tempo de transição, o que fez com que houvesse mudanças bruscas nos regimes, métodos e também convivências entre as pessoas. Como refere a História, muitos sentiram-se “perdidos” devido a essa mudança, principalmente no que diz respeito à identidade, ou seja, houve uma crise de identidade. A identidade cabo-verdiana por si só já era questão controversa para vários autores e com a independência do país essa questão veio ao de cima fazendo-se sentir na sociedade cabo-verdiana. Mas pouco a pouco a situação foi sendo ultrapassada, “acabando todos por se sentirem absorvidos pelo magma evolutivo da sociedade em mudança”, como refere João Lopes Filho, afirmando ainda que: “algo de mais interior e enraizado se vinha processando ao nível do subconsciente coletivo da sociedade cabo-verdiana, no sentido de afirmação da «identidade nacional» que, lentamente ia sedimentando as suas características específicas” (Lopes Filho, 1983).

Para nos debruçarmos sobre a cultura cabo-verdiana é preciso ter em conta alguns aspetos, pois trata-se de um país com certas particularidades, principalmente no que diz respeito às realidades sociais das ilhas. Entre as quais é possível destacar as diferenças comportamentais, os hábitos, estilos de vida, tradições, as variantes da língua crioula, aspetos resultantes obviamente do processo de colonização e da evolução sociocultural ao longo do tempo. De referir, que neste trabalho o foco não é em torno das diferentes ilhas, mas sim centralizado na ilha de Santiago, ilha na qual se situa a capital do país e onde as manifestações tradicionais são mais diversificadas e com maior “expressão”.

Neste jovem país africano, a insularidade, a paisagem, a seca, a crise, são também aspetos dominantes na vida das pessoas. De acordo com os apontamentos de João Lopes Filho no livro *Contribuição para o estudo da cultura cabo-verdiana* (2003a) além desses fatores, “para além daquelas premissas e das respetivas origens étnicas,

são também relevantes na definição de uma *cultura* a psicologia comportamentalista do povo e a fenomenologia do seu simbólico, aspetos que no caso do cabo-verdiano são igualmente complexos” (Lopes Filho, 1983).

No que diz respeito às manifestações/tradições algumas vão-se perdendo e desgastando ao longo do tempo, enquanto outras vão-se mantendo. E são precisamente essas últimas que podem ser transmitidas de geração em geração, fazendo lembrar manifestações culturais dos antepassados. Em Cabo Verde muitas manifestações perduraram no tempo muito devido às questões da insularidade, o que levou a uma coerência sociocultural em cada ilha. Obviamente devido às mudanças que têm ocorrido ao longo das últimas décadas, o homem cabo-verdiano, caracterizado como tradicional, também foi alvo dessas modificações.

A recolha de dados num estudo sobre cultura cabo-verdiana passa essencialmente pela recolha de elementos provenientes da “memória coletiva”, que engloba principalmente os mais idosos e antigas colónias de emigrantes cabo-verdianos que sempre tiveram em conta a questão da representatividade (visto que os emigrantes cabo-verdianos têm a tendência de se fechar em grupos). Dados apontam que a “segunda geração” de emigrantes já não estão tanto ligados à cultura como os respetivos pais.

Segundo Silva Luís (1983), é preciso ter em consideração os emigrantes espalhados pelo mundo, numa espécie de uma *ilha* maior e que estes não podem ser excluídos de participar em debates que decidem o rumo do país. Considera ainda que os emigrantes para além de assumirem o compromisso de enviar divisas, têm a missão de divulgar a cultura cabo-verdiana pelo mundo fora.

Pode-se dizer também que a sociedade cabo-verdiana tem vindo a sofrer constantes alterações resultantes de processos de aculturação dos emigrantes que regressam ao país. O contacto com outras culturas vai permitir que haja mudanças significativas, como a mudança de valores e mentalidades. E, sem dúvida, a evolução das tecnologias permitiu modificações acentuadas no modo de vida dos povos.

A comunicação social, inicialmente a rádio, de igual modo levou estranhos elementos culturais às famílias que, conseqüentemente, acabaram por ser assimilados e adaptados aos hábitos locais.

Nesta ordem de ideias, apesar do desaparecimento e da transformação de vários aspetos culturais, continuam a existir bastantes pontos que contribuem para a afirmação da identidade cabo-verdiana. Para que isso permaneça é necessário a existência de planos de salvaguarda, para que as futuras gerações possam beneficiar da herança cultural de Cabo Verde. E, para que essa preservação ocorra as políticas culturais têm de estar em funcionamento e os cidadãos precisam de assumir o compromisso de zelarem por essa herança cultural.

1.3.2. Língua kabuverdianu ou crioulo de cabo verde

Falar do crioulo é sempre algo muito controverso e polémico. E falar do crioulo de Cabo Verde ou da língua cabo-verdiana, como é designada atualmente, traz ao de cima questões identitárias, estruturais, políticas, entre outras.

A origem do crioulo tem causado discussões e alguns autores apresentam hipóteses de acordo com informações recolhidas ao longo dos anos. Entre essas hipóteses relativas ao nascimento do crioulo existem três que se destacam. A primeira assenta na ideia de que o crioulo foi trazido da Guiné-Bissau para Cabo Verde, a segunda refere que os dois crioulos se formaram na mesma época, contudo de forma independente, nos chamados “rios” da Guiné e nas ilhas de Cabo Verde e a terceira hipótese, que é a mais consensual, é a do crioulo ser resultante da miscigenação entre culturas ocorrida nas ilhas de Cabo Verde.

Centrando-se nesta última hipótese, de acordo com alguns estudos, o crioulo cabo-verdiano nasceu da necessidade de homens provenientes de culturas diferentes comunicarem entre si, ou seja, o crioulo surgiu num contexto insular, resultante do “convívio” entre a minoria europeia (portuguesa) e a maioria de origem africana.

Inicialmente começou por ser uma língua de emergência, sendo uma língua extremamente básica com recurso à utilização de gestos e a essa comunicação inicial dá-se o nome de *pidgin*. À medida que o tempo foi avançando foram surgindo novos vocabulários o que levou ao aperfeiçoamento do crioulo.

Para Almada (1961) foi precisamente dessa necessidade de adaptação do português perante os africanos que nasceu um dialeto, o crioulo, não uma língua, dado que a autora afirma que os dialetos crioulos têm todas a mesma base que resultam da necessidade de entendimento entre povos com línguas diferentes.

O “mestiço”⁸ em Cabo Verde e o crioulo foram caminhando em pé de igualdade e a língua crioula começou a criar raízes e a representar o pensar do povo cabo-verdiano, a maneira de ver o mundo, de o perceber.

Segundo Lopes Filho (2003b) “quando a comunicação já é feita de uma maneira «razoável» com vocabulários originários da língua em que se apoiou (português), embora adaptados aos órgãos articulatórios do grupo aprendiz (africano) e de formas gramaticais de certo modo mais complexas do que as utilizadas nas fases anteriores, está-se em presença do crioulo, que corresponde à consolidação de uma língua pela aquisição de formas sucessivamente mais aperfeiçoadas.”

Assim o crioulo iniciou a sua propagação através da catequese, nas igrejas, nas casas grandes, nas fazendas e também através de ofícios desenvolvidos pelos africanos em conjunto com os europeus. A educação e a instrução estiveram na base dessa rápida propagação, que passou a constituir a língua de comunicação verbal e social em Cabo Verde. O crioulo cabo-verdiano foi um dos primeiros crioulos a formar-se no processo de colonização e a origem da palavra crioulo, no dicionário etimológico de Adolfo Coelho vem do verbo “criar”.

O português é claramente a língua dominante no crioulo e a evidência de língua africana é pouca. Lopes da Silva (1936) lembrou que é muito difícil afirmar a existência de línguas não europeias no crioulo, pois é necessário a realização de estudos

⁸ Filhos resultantes da união entre o homem branco europeu com a mulher negra africana.

aprofundados sobre o tema, como a história das culturas não europeias, da relação entre a língua e a cultura, entre a raça e a cultura, bem como as circunstâncias do povoamento, só assim se poderá determinar em que medida as línguas africanas contribuíram para a formação da língua crioula. No crioulo cabo-verdiano é possível encontrar muitos termos arcaicos provenientes do português.

Com o passar dos anos a parte gramatical do português que mais sofreu alterações, foi a morfologia, principalmente no que diz respeito à flexão verbal, visto que inicialmente a estrutura morfológica do português foi muito difícil para os africanos, o que levou à simplificação verbal. Relativamente ao uso do crioulo como linguagem escrita e da etimologia ortográfica foi baseado na grafia portuguesa, de modo a conseguir-se representar os sons.

Ao longo deste ponto serão utilizados tanto os termos crioulo cabo-verdiano ou língua cabo-verdiana, visto que de acordo com Manuel Veiga, no livro *Diskrison Strutural di Lingua Kabuverdianu* (1982), existe uma questão muito importante no que diz respeito à forma como os cabo-verdianos designam a sua língua. O termo utilizado pelos cabo-verdianos tanto é *krioulo* ou *kaboverdianu*, sendo indiferente a sua utilização.

O autor acima mencionado refere que o crioulo é uma expressão genérica que faz referência a todos os crioulos, nomeadamente o da Guiné-Bissau, das Antilhas, das ilhas Reunião, do Haiti. O crioulo representa uma família de línguas que na sua formação tiveram a mesma história e também o mesmo contexto sócio-cultural. Deste modo em algumas obras é utilizado o termo *Kabuverdianu* para especificar o crioulo cabo-verdiano.

Inicialmente quando se começou a fazer uso do crioulo como linguagem escrita surgiram algumas dificuldades e as pessoas ainda não dominavam a leitura. Para que haja esse domínio é essencial muita utilização, tanto através da escrita como da leitura. Para o desenvolvimento do crioulo é preciso dar uso ao mesmo no sentido de uma maior afirmação da língua, mesmo sabendo que com o português temos um leque mais vasto de informação sendo uma língua utilizada por milhões de falantes.

No que diz respeito à formação do crioulo nas diferentes ilhas, encontram-se algumas variantes do crioulo que resultam do processo de povoamento. Por exemplo, o crioulo que mais influência do português teve, foi o crioulo da ilha de São Vicente, pois era onde se encontrava o centro de instrução, o liceu. Talvez seja por essa razão que é mais compreensível aos ouvidos do português europeu. Mas também devido ao facto de S. Vicente ter sido povoado 300 anos depois do descobrimento de Cabo Verde, numa fase em que a língua portuguesa estava extremamente implementada. Considera-se que nessa fase do povoamento a sociedade são-vicentina seria constituída por europeus e por pessoas provenientes das ilhas vizinhas, Santo Antão e São Nicolau. Ou seja, o crioulo de São Vicente recebeu influência de outras ilhas, pelo facto dos familiares se deslocarem com os filhos para ali estudarem.

Também nas classes sociais mais elevadas, sobretudo, em que predomina o uso do português, o dialeto vai recebendo cada vez maiores contributos da língua-mãe. O vocabulário tem sido, desta maneira muito enriquecido por palavras de emprego não tão usais no crioulo.

A discussão acerca da afirmação do crioulo provém de alguns anos atrás, em que escritores, como é o caso de Baltasar Lopes da Silva (1936) já apresentava algumas questões no sentido de influenciar as medidas políticas, sociais e culturais que impediam que o crioulo avançasse como outras línguas. Com o passar dos anos, com o aprofundamento de estudos ligados ao crioulo, nota-se que surgiram e continuam a surgir vários defensores da afirmação do crioulo. Contudo, como referiu o autor, existem questões que sempre foram impedindo essa afirmação.

Em março de 1979 foi realizado o 1º Colóquio Linguístico sobre o crioulo no Mindelo, em São Vicente. Neste Colóquio os linguistas propuseram, a utilização do crioulo escrito com uma escrita fonético-fonológica, visto que “a vantagem dessa escrita está na sua pertinência, derivada da relação unívoca entre o grafema e o fonema (isto é, um som para cada letra e uma letra para cada som).” (Veiga, 1982) Ainda, nesse mesmo Colóquio, foi recomendado a variante base na escrita do crioulo. As variantes estavam divididas entre o crioulo de Sotavento (Santiago, Fogo, Maio e Brava) e o crioulo de Barlavento (São Vicente, Santo Antão, São Nicolau, Boa Vista e Sal), assim a variante

de Sotavento, de Santiago especificamente, foi a que serviu de referência para a escrita do crioulo. E os linguistas apresentaram algumas justificativas para essa decisão: esta variante abrangia mais de metade da população residente no país e isso fazia com que tivesse um peso muito mais representativo; a estrutura morfológica dessa variante também foi levada em consideração, pois as unidades morfológicas pouco ou nada variam, independentemente do contexto onde se encontram inseridas e por último consideraram que politicamente, a variante de Santiago a que tem maior representatividade sociocultural. Isso não quer dizer que com a escolha desta variante para a base do crioulo escrito, as outras foram desvalorizadas, mas sim que este serviria de ponto de partida para o estudo do crioulo. O papel das outras variantes seria complementar e enriquecer a língua cabo-verdiana.

O crioulo tornou-se a língua materna dos cabo-verdianos e, com a instalação da escola (séc. XIX) em Cabo Verde e com a implementação exclusiva do português no ensino, o crioulo foi excluído e passou a ser apenas de uso doméstico. O crioulo passou a ser a língua nacional e língua de literatura oral, enquanto o português passou a língua oficial, de ensino, de administração, dos tribunais.

Muitos intelectuais utilizam o crioulo nas suas obras durante o séc. XIX, contudo após a independência houve maior criação literária em crioulo, confirmando a língua cabo-verdiana como língua identitária do povo.

Em 1998 foi criado o ALUPEC, alfabeto da língua cabo-verdiana designado de Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-verdiano. Este constituía um conjunto de sinais gráficos para a representação de cada som da língua cabo-verdiana. Apresentava dois modelos, o de base etimológica e o de base fonológica e um período experimental de 5 anos, de acordo com o decreto-lei nº 67/68, do Boletim Oficial de Cabo Verde nº48 (5º suplemento), de 31 de dezembro de 1998. Segundo o decreto-lei, seria essencial que houvesse uma política linguística que permitisse ao crioulo ter o estatuto de língua oficial tal e qual o português. Para isso teria de haver padronização da escrita conduzido por uma estrutura científica.

De acordo com uma entrevista destinada para esta investigação, a Dra. Adelaide Monteiro, linguista e atual Curadora da Biblioteca Nacional, explicou como foi o processo de avaliação do ALUPEC após dez anos da sua criação. No ano de 2002 o Ministro da Cultura de Cabo Verde, na altura Dr. Manuel Veiga, incutiu-lhe a missão de fazer a avaliação do alfabeto crioulo. O trabalho foi desenvolvido em conjunto com professores, com poetas, escritores que utilizavam o ALUPEC. Deste trabalho resultou uma proposta apresentada ao Ministério da Cultura e assim em 2009 passou a ser reconhecido como o alfabeto oficial. Entretanto, mesmo com oficialização do alfabeto, o crioulo não passou a estatuto de língua oficial.

O crioulo e o português na história cabo-verdiana ocupam espaços distintos na sociedade apresentando as seguintes distinções: língua materna/língua de ensino, língua nacional/língua oficial, língua das relações informais/língua das relações formais. A autora Dulce Almada Duarte considera que esta relação que se estabelece entre as duas línguas não é de bilinguismo, mas sim de diglossia ⁹ e que tal não desaparece com a independência de Cabo Verde.

“A língua é um dos principais sustentáculos de qualquer cultura e por isso, embora o português tenha sido a primeira língua a ser falada em Cabo Verde, é o crioulo que exprime a identidade do homem das ilhas, é ele que enforma essa espessura histórico-cultural de séculos que dá pelo nome de cabo-verdianidade.” (Duarte, 1961)

A reelaboração da língua como fenómeno literário aconteceu em Cabo Verde, com os *Claridosos*, em que representam uma das facetas do carácter nacional ou nacionalista.

Sem dúvida que Cabo Verde tem o interesse em manter as duas línguas, o crioulo e o português, pois o crioulo é a língua da identidade do povo, a língua materna, a das histórias e o português é a língua de trabalho e das relações internacionais.

No entanto a autora Dulce Pereira (2001) tem certas dúvidas em relação ao bilinguismo em Cabo Verde, pois considera que o bilinguismo ideal se trata de

⁹ Situação em duas línguas existem numa mesma sociedade, que linguisticamente apresentam funções diferentes, mas que coexistem entre si. Apresentam estatutos sociopolíticos diferentes, normalmente uma é a língua oficial, no caso de Cabo Verde é o português e a outra é utilizada em situações informais, nesse caso o crioulo.

compreender e usar duas línguas de igual modo e nos seus vários estilos. Em Cabo Verde acontece que a grande maioria da população adquire o crioulo como língua materna, é monolíngue e aprende o português como segunda língua quando vai à escola e a isso chama-se de bilinguismo subordinado - em que a língua materna tende a interferir na segunda (Pereira, 2001).

Assim, a língua portuguesa para comunicar com os falantes de língua portuguesa (que não dominam o crioulo), para escrever, para receber instrução e aceder a bens culturais e sociais, para ensinar os filhos a falar português (emigração). Contudo começam a existir problemas quando algumas funções são exclusivas do português.

Segundo Veiga (2002) “A língua cabo-verdiana é, deste modo, a nossa bandeira cultural e um dos elementos mais significativos do nosso cartão de identidade”. Sem dúvida a língua cabo-verdiana representa a identidade do povo cabo-verdiano, o que leva uma discussão em torno da questão da oficialização ou não do crioulo.

De acordo com Madeira (2013), existem um conflito de opiniões, pois muitos são aqueles que são contra a oficialização do crioulo, recorrendo ao facto de não haver uma padronização, uma construção e nem uma estrutura gramatical dessa língua. Por outro lado, existem aqueles que defendem o oposto, ou seja, é necessário a oficialização para a afirmação da identidade cabo-verdiana e por ser importante para a história da nação.

A oficialização do crioulo, para muitos, pode trazer complicações de diferentes níveis, sendo que implicaria a reestruturação em diversos setores, nomeadamente na comunicação social, nas instituições públicas, na literatura, etc. Também pode ser um “fechar de fronteiras” para o mundo, visto que ao produzir em crioulo apenas os cabo-verdianos iriam perceber a sua língua. Para além dessas questões é preciso ter em conta que existem diversas variantes do crioulo em Cabo Verde e escolher uma variante para tornar oficial seria um processo complicado, segundo os que argumentam contra a oficialização

E para outros “é necessária a oficialização da língua crioula cabo-verdiana e, consequentemente, o seu uso como língua de ensino, por ser a língua que se fala em Cabo Verde, efetivamente nas famílias e nas relações sociais.” (Madeira, 2002)

A língua cabo-verdiana encontra-se presente em diversas manifestações culturais imateriais, como é o caso da música, das práticas e manifestações culturais, como o *San Jon*, a *Tabanca*, o *Batuque* e foi alvo de estudo por parte de grandes nomes como é o caso de Eugénio Tavares, Dulce Almada, Pedro Cardoso, Baltazar Lopes da Silva, entre outros, que lutaram e contribuíram para a afirmação do crioulo enquanto língua identitária do cabo-verdiano.

Apesar da elevação da língua cabo-verdiana a Património Imaterial Nacional, a oficialização da língua cabo-verdiana pode ainda vir a demorar alguns anos. Mesmo com a existência do ALUPEC, não existe uma padronização do crioulo e isso exige um debruçar aprofundado sobre a questão. Como aliás já referido anteriormente, existem opiniões distintas em relação à oficialização do crioulo. Segundo a Dra. Adelaide Monteiro (2020), o processo de oficialização do crioulo já se encontra com muito atraso, sendo agora necessário cumprir etapas e implementar o ensino do crioulo nas escolas no imediato.

De acordo com uma reportagem realizada pelo expresso das ilhas (24 de fevereiro de 2018) sobre a língua cabo-verdiana, Manuel Veiga, um dos principais linguistas cabo-verdianos, explica que existe uma certa desinformação em torno da questão da oficialização. Refere que caso o crioulo se venha a tornar oficial, o que vai funcionar é um sistema de *co-oficialização*, ou seja, uma espécie de paridade entre o crioulo e o português. Muitos acreditam que essa oficialização vai implicar uma desoficialização do português, ou que a escolha do crioulo da ilha de Santiago como língua oficial vai fazer com que as outras variantes entrem em esquecimento. Realmente são questões que precisam ser esclarecidas e debatidas para que os cabo-verdianos estejam informados e tenham uma posição formada e consciente acerca da oficialização da sua língua materna.

Relativamente à classificação da língua cabo-verdiana como Património Cultural Imaterial existem alguns princípios (leis) definidos no sentido de preservá-la e transmiti-la às gerações vindouras. De acordo com o Boletim Oficial de 20 de abril de 2020, a “proteção e valorização dos bens imateriais que constituem parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva cabo-verdiana englobam práticas, expressões,

representações, conhecimentos e técnicas”, tal como é o caso da língua cabo-verdiana. Neste mesmo boletim é classificada como um bem essencial na soberania cabo-verdiana e um bem fundamental do património cultural de Cabo Verde.

Assim de acordo com o artigo 49 do Boletim Oficial de 20 de abril de 2020: “entende-se por bens do património cultural imaterial apenas aqueles que se mostram compatíveis com a dignidade da pessoa humana.” Pode-se assim referir que a língua cabo-verdiana como património cultural imaterial reforça o sentimento de pertença.

Em suma, como já foi referido anteriormente existem muitas questões à volta da oficialização do crioulo, um tema que tem vindo a ser abordado há muito, mas que parece continuar parado no tempo. O “erro” de acordo com alguns especialistas, foi logo após a independência de Cabo Verde, pois preocuparam-se com muitas questões de natureza sociopolítica e as questões linguísticas foram deixadas para trás sendo que na atualidade o problema subsiste. A declaração dos direitos linguísticos patrocinada pela UNESCO refere que todas as comunidades têm o direito que a sua língua seja utilizada como oficial dentro do seu território. Assim, neste momento, é necessário que Cabo Verde tome medidas para que o processo de oficialização avance, apostando em técnicos especializados na área e que possam dar continuidade a este trabalho, implementando o ensino do crioulo nas escolas, bem como a criação de um centro ou instituto dedicado ao estudo da língua cabo-verdiana.

1.3.3. A morna como representante da identidade cabo-verdiana

Não existem registos musicais que comprovam onde nasceu a *Morna*, mas o que está estabelecido *à priori* é que a sua origem teve lugar na ilha da Boa Vista no séc. XVIII. Mas, antes do aprofundamento das questões práticas da *Morna*, uma questão extremamente discutida, diz respeito à própria terminologia da palavra, a origem da palavra *Morna*. Alguns estudiosos fizeram referência a esta questão, como é o caso de Gabriel Mariano, poeta cabo-verdiano. Este afirmou que a palavra não deriva do termo “morno” do português, mais sim do termo inglês “to mourn” sendo, evidenciando uma grande relação entre os nativos da ilha com os ingleses e americanos que se deslocavam

à mesma por motivos comerciais. Para além do poeta Mariano, o livro *Introdução à Cultura Cabo-verdiana* de João Lopes Filho (2003b) faz referência a outro poeta, José Lopes, que viveu na época colonial na ilha da Boavista, tendo mencionado cânticos alentejanos denominados de Mornas e que provavelmente teriam origem africana. Não se pode ainda excluir o termo da língua francesa “morne”, devido à presença de franceses na ilha da Boavista durante o período de colonização.

A *Morna* é um estilo musical tipicamente cabo-verdiano que nas suas letras representa o amor, a saudade, o sofrimento, a revolta, entre outros sentimentos. Costuma-se dizer, que a *Morna* representa o psicológico do povo insular, através das suas letras e melodias retratando a relação existente entre o cabo-verdiano com o que o rodeia, bem como a nostalgia daquele que partiu para a emigração e o amor pelo *cretcheu*¹⁰.

A maioria das *Mornas* são expressas em crioulo e, devido às diferentes variantes do mesmo espalhadas pelas diferentes ilhas de Cabo Verde, a *Morna* é registada através de várias formas cantadas e tocadas.

Antigamente na música cabo-verdiana, principalmente na *Morna*, nas noites de serenata, juntavam-se instrumentos como o violino, o violão, o cavaquinho e o bandolim, chamado de banjo. Com o passar do tempo o bandolim entrou em desuso, passando a ser utilizado apenas por alguns músicos. Atualmente na *Morna* é utilizado o violino, o cavaquinho e o violão, embora tenha havido a introdução de alguns instrumentos de percussão e baixo. Por vezes é utilizado apenas o violão por ser um instrumento de excelência e por ser mais barato e acessível a todas as classes sociais.

Eugénio Tavares (1867-1930) é conhecido por ser o mais notável compositor de *Morna* e também o primeiro a ser reconhecido como tal. Através das suas composições poéticas, tanto em crioulo como em português o escritor representava os principais temas que podem ser encontradas a longo da existência da *Morna*. Mas tarde as composições de B’Léza (1905-1958) sob influência da música brasileira, vieram trazer

¹⁰ Palavra em crioulo utilizada para designar “meu amor”.

Mornas originais e evolutivas. Os dois compositores tiveram um papel decisivo na composição da *Morna* e sem dúvida contribuíram para o desenvolvimento deste género musical que é atualmente Património Imaterial da Humanidade.

Para além de grandes compositores, são vários os nomes que fazem parte do panorama da *Morna* e a maioria sem formação musical. Por norma, em Cabo Verde os músicos aprendem a tocar e a cantar através da arte da observação (no seu sentido lato), ou seja, através da tradição e respetiva transmissão de geração em geração.

Bana (1932- 2013), por exemplo, foi um dos maiores intérpretes vocais da *Morna* e retratou várias *Mornas* de B'Léza. Também a intitulada “diva dos pés descalços”, Cesária Évora (1941- 2011), internacionalmente conhecida, passou a ser a representante da música cabo-verdiana no estrangeiro. Conquistou o público igualmente pela sua sensibilidade, pela forma descontraída de ser e pelo seu carisma. De acordo com Martins (1989):

“Titina, Arlinda Santos, Mité Sousa, Zenaida Chantre, Celina Pereira que com o disco «Força de Cretcheu» conquistou um lugar deveras importante na moderna interpretação da morna, sendo eventualmente as mais conhecidas intérpretes femininas. Podemos referir ainda, Amândio Cabral, Manecas Matos, Dudu, Djack Monteiro, Zezé de nha Reinalda, e ainda Fernando Queijas, que divulgou a morna em Portugal”.

Um dos escritores cabo-verdianos que aborda nas suas obras as composições as manifestações musicais de Cabo Verde, foi Moacyr Rodrigues. Para este estudioso a *Morna*, tal como outros géneros musicais ficou marcada por vários momentos sociopolíticos, socioeconómicos e culturais de Cabo Verde. Como por exemplo, ao fazer uma análise detalhada da *Morna*, incidindo sobre o tempo em que foi composto, o autor afirma que os artistas cabo-verdianos souberam perfeitamente lidar com esta forma de arte, eliminando aspetos suscetíveis de serem alterados e incorporando elementos novos. Apresentando um exemplo específico, nos anos 40 e 50 o Carnaval da ilha São Vicente era um evento importante e as *Mornas* retratavam as rainhas do Carnaval como símbolos de beleza, sendo que, na atualidade, retratam outros temas.

De acordo com Lobo e Rodrigues (1996) “Da espiritualidade da beleza passa-se à mais vulgar descrição física, das formas exuberantes das mulheres, produtos da influência da emigração que inclusive vai chocar com a moral e estética do homem de Barlavento e da morna da Brava. Cantam a Terra-Longe, os países de emigração, o Brasil, a Argentina, a América, a Holanda, Portugal como país de alienação. Enfim, uma série de motivos sociais patente nas mornas permitirá estabelecer uma periodização para a sua produção.”

A semelhança existente entre o Fado e a *Morna*, tanto no que se refere à melodia como aos próprios temas, tem vindo desde sempre a ser alvo de teorias, embora nenhuma tenha sido comprovada. Diz-se que o fado teve influências no nascimento da *Morna*. Atualmente tanto o Fado como a *Morna* têm percorrido o mundo e atraído pessoas pela originalidade da sua melodia, não menosprezando a letra.

Relativamente aos temas representados nas letras, são abordados em particular o clima, a geografia, o mar, a emigração, a *sodade* e principalmente a designada *Morabeza*. *Morabeza* é uma palavra tipicamente crioula, obviamente não surgindo no dicionário português, mas quando se fala em *Morabeza* já se sabe que se fala da identidade do povo cabo-verdiano, em que este expressa a sua relação com tudo o que rodeia, não só com a pessoas, mas também com a natureza e tudo quanto dela faz parte dela.

Assim, a *Morna* foi eleita Património Imaterial da Humanidade em 2019, o que representa uma vitória para a cultura cabo-verdiana, sendo este tema abordado mais à frente no presente trabalho.

1.3.4. Funaná como música tradicional cabo-verdiana

O *Funaná* é um estilo musical cabo-verdiano originário da ilha de Santiago, que acabou por se espalhar por todo o país e é comparado por muitos com a *lambada* brasileira, ao nível da melodia, bem como na forma como utiliza a sátira, as questões do quotidiano, como críticas à sociedade.

Trata-se de uma expressão musical com canto, acompanhado de um acordeão diatónico e de uma faca em fricção com um ferro, instrumento tipicamente cabo-verdiano denominado *reco-reco* ou *ferrinho*.

Não se sabe ao certo como surgiu o *Funaná*, mas existe uma teoria interessante que refere que foi a partir de dois músicos “Funa” e “Naná” sendo que a junção destes dois nomes deu origem à palavra *Funaná*. A verdade é que se trata de uma expressão relativamente recente e com poucos estudos sobre a sua origem e evolução, o que leva à existência de pouco material para o estudo dessa música tradicional cabo-verdiana.

O *Funaná* começou por conquistar o público por volta de 1978, apresentando uma melodia tipicamente santiagoense. A primeira referência sobre este estilo foi precisamente neste ano, através das tradições orais. E a característica mais expressiva do *Funaná* é o ritmo acelerado que se associa imediatamente à dança com passos inconfundíveis, atualmente praticada em todas as ilhas de Cabo Verde.

Este género musical esteve presente no meio rural durante muitos anos e tal como outros géneros musicais em Cabo Verde acabou por ser reprimido e discriminado pela Igreja Católica. A partir dos anos 80, com o grupo *Bulimundo*, houve o início da aceitação do funaná e com o novo contexto social da altura (pós-independência) foram criadas as condições necessárias para a sua evolução e expansão. Assim o jornalista Filipe Gonçalves, escreve em 1980 que “O almejado terceiro género musical (desde 1973) consegue impor-se na sua plenitude em todas as ilhas como música tradicional, em pé de igualdade com a morna e a coladeira.” O grupo *Finaçon* dos irmãos Zézé e Zéca de nha Reinalda nos anos 80 foram os responsáveis pela internacionalização do *Funaná*.

Nos anos 90 o *Funaná* atinge o auge e transforma-se num sucesso, tanto na sua forma tradicional, como ligeiras alterações através da introdução de instrumentos como a bateria e o baixo. Rapidamente tornou-se música tocada em grandes salões de festa, com uma grande aceitação. O artista *Codé di Dona*, passou a ser conhecido como o rei do *Funaná* tendo editado um disco através do qual obteve enorme sucesso possibilitando-lhe a participação em grandes festivais internacionais. Para além de *Codé*

di Dona o grupo *Ferro Gaita* fez parte da segunda explosão do Funaná no mercado cabo-verdiano.

O *Funaná* tem-se desenvolvido ao longo dos anos e com a ajuda das novas gerações de músicos, tem sido recriado em todas as suas características.

1.3.5. Batuque, género musical cabo-verdiano com maior expressão africana

O Batuku, batuco ou batuque (designações encontradas em diferentes bibliografias), para o autor cabo-verdiano Baltasar Lopes da Silva (1949), é de origem africana. Também o etnólogo austríaco Doelter, ao passar por Cabo Verde por volta de 1880 explicou que na ilha de Santiago a dança mais popular era o batuque e que esta expressão seria originária de danças africanas encontrada no seio dos papéis, mandingas, wolofes, entre outras etnias (Monteiro, 2015).

Esta expressão musical é caracterizada por ser polirrítmica, com uma estrutura baseada em canto-resposta, o que revela uma forte aproximação dos padrões africanos e fazendo com que dentro do panorama musical cabo-verdiano seja a manifestação cultural mais próxima de África.

O *Batuque* talvez seja a manifestação musical que abrange uma descrição mais aprofundada e detalha, por envolver diferentes participantes, que atuam ao mesmo tempo e utilizando a dança como recurso complementar. Nesta manifestação as mulheres encontram-se sentadas em círculo, com um *chumaço* feito de pano encoberto de plástico entre as pernas sendo este utilizado para percussão. Consoante o compasso do canto fazem movimentos lentos ou mais rápidos, a isso chama-se *tchabéta*¹¹. O canto normalmente é feito pela líder que se encontra no meio do círculo, ou pela dançarina que se encontra no meio. O coro intercala-se com o canto da líder. A dançarina ou as dançarinas apresentam-se com um pano atado à cintura, movimentando as ancas ao

¹¹ “Som produzido pela percussão e palmas” (Monteiro, 2015) No livro “Batuku de Cabo Verde” a autora utiliza o termo *xabeta* e justifica que “Fica convencionada a grafia *xabeta* para este trabalho, embora apareçam em textos sobre o Batuku, como *tchabeta*, *chabeta*, *chaveta*, *xaveta* ou *câbeta*, *cubeta*. “

som dos batimentos, no início com ritmos suaves, depois aumentando quando começa a *tchabéta*. Este movimento feito pelas dançarinas denomina-se *torno*. Muitas vezes as dançarinas entram em êxtase e também entram numa disputa de *torno*.

A líder do grupo habitualmente canta o chamado *finaçon*, uma espécie de poesia cantada, muitas vezes recorrendo ao improviso. Os textos do *Finaçon* abordam questões com lições de moral, o comportamento perante a sociedade, ou seja, conceitos ligados à experiência de vida. O *Batuque* é um ritual que faz parte de festividades como casamentos, batismos, etc. Para Tomé Varela (1988) “Finaçon vem no fim, não se dança e a xabeta é devagar e baixo, porque deve-se ouvir claramente o que a cantadeira está a dizer. Finaçon é sobremesa no fim da festa”. Nomes como Nha Bibinha Cabral, Nha Nácia Gomi, Nha Gida Mendi, são alguns nomes de cantadeiras/finadeiras de *finaçon* que ficaram na história da música cabo-verdiana.

Uma das características do batuque é que não tem harmonia, visto não apresentar uma sequência de acordes. Muitas vezes o batuque era acompanhado pela *cimboa*¹² mas atualmente muitos grupos utilizam instrumentos de corda e outros para gravar.

O *Batuque* é uma manifestação alegre e causa muito entusiasmo entre os espectadores, que vibram como o aumento do ritmo. Outrora esta manifestação já foi censurada, reprimida e a sua prática proibida. Foi em meados dos anos 80 com a mudança de mentalidade a nível cultural, que o *Batuque* passa a ser valorizado. Segundo Tomé Varela (2010) o grupo musical *Bulimundo*, liderado por *Katchás*, foi um grupo revolucionário na história da música cabo-verdiana nos anos 80, que para além do *Funaná* também trabalhou o *Batuque*.

Em meados de 2000 pode-se dizer que é possível verificar no *Batuque tradicional* uma forma rentável em forma de discos e concertos. O *Batuque* chamado de *contemporâneo* e *urbano* retrata temas ligados ao meio rural, das raízes da ilha de

¹² “Instrumento de uma única corda feita com fios de rabo-de-cavalo) fabricado com uma cabaça (boli), madeira e pele de cabra, encontrado em várias regiões da África, Cabo Verde incluído.” (Monteiro, 2015) A grafia por vezes pode ser encontrada como *simboa*, *cimbó*, mas trata-se de um elemento que será abordado mais à frente no trabalho.

Santiago e à forma como esta se encontra ligada à tradição. Por outro lado, o *Batuque tradicional* faz referência a questões contemporâneas, urbanas e evidentemente em sintonia com a realidade e o contexto social. Isso é possível verificar-se em jovens artistas habituados a viver em espaços urbanos, como é o exemplo da artista Mayra Andrade que nas suas letras faz muitas vezes referência ao mundo rural.

Para além da expressão bastante rica e com raízes extremamente fortes, o *Batuque* desperta atenções em diferentes áreas. Um dos exemplos é site www.musicadecaboverde.com, elaborado pelo jornalista Vladimir Monteiro, onde apresenta vários trabalhos ligados à música cabo-verdiana. Neste site é possível encontrar conteúdos audiovisuais, com as principais personagens do *Batuque* cabo-verdiano e num desses vídeos, Princezito, um dos artistas contemporâneos de *finação* mostra numa palestra o seu conhecimento aprofundado sobre o *Batuque*:

“O *Finção* é a primeira expressão lírica de cabo-verde. E o *Batuque* por norma não utiliza artefactos nem instrumentos musicais, é uma expressão musical cabo-verdiana onde se pode utilizar apenas o corpo para produzir música. Antes as mulheres utilizavam a boca, ou bater no peito, o peito significa lugar onde se guarda o amor e também é uma caixa rítmica por excelência. Trata-se de uma manifestação essencialmente feminina, em que alguns homens tiveram a necessidade de se infiltrar. O *Batuque* é altamente democrático, visto que as batucadeiras se distribuem em forma de círculo. No *Batuque* está presente a filosofia cabo-verdiana, o pensar à cabo-verdiano.” (Princezito, 2012)

Princezito faz parte precisamente da chamada *Geração pós-Pantera* que trabalhou na reelaboração do *Batuque*, tal como artistas, como Tcheka, Mayra Andrade, Lura e Vadú. Artistas estes que começaram por introduzir novos instrumentos ao *Batuque* (teclados, baixo, bateria) transformando-o assim numa música com uma linguagem mais contemporânea.

1.3.6. Coladeira, por vezes sátira por vezes meiga

A *Coladeira* em geral é caracterizada pelo compasso binário, pois é uma expressão bastante rítmica e viva. Desperta nos cabo-verdianos vontade de dançar, sendo que os

cabo-verdianos têm o gosto e a facilidade para a dança. Trata-se de uma expressão que influi um espírito solto, mais simples, mais fácil de execução e não tão sentimental como a *Morna*. Aborda temas com sátira, críticas à sociedade, sarcasmos e “conta” anedotas da vida corrente ou incide mesmo sobre um personagem popular na sociedade.

A *Coladeira* também apresenta conteúdos sérios e reflexivos. Segundo Lopes Filho (1998) “Torna-se evidente que ritmos ligeiros seriam os mais adequados para expressões de teor daqueles enunciados no início desta abordagem sobre a coladeira, sejam coladeiras de um binário desmarcado, vivo e palpitante (a maioria delas), sejam ainda coladeiras evidentemente inspiradas no samba e na bossa-nova, sejam ainda as formas híbridas entre a morna e o binário vivo, todas elas conseguindo a vibração emocional e social. Na coladeira, é notória a presença de melodias de contornos bem definidos.”

Firmino Cachada (2006) considera que qualquer cabo-verdiano consegue cantar uma *Coladeira*, mas qualquer cabo-verdiano não consegue cantar uma *Morna*. A *Morna* por norma exige o acompanhamento de algum instrumento, como o violão ou o cavaquinho, enquanto a *Coladeira* já não, apenas com o ritmo das palmas se consegue cantar uma *Coladeira*.

Apesar da sua importância atual para a cultura musical cabo-verdiana, a *Coladeira* é uma tradição relativamente recente. A partir dos anos 50 a *Coladeira* e a *Morna* começaram a fazer parte da cena musical cabo-verdiana. Antes do surgimento da *Coladeira* constata-se a existência de outros géneros com características semelhantes à *Coladeira*, mas cuja existência foi temporária.

A *Coladeira* nas festas dos Santos na ilha do Fogo e da Brava era associada às mulheres que dançavam ao som dos tambores, o chamado *Colá* ou *Kolá*, designação que se mantém atualmente nas ilhas de Santo Antão e São Vicente provavelmente devido à festa de S. Jon (S. João), uma das mais importantes nessas duas ilhas do Barlavento. Essa dança, contudo, não é só de mulheres, mas pode igualmente ser executada entre homens e mulheres que dão *umbigadas* um ao outro. O facto da *Coladeira* ser associada ao *Colá* origina algumas confusões em torno dos mesmos, sendo que a *Coladeira* e o

Colá são manifestações totalmente diferentes, mas que no crioulo cabo-verdiano podem apresentar a mesma designação.

Na sequência da ideia anterior, a origem deste género musical já foi tema de teses e dissertações, pois não existe uma teoria comprovada acerca do nascimento da *Coladeira*. No livro *Kab Verd Band* o autor Carlos Gonçalves (2006), aponta algumas dessas teorias relativas à génese desta música tradicional cabo-verdiana, entre as quais é possível identificar, a hipótese da *Coladeira* ter sido consequência das *Mornas* cantadas em bailes, só que em ritmos mais acelerados, uma outra hipótese é a do *Colá S. Jon* ter dado surgimento à *Coladeira* no seio das festas de S. João e uma última hipótese o facto da *Coladeira* ter tido origem nas músicas brasileiras ou latino-americanas.

Com a estabilização da *Coladeira* em Cabo Verde acabaram por surgir duas posições relativamente à *Coladeira*, a de Santiago (Sotavento) e a de São Vicente (Barlavento). E desses pólos surgiram grandes artistas ligados a este género, que até hoje fazem parte da história da *Coladeira* em Cabo Verde, são exemplos: *Ano Nobo*, *Goy*, *Frank Cavaquinho*, *Luís Morais*, entre outros.

1.3.7. A tabanca como prática cultural e social

O conceito de *Tabanca* assume diferentes significados consoante o contexto onde está inserido. Tanto pode estar relacionado com o conceito de povoação (utilizado em algumas regiões africanas, como é o caso da Guiné), como de associação de uma determinada comunidade, uma festividade ou ainda um género musical ou dança tradicional.

Em Cabo Verde, nas ilhas de Santiago e Maio, a *Tabanca* constitui festividades relacionadas com os santos padroeiros de cada região, que envolve dança, música e os rituais pertencentes a esta prática cultural. Contudo a questão das associações de *Tabanca* é deliberada como uma peça fundamental para que essas festividades possam acontecer, pois são elas que reúnem todas as condições, principalmente financeiras para que esta tradição seja mantida. Assumem ainda um carácter social, baseada numa

filosofia solidária de “cooperação voluntária e mútua em situações de crise, morte, doença, casamento, baptismo e nas fainas laborais da agricultura, pesca ou construção civil.” (Barros, 2013)

A *Tabanca* é uma herança cultural proveniente da época escravocrata, séc. XVIII, e por possuir uma componente africana foi motivo de censura e proibição pelo poder colonial, acabando apenas por adquirir estatuto de manifestação cultural com a independência do país. De acordo com Barros, no ano de 2013 existiam dezanove comunidades de *Tabanca* em Cabo Verde, sendo que uma se encontra na ilha do Maio e as restantes na ilha de Santiago. Na ilha do Maio os rituais da *Tabanca* ocorrem por ocasião da festa de Santa Cruz (3 de maio).

Em todas as comunidades as festas são realizadas anualmente, começando sempre três dias ou uma semana antes da data do santo padroeiro. Os dias de festas são sempre acompanhados por comida e bebidas, preparadas pelas mulheres com recursos às chamadas *panelas di três pê* e o que não pode faltar é a música e a dança que, por tradição, recorre-se ao *batuque*. O ritual da *Tabanca* no dia do santo, consiste em içar a bandeira, ida à missa e depois o roubo do santo na capela da *Tabanca*, que normalmente é a sede da *Tabanca*. A *Tabanca* é constituída por diversas personagens, que desempenham papéis numa sociedade imaginária, tais como reis, rainhas, ladrão, rei ou rainha do agasalho, o falcão, etc. Após uma semana do roubo do santo faz-se uma peregrinação/desfile para recuperar o mesmo em casa do rei ou da rainha do agasalho. Nesse desfile os personagens vão vestidos a rigor, passando por diversas localidades até ao local onde se encontra o santo padroeiro.

Os costumes basicamente são os mesmos entre as comunidades, sendo que o que costuma variar são as músicas, pois em algumas comunidades adotaram o uso do trompete em vez do búzio. Existem igualmente as Associações de *Tabanca*, que em conjunto com o governo contribuem para que essa prática cultural se perpetue no tempo, como é o caso da Associação de Tabanca de Achada de S. António (Ilha de Santiago).

1.3.8. Colá S.Jon – festa de S. Jon

Tal como a *Tabanca* o chamado *Colá* ou *Kolá* provém de um contexto religioso resultante do louvor a um Santo Popular, o São João.

A identidade cabo-verdiana, como já foi referido anteriormente, resulta dessa mistura de povos e no que diz respeito à religião esta é uma herança portuguesa, em que predomina a religião Católica. São nessas comemorações que surgiu o *Colá* (termo que iremos utilizar). Em todas as festas religiosas, como o Santo António, São Pedro, Santa Cruz, São João, entre outros assinalados no arquipélago, é utilizado o tambor para produzir música. A partir dessa *mesclagem* de sons tanto as mulheres como os homens dançam o *Colá*.

Vamos-nos focar no *Colá S. Jon* (São João), sendo que no ano de 2017 sobre tutela do Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas, o Instituto do Património Cultural (IPC) classificou o *San Jon* como Património Cultural Imaterial de Cabo Verde. Esta classificação foi resultado de um inventário realizado num contexto das festas de *São Jon* em diferentes partes do país, como em Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, etc. O *San Jon* constitui um património relevante para continuação da preservação da identidade cabo-verdiana.

Mas o que é o *Colá*? No livro *Kab Verd Band* o autor Carlos Filipe Gonçalves (2006) explica “Ao ritmo dos tambores, pontuado pelo assobio de apitos em contra tempo, as mulheres (coladeiras) cantam e dançam, seja entre elas, seja com os homens, dando voltas e requebrando, ao que se segue uma “umbigada”, em simulação do acto sexual. Esta dança ao ritmo de tambor e de melopeias que as mulheres cantam, chama-se de *Colá*.”

Apesar de estar inserido num contexto religioso, muitos autores têm-se perguntado acerca da origem do *Colá*, pois para alguns é uma dança com origens africanas.

1.3.9. Artes plásticas em Cabo Verde - a pintura

Ao falar das artes plásticas sabe-se, à partida, que é uma área que abarca vários domínios e que permitem a exploração artística e técnica, como é o caso da arquitetura, da escultura, da pintura e do artesanato. Neste trabalho de investigação, o domínio a explorar é a pintura, sendo um dos domínios das artes plásticas com mais público e artistas em Cabo Verde. Em Cabo Verde o artesanato também é uma forte tradição a nível nacional, no domínio da olaria, da cestaria e da panaria, contudo será uma prática abordada no ponto seguinte deste trabalho.

As artes plásticas, falando concretamente da pintura, em termos universais já passou por diversas fases, desde o seu nascimento até à modernidade. Segundo Danny Spínola (2009), artista plástico e escritor cabo-verdiano, a pintura começou a ganhar contornos no Renascimento, passando por períodos como o rococó, neoclassicismo, romantismo, realismo, naturalismo, até à fase da revolução do impressionismo em França no séc. XIX, o que fez com que os pintores comessem a ganhar consciência da sua individualidade. O autor refere ainda os principais movimentos de vanguarda e correntes surgidas no início do Séc. XX e que foram responsáveis pelas mudanças a nível de linguagem artística na sociedade e na cultura, como as correntes cubistas e futuristas.

A pintura em Cabo Verde não passou por essas fases de revolução, visto ser uma prática valorizada apenas após a independência de Cabo Verde, como todas outras manifestações culturais. O que é óbvio é que a linguagem e as técnicas utilizadas pelos artistas cabo-verdianos são semelhantes à da pintura universal.

Devido à escassa presença de academias de artes no país, os artistas começam por desenvolver individualmente os seus trabalhos, de forma autodidata, fazendo trabalhos direcionados para o público em geral, para chamar a atenção. E por norma muitos artistas fazem representações de paisagens e retratos realistas.

Atualmente encontramos uma enorme diversidade de linguagem e estilos, devido à abertura de Cabo Verde ao mundo nesta área, sendo que são realizadas inúmeras exposições tanto de artistas nacionais como internacionais. Alguns artistas

também têm apostado na formação no exterior trazendo consigo novas técnicas, linguagem e estilos para o país.

“É claro que a consciência crescente do meio artístico e cultural cabo-verdiano de que a obra de arte não se resume ao belo, à natureza, ao retrato do quotidiano, do folclórico, e às mensagens de moral e de reivindicação, mas sim a uma postura de criatividade e de estética na elaboração da obra de arte, conferindo-lhe qualidade e valor artístico, em si mesmo possibilitou o aparecimento de uma plêiade de pintores de mérito, com características e estilos próprios.” (Spínola, 2009)

No período colonial a pintura não teve força como outras manifestações. E como já foi referido anteriormente, no período após a independência do país a pintura ganhou contornos mais significativos, devido ao investimento na cultura nacional. Nessa época os artistas no seguimento pela liberdade faziam trabalhos com intuito interventivo, na luta pelo nacionalismo. Num dos poucos livros sobre artes plásticas em *Cabo Verde, Cabo Verde e as artes plásticas, Percurso e Perspectiva* o autor Danny Spínola parafraseia o artista Manuel Figueira. “Quanto à pintura cabo-verdiana, ele diz que há dois momentos a considerar: o período antes da independência, apagado e silencioso, em que haviam vários indivíduos habilidosos, mas reprimidos pelo regime colonial e sem meios para prosseguirem, e o pós-independência, no qual se pode notar um dinamismo e evolução evidentes, graças às inúmeras exposições de estrangeiros em Cabo Verde e de cabo-verdianos no estrangeiro, embora não se deve pensar, segundo ele, que temos muitos artistas, porque bem diferente é um indivíduo habilidoso, que necessita de formação e criatividade, de um artista.” (Spínola, 2009)

Nos últimos 40 anos, a pintura em Cabo Verde evolui de forma significativa, destacando-se vários artistas na área, tais como Tchalé Figueira, Manuel Figueira, Domingos Luísa, Tutú Sousa, Nela Barbosa, entre outros. Assim, exposições têm sido algo recorrente no arquipélago, o que revela uma fase bastante dinâmica e que apresenta consequências a nível pedagógico na população e sem dúvida têm mostrado cada vez mais interesse pela arte, pela pintura e também no que diz respeito à cultura e apreciação da arte.

É de salientar também que as artes visuais, a pintura, em Cabo Verde tem sido caracterizada por influências modernistas e contemporâneas provenientes de países do primeiro mundo, nomeadamente do continente americano e europeu. Existem grandes influências de artistas cabo-verdianos na diáspora que trazem linguagens novas e claro os artistas que vivem cá e que possuem uma “linguagem pictórica mais consentânea do realismo clássico” (Spínola, 2009).

Existem artistas que exploram as vivências socioculturais de Cabo Verde (representação do homem cabo-verdiano, em momentos como a música, a dança, dramas do quotidiano, etc.) como é o caso de David Levy, Kiki Lima e incluo um dos artistas proeminentes da atualidade, Helder Cardoso mais conhecido por HJC.

Devido à escassa bibliografia existente sobre a pintura cabo-verdiana, o tema será aprofundado em anexo com a realização de entrevistas a personalidades ligadas à pintura em Cabo Verde, como é o caso de Tutú Sousa e Helder Cardoso.

1.3.10. Práticas artesanais: cestaria, panaria e cerâmica

Tal como outras práticas culturais em Cabo Verde, o artesanato ganhou maior expressividade no período pós-independência. O artesanato surgiu na época colonial, com a chegada dos primeiros escravos tecelões ao arquipélago e, dado que a ilha de Santiago era rica em algodão fez com que a produção de panos, colchas, xales, se tivesse desenvolvido. Para além da ilha de Santiago esses materiais também eram produzidos na ilha do Fogo. E serviam de materiais de troca na comercialização de escravos.

Pode-se destacar diferentes tipos de produção artesanal em Cabo Verde, algumas mais antigas e mais utilizadas do que outras: a cestaria, a cerâmica (olaria), a tecelagem (panaria), entre outras práticas. Relativamente à prática da cerâmica trata-se de uma arte presente um pouco pelo país, mas principalmente nas regiões de Fonte Lima, Trás-os-Montes no Tarrafal, São Domingos, estas três localidades pertencem à ilha de Santiago e ainda na zona de Rabil na Boavista.

A cerâmica é uma prática que surgiu devido à necessidade de armazenamento de diferentes produtos, quer sejam líquidos ou outros produtos preparados principalmente no meio rural. Uma das características interessantes desta arte é que ela é praticada principalmente por mulheres, como é o caso da olaria¹³. Na olaria é utilizada a argila (barro) como matéria-prima recorrendo ao modo artesanal e a “técnica é a modelagem à base do manuseio” (Levy, 2014).

O Instituto do Património Cultural tem vindo a trabalhar o projeto da Olaria Tradicional como Património Cultural Imaterial “no domínio do artesanato tradicional e, conhecer e transmitir as potencialidades socioeconómicas e culturais do património, à luz do desenvolvimento rural e de um turismo sustentado” (Instituto do Património Cultural, 2020). Para além destes aspetos o foco incide sobre o papel da mulher na produção e na comercialização de objetos de barro, bem como a definição de estratégias de salvaguarda deste património.

Alguns objetos produzidos na cerâmica são de uso quotidiano do cabo-verdiano, essencialmente no meio rural, como o pote, utilizado para o armazenamento de água, o binde, utilizado para a confeção do cuscuz, um prato típico cabo-verdiano ou o vaso para a colocação de plantas. Também são produzidos objetos meramente decorativos, ou *souvenirs*.

Quando à tecelagem é uma prática com origens simultaneamente africanas e europeias e com uma tradição já duradora em Cabo Verde. Este trabalho pretende destacar a panaria como uma das práticas da tecelagem mais utilizadas, devido à confeção do chamado *panu di terra*¹⁴. É uma atividade praticada por homens, que tem vindo a ser cada vez menos executada. Primeiro pela escassez de artesãos e segundo, devido ao elevado custo da matéria-prima comparado com o custo de vida da

¹³ “A olaria tradicional teve em Cabo Verde e nas comunidades rurais centros de produção um papel determinante no empoderamento das mulheres oleiras, detentoras do saber-fazer ancestral de confeção das loiças de barro.” Site IPC (2020)

¹⁴ «“Pano de terra” é a expressão usada para identificar panos de vestir confeccionado de forma artesanal em Cabo Verde. A sua produção está diretamente relacionada com a chegada dos primeiros contingentes de escravos, muitos deles tecelões, no início do povoamento do arquipélago. Trata-se, pois, das mais antigas práticas artísticas deste arquipélago.» (Levy, 2014)

população. Atualmente o *panu di terra* é um produto com grande valor cultural e económico, pois tem muita procura por parte de emigrantes e turistas. Trata-se de um símbolo da identidade cabo-verdiana e é utilizada atada à cintura na dança do *batuque*.

No que diz respeito à cestaria trata-se igualmente com uma prática antiga, executada principalmente na ilha de Santiago, nas regiões do interior. Na produção são utilizadas fibras vegetais recorrendo à técnica do entrelaçado para produzir materiais como cestos, balaies com diferentes utilidades nas lides domésticas. O artesanato constitui uma atividade tradicional em Cabo Verde, daí ser chamado de artesanato tradicional. Esta prática serve de apoio para as questões de conhecimento e preservação da cultura cabo-verdiana, no entanto existem algumas questões que por vezes impedem o desenvolvimento dessa atividade. A principal queixa dos artesãos diz respeito à escassez de matéria-prima.

Ao analisar um artigo sobre o artesanato em Cabo Verde a conclusão que se chegou foi a de que para além das questões culturais e identitárias do povo cabo-verdiano, o artesanato desempenha um papel extremamente importante no desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, principalmente na ilha de Santiago, que acaba por não ser propriamente uma ilha turística.

Neste artigo *O papel do turismo cultural em Santiago (Cabo Verde): o caso do artesanato* de Eduardo Morais Sarmiento (2006), o artesanato aparece como forma de representação e expressão da identidade de um povo, ou seja, deve ser valorizado e preservado não só como fator turístico de desenvolvimento, mas também com forma de perpetuação para as futuras gerações.

Na revisão de literatura, Eduardo Morais Sarmiento cita alguns autores, entre os quais destaca Panasiuk (2013), onde explica que “sendo o turismo um fenómeno social, nota-se atualmente uma maior preocupação sobre a preservação cultural de forma sustentada. Neste sentido, a comunidade local deve ser a primeira a conhecer bem a sua história, a valorizar a sua cultura como forma de preservar a sua identidade cultural.” E ainda, “a participação da comunidade local no processo da preservação é essencial, pois a comunidade local é quem melhor conhece a realidade, a vivência do

local e torna mais fácil de desenvolver ideias, identificar os problemas e estratégias para a valorização e preservação para o bem-estar social. Por outras palavras, são os artesãos que asseguram a continuidade das tradições culturais, transmitindo nos seus estilos e formas a identidade local e possibilitando ainda aos turistas a ligação e vivência com o passado” (Costa, 2011).

No que diz respeito à caracterização do artesanato o artigo refere-se a este ofício como algo próprio de uma determinada comunidade, que recorre ao uso das mãos para realizar esta tarefa e segundo Monteiro e Sarmento (2006), é um bem cultural que deve ser preservado e transmitido às novas gerações.

E qual a relação direta entre o turismo e o artesanato? O artigo afirma que o turismo ajuda no desenvolvimento local do artesanato devido aos turistas que visitam o local e, os artesãos não só dão a conhecer os produtos que têm um valor cultural significativo, mas também há uma troca benéfica direta para os habitantes da região.

Em Cabo Verde existe o Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design (CNAD) situado na cidade do Mindelo em São Vicente. Atualmente o Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design tem sido dinâmico nas suas plataformas digitais, em que através delas promove diferentes iniciativas englobando a classe artesanal.

No ano de 2011 na história do artesanato cabo-verdiano, verificou-se um aumento exponencial de artesãos, feiras e exposições. Esse facto deu-se por causa do primeiro Fórum Nacional de Artesanato denominado de FONARTES promovido pelo Ministério da Cultura. Este Fórum contou com um total de cinco edições, entre os quais reuniu artesãos de todas as ilhas de Cabo Verde, onde foram debatidas questões relacionados com a certificação em torno da arte. No ano de 2016 com a mudança de governo (Partido Africano para a Independência de Cabo Verde para o Movimento Para a Democracia) realizou-se o URDI - Feira Nacional de Artesanato e Design que na altura consistia numa versão mais reduzida do FONARTES. Atualmente ainda existe o URDI e neste ano de 2020 foi realizado entre 25 a 29 de novembro e teve como principais lemas: “Equilíbrio, Ecologia e Criatividade”.

Um dos aspetos que se tem vindo a trabalhar, e que importará realçar, diz respeito ao reconhecimento da profissão do artesão.

1.3.11. Literatura cabo-verdiana

A literatura em Cabo Verde apresenta características bastante particulares, em primeiro lugar por questões relacionadas com o bilinguismo/diglossia (crioulo e o português), já anteriormente referidas, e em segundo lugar por questões históricas da mesma no país.

Tal como outras literaturas africanas, a literatura cabo-verdiana atravessou momentos conturbados ao longo da sua história, principalmente no período da luta pela independência do país e vários escritores procuraram, através da sua individualidade cultural, fazer com que a literatura cabo-verdiana se emergisse e consolidasse.

Quando se faz referência à literatura cabo-verdiana é impossível não ter em conta um dos seus marcos históricos, que foi a revista *Claridade*, tratando-se da revista pioneira da vanguarda africana. A publicação da revista *Claridade* nos anos 30, teve consequências positivas e que contribuíram para a formação da identidade cultural e também literária cabo-verdiana. Um dos fundadores desta revista foi Jorge Barbosa, considerado um dos impulsionadores da poesia cabo-verdiana. Baltasar Lopes da Silva, Jorge Barbosa, Manuel Lopes são referenciados como líderes desse que é o primeiro projeto literário cabo-verdiano e constituem um grupo de destaque tanto no domínio literário como cultural e económico, procurando a identidade do povo cabo-verdiano.

Segundo Silva (2011), a criação do seminário de São Nicolau (1866-1928) contribui para que a classe letrada em Cabo Verde aumentasse, permitindo um aumento de quadros profissionais tanto em Portugal como também nas colónias. E sem falar do surgimento da imprensa (1842) que favoreceu o aparecimento de vários jornais dispersos pelo arquipélago. A implementação da imprensa em Cabo Verde, meados do Séc. XIX, foi um marco relevante, que levou às “lutas” sociopolíticas pela defesa da identidade cabo-verdiana.

Faz sentido dizer que a literatura cabo-verdiana representa a identidade do povo cabo-verdiano sendo que retrata temas que marcam a sua história, tais como a miséria e a fome, a emigração tanto para a Europa como para a América. Fome e a miséria são temas muito sensíveis para os cabo-verdianos, devido ao período de seca, e como consequência a fome, ocorrido em 1947, que provocou a morte de milhares de vidas nas diferentes ilhas. Também a questão da emigração é um tema que nunca deixou de estar presente, pois Cabo Verde, tal com tem vindo a ser referido, é um país de forte emigração.

Um outro aspeto que já foi referido anteriormente diz respeito ao bilinguismo ou diglossia como é defendido por alguns autores, mais precisamente as questões ligadas à língua materna do povo cabo-verdiano, o crioulo. Neste contexto, isso leva à existência de uma literatura própria, apesar da presença da literatura produzida em crioulo seja reduzida em comparação à literatura em português. Apesar disso o crioulo constitui um instrumento de expressão literária e oral do povo cabo-verdiano (Ferreira, 1985). No seguimento da utilização da língua crioula o que ocorre por vezes é a tentativa da utilização de termos em crioulo na escrita em português, este método é chamado de tentativa de “crioulização” da língua portuguesa (Silva, 2011).

A história da literatura cabo-verdiana ficou assinalada por alguns marcos, apontados por autores como Pires Laranjeira (1995) e Francisco Salinas (1999). De acordo com Fernandes (2016) algumas bibliografias como *“Arquipélago”* (1935), *Claridade* (1936-1960), *Chiquinho* (1947) e *Flagelados do Vento Leste* (1960), constituem ainda hoje, referências, pelas temáticas que legitimaram tanto na demarcação artística da série da literatura cabo-verdiana no seio das demais literaturas africanas de língua portuguesa quanto à construção ideológica do Estado-novo.”

Estas bibliografias apesar das datas de efetuação continuam atuais e a circular no mercado cabo-verdiano e um exemplo que pode ser referenciado é precisamente a reedição de alguns desses “clássicos” pelo Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas. Este projeto realizado em 2020 consistiu não apenas na referida reedição, como igualmente de uma exposição e feira do livro na Biblioteca Nacional de Cabo Verde (BNCV) em comemoração ao Dia da Cultura. Esta feira decorreu do dia 18 de outubro

ao dia 30 de outubro de 2020, continuando, contudo, estes clássicos continuam disponíveis na Biblioteca Nacional de Cabo Verde.

A literatura cabo-verdiana apesar de ser uma literatura recente passou por períodos conturbados e vários fatores tentaram impedir a sua ascensão, o que acabou por não acontecer. Cabo Verde apresenta um espólio gigantesco de autores e bibliografias de gerações passadas e presentes.

Para finalizar este ponto referente à literatura, uma pequena citação do autor Elter Carlos “O povo caboverdiano é um povo de escrita, um povo que graças à sua criatividade e imaginação, materializadas por uma literatura comprometida, em que o espírito inventivo e criador encontrou eco nas entranhas da sua realidade islena, foi capaz de resistir às situações-limites que, sob várias configurações, condicionaram a sua liberdade de pensamento e acção.” (Carlos, 2008) E ainda acrescenta “de facto, é importante reconhecermos o valor da literatura como experiência de formação do cabo-verdiano. Experiência da identidade e alteridade, da multiplicidade e da diferença, experiência estética, histórica e linguística, a literatura cabo-verdiana construiu o povo cabo-verdiano.” (Carlos, 2008)

1.3.12. Teatro

O teatro é “a arte que coloca o homem perante si próprio, sem desculpas e ou omissões. É, portanto, a mais humana das artes.” Este excerto foi retirado do livro de João Branco ¹⁵ *Crónicas desaforadas* (2014), permitindo uma reflexão em torno da arte, principalmente em torno do teatro.

¹⁵ Nascido em Paris, vive na cidade de Mindelo, São Vicente, Cabo Verde desde 1991. Mestre em Artes Cénicas já trabalhou e encenou dezenas de peças teatrais com recurso a textos de autores cabo-verdianos. No ano de 2014 assumiu o cargo de diretor do Centro Cultural Português, pólo do Mindelo, sendo que desde 1994 era o responsável por todas as atividades que decorriam no espaço. Em 1995 fundou o Festival Internacional de Teatro do Mindelo – Mindelact, do qual é presidente e coordenador geral atualmente. Foi condecorado no ano de 2010 com a primeira medalha do prémio Vulcão pelo contributo que tem vindo a dar para a cultura cabo-verdiana, principalmente no que diz respeito às artes cénicas.

O teatro é uma arte que representa uma carga cultural de grande importância, claramente pelas temáticas que apresenta, sejam elas de carácter político, social e essas, por vezes são assentes em peças revolucionárias e em formato de manifestações, retratando problemáticas explícitas da nossa sociedade. O triunfo criativo (Branco, 2014) que o teatro necessita nem sempre esteve presente em Cabo Verde, apesar do longo trabalho que falta fazer. Só após o período da independência o setor da cultural em Cabo Verde começou a ganhar peso e claro o teatro também foi ganhando espaço.

Apesar desse esforço do governo para elevar a cultura através do financiamento às diferentes formas de arte, o que revela os documentos consultados sobre o teatro em Cabo Verde pós-independência, é que as artes cénicas, principalmente o teatro não teve grandes benefícios. O teatro ocupava uma posição subalterna no que diz respeito à distribuição destes financiamentos por partes dos sucessivos governos. Infelizmente é uma situação que perdurou durante muito tempo e as consequências a nível do espectro teatral cabo-verdiano, ou seja, talvez a afirmação do teatro em Cabo Verde consistisse num processo diferente.

As primeiras manifestações teatrais em Cabo Verde no período pós-independência não apresentavam grandes estruturas a nível cénico. Os grupos eram constituídos por voluntários que não apresentavam nenhum tipo de formação na área e claro as exigências não podiam ser as mesmas que as de atualmente.

A presença do teatro na altura era algo ainda pouco habitual. Essa expressão cultural estava presente apenas em datas festivas, como por exemplo nos dias 20 de janeiro, dia dos heróis nacionais, 5 de julho, data em que assinala a independência de Cabo Verde, ou 12 de setembro, em comemoração ao aniversário de Amílcar Cabral.

As peças da altura apresentavam uma linguagem própria, adequadas ao período que se vivia e expunham temas relacionados com questões típicas da época colonial, retratando o poder popular e também o revolucionário.

Um dos primeiros grupos a surgir em 1975 foi o Grupo Cénico *Korda Kaoberdi* (em português “Acorda Cabo Verde”), tendo como impulsionador Francisco Frago.

Este grupo teve um papel importante no despertar do teatro em Cabo Verde, como expressão cultural e para o seu progresso.

Também o JAAC-CV¹⁶ teve um papel importante na tentativa de impor o teatro como uma ideologia, contudo devido ao carácter efémero de alguns grupos de teatro isso nem sempre foi possível. Com o passar dos anos foram surgindo alguns movimentos teatrais, bem como escolas e também centros culturais, tanto nas ilhas de Sotavento como de Barlavento. Na ilha de São Vicente destaca-se a Escola Salesiana de Artes e Ofícios, que proporcionou o aparecimento do grupo teatral *Os Alegres* que durante um período de dez anos teve grande destaque no teatro cabo-verdiano.

Na década de oitenta (1984) surgiu um dos mais famosos grupos teatrais cabo-verdianos, principalmente na região de Barlavento, *Juventude em Marcha*, e nos anos noventa começou a ser mais conhecido, tornando-se popular no seio da sociedade cabo-verdiana, bem como na comunidade cabo-verdiana espalhada pelo mundo fora. O grupo originário da ilha de Santo Antão, apresentava temas alusivas à sociedade de Santo Antão, contudo era muito apreciado pela sociedade São Vicentina.

Em 1996 surgiu a associação Mindelense *Mindelact*, reconhecida como pessoa jurídica em 1997. Trata-se de uma associação sem fins lucrativas, que perdura até aos dias de hoje e na sua linha de atuação tem como missão a formação de jovens artistas e a promoção do teatro entre grupos cabo-verdianos. João Branco é o atual presidente da associação, ele que é o responsável pela fundação do Festival Internacional de Teatro do Mindelo.

Num tom de resumo acerca do teatro em Cabo Verde e aplicação do crioulo nas suas *performances* João Branco (2004) refere:

“Do ponto de vista técnico e dramaturgico podemos considerar que qualitativamente, poucos avanços foram conseguidos, claro que a língua crioula foi

¹⁶ Juventude Africana Amílcar Cabral surgiu logo após o período da independência de Cabo Verde e teve sem dúvida um papel importante no panorama social e cultural cabo-verdiano. Esta associação encontrava-se associado ao antigo PAIGC e funcionava como uma espécie de escola de iniciação à política, para os jovens que estavam interessados.

naturalmente, conquistando o seu espaço, e o aproveitamento de formas culturais e etnográficas, tanto para fins de encenação como coreográficos, foram uma das imagens de marca desse teatro. No entanto, o teatro continuou a padecer de uma falta de consciência técnica e artística, e raras vezes logrou atingir uma contemporaneidade, que era não só desejável, como também indispensável, para um desenvolvimento sustentado do teatro enquanto arte representativa de um povo e de uma Nação.”

A aplicação de outras representações tradicionais/culturais cabo-verdianas em peças de teatro, tornou-se algum comum, fazendo uma “ponte” com a literatura e o teatro cabo-verdiano. Apesar de apresentar um atraso relativamente à literatura, devido à insuficiência de textos dramáticos, tem vindo a representar essas manifestações em cena. Como é o caso da *Tabanca*, que já é uma “peça teatral” em si, acaba por ser facilmente transportada para o palco.

Na mesma ordem de ideias, acerca dessas mesmas representações tradicionais, o que se tem vindo a verificar e segundo João Branco, é que os grupos teatrais da região de Sotavento têm a tendência em representar as tradições orais, recorrendo por exemplo “às virtualidades dramáticas e coreográficas de manifestações, como a *Tabanca*, o *Batuque* e o *Finaçon*, enquanto na região de Sotavento recorre-se ao uso de crenças relacionadas com superstições do homem cabo-verdiano”.

Atualmente o teatro em Cabo Verde exhibe uma forte presença na sociedade cabo-verdiana, contanto com a formação de grupos de grande calibre artístico, dando destaque ao grupo *Fladu Fla* e o grupo Enigma. Estes dois grupos juntaram-se na organização da IV Edição do Festival de Teatro do Atlântico (TEARTI), que decorreu do dia 1 ao dia 11 de dezembro 2020. De acordo com informações da *Inforpress*¹⁷ o grupo *Fladu Fla* com realização deste festival o grupo pretendia uma maior atração turística para Cabo Verde, que com a situação pandémica agravou-se. Segundo Sabino Baessa, um dos entrevistados para esta dissertação (**entrevista apêndice 9**), o festival também contou com a presença do grupo do Centro Cultural Português São Vicentino e foi

¹⁷ Agência cabo-verdiana de notícias

realizado em diferentes localizações na cidade da Praia, nomeadamente no Centro Cultural Português, no Palácio da Cultura Ildo Lobo, na Universidade de Cabo Verde e na Universidade Jean Piaget.

Em suma, apesar da história do teatro em Cabo Verde ser recente e com a existência de poucos profissionais na área, esta expressão cultural tem vindo a desenvolver-se cada vez mais e uma maior adesão por parte das pessoas. Sem dúvida no arquipélago de Cabo Verde, São Vicente é o centro do teatro nacional, devido à colaboração da associação *Mindelact* que representa o maior espólio do teatro em Cabo Verde. Contudo com o esforço por vezes de pessoas individuais e do governo existem grupos com grande potencial e que são conhecidos em Cabo Verde e na diáspora.

1.4. Cultura cabo-verdiana na diáspora

“Como fazer que todo o cabo-verdiano, em cada ilha, em cada canto do mundo, conheça a sua cultura, toda a sua extensão, não apenas como coisa morta, esquecida na memória de alguém ou no novo livro numa estante, mas sim através de manifestações permanentes que serão os nossos cantos, teatros, danças, cinemas, literatura, construídos das nossas vivências e que evoluirão com o tempo e as coisas no quotidiano? Como fazer que todo o cabo-verdiano conheça e se orgulhe de cada uma das manifestações culturais específicas de cada ilha, de cada comunidade, como elementos ou células do Corpo Cultural que é a nação cabo-verdiana?” (Nogueira, 2015).

Começamos este ponto com o posicionamento da autora Gláucia Nogueira perante um conjunto de questões face às manifestações culturais cabo-verdianas e o seu conhecimento por parte dos “filhos da terra”. A autora faz referência ao cabo-verdianos tanto fora como dentro do país, mas a verdade é que independentemente da sua localização geográfica, o cabo-verdiano transporta consigo a sua cultura e esta prevalece enraizada principalmente na sua forma de pensar e agir.

A propósito do fenómeno da emigração, Cabo Verde é um país com um forte fluxo migratório o que conseqüentemente leva à existência de uma grande diáspora e a

um espólio cultural significativo. Assim, neste ponto, *cultura cabo-verdiana na diáspora*, serão retratadas as principais diásporas cabo-verdianas com foco em Portugal.

1.4.1. Diásporas cabo-verdianas

O conceito de diáspora, pode ser apresentado através de uma multiplicidade de definições e ser analisado de diferentes perspetivas. Neste trabalho, a perspetiva que nos interessa interliga-se com a dispersão do povo africano, que teve origem quando o povo do continente africano foi “forçado” a viajar pelo mundo ocidental. Contudo o termo foi utilizado muitas vezes no sentido religioso, ligado à dispersão dos judeus bem como em referências relativamente às diásporas gregas e armênias.

Neste estudo em específico centramo-nos no conceito de diáspora africana, concretamente na diáspora cabo-verdiana. Quando falamos de diáspora cabo-verdiana fazemos referência a comunidades cabo-verdianas espalhadas pelo quatro cantos do mundo e que apesar de não residirem no seu país de origem continuam a manter os laços afetivos com Cabo Verde. É de salientar que existe mais cabo-verdianos fora do país do que dentro do arquipélago. Segundo João Lopes Filho (2007), independentemente do nível educacional, socioeconómico e do país para qual o cabo-verdiano emigra, não deixa de reclamar a sua origem e isso é uma das principais características que definem a emigração cabo-verdiana como uma clara situação de diáspora.

Antes da independência do país, o povo cabo-verdiano já se deslocava para outros países com a intenção de lá viver, mas em termos legais, eram considerados cidadãos portugueses, não cabo-verdianos. Só a partir de 1975 é que se pode considerar a emigração internacional por parte do povo cabo-verdiano.

Tal como outros países africanos, principalmente os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), nos anos noventa do século passado, Cabo Verde apresentou uma forte vaga emigratória para o continente europeu. Este fenómeno foi resultante da crise económica, política e social no continente africano, após o processo da descolonização e respetivo abandono das potências europeias.

Estados Unidos, Portugal, Holanda, Itália, França, Luxemburgo são atualmente os principais países de emigração dos cabo-verdianos. Alguns desses países foram entrando na lista de preferências, como alguns também foram sendo excluídos, isto é, alguns países africanos faziam parte dos destinos emigratórios preferidos dos cabo-verdianos, como é o caso do Senegal, que na atualidade é principalmente um “grande centro médico” para os cabo-verdianos.

Mas o que leva tantos cabo-verdianos a “abandonarem” o próprio país? Evidentemente a resposta mais básica provém da necessidade de procurar melhores condições de vida. Contudo, nem sempre são emigrantes que vão trabalhar, mas sim estudar ou à procura de tratamentos médicos e que muitas vezes acabam por ficar.

Cabo Verde é um país agrícola em que muitas famílias dependem da chuva para a sobrevivência e quando o ano é pouco pluviométrico acaba por causar transtornos às famílias, originando consequentemente períodos de seca e fome, o que já aconteceu muitas vezes na história do país. Assim muitas das pessoas que vivem no meio rural preferem emigrar para fazer face a esta crise. Ainda devido à fraca produção industrial não existem postos de trabalhos, o que causa desemprego na classe jovem. Mas a expectativa de melhorar as condições de vida dos familiares é a principal motivação do emigrante cabo-verdiano.

Quando falamos da emigração cabo-verdiana podemos falar, com base em apontamentos do antropólogo João Lopes Filho, em dois tipos de emigração: a de curta ou média duração e a de longa duração. A que curta duração acontece quando os destinos escolhidos são para países europeus, em que o emigrante visita a sua terra natal com frequência, enquanto a emigração de longa duração normalmente acontece com cabo-verdianos que residem nos E.U.A. e, devido às condições financeiras e de longa distância com Cabo Verde passam anos sem regressar. Contudo nos últimos anos com o aumento de número de voos para Cabo Verde existe uma maior facilidade de deslocação entre os países.

Num ponto de vista lógico o que acontece com as comunidades migratórias é a tendência para se juntarem nas mesmas localidades, em pequenos grupos ou

comunidades. O povo cabo-verdiano devido ao seu processo de colonização como já foi referido apresenta características singulares, o que lhe concede uma rápida adaptação a diversos ambientes e circunstâncias, o que se verifica pela sua distribuição por diferentes países do mundo. Apesar dessa condição de facilidade de adaptação, a tendência é se agrupar. Isso acontece por causa do processo de comunicação, pois a língua nos países de destino torna-se um problema e sendo o crioulo a língua materna, os cabo-verdianos preferem refugir-se dentro de um grupo de acolhimento, mantendo o convívio e conseguindo preservar elementos significativos da sua cultura, como por exemplo através da organização de eventos, festas e convívios no seio da comunidade.

Em suma, Cabo Verde passou por vários fluxos migratórios tanto antes como depois da independência do país¹⁸, mas para este trabalho iremos retratar a corrente migratória para Portugal.

1.4.2. O caso de Portugal

A relação histórica entre Cabo Verde e Portugal é secular. O fluxo emigratório cabo-verdiano para Portugal fez-se sentir mesmo antes da independência de Cabo Verde, em que a maioria eram homens que se deslocavam para desempenhar trabalho de operariado e uma pequena percentagem de mulheres para o trabalho doméstico em casas de outrem.

Nos anos 60 a presença dos cabo-verdianos fazia-se sentir de forma significativa, pois representava disponibilidade de mão de obra em substituição dos trabalhadores portugueses que emigravam para França e Alemanha.

Para além da questão do trabalho, atualmente Portugal representa um país destinado para a formação de muitos jovens cabo-verdianos. Criando deste modo um leque de quadros profissionais e de trabalhadores intelectuais, que regressam ou não

¹⁸ Para saber mais acerca das diferentes fases da migração cabo-verdiana o livro *Migrações na Ilhas de Cabo Verde* de António Carreira (1977) apresenta um vasto leque de informações acerca do assunto.

ao país de origem. O que se tem constado é que a maioria não regressa, integrando-se na sociedade portuguesa, desempenhando por vezes funções em distintas áreas.

De acordo com dados Estatísticos da Imigração do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, no ano de 2018 (dados mais recentes) residiam em Portugal 34 663 cabo-verdianos. De acordo com as essas estatísticas tem-se verificado uma clara diminuição de números, pois muitos cabo-verdianos têm optado por outros países da Europa, servindo Portugal apenas de passaporte de entrada.

Obviamente a emigração traz consequências tanto para o país de origem (Cabo Verde) como de destino (Portugal) e apesar das boas relações diplomáticas entre os dois países, o processo de consentimento do visto para Portugal tem sido cada vez mais dificultado.

Devido à proveniência de um país economicamente menos favorável os emigrantes estão muitas vezes sujeitos à exploração e a trabalhos ilegais. Principalmente em Lisboa em que a maioria dos emigrantes cabo-verdianos vivem em bairros degradados, com condições de vida precárias, passando muitas vezes por situações de injustiça e discriminação racial, inúmeras vezes contra os direitos humanos.

No passado, os emigrantes cabo-verdianos viviam “no seu mundo” em Portugal, distribuídos em grupos, organizando as suas próprias festas e convívios, o que não significava a existência de um processo de aculturação. Pelo contrário, tal processo sempre existiu, principalmente pela mudança de hábitos e com a introdução de novas atividades provenientes de convívios nas escolas, no trabalho e em outros meios. Tal facto origina igualmente mudanças em Cabo Verde, pois modifica a forma de estar e agir dos emigrantes, que quando regressam a Cabo Verde trazem consigo esses hábitos.

Com o passar do tempo, começou a haver uma expansão cultural cabo-verdiana em Portugal através de iniciativas de associações direccionados para o apoio da comunidade e que ao mesmo tempo promoviam eventos culturais, incluindo música, dança, gastronomia, literatura. Um exemplo é a *Associação Caboverdeana*, em Lisboa, que tem vindo a contribuir para o desenvolvimento da cultura cabo-verdiana em Portugal. Para além das associações passaram a surgir restaurantes, discotecas, bares,

lugares de convívio frequentados não só por cabo-verdianos, mas também por portugueses que passaram a apreciar a cultura cabo-verdiana, principalmente na região da Grande Lisboa.

O fortalecimento da cultura cabo-verdiana em Portugal surgiu com uma maior facilidade devido às ligações históricas e culturais entre os dois países, fortalecendo assim o entrelaçamento de raízes entre o crioulo e o português.

Um outro aspeto de extrema relevância diz respeito à participação ativa de intelectuais, e de estudantes, que estão inseridas na sociedade portuguesa, mas que participam na promoção e divulgação da cultura cabo-verdiana através da publicação em meios de comunicação, ou participando em debates através das plataformas digitais. Escritores residentes em Portugal e que escrevem principalmente sobre o arquipélago têm dado um contributo importante na literatura do país, e na afirmação da literatura cabo-verdiana no país de acolhimento. Sem falar de músicos e artistas que, de um modo geral, apresentam o seu contributo.

A promoção e a divulgação da cultura cabo-verdiana em Portugal e na diáspora têm sido de extrema importância para a preservação dos valores tradicionais cabo-verdianos, mesmo estando distante do país de origem. De acordo com João Lopes Filho (2007) “...a divulgação da cultura cabo-verdiana tem como pilares mais importantes e receptivos a música, que passou a ser tocada em discotecas, difundida na rádio; a gastronomia tradicional, que integra as ementas dos restaurantes; a contribuição dos intelectuais na diáspora como pintores, escritores, poetas, estudiosos da temática cabo-verdiana, sem debruçar as Associações que, espalhadas pelo mundo têm exercido um papel importante na defesa e afirmação dos valores culturais cabo-verdianos.”

2. Metodologia de investigação utilizada

A recolha de dados para esta investigação recorreu a técnicas de carácter qualitativo e de carácter quantitativo. Contudo antes de enumerar essas mesmas técnicas é necessário perceber a distinção entre métodos e técnicas de investigação, em

que consiste cada paradigma de investigação (quantitativo e qualitativo), apontar as principais características desses métodos e apresentar as vantagens e desvantagens da combinação desses métodos.

No que diz respeito às técnicas e métodos de investigação nas ciências sociais existem diversas definições, que variam consoante o autor. Como por exemplo Madeleine Grawitz (1993) apresenta a definição de métodos “como um conjunto de concertado de operações que são realizadas para atingir um ou mais objetivos, um corpo de princípios que presidem a toda a investigação organizada, um conjunto de normas que permitem seleccionar e coordenar técnicas”. Enquanto as técnicas ela define como sendo procedimentos rigorosos e que são suscetíveis de serem aplicadas as vezes que forem necessárias aplicadas nas mesmas condições, adaptadas ao tipo de problema e aos fenómenos em causa. Contudo estes dois conceitos geram por vezes confusão, assim Grawitz refere que a técnica representa a etapa de operações limitadas, ligadas a elementos concretos enquanto o método se trata de um conceito intelectual, coordenando um conjunto de operações utilizando várias técnicas.

A investigação qualitativa e a investigação quantitativa tradicionalmente estão ligadas a paradigmas. E a distinção entre paradigmas está ligada à produção de conhecimento, ao processo de investigação e faz um elo entre a origem, a teoria e o método.

Relativamente às características dos métodos quantitativos pode-se dizer que se baseiam essencialmente numa investigação experimental ou semi-experimental, realizada através da observação de fenómenos, da formação de hipóteses relativamente a esses fenómenos, o controlo das variáveis, a seleção da amostra, a aceitação ou rejeição das hipóteses estabelecidas anteriormente, que de seguida são sujeitos a uma análise estatística e claro são utilizados modelos matemáticos para testar as hipóteses.

“A investigação quantitativa implica que antes que o investigador iniciar o trabalho elabore um plano de investigação estruturado, no qual os objetivos e os procedimentos de investigação estejam indicados pormenorizadamente. A elaboração do plano deverá ser precedida de uma revisão de literatura pertinente, a qual é essencial

não só para a definição dos reais objetivos do trabalho, como também para a formulação de hipóteses e definição das variáveis”. (Carmo Hermano, 1993)

Para que os resultados possam ser generalizados, numa investigação quantitativa é necessário escolher uma amostra representativa da população em estudo. A investigação qualitativa apresenta várias características, no entanto para este processo convém realçar os que mais se adequam a esta investigação. Pode-se dizer que os métodos qualitativos são “humanísticos”, ou seja, quando o investigador se encontra no processo estudam os sujeitos de forma qualitativa, ou seja, tentam conhecê-los como pessoas e experienciar as suas vivências diárias.

Neste método o mais importante para o investigador não são os resultados, mas o desenrolar do processo em si, sendo o plano de investigação muito flexível. A investigação qualitativa é descritiva, pois, a descrição tem que ser feita de forma rigorosa e tem de ser proveniente diretamente dos dados recolhidos no processo de investigação. Como por exemplo transcrições de entrevistas (o mais fiel possível), registo de observações, documentos escritos e materiais audiovisuais (fotografia, gravações, vídeos). O investigador analisa as notas registadas no trabalho de campo, respeitando o máximo possível a forma como foram registadas e transcritas.

Na investigação qualitativa “a preocupação central não é saber se os resultados são suscetíveis de generalização, mas sim a de que outros contextos e sujeitos a eles podem ser generalizados” (Bogdan e Biklen, 1994). As técnicas mais usuais neste tipo de investigação são a observação participante, a entrevista em profundidade e a análise documental.

Para alguns autores os métodos quantitativos e qualitativos podem ser utilizados em conjunto numa mesma investigação, contudo existem autores que defendem o oposto. Reichard e Cook (1986) referem que “um investigador para melhor resolver um problema de pesquisa não tem de aderir rigidamente a um dos dois paradigmas, podendo mesmo recolher uma combinação de atributos pertencentes a cada um deles. O investigador também não é obrigado a optar pelo emprego exclusivo de métodos

quantitativos ou qualitativos e, no caso da investigação assim o exigir, poderá mesmo combinar o emprego dos dois tipos de métodos”.

Segundo Patton (1990) a melhor forma de tornar um projeto de investigação mais sólido é através da triangulação, que consiste na combinação de metodologias no mesmo estudo dos mesmos fenómenos. Assim é possível utilizar perfeitamente a combinação de abordagens quantitativas e qualitativas. Alguns autores apontam problemas quando aplicadas estes dois métodos num único estudo, nomeadamente, os custos que o estudo pode implicar, o tempo a dedicar, e a influência que pode ter a experiência e competência do investigador na utilização dos dois tipos de métodos pois raramente um investigador domina de igual forma um desses tipos de métodos, de forma a utilizá-lo eficazmente.

Esta investigação trata-se de um estudo de caso que recorreu à combinação de técnicas tanto de carácter quantitativas como de carácter qualitativas. As técnicas qualitativas mais utilizadas foram a entrevistas semi-estruturadas, a observação participante e não participante e a análise documental. As técnicas quantitativas foram o recurso a inquéritos por questionários.

3. Agentes da cultura cabo- verdiana

O Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas representa o órgão máximo na gestão da cultura em Cabo Verde, apresentando políticas diferentes dos ministérios da cultura anteriores, no sentido em que abarca áreas tradicionais da Cultura que anteriormente não eram exploradas e que na atualidade fazem parte do mundo contemporâneo, as designadas indústrias criativas.

Abraão Vicente é o atual ministro da Cultura e das Indústrias Criativas de Cabo Verde. Formado em Sociologia, trabalhou durante muitos anos na área da comunicação e também em setores culturais, nomeadamente como artista plástico e escritor.

De acordo com o Boletim Oficial, nº 54 de 27 de setembro de 2016, o MCIC tem como principais políticas a criação de empregos e de rendimento, estratégias no

desenvolvimento social, bem como a aposta na afirmação da cultura cabo-verdiana no estrangeiro. Cabe ao MCIC algumas funções deliberadas pelo governo, para além de definir, promover e executar políticas culturais, este ministério tem também a responsabilidade de exercer todas essas funções em matéria da Comunicação Social.

Atualmente quando se fala de cultura, uma das primeiras questões a ser abordada diz respeito à democratização da cultura, sendo que a abrangência da mesma consiste na garantia de que todos os cidadãos tenham igual acesso à cultura. Um dos preceitos do MCIC de Cabo Verde passa por apostar nessa democratização como fator de peso para a elevação da cultura.

Um aspeto fulcral para este estudo visa perceber como funciona a promoção e divulgação da cultura cabo-verdiana no estrangeiro, principalmente no seio das comunidades cabo-verdianas. Evidentemente essa é uma das linhas de trabalho do MCIC em conjunto com o Ministério dos Negócios Estrangeiros e Comunidades, pois a colaboração e as boas relações com outros países representa um aspeto fundamental para a divulgação da cultura.

Algumas instituições e serviços são tutelados pelo Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas como é o caso do Instituto do Património Cultural. De acordo com o artigo 19º do Capítulo III do Boletim Oficial que estabelece as normas, estruturas e organização do funcionamento do Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas:

“O Instituto do Património Cultural é um instituto público, dotado de personalidade jurídica de direito público de autonomia administrativa, financeira e patrimonial a quem incumbe designadamente a promoção de um laboratório das Tradições Orais e Populares, rede de Museus e Centros Históricos classificados e a gestão da Conservação do Património.”

Cabe ainda a este Instituto a fomentação da pesquisa e da promoção de planos de salvaguarda em torno do património histórico e cultural. O trabalho referido consiste em identificar, catalogar, investigar, defender e, como já foi mencionado, salvaguardar os valores do património cultural, móvel e imóvel, material e imaterial do povo cabo-verdiano.

Jair Hamilton Fernandes é o atual presidente do Instituto do Património Cultural e o instituto é constituído por alguns órgãos de gestão. É possível encontrar uma breve entrevista com o Dr. Jair Fernandes no final deste trabalho, bem como com a Diretora do Património Imaterial, Dra. Sandra Mascarenhas **(entrevistas apêndice 9)**.

Algumas das manifestações culturais fazem parte de um conjunto de patrimónios sob a responsabilidade do Instituto do Património Cultural, como é o caso da *Morna*, da língua cabo-verdiana, da *Tabanca*, da festa de *San Jon*, da olaria tradicional.¹⁹

Como foi anteriormente mencionado, a *Morna*, considerada uma das manifestações culturais mais identitárias do povo cabo-verdiano, obedecendo a esta lógica, a missão do MCIC através do IPC, passou por inventariar tudo quanto estaria ligado à *Morna* tendo culminado com a apresentação da respetiva candidatura a Património Cultural Imaterial da Humanidade e respetiva aprovação da manifestação cultural junto da UNESCO.

Em Cabo Verde o governo classificou este género musical como Património Histórico e Cultural, instituindo o dia 3 de dezembro o Dia Nacional da Morna, sendo que a escolha dessa data consiste numa homenagem a *B. Léza*, um dos maiores compositores de Cabo Verde, como foi anteriormente referido.

A elevação da Morna a Património Cultural da Humanidade cuja candidatura foi submetida em 2018, foi aprovada a 11 de dezembro de 2019, na 14ª sessão do Comité Intergovernamental para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da UNESCO, realizada em Bogotá na Colômbia.

Com esta classificação são muitos os benefícios para Cabo Verde, tanto dentro como fora do país. Dentro do país, porque fortalece a auto-estima do povo cabo-verdiano, servindo de pilar para que as próximas gerações protejam esse património. No exterior, porque permite uma maior afirmação da cultura cabo-verdiana, para além

¹⁹ Abordado anteriormente no ponto do trabalho referente ao tema do artesanato, em que a olaria faz parte do sistema de artesanato tradicional, sendo considerado um Património Cultural.

do reconhecimento do trabalho que muitos artistas ligados a este estilo musical desenvolvem no estrangeiro.

O primeiro ano dessa consagração aconteceu no ano de 2020, com o recurso a diferentes atividades, bem como a inauguração de espaços representativos que fazem parte do plano de salvaguarda da *Morna*. A classificação é apenas um dos passos do processo, pois na apresentação da candidatura a equipa técnica do IPC, especificamente o Departamento do Património Imaterial, apresentou um conjunto de medidas que pudessem salvaguardar este bem, nomeadamente a criação de um acervo documental acerca da *Morna*, a sua aplicação no contexto do ensino e da pedagogia, a criação de espaços representativos, entre outros. O Instituto do Património Cultural sob tutela do Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas tem vindo a trabalhar nestas medidas tendo recentemente procedido à abertura de dois espaços, a Casa da *Morna Sodade*, na Ilha de São Nicolau e a Casa Museu Eugénio Tavares, na Ilha Brava.

Tanto a língua cabo-verdiana, como a *Tabanca* e o *San Jon* são considerados patrimónios culturais imateriais e encontram-se sob tutela do Instituto do Património Cultural. Essas três manifestações já foram trabalhadas em pontos anteriores deste trabalho e neste ponto serão apontados exemplos de patrimónios alvo de pesquisas, inventariação e salvaguarda por parte do Instituto do Património Cultural.

Após 500 anos do nascimento de uma das primeiras línguas resultantes do contexto de colonização, o crioulo, a língua materna do povo cabo-verdiano está a ser trabalhado para ser classificada como Património Imaterial Nacional. Os critérios para essa eleição foram baseados no seu carácter histórico-cultural, sendo que a língua crioula constitui um referencial para o povo cabo-verdiano. Representa ainda uma ponte de ligação entre os cabo-verdianos espalhados pelo mundo fora.

O Instituto do Património Cultural foi a entidade responsável por reunir todo o material possível para essa eleição. A realização deste trabalho implicou um conjunto de estratégias e medidas para a preservação e valorização da língua cabo-verdiana, tendo envolvido a criação de um plano de salvaguarda da LCV e a definição de alguns eixos:

“• Eixo I – Reconhecimento: promover o reconhecimento do valor da LCV enquanto património cultural imaterial e a consciência da sua marca identitária;

• Eixo II - Transmissão e sustentabilidade: promover a transmissão e implementar uma estratégia sustentável que garanta a continuidade enquanto bem cultural;”

• Eixo III – Divulgação do uso e funcionamento: promover uma estratégia de comunicação sólida assente na patrimonialização da LCV e na sua valorização.”
(Facebook IPC)²⁰

Relativamente à *Tabanca*, a 9 de agosto de 2019 a *Tabanca* foi elevada a Património Cultural Imaterial Nacional, por reunir um conjunto de condições e características que refletem a identidade do povo cabo-verdiano. No ano de 2010 foi estabelecido um protocolo entre o Instituto da Investigação e do Património Cultural e a Câmara Municipal de Santa Catarina para a criação do Museu da *Tabanca*. Este Museu surge na sequência do plano de Salvaguarda desse Património Imaterial. O Instituto do Património Cultural lançou no ano de 2020 (dezembro) o Roteiro da *Tabanca* e encontra-se a trabalhar em outros projetos relacionados com este património imaterial.

Quando à festa de *San Jon*, de acordo com o site do IPC, foi classificado como património imaterial de Cabo Verde, no ano de 2017, sendo que foi realizado um inventário em torno desta manifestação nas ilhas com maior expressividade desta manifestação.

Quanto à olaria (artesanato), património imaterial também trabalhado pelo Instituto do Património Cultural, através de um processo de investigação e acompanhamento do desenvolvimento dessa atividade. O Instituto apresenta igualmente um plano de salvaguarda desta tradição, que passa essencialmente pela implementação de estratégias «através da construção de um “Centro Interpretativo de Olaria Tradicional”, edições de Catálogos e conteúdos em vídeos, bem como o inventário

²⁰ <https://www.facebook.com/patrimoniocultural.caboverde>

de base comunitária, ferramenta imprescindível no levantamento do contexto de produção, na avaliação da questão da transmissão e planos de intervenções que garantam, no futuro, a continuidade da atividade» (Site Instituto do Património Cultural, 2020).

Neste ponto referente às entidades máximas na gestão da cultura em Cabo Verde foi essencial o trabalho com o Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas, como sendo o órgão máximo da cultura no país e com o Instituto do Património Cultural, como a entidade que desenvolve diretamente um trabalho técnico-científico de algumas manifestações abordadas ao longo do trabalho.

3.1. Jornalismo Cultural

A área do jornalismo é uma área muito abrangente, pois, nela é possível encontrar diversos ramos a explorar e, atualmente, estar ou entrar no mercado jornalístico depende de diferentes fatores. Estes fatores por vezes impedem que o trabalho do jornalista seja focado numa única área.

O trabalho do jornalista tem vindo a sofrer alterações de extrema importância, pois existem cada vez menos jornalistas especializados numa determinada área e essas mudanças são influenciadas por constrangimentos de nível económico, no próprio jornalismo, nos média, bem como nas redações. Contudo, o jornalismo especializado é importante no sentido em que abrange trabalhos com informações personalizadas e aprofundadas. A escolha de um tema que agrade a todos é uma decisão cada vez mais difícil, visto que cada individuo possui os seus interesses pessoais.

Ainda, no universo dos média o processo de globalização veio mostrar que a cultura de massas já não era eficiente, visto ser mais difícil identificar um consumidor padrão. As tendências revelam que a aposta na diversificação foi a mais ajustada aos tempos da globalização. Passou a ser uma estratégia utilizada no seio das empresas de comunicação principalmente quando se trata de consumo informáticos, gerando consequências positivas para os consumidores e lucro para as empresas. Ou seja, com a

convergência dos média através da internet foi possível verificar este processo de personalização de conteúdos.

No que diz respeito à evolução do conceito de Jornalismo Cultural, a conceção antropológica de cultura foi adotada por diversos média no Séc. XIX, quando a cultura começou a ser do povo, ou seja, passou a ser conhecida como cultura popular. No Séc. XX, com o surgimento da cultura de massas, o Jornalismo Cultural enveredou-se para o entretenimento, para o lazer e modos de vida.

Segunda Dora Silva, atualmente não existe um consenso coletivo relativamente ao Jornalismo Cultural, uma vez que alguns média optam por publicações “clássicas”, enquanto outros seguem uma “cultura de tendências”. Atualmente verificam-se lacunas preocupantes na especialização de Jornalismo Cultural derivadas da falta de investimentos no setor cultural e a falta de espaços dedicados à cultura. Existem cada vez menos jornalistas especializados, mais jornalistas generalistas, multifacetados e multitarefas e, de igual forma, tem-se verificado mais fusão ou extinções de secções dentro das redações, facto preocupante para o setor jornalístico.

Na obra “A Cultura na primeira página – Uma década de Jornalismo Cultural na imprensa em Portugal” (2017), as autoras Dora Silva e Maria Torres Silva, refletem sobre como o Jornalismo Cultural tem sido trabalhado, chegando à conclusão que, nos últimos tempos, tem funcionado “numa lógica de entretenimento, lazer e modos de vida”.

Nesta dissertação, o foco é direcionado para a especialização em Jornalismo Cultural, sendo este um dos ramos do jornalismo. Assim, este ponto centra-se no Jornalismo Cultural trabalhado no arquipélago de Cabo Verde.

3.1.1. Jornalismo Cultural em Cabo Verde

Apesar da grande diversidade cultural existente em Cabo Verde e que é levada para a diáspora pela comunidade cabo-verdiana, de acordo com as informações recolhidas ao longo desta investigação parte-se do pressuposto que existem grandes constrangimentos no que diz respeito à comunicação de cultura, no sentido de haver

pouca reflexão, críticas e aprofundamento de questões em torno das manifestações culturais cabo-verdianas, sem falar das questões das lacunas de comunicação principalmente com a diáspora.

Neste ponto focamo-nos no jornalismo cultural trabalhado na imprensa escrita. O livro “A Imprensa cabo-verdiana 1820-1975” de João Nobre Oliveira (1998) representa uma das mais amplas bibliografias ligadas à história e evolução da imprensa cabo-verdiana. Segundo o autor, Cabo Verde foi o primeiro país “africano português” a introduzir a imprensa em África, devido à sua localização geográfica que permitia com que os materiais chegassem de Portugal de forma mais rápida. O primeiro elemento impresso foi o Boletim Oficial de 1884, no entanto, aponta-se que Cabo Verde foi uma das últimas colónias a ter um Jornal Oficial.

Foi no ano de 1950 que a imprensa cabo-verdiana começou a ganhar maior expressão, contudo esta área sempre esteve ligada à literatura, pois consistia num trabalho realizado muito por escritores que conciliavam esta atividade com outras profissões. Em outras épocas, as informações jornalísticas estiveram ligadas às aspirações dos cabo-verdianos, à realidade sócio-cultural e política trabalhada pelos redatores ligados aos partidos, com intenções bem definidas, apresentando ideias de cariz interventivo.

A imprensa, na altura, era um meio de comunicação de extrema importância continuando atualmente a ter grande relevância no país, principalmente no âmbito cultural. Esta foi sofrendo muitas oscilações, consoante os períodos que se viveram no país.

Com a queda da ditadura em Portugal e com a independência de Cabo Verde em 1975 começaram a surgir jornais, como é o caso do jornal *Voz di Povo*, que em 90 acabou por ser extinto. Esse processo de extinção foi acontecendo a vários outros jornais que

iam surgindo, também na diáspora, com uma forte presença da comunidade cabo-verdiana, que igualmente foram sendo extintos.²¹

Depois do período da independência foram surgindo jornais privados, que se mantêm até os dias de hoje. É importante referir que em Cabo Verde existem apenas jornais semanais, em que a maioria já se encontra nas plataformas digitais, apostando noutras formas de divulgação de informação.

“Em Cabo Verde o surgimento e desenvolvimento dos media, em particular dos jornais online, foi bastante limitado. Uma década depois das primeiras aproximações entre o Jornalismo e a Internet, alguns investigadores e também os profissionais que trabalham nesta área constataam que ainda não se generalizou o autêntico jornalismo online, que se interponha e afirme enquanto modelo de carácter individual” (Landim, 2012)

Nem todos os jornais existentes em Cabo Verde apostam na divulgação de conteúdos de forma aprofundada a nível da cultura, principalmente devido à falta de recursos pessoas que sejam especialistas na área do jornalismo cultural.

O setor cultural é um dos setores que enfrenta as maiores dificuldades, principalmente agora devido à situação pandémica, contudo de acordo com o período desta investigação notou-se uma grande preocupação do governo de Cabo Verde, dos artistas, dos agentes culturais e de todos que estão à volta desse setor de reerguer o setor, quer seja através da apresentação de fundos da cultura por parte do governo ou quer através da realização de atividades propostas pelos artistas em conjunto com entidades responsáveis pela cultura em Cabo verde.

Mas será que o Jornalismo Cultural em Cabo Verde tem funcionado da melhor forma, de modo a fazer jus ao setor cultural?

²¹ “É de relembrar que os cabo-verdianos emigrados fundaram e dirigiram jornais voltados para as suas gentes nos países de acolhimento, desde os Estados Unidos até à Argentina passando por Portugal e antigas colónias. Relembramos o caso do *Alvorada*, do *Voz da Colónia*, do *Presença Crioula*”, referenciado em “A Imprensa cabo-verdiana 1820-1975” de João Nobre Oliveira (1998).

Brito Semedo ²² numa entrevista realizada no âmbito desta dissertação **(entrevista apêndice 9)**, deixa claro o seu posicionamento quanto ao jornalismo cultural, considerando que no arquipélago não existe o que é considerado de *jornalismo cultural*, mas existem sim jornalistas que trabalham na área e que de tanto escrever sobre um determinado assunto acabam por acumular um conjunto de informações. Refere que se trata de um jornalismo baseado na divulgação de eventos que já aconteceram ou que irão acontecer. O escritor, que apesar de não exercer a profissão de jornalista, levou para o *Expresso das Ilhas* um “conceito abrangente de cultura”, como o próprio refere.

Partindo dos pressupostos do escritor Brito Semedo a situação do jornalismo cultural em Cabo Verde, principalmente nos jornais, é ainda muito “fraca”, contudo aponta alguns jornalistas culturais que já apresentaram ou continuam a apresentar na Televisão de Cabo Verde programas que apostam na divulgação da cultura. Como é o caso da jornalista cultural Matilde Dias que trabalha há alguns anos na área do jornalismo cultural televisivo e que atualmente apresenta o programa “Revista” na Televisão de Cabo Verde (TCV).

Numa entrevista realizada a Matilde Dias **(entrevista apêndice 9)**, a jornalista refere que:

“O programa *Revista* nasceu em 2013, fizemos a primeira emissão em meados de março, é um magazine cultural, ou seja, é um informativo cultural com base na agenda, o que se passa no setor cultural das ilhas, a produção dos artistas, artesãos, agentes culturais, as políticas culturais, os espetáculos, as obras, o património e a memória...” e acrescenta que o “*Revista* é um espaço de excelência dos obreiros das artes e da cultura, de quem faz, muito mais do que propriamente ser um canal de ressonância dos órgãos públicos ou da tutela da cultura.”

²² Antropólogo, antigo professor universitário e escritor cabo-verdiano, muito ligado à literatura cabo-verdiana, tem vindo a abordar principalmente questões de carácter cultural, colaborando neste momento para a secção de cultura do Jornal *Expresso das Ilhas*.

Em suma o jornalismo cultural em Cabo Verde é um setor que apresenta margem para ser explorado, pois o país é um espólio cultural diversificado e extremamente rico, mas para que isso aconteça, como já foi referido anteriormente, há uma necessidade de investimento e capacidade de recursos humanos para esta área em específico.

3.1.2. *Expresso das Ilhas*

O jornal *Expresso das Ilhas* é um semanário cabo-verdiano que teve o seu primeiro número em 2001, completando no mês de dezembro deste ano precisamente 20 anos de existência. Desde o seu nascimento até aos dias de hoje sai às quartas-feiras, conciliando as suas atualizações com uma plataforma online, desde 2007, alojado em www.expressodasilhas.cv.

Já teve diferentes administrações, sendo que a última eleita foi há cerca de 10 anos. Apesar das dificuldades enfrentadas no país no que diz respeito à comunicação social, é considerado um exemplo a seguir, visto que conseguiu subsistir e manter-se no mercado durante este longo período de tempo, algo que não aconteceu com os jornais com os jornais anteriormente publicados em Cabo Verde.

De acordo com António Monteiro (**entrevista apêndice 9**) diretor adjunto do jornal, o *Expresso das Ilhas* segue as linhas orientadoras de um jornal anglo-saxónico, incorporando secções de diferentes áreas, tais como política, economia, cultura, desporto, saúde²³, opinião, contributos de colonistas internacionais e mais recentemente apresentando conteúdos relativos à Ciência e Tecnologia.

O jornal segue uma agenda de acordo com os eventos, acontecimentos que estão em voga, de modo a estar constantemente atualizado, sendo que na redação não existe distinção entre os jornalistas que trabalham para a versão online e os que trabalham para a versão impressa.

²³ “O Expresso das Ilhas tem sido pioneiro, trazendo sempre atualizações, principalmente na área da saúde, em que vamos acompanhando a evolução e descobertas de métodos contra prevenção e curas de doenças, como cancro.” (António Monteiro, 2021)

De acordo com o Inquérito à Satisfação e Audimetria dos Órgãos de Comunicação realizado pela empresa Afrosondagem Lda., realizado em 2011, os cabo-verdianos mostram uma certa dificuldade em indicar de forma espontânea um jornal de eleição, contudo, segundo este estudo, o *Expresso das Ilhas* online é o segundo jornal mais lido em Cabo Verde (15%), seguido do Jornal *A Semana*.

Num inquérito mais recente, realizado no ano de 2018 pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE) de Cabo Verde, relativamente ao Acesso e Consumo da Comunicação, foram apresentados alguns dados relativamente ao consumo dos jornais em Cabo Verde.



Figura 1: Resultado do Inquérito Multi-objetivo Contínuo 2018 (INE Cabo Verde)

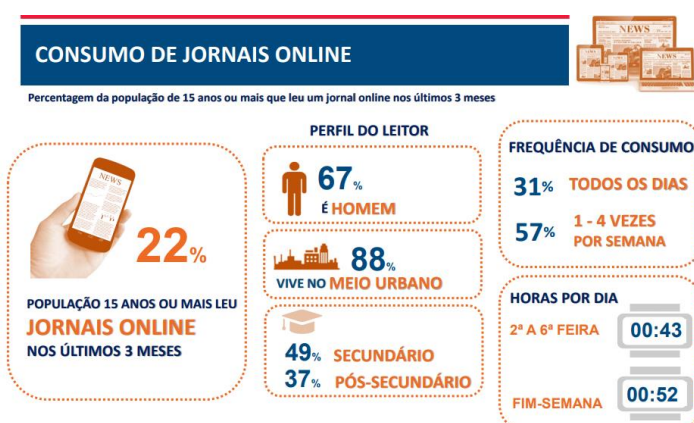


Figura 2: Resultado do Inquérito Multi-objetivo Contínuo 2018 (INE Cabo Verde)

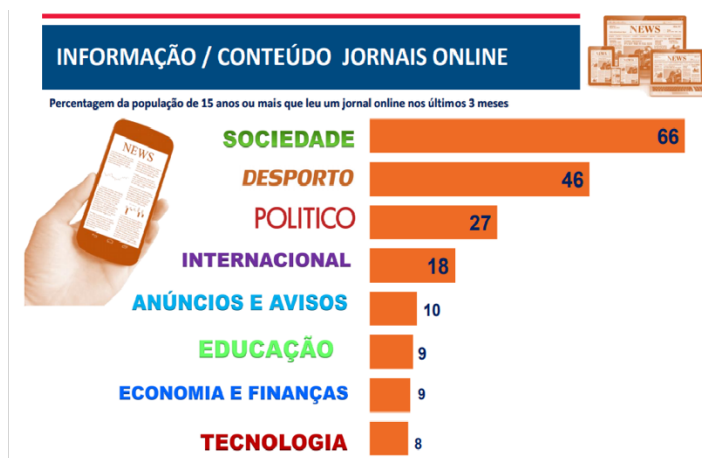


Figura 3: Resultado do Inquérito Multi-objetivo Contínuo 2018 (INE Cabo Verde)

No que diz respeito aos lucros obtidos através do jornal *online* do *Expresso das Ilhas* a Administradora Financeira Lígia Pinto aponta para um valor de 3 000 contos (27 mil euros).

Apesar da situação da pandemia o *Expresso das Ilhas* decidiu continuar a versão impressa. Segundo explica a Administradora Financeira do jornal numa entrevista:

“A aposta do *Expresso das Ilhas*, ao manter uma edição impressa e uma *online*, é o reflexo desse entendimento. Cada um dos veículos cumpre o seu papel e trabalha para o seu público, embora complementar. No *online*, temos o acompanhamento da atualidade diária. No papel, um verdadeiro semanário, para ser lido com calma, num convite à reflexão e ao debate. A prova de que a estratégia faz sentido é que, do mesmo modo que, no *online*, temos tido taxas de crescimento anuais muito consistentes, no impresso, temos conseguido manter, e até aumentar, o número de leitores, por exemplo, com um aumento considerável das assinaturas.” (Lígia Pinto, entrevista ao *Expresso das Ilhas*, 30 de janeiro de 2021)

3.1.3. Análise da secção de cultura do Jornal *Expresso das Ilhas*: online vs impresso

Nesta parte do trabalho será feita a análise do Jornal *Expresso das Ilhas* com o intuito de perceber como tem sido a produção a nível de conteúdos em torno da cultura cabo-verdiana, principalmente na imprensa escrita, ou seja, desde os temas mais abordados até à distinção entre a versão online e a impressa.

A amostra analisada foi a secção de cultura, *online* e versão impressa, do Jornal *Expresso das Ilhas* no período compreendido entre janeiro e março de 2021. A escolha deste período deve-se ao facto da situação atual de pandemia que fez com que a agenda cultural de 2020 fosse mais “reduzida”, impossibilitando pouca redação em torno do setor. Assim, o início de 2021 parece ter sido o mais apropriado, dado que a existência de um maior fluxo de atividades culturais desenvolvidas no país regressou a alguma normalidade e estabilidade.

Quanto à análise de conteúdos foram definidas algumas categorias de análise, seguindo as bases científicas utilizadas na dissertação de Mestrado em Comunicação Social do instituto de Ciências Sociais e Políticas (Universidade Técnica de Lisboa), realizada pela Ana Bela Gonçalves Landim em 2012, com o tema *Jornalismo Online em Cabo Verde: A Semana, A Nação, Expresso das Ilhas e Liberal visto pelos utilizadores da Cidade da Praia* e também com base estudo realizado por Carla Baptista (2000 – 2010) *Jornalismo Cultural em Portugal – Retrato de uma década e projecções para o futuro*.

Assim, para a análise da secção de cultura do *Expresso das Ilhas*, tanto *online* como impresso, foram definidas as seguintes categorias: o tema, o género jornalístico presente, o foco das peças (centrada no indivíduo, no acontecimento ou em ambos), o local e o estilo de discurso.

Ainda nesta análise foram incorporados alguns aspetos, tais como os redatores, a escolha das notícias para o jornal impresso e a manchete.

3.1.4. Análise e discussão dos resultados

Na secção de cultura do Jornal Expresso *online*, no período de janeiro a março, foram publicadas um total de 108 notícias. A primeira notícia foi publicada no dia 1 de janeiro de 2021 e a última a 31 de março de 2021.

As peças publicadas seguem uma estrutura uniforme, ou seja, começam com o título em *Bold*, seguido do nome do redator, ou de onde provêm as informações – agências de notícias, data e hora da publicação. Entre essas informações e o *lead* (também a *bold*) é colocada uma fotografia alusiva ao assunto em questão e por último o corpo do texto.

No que diz respeito aos temas abordados nas peças, a música surge em primeiro lugar, representando 31,4% das publicações, seguido da literatura com 16,6% das publicações. Os temas menos abordados são a história, os concursos e os prémios, representando os três em conjunto 2,7% das publicações.

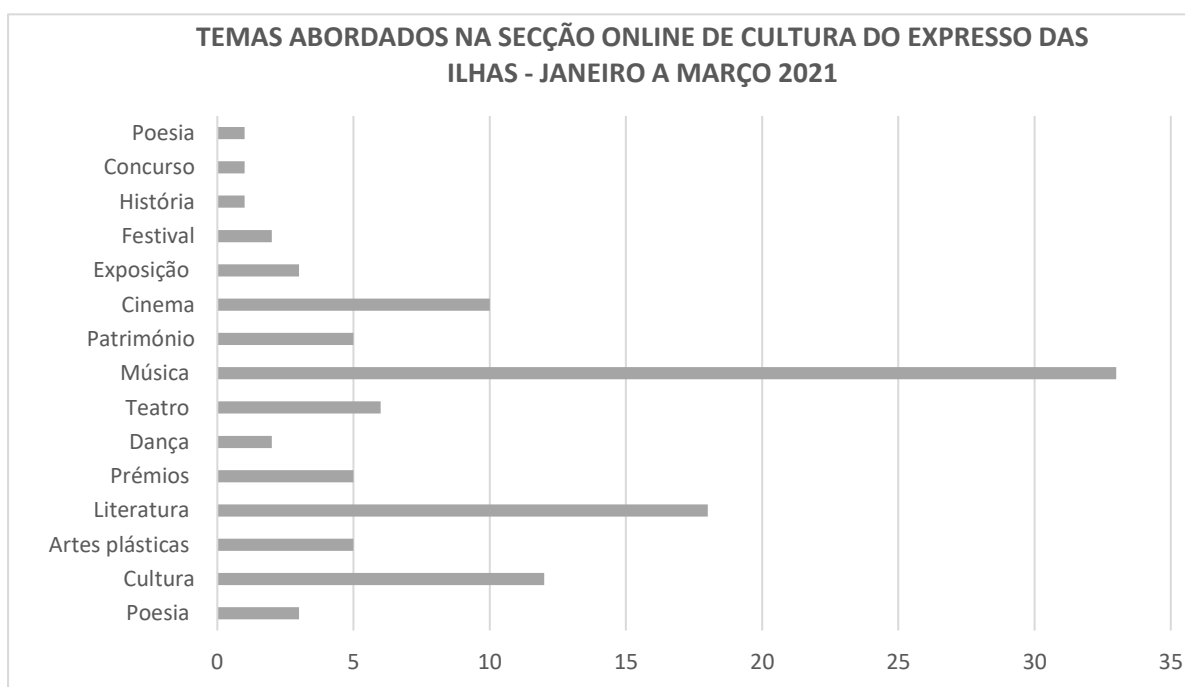


Gráfico 1: Expresso das Ilhas *Online*- Temas

N=108 peças/ Música 34 peças; Literatura 18 peças; Cultura 12 peças; Cinema 10 peças; Teatro 6 peças; Artes Plásticas 5 peças; Património 5 peças; Prémios 5 peças; Óbito 3 peças; Exposição 3 peças; Dança 2 peças; Festival 2 peças; História 1 peça; Concurso 1 peça; Poesia 1 peça.

Quanto aos géneros jornalísticos presentes destacam-se cinco géneros, a notícia, a reportagem, a crónica, o ensaio, o roteiro e as entrevistas, sendo que as notícias representam 80,5% das publicações. O ensaio e o roteiro são os géneros jornalísticos menos utilizados, representando os 1,8% das publicações.

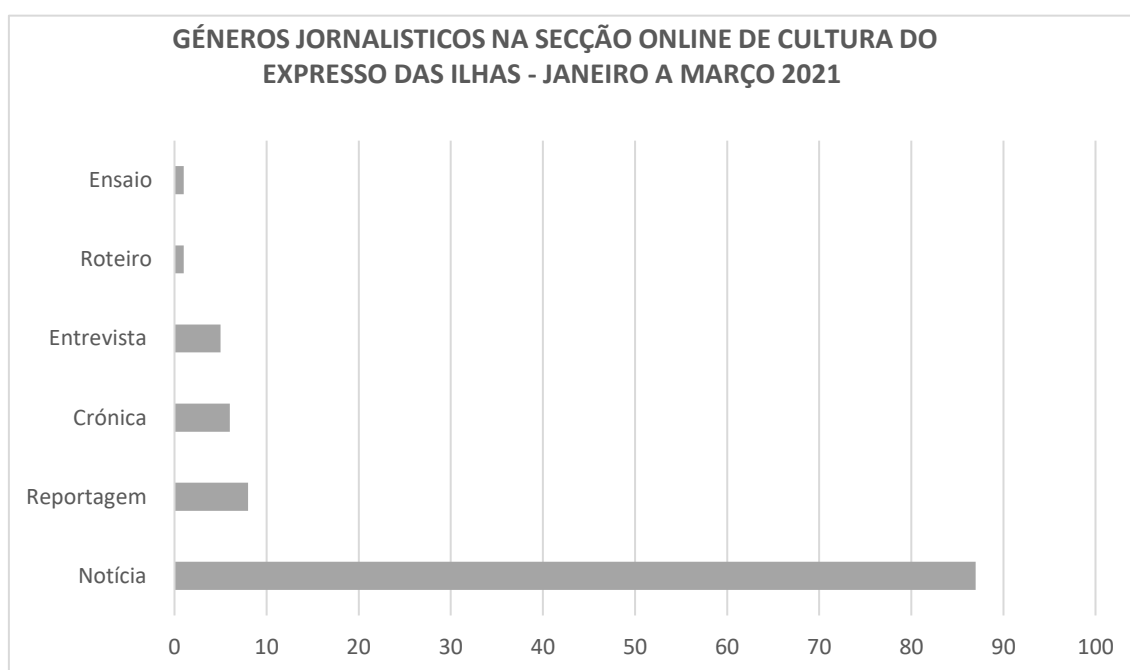


Gráfico 2: Expresso das Ilhas *Online* – Géneros Jornalísticos

N=108 peças; Notícia 87 peças; Reportagem 8 peças; Crónica 6 peças; Entrevistas 5 peças; Ensaio 1 peça; Roteiro 1 peça;

Quanto ao foco das peças publicadas pode-se verificar que 48,1% das publicações estão focadas tanto no indivíduo, como no acontecimento, ou seja, em ambos. 41,6% das peças focam-se apenas no acontecimento e 8,3% tem como foco os indivíduos. Apenas duas peças não são claras quanto ao foco. No gráfico 3 essas duas peças estão representadas como “outras”.

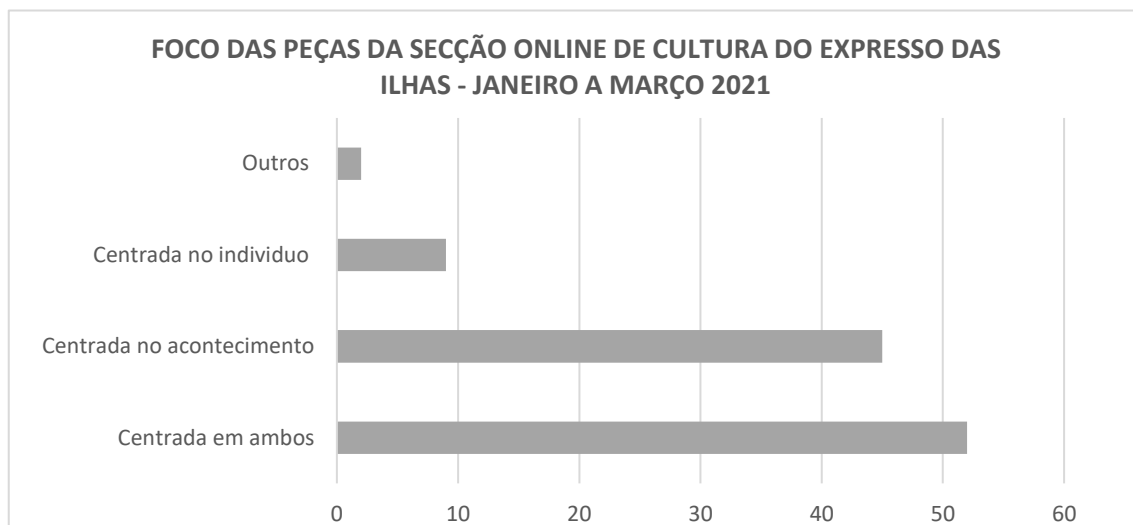


Gráfico 3: Expresso das Ilhas *Online* – Peças

N= 108 peças; Centrada em ambos 52 peças; Centrada no acontecimento 45 peças; Centrada no individuo 9 peças; Outras 2 peças;

No que diz respeito ao local dos acontecimentos / eventos ou do enredo das notícias, foram definidos dois locais: Cabo Verde e diáspora, sendo que 76,8% dos acontecimentos estão centrados em Cabo Verde e 14,8 estão centradas tanto em Cabo Verde como na Diáspora e apenas 8,3% na diáspora.

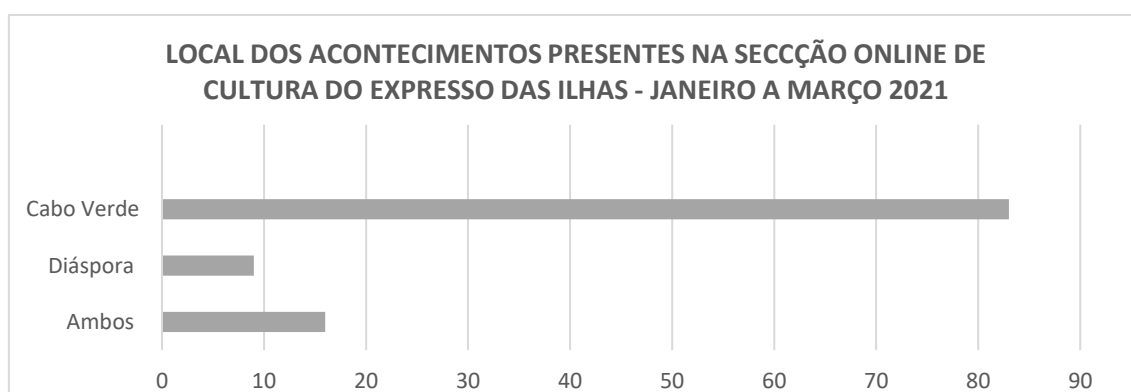


Gráfico 4: Expresso das Ilhas *Online* – Local dos acontecimentos

N=108 peças; Cabo Verde 83 peças; Diáspora 9 peças; Ambos 16 peças.

Quanto ao estilo de discurso nas peças estiveram presentes dois estilos: o descritivo e o interpretativo. 88,8% das peças apresentam um estilo de discurso descritivo e os restantes 11,1% apresentam um estilo de discurso interpretativo.

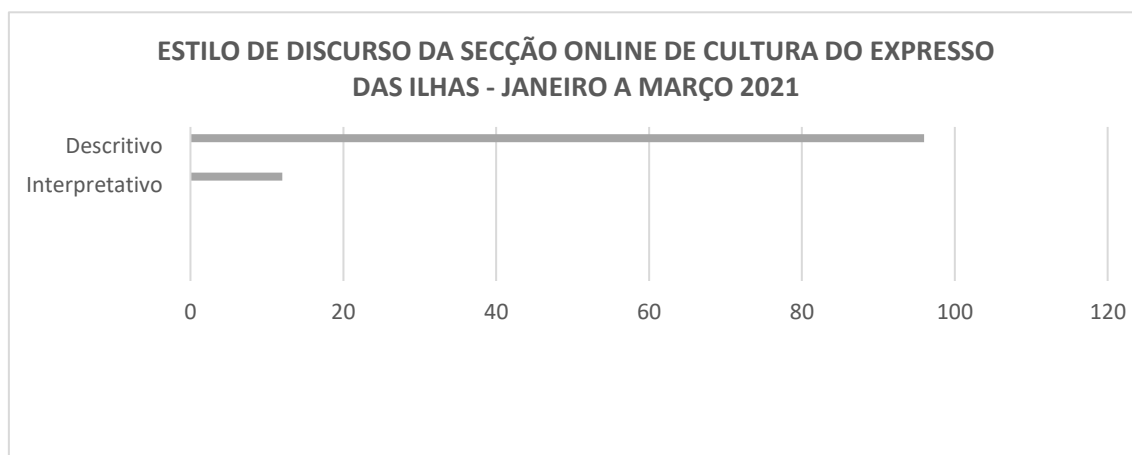


Gráfico 5: Expresso das Ilhas *Online* – Estilo de Discurso
N=108 peças; Descritivo 96 peças; Interpretativo 14 peças;

Na secção de cultura do Jornal *Expresso das Ilhas*, versão impressa, no período compreendido entre janeiro e março foram analisadas um total de 24 publicações. As primeiras peças a serem publicadas foram no dia 6 de janeiro de 2021. Tal como já foi referido, em média, na versão impressa, são publicadas 2 peças tendo tal facto sido verificado na edição de 6 de janeiro de 2021.

Ao contrário do que acontece na versão *online*, as peças não seguem uma estrutura uniforme, por vezes a fotografia alusiva ao tema vem antes do título, noutros casos depois. Verificou-se a presença constante de crónicas na versão impressa, e isso leva a que antes do artigo (corpo do texto) surja a fotografia do autor do artigo e por vezes uma foto alusiva ao tema do artigo.

Os temas mais abordados na secção de cultura da versão impressa do jornal *Expresso das Ilhas* são a música e a literatura. De acordo com os dados obtidos cada um representa 29,1% das peças publicadas. Existem dois artigos que não fazem referência a nenhum tema específico ligado à cultura, mas fazem referência a comemorações.

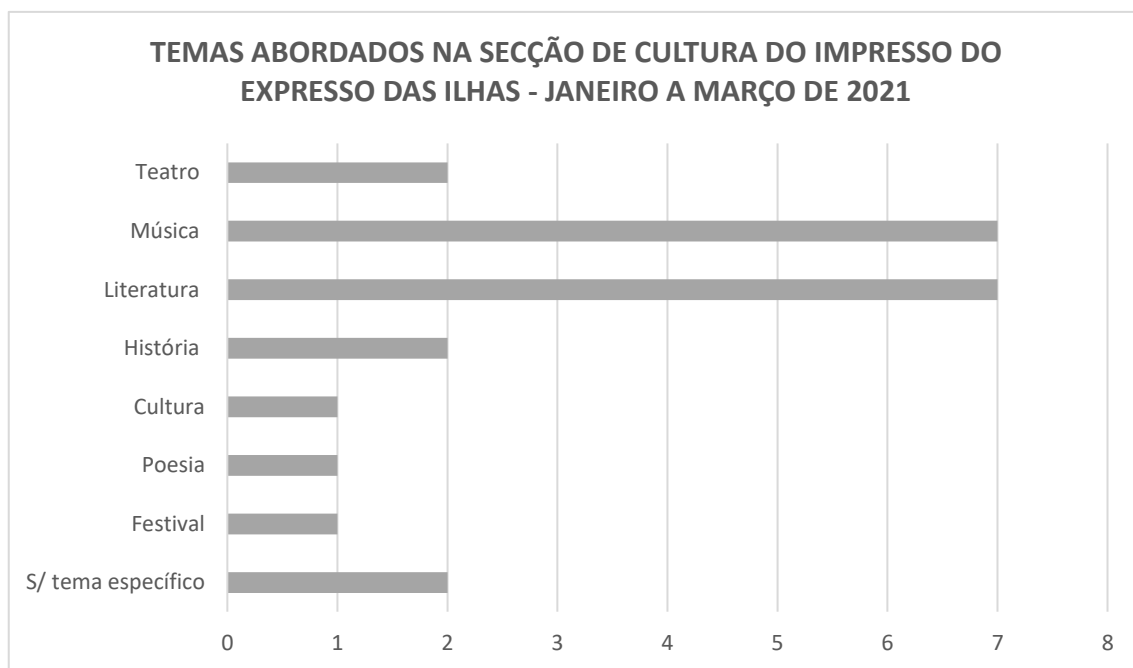


Gráfico 6: Expresso das Ilhas Impresso - Tema

N= 24 peças; Teatro 2 peças; Música 7 peças; Literatura 7 peças; História 2 peças; Cultura 1 peça; Poesia 1 peça; Festival 1 peça; S/tema específico 2 peças;

Quanto ao género jornalístico, a crónica é o género com a maior presença na versão impressa, representando 61,2% das publicações, seguido da notícia com 29,1%. Os géneros jornalísticos menos presentes foram o editorial e o roteiro, representados com uma peça cada.

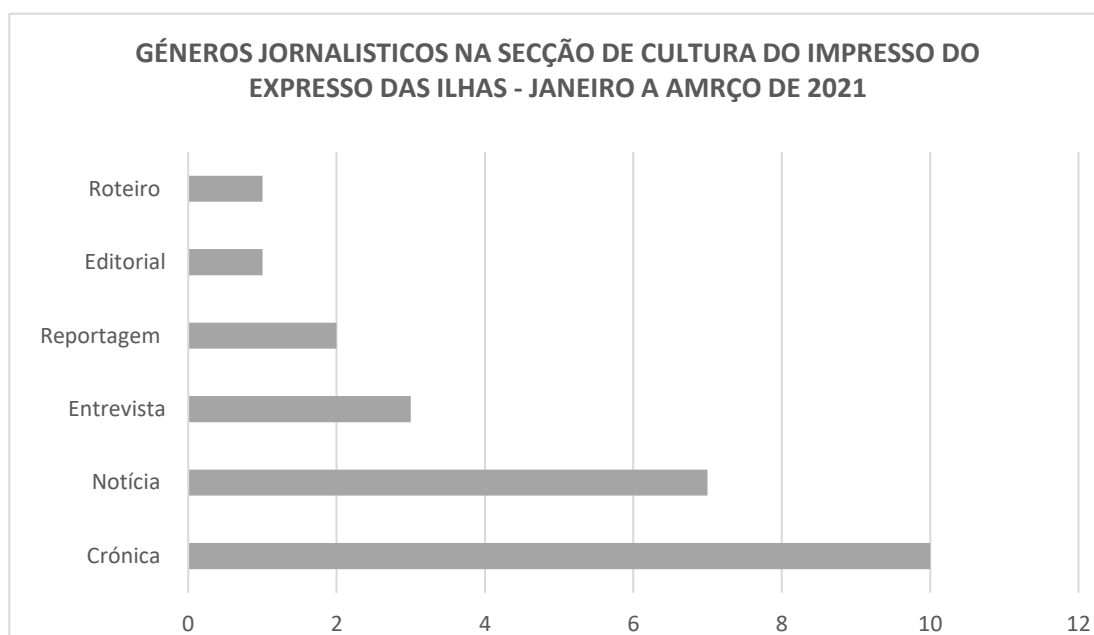


Gráfico 7: Expresso das Ilhas Impresso – Géneros Jornalísticos

N= 24; Crónica 10 peças; Notícia 7; Entrevista 3; Reportagem 2; Editorial 1 peça; Roteiro 1 peça;

Quanto ao foco das peças publicadas pode-se verificar que 16,6% das publicações estão focadas tanto no indivíduo, como no acontecimento, ou seja, em ambos. 16,6% das peças focam-se apenas no acontecimento e 33,3% tem como foco o indivíduo. Da totalidade, 4 peças não são claras quanto ao foco. No gráfico 8 essas 2 peças estão representadas como “outras” representando 16,6% das publicações.

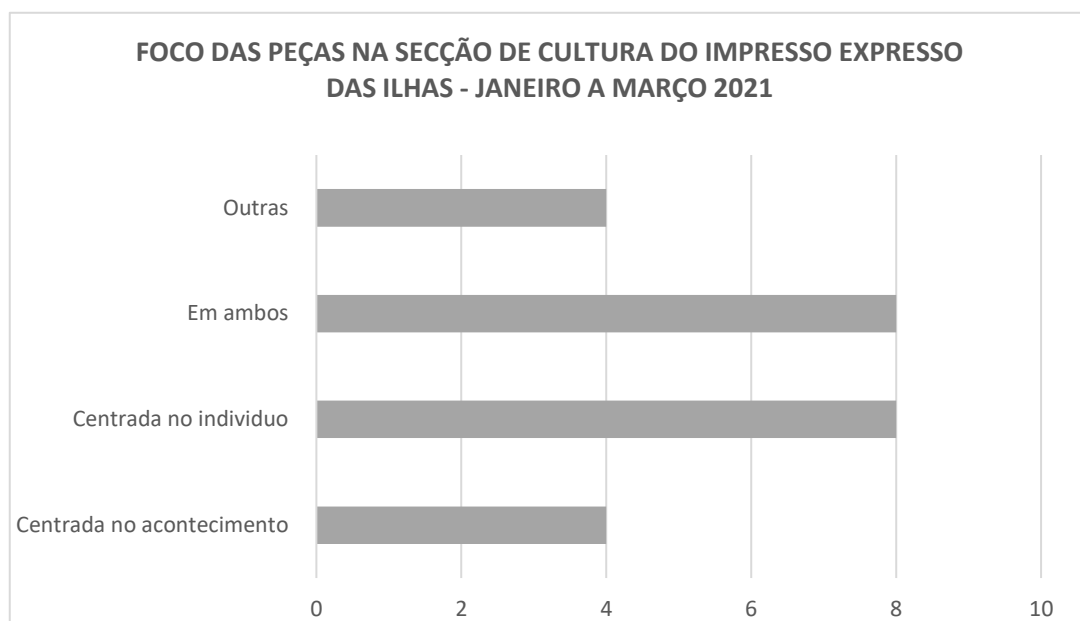


Gráfico 8: Expresso das Ilhas Impresso – Peças

N= 24 peças; Centrada no individuo 8 peças; Centrada no acontecimento 4 peças; Em ambos 8 peças; Outras 4 peças.

Relativamente ao local dos acontecimentos / eventos ou do enredo dos artigos, pode-se verificar que 75% dos acontecimentos estão centrados em Cabo Verde e 16,6% estão centradas em tanto em Cabo Verde como na Diáspora e apenas 4,1% na diáspora. Da totalidade, 1 único não especifica o local correspondente.

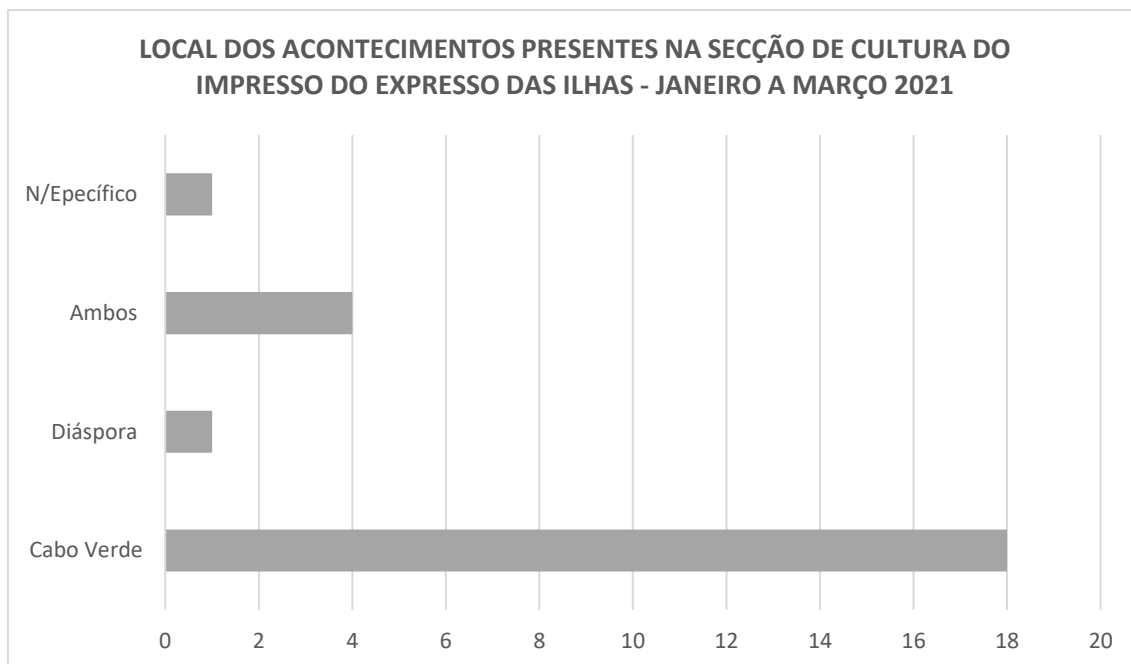


Gráfico 9: Expresso das Ilhas Impresso – Local dos acontecimentos

N= 24 peças; Cabo Verde 18 peças; Diáspora 1 peça; Em ambos 4 peças; N/Específico 1 peça;

Quanto ao estilo de discurso presente nas publicações verificou-se que 50% das publicações são de carácter interpretativo, 45,8% são descritivos e os restantes são de carácter opinativo.

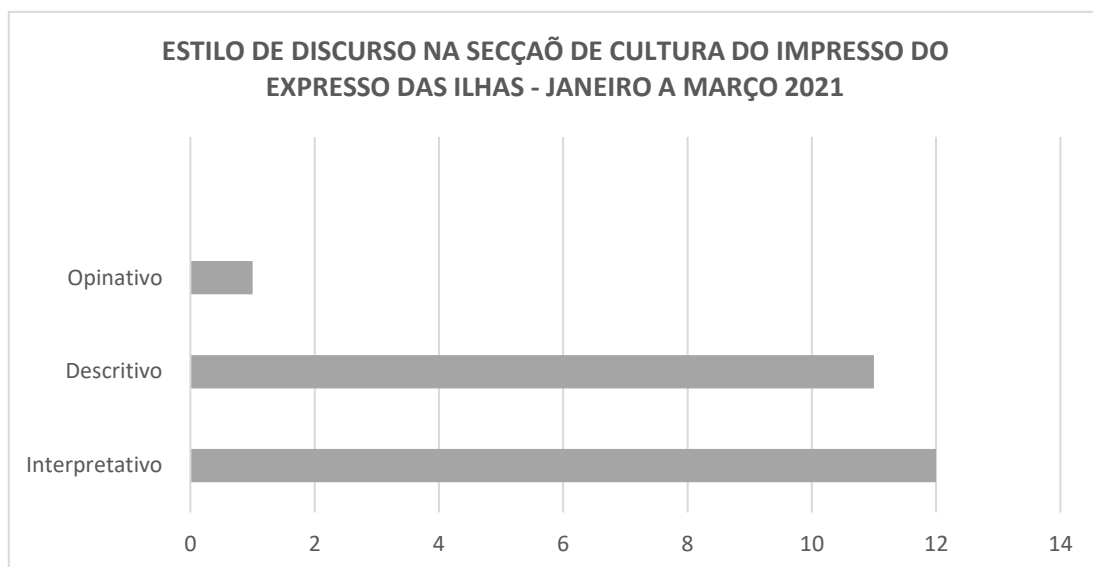


Gráfico 10: Expresso das Ilhas Impresso – Estilo de discurso

N= 24 peças; interpretativo 12 peças; Descritivo 11 peças; Opinativo 1 peça.

No total foram analisados 13 impressos do jornal Expresso das Ilhas: nº 997 – 6 janeiro de 2021, nº 998 – 13 de janeiro de 2021, nº 999 – 20 de janeiro de 2021, nº 1000 – 27 de janeiro de 2021, nº 1001 – 3 de fevereiro de 21, nº 1002 de 10 de fevereiro de 2021, nº 1003 de 17 de fevereiro de 2021, nº 1005 de 3 de março de 2021, nº 1006 de 10 de março de 2021, nº 1007 de 17 de março de 2021, nº 1008 de 24 de março de 2021 e o nº 1009 31 de março de 2021.

Em suma num total de 108 peças contabilizadas no *site*, apenas 16 foram publicadas na versão impressa ao longo do período de análise. Como já foi referido anteriormente a versão impressa do *Expresso das Ilhas* sai para as bancas todas as quartas-feiras e em média a secção de cultura tem 2 peças em cada edição.

Após a análise da versão impressa e *online*, o que se constata é que em primeiro lugar a peça é publicada no jornal impresso e alguns dias depois (em média cerca de três dias) é disponibilizado no site do *Expresso das Ilhas*. No período em análise, a primeira peça do *online* com o título “O ano em que a cultura foi servida a conta-gotas”, um ensaio descritivo de António Monteiro foi publicada no nº 996 de 30 de dezembro de 2020 tendo sido disponibilizada online no dia 3 de janeiro de 2021.

Relativamente aos redatores, a maioria das peças são escritas pela jornalista Dulcina Mendes, crónicas do escritor Brito Semedo, da poetisa Dina Salústio, entrevistas realizadas pelo diretor adjunto do jornal, António Monteiro, contribuições de Paulo Lobo Linhares, Adriana Carvalho e Nuno Amaral Ferreira. Existem ainda peças de outros jornalistas do *Expresso das Ilhas*, como é o caso de André Amaral e Sheila Ribeiro.

Quanto às fontes de informação, identificou-se 17 notícias provenientes da Agência Cabo-verdiana de Notícias, da Inforpress e 12 notícias provenientes da agência portuguesa Lusa.

4. Plataformas digitais

Tendo em conta as premissas desta investigação, explorar conceitos relacionados com as plataformas digitais é fundamental para chegar aos objetivos propostos. O primeiro conceito a ser abordado diz respeito às Tecnologias de Informação e Comunicação, sendo que as plataformas digitais são parte integrante deste sistema. O processo de desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação, provocou mudanças no plano mundial, potenciando o processo de globalização, bem como de novas dinâmicas e fluxos, provocados principalmente pelo surgimento da Internet (Castells, 1999), importante para a economia dos setores criativos, ou seja, para os empreendedores culturais.

As plataformas digitais podem ser vistas como redes estratégicas para comunicação e divulgação, por exemplo, por via das redes sociais. Jackson (2008) mencionou as proposições de Turkat (1980), face ao conceito de redes sociais, referindo este último, que as redes sociais se constituem em grupos de indivíduos que compartilham laços, “sendo essenciais na transmissão de informação, críticas para troca de bens e serviços, e de forte impacto na maneira como vivemos”. Assim sendo as redes sociais merecem especial atenção, pois podem ser vistas igualmente como ferramentas que podem ser utilizados pelas empresas para se posicionar de maneira mais competitiva no mercado, abandonando o modo tradicional de divulgação e apostando em novas formas de comunicação.

Autores como Parker, Van Alstyne e Choudary (2017), referem também a importância do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, no que diz respeito à criação de valor dos produtos no mercado, tanto ao nível da produção, promoção e distribuição, mediadas pelo uso das plataformas digitais.

Um estudo com o título *Redes estratégicas mediadas por plataformas digitais na indústria criativa: proposta de um quadro teórico*, publicado em 2018 e realizado por investigadores brasileiros, mostra que a criação de redes estratégicas por via das plataformas digitais, consiste numa prática de sucesso, principalmente devido à livre circulação de ideias e comportamentos observados no ambiente *online*.

Quanto à cibercultura (divulgação da cultura através da internet) esta estratégia pode ser igualmente aplicada, revelando o mesmo grau de sucesso por vias das plataformas digitais.

Posto isto entramos no tema das plataformas digitais culturais, como formas de comunicação na diáspora. A utilização dessas estratégias de comunicação *online* podem ser vistos como vantagens para as comunidades na diáspora, pois permitem o encurtamento do espaço geográfico, bem como a criação de discussões *online* e a criação de consciência face à identidade criadas pelas comunidades presentes na diáspora, neste estudo em específico, a comunidade cabo-verdiana residente na diáspora.

De acordo com Georgiou (2012), “online practices among diasporas strengthen their collective identity”, visto a comunicação representar uma ferramenta essencial na construção de novas ideias na diáspora. Quando se aborda as questões relacionadas com as comunidades na diáspora, a questão da identidade vem à tona, pois podem serem consideradas comunidades com identidades instáveis e com expressivas crises de identidade devido ao processo de aculturação sofrido nos países de alojamento. Porque para além de desafios económicos, as comunidades na diáspora enfrentam também esses desafios sociopsicológicos.

Segundo Hall (1997), “a perspectiva da diáspora é promissora porque identifica as maneiras pelas quais as identidades têm e continuam a ser transformadas por meio

de relocação e interação intercultural”, merecendo, pois, especial atenção. Assim, tem-se verificado que as redes sociais se têm relevado especiais facilitadores de comunicação, dando vozes a minorias, trazendo novas realidades culturais à discussão e apresentando também novos desafios à forma como as pessoas imaginam a sua própria cultura de origem.

No espaço *online* surgem conversas de diferentes níveis (político, cultural, entre outras), em que membros da comunidade partilham uma identidade comum e discutem em torno dessas mesmas questões. Segundo Hine (2000), “A Internet é caracterizada pela fluidez, complexidade e densidade de suas conexões, tornando difícil analisar os padrões em sua forma e conteúdo, ao mesmo tempo, as noções de cultura e comunidade são redefinidas pela *web*. A *web* é um artefacto cultural em si e uma plataforma onde comunidades recém-formadas podem tornar as suas preocupações e aspirações visíveis”

O artigo *Diasporas’ challenge to traditional power: the case of TibetBoard* (Brinkerhoff, 2012), refere o conceito de diásporas modernas, citando que ‘diásporas modernas são grupos étnicos minoritários de origens migrantes a residir e atuar em países anfitriões, mas mantendo forte sentimentalismo e ligações materiais com seus países de origem - suas terras natais.”

Nessas diásporas modernas existem membros mais propensos a selecionar e assimilar artefactos da identidade cultural, gerando debates em diversas redes e promovendo deste modo a democratização e a convergência cultural. Quanto à comunidade cabo-verdiana residente na diáspora não deixa de ser diferente neste aspeto, principalmente por parte dos jovens, que têm utilizado as plataformas digitais como estratégias de comunicação. Também se tem verificado uma forte presença *online* dos cabo-verdianos residentes na diáspora, facilitado pelas políticas de capacitação ou de acesso às tecnologias de informação comunicação.

4.1. Análise das Entrevistas

Para esta dissertação no total foram realizadas 21 entrevistas semiestruturadas que se encontram em anexo. Todas as entrevistas foram acompanhadas por um documento de consentimento de entrevista, que se encontra igualmente em anexo.

Devido à distância territorial, duas entrevistas foram realizadas através de email (com a jornalista Matilde Dias e com o diretor do Festival 7 sóis 7 luas, Marco Abbondanza) e uma delas foi realizada através da plataforma Zoom (com o diretor do Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design).

Foram realizadas entrevistas a agentes culturais, artistas, jornalistas, entidades responsáveis pela gestão da cultura cabo-verdiana e responsáveis de órgãos de comunicação social.

O objetivo principal das entrevistas realizadas passou por perceber como tem sido divulgada a cultura cabo-verdiana em Cabo Verde e na diáspora e através de que plataformas digitais.

Os entrevistados foram: Helena Guerreiro - diretora do Centro Cultural Português / Instituto Camões em Cabo Verde; Danny Spinola - presidente da Sociedade Cabo-verdiana de Autores; Mário Bettencourt - presidente da Associação de Produtores de Eventos de Cabo Verde; Irlando Ferreira - diretor do Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design; Hamilton Jair Fernandes - Presidente do Instituto do Património Cultural; Sandra Mascarenhas - diretora do Departamento do Património Imaterial no Instituto do Património Cultural; Denise Fernandes - assessora de comunicação no Instituto do Património Cultural; Adelaide Monteiro - curadora da Biblioteca Nacional de Cabo Verde; Adilson Gomes - diretor Nacional das Artes; Helder Cardoso - artista plástico; Elisandra Barbosa - diretora da revista Turimagazine; Matilde Dias - jornalista na Televisão de Cabo Verde; Brito Semedo - professor universitário e redator no jornal Expresso das Ilhas; Décio Barros - responsável pela Agenda Cultural de Cabo Verde; António Monteiro - diretor adjunto do jornal Expresso das Ilhas; Gil Moreira – músico; Sabino Baessa - responsável grupo teatral Fladu Fla; Simone Spencer - artista plástica; Tutu Sousa - artista plástico; Marco Abbondanza - diretor do Festival 7 sóis 7 luas; e,

Dulcineia Ramos – diretora de informação da Agência Cabo-verdiana de Notícias, Inforpress.

Tendo em conta o objetivo proposto ao realizar as entrevistas, 90% dos entrevistados utilizam plataformas digitais para a divulgação dos seus trabalhos, principalmente através das redes sociais, como o Facebook e o Instagram. Cerca de 10% utilizam os *sites* oficiais das instituições onde trabalham.

Segundo o Presidente do Instituto do Património Cultural, Hamilton Jair Fernandes (**entrevista apêndice 9**), o uso das plataformas digitais ajuda na massificação e democratização da informação do setor cultural e representa uma fonte de informação que chega facilmente aos cabo-verdianos que se encontram fora do país, dando a conhecer um pouco daquilo que é a cultura e a história cabo-verdiana, principalmente aos cabo-verdianos da 2ª geração.

Os entrevistados que trabalham em órgãos de Comunicação também mencionam os *sites*, bem como outras plataformas de comunicação, como o Zoom, o YouTube, o E-mail, o Messenger e o We Transfer. A jornalista da Televisão de Cabo Verde, Matilde Dias (**entrevista apêndice 9**) refere:

Os conteúdos são disponibilizados na internet, no nosso site e com links divulgados nas redes sociais. A partir daí a nossa diáspora pode ter acesso diretamente ao nosso programa. Por outro lado, temos procurado ao longo dos anos divulgar, os artistas que estão lá fora, os criadores e criativos e o que fazem no exterior. Hoje em dia é muito mais facilitado porque podemos através de plataformas como o Zoom, por exemplo e o Youtube e através do email, do We transfer, do Messenger, fazer entrevistas online, fazer captação de imagem e depois fazer edição aqui na sede da TCV, ou seja, o nosso alcance aumentou a nível do contacto. Por exemplo, esta semana vou estar a entrevistar uma realizadora que está em Portugal e também um produtor que está também em Portugal, isso intensificou a partir da pandemia do Corona vírus, onde é preferível fazer o contacto online, para evitar a propagação do vírus. Deste modo

*estamos muito mais à vontade nas plataformas digitais, com espaço, com troca de informação, de registos de informação e divulgação.*²⁴

Para além do uso das plataformas digitais, um dos entrevistados, Décio Barros (**entrevista apêndice 9**), responsável pela Agenda Cultural de Cabo Verde, afirma que um dos seus públicos-alvo é a comunidade cabo-verdiana residente na diáspora. Refere ainda que os cabo-verdianos residentes fora do país têm a tendência a valorizar muito mais a cultura cabo-verdiana e que estes são 35% do seu público.

Elisandra Barbosa (**entrevista apêndice 9**), diretora da revista Turimagazine é a única a referir o uso do *Linkedin* na divulgação de conteúdos e a artista Simone Spencer menciona a utilização da plataforma *Patreon*, mas que devido à fraca adesão à internet em Cabo Verde, esta plataforma não tem sucesso.

4.2. Divulgação e promoção na diáspora (inquérito por questionário)

O setor do património cultural de cada país contribui para a geração de riqueza do seu próprio país, possibilitando a atração de turistas, a sua utilização para a educação, bem como enquanto recurso para diferentes atividades, como ações comerciais, publicitárias, e ainda para os meios de comunicação social, entre outros aspetos.

Com uma forte presença de cabo-verdianos no estrangeiro é necessário dar a conhecer as mesmas informações acerca dos diferentes patrimónios culturais ligados ao país de origem. Contudo nem sempre essas informações chegam às comunidades, devido a constrangimentos quer a nível de políticas de comunicação, ligadas às deficiências técnicas existentes em Cabo Verde, quer por parte dos próprios membros da comunidade que não mostram interesse em informa-se ou estar a par desses acontecimentos culturais.

²⁴ Entrevista em anexo

Este estudo, como já foi referido anteriormente, tem como objetivo perceber como tem sido o processo de divulgação da cultura cabo-verdiana na diáspora por meio das plataformas digitais. Assim foi disponibilizado um inquérito por questionário²⁵ destinado a cabo-verdianos e filhos de cabo-verdianos residentes em Portugal.

Neste ponto o interessante será apresentar a análise dos dados e descrever os resultados do inquérito por questionário estruturado atendendo aos objetivos apontados para o presente estudo.

O questionário esteve disponível durante uma semana e obteve um total de 90 respostas.

No que se refere à idade, houve um total de 88 respostas (2 não responderam), sendo que 59 dos inquiridos têm entre 21-30 anos (67%), 24 dos inquiridos têm entre 31-40 anos (27,3%), apenas 3 das pessoas que responderam têm menos que 20 anos (3,4%), 1 pessoa encontra-se entre os 41-50 anos (1,1%) e também 1 único inquirido tem 50 anos (1,1%).

1.1. Idade
88 respostas

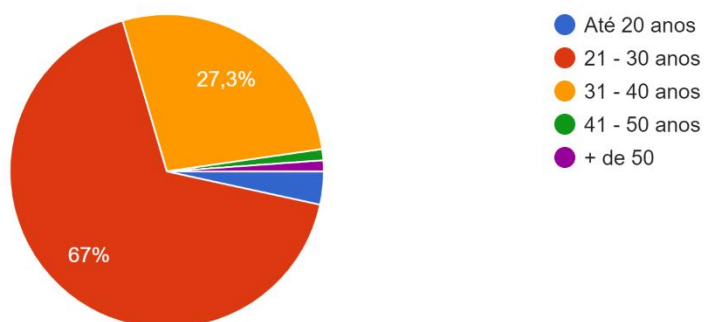


Gráfico 11: Idade

25

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScUKq78lpkFSSRVkjj8ciNQ0RtVDTTILSvSYovuTgwelc11oA/viewform>

Relativamente à questão 1.2 do questionário, que diz respeito às habilitações literárias dos inquiridos, houve um total de 87 respostas e 3 respostas em branco. 62 dos inquiridos (71,3%) responderem que possuem ensino superior, 24 (27,6%) possuem ensino secundário e apenas um dos inquiridos ficou pelo ensino básico, representando 1,1% do total dos inquiridos.

1.2. Habilitações literárias:
87 respostas

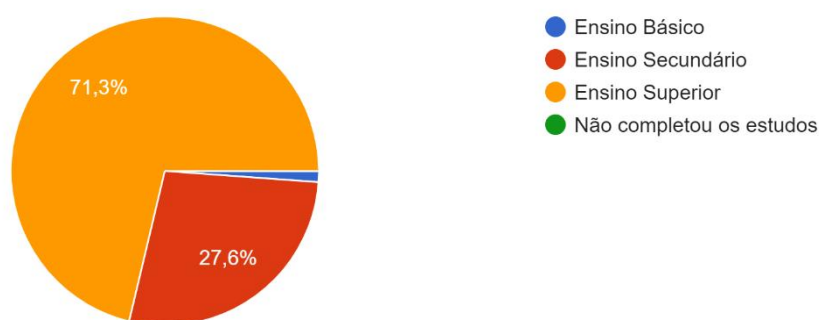


Gráfico 12: Habilitações literárias

A segunda parte do questionário teve como tema a cultura cabo-verdiana. A primeira pergunta relativamente ao tema, dizia respeito às manifestações culturais cabo-verdianas. Foi deste modo solicitado que os inquiridos indicassem, na sua opinião, quais são as formas mais expressivas de manifestação cultural cabo-verdiana, sendo as opções: a música, o teatro, as artes plásticas, a dança, a literatura ou as festas padroeiras.

No total, 88 pessoas responderam a esta questão, sendo que houve 2 respostas em branco. A música foi a manifestação cultural mais escolhida, com 66 respostas (75%), seguido das festas padroeiras, com 10 respostas (11,4%). A dança ficou em terceiro lugar

com um total de 8 respostas (9,1%). Em quarto a literatura com três respostas (3,4%) e por último com apenas uma resposta o teatro (1,1%).

Em suma, como na análise anterior realizada ao Jornal *Expresso das Ilhas* a música tem um peso importante na escolha dos cabo-verdianos, sendo a manifestação considerada mais expressiva do país.

2.1. Quais são, na sua opinião, as formas mais expressivas de manifestação cultural cabo-verdiana?
88 respostas

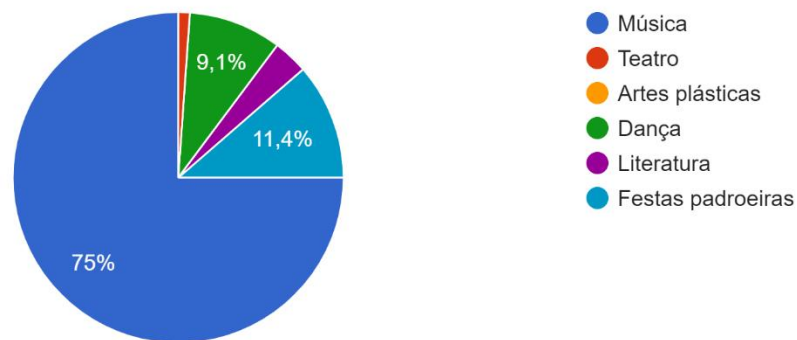


Gráfico 13: Manifestações culturais mais expressivas

Na pergunta “É navegador assíduo da internet”, entramos num outro tema do inquérito, as plataformas digitais.

Como era de se esperar a maioria dos inquiridos responde que sim, num total de 88 respostas, ou seja, 86 responderam de forma positiva (97,7 %) e apenas 2 pessoas responderam que não eram navegadores assíduos da internet (2,3%). Houve ainda duas respostas em branco.

3.1 É Navegador assíduo na internet?

88 respostas

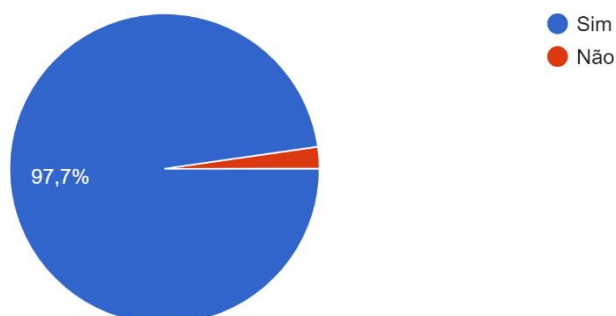


Gráfico 14: Navegador assíduo

A pergunta seguinte, pedia para classificar numa escala de 1 a 5, sendo 1 “Muito má” e 5 “Muito boa” a divulgação das manifestações culturais (referidas na pergunta 2.1) plataformas digitais.

Houve um total de 88 respostas e 2 respostas em branco. Nessa escala de 1 a 5, foram obtidas as seguintes respostas: 30 pessoas escolheram o valor 4 (34,1%), 27 inquiridos escolheram o valor 3 (30,7%), 20 pessoas escolheram o valor 5, ou seja, que consideravam que a divulgação nas plataformas digitais é muito boa (22%), 10 pessoas escolheram o valor 2 (11,4%) e apenas 1(1,1%) pessoa considera que a divulgação das manifestações culturais nas plataformas digitais é muito má. Em suma, o balanço é positivo em relação a esta questão, sendo que a maioria das classificações atribuídas a essa divulgação varia entre os 3 e os 5.

3.2. Como classifica a divulgação das manifestações indicadas acima nas plataformas digitais?

88 respostas

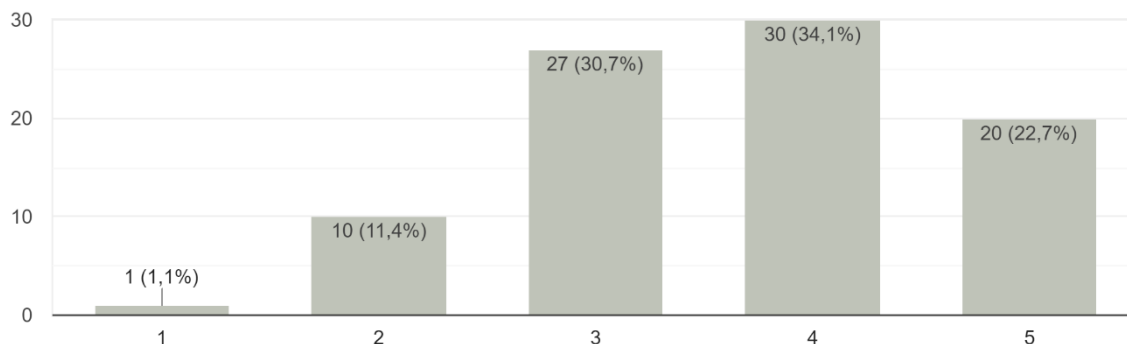


Gráfico 15: Classificação das manifestações nas plataformas digitais

Na mesma categoria “Plataformas digitais” as opções facultadas foram, as “Redes sociais”, os “Websites”, os “Jornais online” e a opção “Outras”.

Foram obtidas um total de 88 respostas, sendo que 2 foram em branco. Nesta pergunta de escolha múltipla, como podemos verificar no gráfico abaixo, 82 pessoas responderam que têm conhecimento através das redes sociais (93,2%), 19 pessoas através dos jornais *online* (21,6%), 10 pessoas através de outras plataformas digitais (11,4%) e por último 9 pessoas seleccionaram os *websites* (10,2%).

3.3. Através de que plataformas digitais tem conhecimento das manifestações culturais?

88 respostas

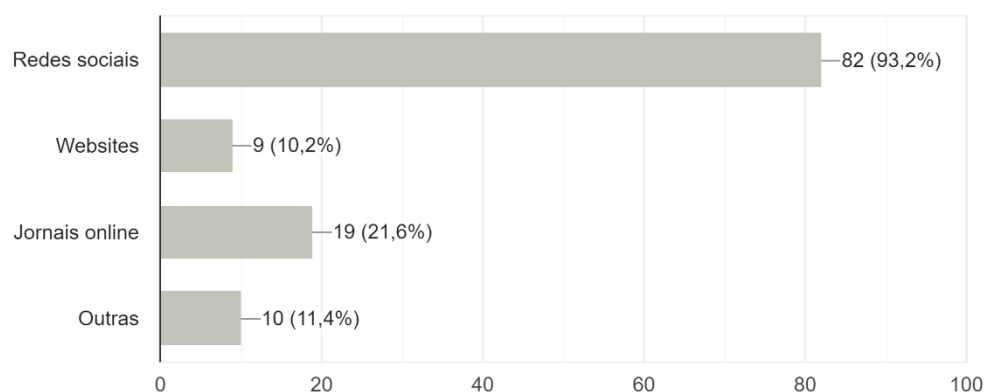


Gráfico 16: Plataformas digitais

O quarto e o último tema do questionário, dizia respeito à comunicação da cultura Cabo-verdiana em Portugal. A questão 4.1 pedia para classificar a divulgação da cultura cabo-verdiana em Portugal, numa escala de 1 a 5. Nessa mesma escala, foram obtidas as seguintes respostas: 34 pessoas escolheram a valor 3 (38,6%), 26 inquiridos escolheram o valor 4 (29,5%), 16 pessoas escolheram o valor 2 (18,2%), 6 pessoas escolheram o valor 5 (6,8%) e igualmente 6 pessoas escolheram o valor 1 (6,8%). Em

suma, o balanço é positivo em relação a esta questão, sendo que a maioria das classificações atribuídas a essa divulgação varia entre os 3 e os 4.

4.1. Como classifica a divulgação, em Portugal, da cultura cabo-verdiana?

88 respostas

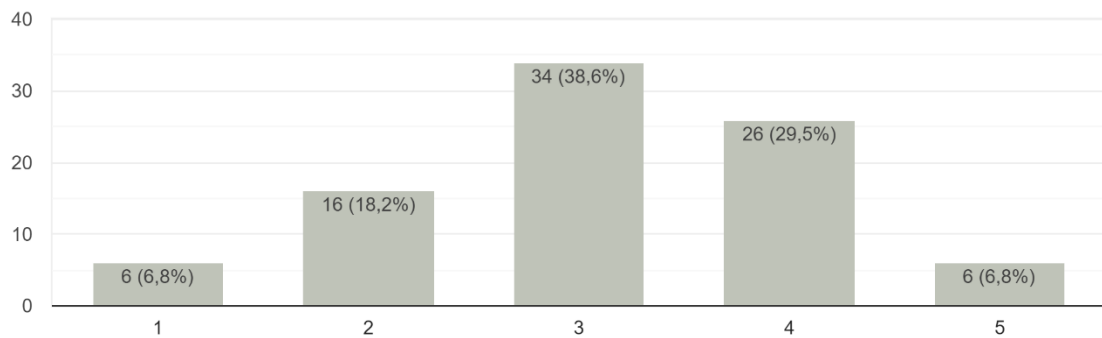


Gráfico 17: Classificação da cultura cabo-verdiana na diáspora

A pergunta 4.2 do inquérito tinha como intuito perceber através de que meios é divulgada, em Portugal, a cultura cabo-verdiana, sendo disponibilizadas, três opções: “Redes sociais”, “Plataformas digitais culturais” ou “Comunicação social”. No total 87 pessoas responderam e houve 3 respostas em branco. 69 dos inquiridos responderam que têm acesso através das redes sociais (79.3%) e foram 9 os inquiridos para cada uma das restantes opções, comunicação social e plataformas digitais culturais, representando 10,3 % cada.

4.2. Através de que meios é divulgada, em Portugal, a cultura cabo-verdiana?

87 respostas

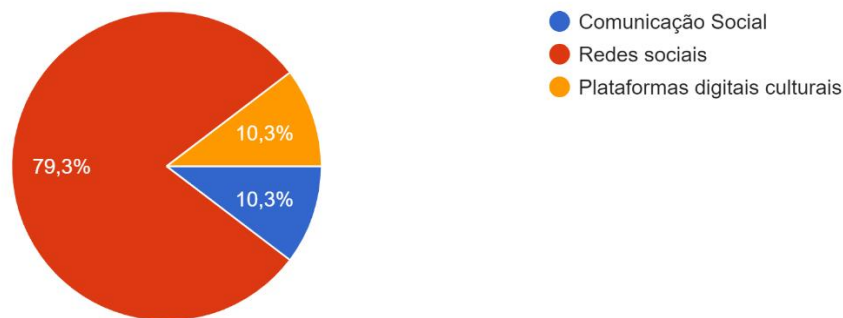


Gráfico 18: Meios de divulgação da cultura cabo-verdiana em Portugal

As duas perguntas (perguntas abertas) a seguintes vinham na sequência da anterior, perguntando através de que redes sociais e através de que plataformas digitais é divulgada, em Portugal, a cultura cabo-verdiana.

Houve 67 respostas, num universo de 90 inquiridos relativamente à questão colocada. O *Facebook* ocupa o primeiro lugar das respostas, seguido do *Instagram*, e do *YouTube*. No que diz respeito às plataformas digitais, foram apontadas várias: Balai Cv, Youtube, Site Gulbenkian, Plataformas de Jovens Cabo-verdianos na Diáspora, RTP África, www.terralongeonline.com, RTC online, Jornais online, entre outras. Foi uma questão que causa certa estranheza para os inquiridos, vistos responderem apenas 26 pessoas e mesmo alguma delas, nas respostas não souberem indicar as plataformas.

A pergunta 4.3 colocava a questão se os inquiridos têm acesso a meios de comunicação social cabo-verdianos em Portugal. No total 88 pessoas responderam, sendo que houve duas respostas em branco. 57 dos inquiridos responderam que têm acesso (64,8%) e 31 responderam que não têm acesso (35,2%).

4.3. Tem acesso a meios de comunicação social cabo-verdianos, em Portugal?

88 respostas

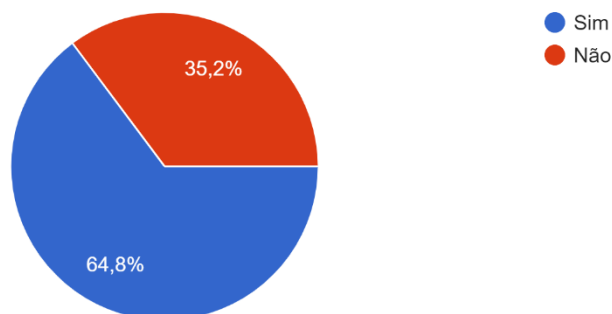


Gráfico 19: Meios de comunicação social cabo-verdianos

A última pergunta do inquérito por questionário foi a 4.4, em que foi perguntado aos inquiridos a que meios de comunicação social cabo-verdianos têm acesso em Portugal. Jornais, Rádio, Televisão ou Plataformas digitais exclusivas sobre Cabo Verde? Houve um total de 60 respostas, em que 25 inquiridos responderam Plataformas digitais exclusivas sobre Cabo Verde (41,7%), seguido da televisão em que 13 pessoas responderam (30%), 13 inquiridos responderam que tem acesso através dos jornais (21,7%) e por fim 4 pessoas responderam a rádio (6,7%).

4.4. Se sim, que meios?

60 respostas

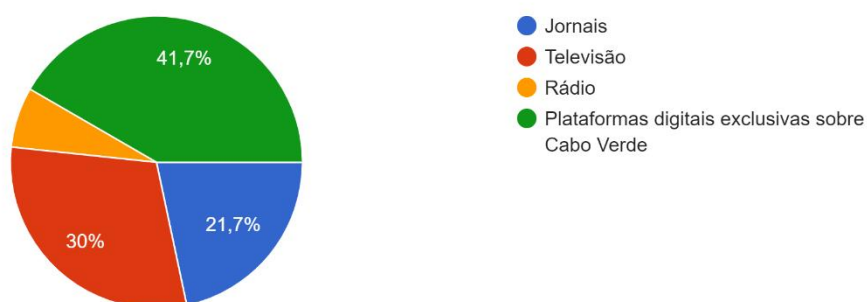


Gráfico 20: Os meios

O questionário encontra-se disponível através do link:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScUKq78lpkFSSRVkij8ciNQ0RtVDTTILSvSYovuTgwelc11oA/viewform>

Em suma, de acordo com a análise feita ao inquérito por questionário verifica-se que a maioria dos inquiridos são jovens com idades compreendidas entre 21 e 30 anos. A maioria dos inquiridos possuem ensino superior, partindo do pressuposto que são jovens cabo-verdianos que estudaram em Portugal e que continuam lá a viver.

Relativamente às manifestações culturais, a música, como ficou comprovado neste inquérito, possui um enorme peso na cultura cabo-verdiana, sendo que foi escolhida pelos inquiridos como a forma mais expressiva de manifestação cultural cabo-verdiana, constituindo um total de 75 % das respostas. E sendo os cabo-verdianos ou filhos de cabo-verdianos residentes em Portugal navegadores assíduos na *internet*, de acordo com o inquérito, estes consideram que existe uma boa divulgação das manifestações culturais cabo-verdianas nas plataformas digitais.

A questão relativa às plataformas digitais de que lhes permite o acesso à cultura cabo-verdiana, 93,2% respondeu que através das redes sociais e apenas 10,2% respondeu através dos *websites*, ou seja, vemos que existe uma grande utilização por parte dos cabo-verdianos das redes sociais.

No que diz respeito à divulgação da cultura cabo-verdiana, de acordo com as respostas, os inquiridos consideram que existe uma boa divulgação em Portugal e que também têm conhecimento / informações através das redes sociais.

Quando pedido para indicar que redes sociais e que plataformas digitais, os inquiridos, responderam na sua maioria o *Facebook* e o *Instagram*, sendo as plataformas digitais pouco indicadas, apenas 26 pessoas responderam que plataformas digitais culturais, mas algumas dessas respostas não correspondiam exatamente a plataformas digitais culturais. O que leva ao pressuposto que os cabo-verdianos residentes em Portugal pouco têm contacto com plataformas digitais culturais cabo-verdianas.

Quanto aos meios de comunicação cabo-verdianos, a maioria dos inquiridos respondeu que tem acesso dos mesmos em Portugal.

Resumindo, as redes sociais são as plataformas digitais mais utilizados pelo cabo-verdianos ou filhos de cabo-verdianos residentes em Portugal como forma de acesso à cultura do país de origem.

4.3. Agência cabo-verdiana de notícias

A Inforpress é a única agência cabo-verdiana de notícias, com cerca de trinta anos de existência e que tem feito a ponte em Cabo Verde e a diáspora. De acordo com a diretora de Informação da agência, Dulcineia Ramos (**entrevista apêndice 9**), a *Inforpress* tem estabelecido parcerias com diferentes agências de notícias fora de Cabo Verde, nomeadamente de Portugal, Marrocos, Angola e Nigéria.

Um dos sistemas adotados pela Inforpress é o envio de conteúdos para algumas agências, como por exemplo a de Marrocos, enquanto as outras agências com quem têm parceria podem recolher as notícias diretamente do site, como é o caso da agência Lusa, agência portuguesa.

Questionada acerca do acesso às informações relativas a eventos culturais realizados fora do país, Dulcineia Ramos, responde que a Inforpress tem acesso aos conteúdos das outras agências em diferentes áreas e a cultura é uma delas. Contudo, afirma que graças às tecnologias disponíveis, têm conseguido trabalhar em conteúdos sobre eventos culturais fora do país, a partir de Cabo Verde, pois através das plataformas digitais torna-se muito mais fácil contactar pessoas e organizações mesmo estando em países diferentes.

Conclusões

Um pequeno arquipélago no meio do oceano, mas com uma enorme diversidade cultural, Cabo Verde é um autêntico laboratório, alvo de pesquisa em diversos setores e o setor cultural não foge à regra. Foi assim que, refletindo sobre o setor cultural do país, esta dissertação ganhou forma, não no sentido de obter conclusões definitivas ligadas à área, mas sim como ponto de partida para futuros projetos.

Visto haver uma enorme comunidade cabo-verdiana residente na diáspora, principalmente em Portugal, foi o cenário ideal para se juntar cultura, comunicação e também as plataformas digitais, como principais meios de disseminação de informação. Neste sentido o objeto deste estudo foi a cultura cabo-verdiana e o objetivo passou por perceber como tem sido o processo de divulgação da cultura cabo-verdiana na diáspora, principalmente em Portugal e através de que plataformas digitais essas informações chegam aos cabo-verdianos fora do país.

O primeiro capítulo centrou-se na cultura cabo-verdiana, com um pequeno resumo daquilo que é a história e a cultura do país, de seguida foram apresentadas as manifestações mais pertinentes neste estudo e que sem dúvida são “levadas” pelos cabo-verdianos quando decidem optar pela imigração. Ao analisar estas manifestações culturais parte-se do pressuposto de que são manifestações com grande peso cultural, e que acompanham o cabo-verdiano para onde quer que vá, como é caso da língua crioula, sendo o fator mais identitário do cabo-verdiano, servindo de ponte para as outras manifestações, como a literatura, o teatro, a música, bem como as festas tradicionais.

Ainda neste capítulo com foco na cultura cabo-verdiana fez-se referência às principais diásporas cabo-verdianas, como é o caso de Portugal, devido à ligação histórica que existe entre os dois países. Em Portugal a tendência dos cabo-verdianos é viver em grupos, onde organizam as suas próprias festas e convívios, revelando a sua essência cultural. Mas também a expansão cultural cabo-verdiana em Portugal se deu muito através da iniciativa de associações direcionados para o apoio da comunidade e que ao mesmo tempo promovem eventos culturais, através de representações musicais,

da dança, da literatura, entre outras. E sem falar da quantidade de jovens estudantes cabo-verdianos que acabam por ficar a residir em Portugal, o que faz com que a disseminação da cultura cabo-verdiana no país seja efetuada através de diferentes meios.

Sendo esta investigação direcionada para a comunicação de cultura foi pertinente explorar o conceito de jornalismo cultural e perceber como tem sido o processo de comunicação de cultura do país. De acordo com algumas entrevistas realizadas a individualidades ligadas ao setor da cultura cabo-verdiana, o jornalismo cultural em Cabo Verde é ainda um setor pouco explorado. Em primeiro lugar devido à falta de profissionais especializados na área e em segundo devido à pouca liberdade fornecida pelos órgãos de comunicação social aos jornalistas que trabalham nesta área. Isso ficou comprovado na análise realizada à secção de Cultura do Jornal *Expresso das Ilhas*, tanto na sua versão impressa como *online*. Ao realizar os resultados chega-se à conclusão de que a maioria das peças que passam na comunicação são de eventos passados ou futuros e não há um aprofundamento do tema em si. Nota-se também que a maioria dos eventos comunicados são eventos realizados em território cabo-verdiano, sendo poucas as peças relacionadas com a diáspora.

Quanto às plataformas digitais, são estratégias de divulgação, neste caso em específico, de divulgação e promoção da cultura cabo-verdiana na diáspora. Assim, as plataformas digitais culturais online podem ser vistas como vantagens para as comunidades na diáspora, pois permitem o encurtamento do espaço geográfico, bem como a criação de discussões online e a criação de consciência face à identidade criadas pelas comunidades presentes na diáspora.

Neste estudo foram realizadas algumas entrevistas a agentes culturais, artistas, jornalistas, entidades responsáveis pela gestão da cultura cabo-verdiana e responsáveis de órgãos de comunicação social em Cabo Verde, com o objetivo principal de perceber como tem sido divulgada a cultura cabo-verdiana em Cabo Verde e na diáspora e através de que plataformas digitais. Tendo em conta o objetivo proposto ao realizar as entrevistas, 90% dos entrevistados utilizam plataformas digitais para a divulgação dos

seus trabalhos, principalmente através das redes sociais, como o *Facebook* e o *Instagram*.

Também foi realizado um inquérito por questionário, direcionada para cabo-verdianos e filhos de cabo-verdianos residente em Portugal. De inquérito chegou-se à conclusão de que a maioria dos que responderam são jovens com idades compreendidas entre 21 e 30 anos. A maioria dos inquiridos possuem ensino superior, partindo do pressuposto que são jovens cabo-verdianos que estudaram em Portugal e que continuam lá a viver. A música, como ficou comprovado no inquérito é a manifestação sendo que foi escolhida pelos inquiridos como a forma mais expressiva de manifestação cultural cabo-verdiana. Os cabo-verdianos ou filhos de cabo-verdianos residentes em Portugal são navegadores assíduos na internet, de acordo com o inquérito, e estes consideram que existe uma boa divulgação das manifestações culturais cabo-verdianas nas plataformas digitais. A maioria têm conhecimento da cultura através das redes sociais e existe uma boa divulgação da cultura cabo-verdiana em Portugal. As redes sociais mais apontadas são o Facebook e o Instagram, contudo em relação às plataformas digitais culturais, existe uma enorme dificuldade por parte dos inquiridos em responder, quais têm conhecimento, ou seja, as plataformas digitais apresentam-se como os meios mais utilizados, contudo não as plataformas digitais culturais. Quanto à comunicação social cabo-verdiana, a maioria dos inquiridos dizem ter conhecimento dos mesmos em Portugal. Em suma, as redes sociais são as plataformas digitais mais utilizados pelo cabo-verdianos ou filhos de cabo-verdianos residentes em Portugal como forma de acesso à cultura do país de origem.

Resumindo o uso das plataformas digitais são meios que ajudam na massificação e democratização da informação do setor cultural e representa uma fonte de informação que chega facilmente aos cabo-verdianos que se encontram fora do país, dando a conhecer um pouco daquilo que é a cultura e a história cabo-verdiana, contudo existem ainda algumas lacunas que necessitam ser trabalhadas. Assim a seguir são apresentadas algumas sugestões / recomendações.

Sugestões/Recomendações:

- Estabelecimento de estratégias direcionadas para o uso das plataformas digitais dedicadas ao património cultural;
- Incentivar o uso das tecnologias, práticas e padrões que irão ajudar na produção digital consciente;
- Treinamento de utilizadores e trabalhadores ligados ao setor cultural;
- Garantir com que todos os órgãos ligados ao setor cultural possam usufruir das tecnologias de informação e comunicação;
- Utilizar os órgãos de comunicação como setores mais proativos de divulgação da cultura na diáspora;
- Garantir a produção de conteúdos ligados ao setor cultural de forma mais crítica e consciente;
- Explorar as plataformas digitais culturais cabo-verdianas e transformá-los em modelos de plataformas digitais culturais, como é o caso do site *Esquina do Tempo* e *Agenda Cultural de Cabo Verde*;
- Aprofundamento e reflexão acerca do processo de salvaguarda das manifestações culturais por parte dos jovens.

Referências Bibliográficas

Agenda Cultural Cabo Verde. (2020). Disponível em <https://www.cvcultural.cv/>.

Albuquerque, Luís D., Santos, M^a Emília M., (1991). *História Geral de Cabo Verde (Vol. I)*. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical/Direção Geral do Património Cultural.

Almada, M.D. (1961). *Cabo Verde Contribuição para o estudo do dialeto falado no seu arquipélago*. Junta de Investigação do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais. Lisboa.

Almeida M. (2007). Mediação cultural e da informação, considerações socioculturais e políticas em torno de um conceito. In VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação 28 a 31 de outubro de 2007, Salvador, Bahia, Brasil.

Afro sondagem Lda.(2011). *Inquérito à Satisfação e Audimetria dos Órgãos de Comunicação Social. Direção Geral da Comunicação Social*. Cabo Verde.

Associação artística do Mindelact. *Associação Mindelact*. (2020). Disponível em <https://www.mindelact.org/associacao-mindelact>.

Autoridade Reguladora para a Comunicação Social. Página Inicial. Estudos (2020). Disponível em <https://www.arc.cv/arc/estudosPublicacoes/1>.

Blogue de apontamentos escolares. (2020). Disponível em <https://antoniocv.wordpress.com/2017/01/24/literatura-cabo-verdiana-e-afirmacao-da-cultura-cabo-verdiana/>.

Branco, J. (2014). *Crónicas desaforadas. Autor e Rosa Porcelana Editora*. Lisboa, Portugal.

Brinkerhoff, M. (2012). Digital diasporas' challenge to traditional power: the case of TibetBoard. *Review of International Studies* (2012), 38, 77–95. doi:10.1017/S0260210510001737.

Brinkman, I & Merolla D. (2020). *Journal of african cultural studies 2020*, vol. 32, no. 1, 1–6. <https://doi.org/10.1080/13696815.2019.1657003>.

BO I Série – nº 54 «B.O» da República de Cabo Verde – 27 de setembro de 2016.

Cachada, F. (2006). *Cabo Verde terra di meu: colectânia de músicas do poeta e compositor Ano Nobo*. Fundação Ano Nobo (FAN), Cabo Verde.

Carlos, E. (2013). *Literatura, Identidade e Alteridade: a Singularidade da Leitura de um Olhar Cabo-verdiano*. , in Sales & Feldens (Orgs), *Arte e Filosofia na Mediação de Experiências Formativas Contemporâneas*, Universidade Estadual do Ceará: Fortaleza.

Carreira, A. (1982) *O crioulo de Cabo Verde Surto e expansão*. Lisboa.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (2020). *Enculturação*. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/encultura%C3%A7%C3%A3o>.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (2020). *Inculturação*. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/encultura%C3%A7%C3%A3o>.

Economou, M & Ross. (1998). Information and Communications Technology in the Cultural Sector The Need for National Strategies. University of Glasgow, Glasgow, UK

Esquina do Tempo. (2020). Disponível em <https://brito-semedo.blogs.sapo.pt/>.

Fernandes, A. (2019). *O Jornalismo Cultural em Portugal: Os exemplos do Diário de Notícias, do Público, Vice, Observador e Jornal de Letras*. (Tese de mestrado). Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro. Vila Real.

Fernandes, F.M. (2016). *Percursos Literários e Estéticos na Literatura Cabo-Verdiana Contemporânea: João Vário, Corsino Fortes e José Tavares*. Pedro Cardoso Livraria. Praia, Cabo Verde.

Fernandes, T.A. (1988). *A mudança cultural na sociedade moderna*. Revista de Comunicação e Linguagem, nº 6/7. Lisboa.

Ferreira, M. (1985). *A Aventura Crioula*. Plátano editora, Lisboa, Portugal.

Fontes, M. (2017) *Uma identidade dos jornalistas cabo-verdianos* (Tese de Mestrado) Escola Superior de Comunicação Social

Gabinete de Estratégias e Estudos. (2020). Estatísticas de Imigrantes em Portugal. Disponível em <https://www.gee.gov.pt/pt/publicacoes/estatisticas-tematicas/estatisticas-de-imigrantes-em-portugal-por-nacionalidade>.

Gadini, S. (2010). *Desafios de pesquisa em Jornalismo Cultural: estratégias metodológicas para compreender os processos editoriais no campo cultural*. Revista Famecos. V 17, nº1. pág. 28-35. Doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2010.1.6876>.

Gonçalves, C.F. (2006). *Kab Verd Band*. Instituto Histórico Nacional, Praia.

Instituto do Património Cultural. (2020). Disponível em <https://web.facebook.com/patrimoniocultural.caboverde/posts/3228782480510099>.

Instituto do Património Cultural. (2020). Disponível em <http://ipc.cv/patrimonios>.

Instituto Património Cultural. (2020). *Património Imaterial língua cabo-verdiana*. Disponível em <http://ipc.cv/patrimonio/lingua-cabo-verdiana>.

Landim, A.B. (2012). *O jornalismo Online em Cabo Verde A Semana, A Nação, Expresso das Ilhas e Liberal visto pelos utilizadores da Cidade da Praia*. (Tese de mestrado). Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa

Lang, G. (2007). *Tem morna, tem coladera: as raízes cabo-verdianas da música universal de Cesária Évora*. SCRIPTA, Belo Horizonte. V. 11, n. 20, p.155-165, 1ª sem. 2007.

Levy, A. (2014). *Pano de Terra: Salvaguarda e Valorização de um Património Cabo-verdiano (Tese de Mestrado)*. Universidade de Évora, Évora

Lopes Filho, J. (1976). *Apontamentos etnográficos*. Lisboa

Lopes Filho, J. (2003a). *Contribuição para o estudo da cultura cabo-verdiana*. João A. Ribeiro. Lisboa.

Lopes Filho, J. (1985). *Defesa do Património Sócio-Cultural de Cabo Verde*. Lisboa, Ulmeiro, p. 60.

Lopes Filho, J. (2003b). *Introdução a cultura cabo verdiana*. Instituto superior da educação. República de Cabo Verde, Praia.

Lopes Filho, J. (2007). *Imigrantes em Terra de Imigrantes*. Instituto da Biblioteca Nacional do Livro. Praia. Cabo Verde

Madeira, J. (2013). *A língua cabo-verdiana como elemento da identidade*. Universidade de Cabo Verde. Revista de Letras, II, n.º 12 (2013), 77-85. Praia. Disponível em: <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/4767/1/A%20l%C3%adngua%20cabo-verdiana%20como%20elemento%20da%20identidade%20%281%29.pdf>

Mahmod, J. (2019). New Online Communities and New Identity Making: The Curious Case of the Kurdish Diaspora. *Journal of Ethnic and Cultural Studies* 2019, Vol. 6, No. 2, 34-43. <https://doi.org/10.29333/ejecs/245>

Mascarenhas, S. (2020). *Catálogo do Inventário do Património Cultural Imaterial-Concelho de Ribeira Grande de Santiago*. Instituto do Património. Praia, Santiago.

Martins, V. (1989). *A música tradicional cabo-verdiana – I (A Morna)*. Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, Praia, Cabo Verde.

Martins, V. (2018). *Cabo Verde Ressonâncias: A Morna, estudos adjutórios (Vol 1)*. Livraria Pedro Cardoso, Praia.

Música Cabo-verdiana. *Homepage*. Anexos. Batuque.(2020). Disponível em <http://musicadecaboverde.comge/batuque/>.

Nogueira, G. (2015). *Batuku de Cabo Verde percurso histórico-musical*. Livraria Pedro Cardoso, Cabo Verde.

Nunes, B., Montardo, S., Schmidt, S., Schreiber, D., (2018). Redes estratégicas mediadas por plataformas digitais na indústria criativa: proposta de um quadro teórico. *Revista Gestão e Planejamento, Salvador, v. 19, p. 177-190*. DOI: 10.21714/2178-8030gep.v19.4676.

Resenha CUCHE, Denys. (2012) *A noção de cultura nas ciências sociais*. Revista Tabuleiro de Letras PPGEL – Salvador, Vol.: 09; nº. 01, p. 04-18, junho de 2015. ISSN: 2176-5782.

Rodrigues, D. *Património Cultural, Memória Social e Identidade: uma abordagem antropológica*. Universidade da Beira Interior. Center of Research in Anthropology (Lisboa).

Rovisco, E. (2018). *‘Lembranças da terra’. notas para uma etnografia da produção de artesanato nas cidades do mindelo e da praia, cabo verde*. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, volume 58.

Sacramento, E.M. (2019). *O papel do turismo cultural em Santiago (Cabo Verde): o caso do artesanato*. Em Pasos Revista de Turismo Y Patrimonio Cultural (pp. 595-610).

Santos Silva, D. (2009). *Tendências do jornalismo cultural em Portugal*. Actas 6. ^o SOPCOM/8.SOPCOM,91-106.

https://doi.org/http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/434/432.

Paulino, F. (2018). *Seminário Internacional de Antropologia Visual, Oficina de antropologia Visual*. INEP. Guiné-Bissau.

Paiva, F. K. (2019). Choque cultural e identidade dos filhos da diáspora : “ An African City ” e o modelo ocidental de sociedade. 15–24. <https://doi.org/10.5752/P.1809-6182.2019v16.n2.p15>.

Pérez, P. X. (2009). *Turismo Cultura, uma visão antropológica*. ACA y PASOS, RTPC. 2009. 307p. Tenerife, Espanha.

Pereira, M.D. (2016). *Marketing de Comunicação do Turismo de Cabo Verde no Mercado Europeu. (Tese de Mestrado)*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

Documentos Legislativos

Boletim Oficial do Governo de Cabo Verde, 20 de abril de 2020, Praia.

<https://www.gee.gov.pt/pt/lista-publicacoes/estatisticas-de-imigrantes-em-portugal-por-nacionalidade/paises/CaboVerde/3947-populacao-estrangeira-com-estatuto-legal-de-residente-em-portugal-cabo-verde/file>

Artigos de Jornais

A Nação. Artes Plásticas. (2020). Disponível em: <https://anacao.cv/2020/09/12/centro-nacional-de-arte-artesanato-e-design-inicia-processo-de-reconhecimento-profissional-do-artesao/>.

Expresso das ilhas. (2020). Cultura. Disponível em <https://expressodasilhas.cv/cultura/2018/02/24/lingua-caboverdiana-vai-ser-patrimonio-nacional/56785>.

Santiago Magazine. (2020). *Cultura/Língua cabo-verdiana: desconstruindo mitos Mito 10-12*. Disponível em: <https://santiagomagazine.cv/index.php/cultura/5040-lingua-cabo-verdiana-desconstruindo-mitos-mito-10-12>.

<https://inforpress.cv/teatro-fladu-fla-ambiciona-colocar-pais-no-centro-da-atraccao-turistica-do-atlantico-com-festival-tearti/>.

Anexos

Anexos recolhidos ao longo do processo de investigação. Desde fotografias fornecidas, a textos produzidos por investigadores ligados à área da cultura cabo-verdiana.

Anexo 1: Obras Helder Cardoso

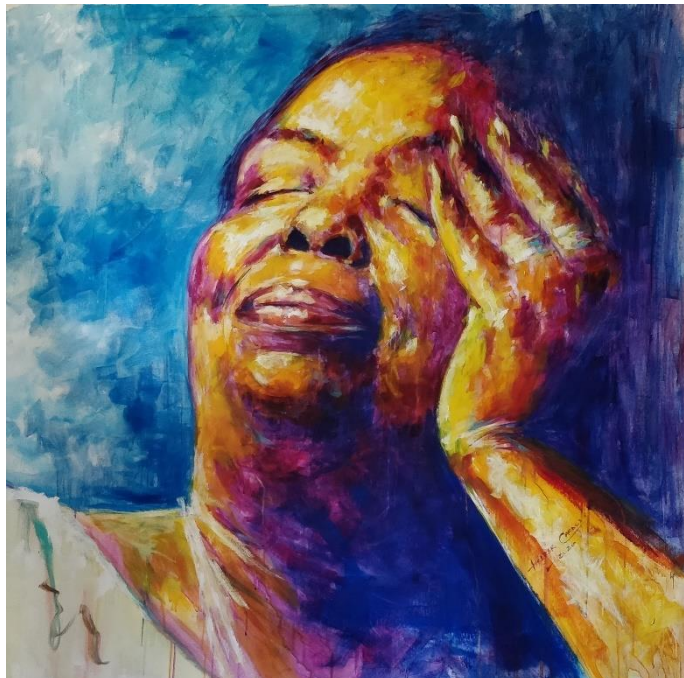


Figura 4: Imagens Helder Cardoso

Anexo 2: Batuque



Figura 5: Arquivo Instituto do Patrimônio Cultural

Anexo 3: Dia Nacional da Cultura



Figura 6: Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas_Dia Nacional da Cultura

Anexo 4: Festa de São João



Figura 7: Arquivo Instituto do Património Cultural_S.João

Anexo 5: Grupo Musical Ferro Gaita



Figura 8: Imagens fornecidas pelo grupo musical “Ferro Gaita”

Anexo 6: Literatura cabo-verdiana

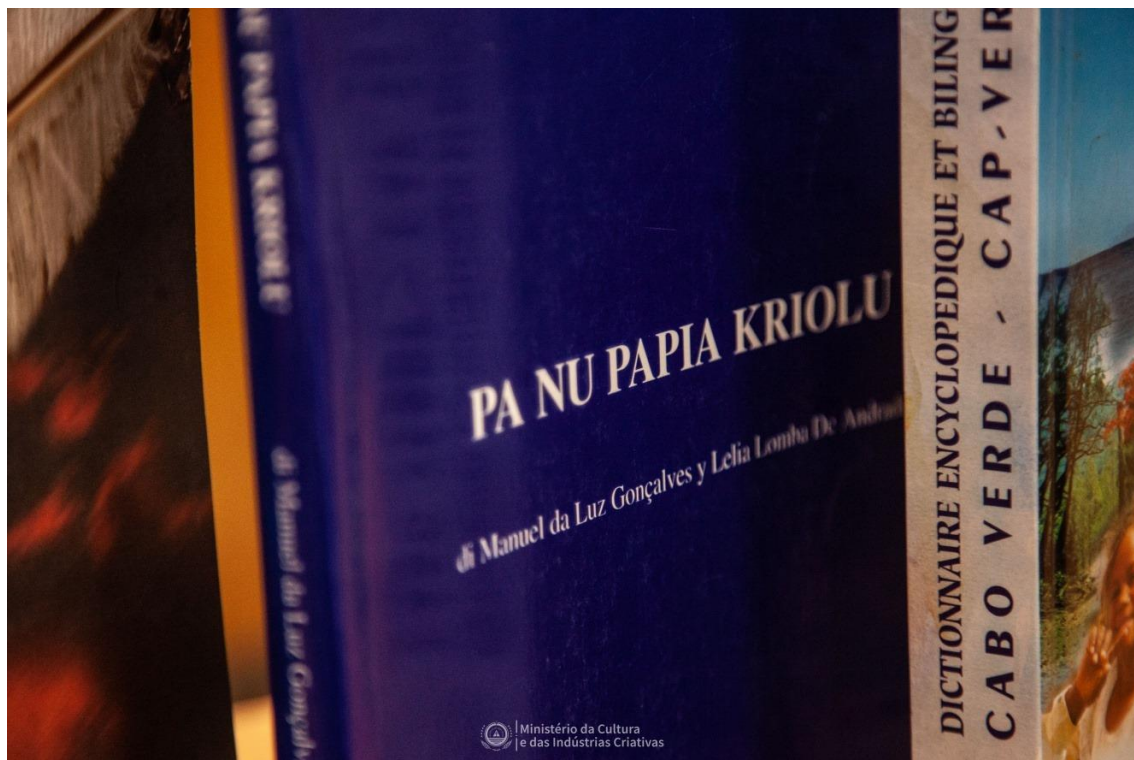


Figura 9: Imagens Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas_Literatura

Anexo 7: Morna



Figura 10: Arquivo Instituto do Património Cultural_Morna

Anexo 8: Texto Festas de São João

“Festas de São João

A relevância do arquipélago de Cabo Verde patenteada no tratado de Tordesilhas, em 1494, obrigou Portugal a procurar retratar no espaço nacional a mundividência lusa. Proliferação de clérigos (seculares e regulares) era o garante da continuidade dos costumes, crenças e práticas cristãs entre o europeu residente por um lado e a ladinização do africano por outro. No entanto, o escravo trazido do continente transportava consigo aspetos da sua religião animista, e entre as práticas e rituais católicos pode subsistir no imaginário dos africanos as adivinhações os augúrios os ordálios. As denúncias precocemente de feitiçarias era a clara evidência da ténue linha que separava a ortodoxia cristã e as crenças afro-negras e que, paulatinamente, contribuíram para a formação da cultura cabo-verdiana, marcadamente híbrida.

Se em determinada altura o catolicismo condenou determinadas práticas de índole pagã, passou, mais tarde, nos rituais e práticas sagradas, a aceitar algum paganismo . Desta forma regista-se um forte sincretismo religioso nas principais festividades juninas em Cabo Verde, numa perfeita simbiose entre o sagrado e o profano. Às práticas devocionais católicas como a missa, a reza a peregrinação a procissão, a veneração da imagem do santo, existe também o emprego de uma simbologia que extravasa o universo religioso e que incorpora elementos profanos tais como, a fogueira, a dança, a música, as comidas e bebidas etc.

Em Cabo Verde, as primeiras festas de romarias dos Santos Populares remontam ao século XVI . Particularmente, em Santiago encontramos no último quartel de seiscentos duas capelas consagradas a São João Batista (Ribeira de António e Ribeira Seca), inclusive a freguesia de São João Batista integrava o grupo das denominadas “freguesias de fora”. De Santiago a devoção ao santo disseminou-se para as restantes ilhas, seguindo a lógica do povoamento, e ganhando maior expressão nas ilhas de Santo Antão e Brava.

Se o São João é celebrado com determinada homogeneidade de simbolismos em quase todas as ilhas onde se manifesta, contudo verifica-se algumas particularidades específicas. Nas ilhas de Barlavento, em especial Santo Antão, o aspeto celestial sobressai em relação ao terreno, enquanto na ilha da Brava verifica-se o oposto. Com efeito, o pináculo das festividades em Santo Antão acontece com a peregrinação enquanto que na Brava o momento mais aguardado é o assalto ao mastro. No que diz respeito a iconografia na ilha de Santo Antão o santo de barro é a figura central. Já na Brava a figura central é a bandeira que possui em seu desenho a imagem do santo. A famosa dança – kolá san jon – é um elemento simbólico nas ilhas do barlavento, onde mulheres e homens ficam em posição oposta avançando um para o outro até chocarem com o embigo ao ritmo de tambores e apitos. Na ilha da Brava não se dança o kolá san jon, apenas as mulheres coladeiras cantam e vão baloiçando ao ritmo do tambor. O próprio ritmo do tambor nas ilhas de barlavento é mais acelerado enquanto que na Brava é mais cadenciado permitindo o cavaleiro, treinado para o efeito, dançar em cima do seu cavalo. Existe em cada ilha algumas singularidades como o kolá figid em Santo Antão e o canizades na ilha do Fogo.

Associado às festividades estão os aspetos simbólicos, ao qual destacarei três: a fogueira, o navio e o rosário. A fogueira ou lumenar acendido na noite da véspera do dia do santo, é um hábito de origem remota cuja narração antecede a nascença de Jesus Cristo e explica a crença de alguns povos na celebração do solstício de verão e promoção de danças à volta da fogueira, símbolo de fertilidade da terra para garantir boas colheitas e afugentar os maus espíritos que atormentam as plantações. Aproveita-se o ensejo para verificar a sorte usando para isso um ovo ou o sal. Com efeito depois de saltar a fogueira três vezes com o ovo é aberto num copo e conforme a imagem está associado um presságio que passa por casamento, embarcar ou até mesmo a morte. O sal é utilizado como elemento capaz de prognosticar os meses do ano em que choverá, e consequentemente, determinar um bom ou mau ano agrícola.

Nas festividades há sempre um navio alegórico, construído à escala reduzida, com grande abertura no centro por forma a ser transportado por um homem que o faz baloiçar ao ritmo do tambor, é um elemento castiço das festividades. Nele as pessoas

vão depositando as suas oferendas que pode ser em dinheiro, mas também em género (comida e bebida). Está profusamente ligado ao nosso imaginário de país arquipelágico com uma forte componente de emigração – separação – mas também de reencontro.

Parte integrante das festas é o rosário, um terço feito à base de milho ou mancarra, enfeitado com papel de flor, que sintetiza a fartura de bebidas e comidas, que por estas alturas são presenteados os visitantes. A presença do milho é significativa pois, é o principal componente da dieta do cabo-verdiano. Com efeito, para as festas de São João os pratos confeccionados são à base de milho como o midje em gron, catxupa, cuscuz, patancas, funguim, papa de midje, prentém, camoca etc.

A festa de São João vem revestindo de grande importância para as comunidades locais. Do ponto de vista histórico-cultural, as pessoas se juntam para resgatar a identidade local e celebrar as tradições. Desta forma as pessoas partilham em comunidade os seus usos, costumes, crenças e tradições, onde não existe diferenciação de classe social, de idade, género, credo e raça. O objetivo maior é a celebração da festa do São João numa mistura de devoção e lazer.

Por outro lado, contribui para a geração de rendimento e para criação de emprego, ainda que sazonalmente, e que consequentemente constitui um fator de inclusão social. Assim, destacam-se: o artesanato com a produção de artefactos típicos da época; a gastronomia com as suas representativas guloseimas; o pequeno comércio com os vários postos de venda (barracas) onde se pode degustar uma bafa regado com o tradicional grogue; as atividades ligadas ao espetáculo e ao desporto destacando-se os festivais e o hipismo respetivamente que atraem um grande número de visitantes nacionais emigrantes e amiudamente turistas.

Em jeito de conclusão pode-se dizer que o São João é festejado com maior ou menor fulgor em quase todas as ilhas assumindo-se como uma das principais festividades nacionais. Não é de estranhar a sua classificação a património imaterial nacional por parte do governo em 2017, posicionando-se como um dos traços fundamentais da nossa cultura.” (Arquivo Instituto do Património Cultural)

Apêndices

Os apêndices mais à frente trata-se de materiais produzidos ao longo deste trabalho, bem como os anexos que foram fornecidos pelos entrevistados, ou pelos agentes ligados à cultura cabo-verdiana.

Apêndice 1: Jornal Expresso das Ilhas Online/Impresso

Análise secção de Cultura – Jornal Expresso Online



PUBLICAÇÕES	TEMA	GÉNERO JORNALÍSTICO	CENTRADA EM INDIVÍDUOS OU ACONTECIMENTO	LOCAL	ESTILO DE DISCURSO	IMPRESSO	Autores	DATA
"Morreu o fadista Carlos do Carmo"	Óbito	Notícia	Em ambos	Diáspora	Descritivo	-	Expresso das Ilhas	01/01/21
"O ano em que a cultura foi servida a conta-gotas"	Cultura	Ensaio	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	Nº 996 de 30 de dezembro de 2020	António Monteiro	03/01/21
"Achada Grande Frente recebe Festival Internacional de Arte Pública"	Artes Plásticas	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	04/01/21
"Parlamento apresenta voto de pesar pelo falecimento da Celina Pereira"	Óbito	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas - Inforpress	06/01/21
"VIII volume da Magistratura de Influência lançado na Praia"	Literatura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	07/01/21
"EME com nova data para entrega"	Prémios	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	08/01/21

dos "Prémios Palmeira"								
"Primeira bailarina negra na Staatsballet Berlim luta contra o racismo no ballet"	Dança	Reportagem	Centrada no indivíduo	Diáspora	Descritivo	-	Expresso das Ilhas - Lusa	09/01/21
"O cheiro dos Velhos, Dramaturgia de Caplan Neves"	Teatro	Crónica	Centrada acontecimento	Cabo Verde	Interpretativo	Nº 997 – 6 janeiro de 2021	Brito Semedo	10/01/21
"Busto de Luís Morais já está pronto"	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas – Inforpress	11/01/21
"Agentes Culturais marcham contra abandono do sector"	Cultura	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas	13/01/21
"Vera Durante publica primeiro livro de contos"	Literatura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	Nº 998 – 13 de janeiro de 2021	Dulcina Mendes	14/01/21
"Governo aprova resolução que cria maior flexibilidade a	Cultura	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas	16/01/21

realização dos eventos culturais"								
"Boa Vista dá último adeus à cantora Celina Pereira"	Óbito	Reportagem	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas – Inforpress	17/01/21
"Prazo de candidatura para 6ª edição do Prémio Literário UCCLA foi prolongado"	Prémios	Notícia	Centrada no acontecimento	Diáspora	Descritivo	-	Dulcina Mendes	21/01/21
"Reabilitação do antigo Campo de Concentração do Tarrafal inaugurada no sábado"	Património	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas - Lusa	21/01/21
"SCM realiza acções de formação em São Vicente"	Música	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	25/01/21
"Manual di Mudjer" de Princezito apresentado na Cidade Velha"	Literatura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	25/01/21
"Élida Almeida apresenta "Gerasonobu" num live no Facebook"	Música	Notícia	Em ambos	Diáspora	Descritivo	-	Dulcina Mendes	27/01/21

"Documentário "Tabanka ka ta kaba" na III Amostra Internacional de Obras Audiovisuais sobre Património Cultural Imaterial"	Património	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde/Diáspora	Descritivo	-	Dulcina Mendes	28/01/21
"Vitalina Varela exibido 'online' em Fevereiro pelo MoMA de Nova Iorque"	Cinema	Notícia	Centrada no acontecimento	Diáspora	Descritivo	-	Expresso das Ilhas - Lusa	28/01/21
"Vitalina Varela" na lista oficial de candidatos a nomeação ao Óscar"	Cinema	Notícia	Centrada no acontecimento	Diáspora	Descritivo	-	Expresso das Ilhas - Lusa	29/01/21
"Não há condições para realização de Carnaval, Abraão Vicente"	Cultura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	29/01/21
"PNP distingue 19 trabalhos publicitários"	Prémios	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Sheila Ribeiro	30/01/21
"Navegar pelas ondas da Morna –	Música	Roteiro	Centrada em acontecimentos	Cabo Verde	Descritivo	Nº 1000 – 27 de	Paulo Lobo Linhares	01/02/21

piano, voz e encanto"						janeiro de 2021		
"João José Lopes dos Santos com livro na gaveta à espera de financiamento"	Literatura	Reportagem	Centrada no indivíduo	Cabo Verde	Interpretativo	Nº 1000 – 27 de janeiro de 2021	Dulcina Mendes	01/02/21
"Kriol Jazz Fest deste ano não se vai realizar"	Música	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	André Amaral	01/02/21
"Covid-19: Ausência de Carnaval em São Vicente "é assustadora"	Cultura	Reportagem	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Interpretativo	-	Expresso das Ilhas – Lusa	01/02/21
"SCM conclui com "sucesso" formações para criar valor nas áreas de indústrias criativas e cultura"	Música	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas – Inforpress	02/02/21
"Muito provavelmente não haverá tolerância de ponto para o	Cultura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas – Inforpress	02/02/21

Carnaval - Primeiro-ministro"								
"Fac-simile de Roteiro do Archipélago de Cabo Verde apresentada na Assomada"	Literatura	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas	02/02/21
"Nos Tempos de Pandemia de José Maria Neves apresentado na Praia"	Literatura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	03/02/21
"Capítulos da Morna, de Carlos Gonçalves, apresentado hoje na Praia"	Literatura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	05/02/21
"A reedição de Mornas eram as Noites é o reconhecimento do percurso notável de Dina Salústio-ministro da Cultura"	Literatura	Reportagem	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas	05/02/21
"Câmara da Praia realiza exposição e espectáculo para	Exposição	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	05/02/21

assinalar o Carnaval"								
"Música : Eutrópio Lima da Cruz recorda compositor Mané Razvedje"	Música	Entrevista	Centrada no indivíduo	Cabo Verde	Descritivo	Nº 1001 – 3 de fevereiro de 21	António Monteiro	07/02/21
"Lolo Arziki faz campanha de crowdfunding para o filme <i>Sakudi</i> "	Cinema	Reportagem	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	Nº 1001 – 3 de fevereiro de 21	Dulcina Mendes	07/02/21
"AME 2021 foi cancelado"	Música	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	08/02/21
"N'Gosi Nelly apresenta <i>Sanpabadiu</i> numa mistura de variantes da língua crioula"	Literatura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas – Inforpress	09/02/21
"Leão de Pina destaca robustez na democracia cabo-verdiana, mas aponta fragilidades na cultura cívica"	Literatura	Reportagem	Centrada no indivíduo	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas – Inforpress	09/02/21
"Festival Correntes D'Escritas em versão reduzida 'online' homenageia Luís Sepúlveda"	Festival	Notícia	Em ambos	Diáspora	Interpretativo	-	Expresso das Ilhas – Lusa	11/02/21

"Carnaval: Câmara da Praia cancela espetáculo performativo"	Cultura	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	12/02/21
"Palácio da Cultura Ildo Lobo com exposição <i>Mundo di Sonhus</i> "	Artes plásticas	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	12/02/21
"Khyra Tavares lança primeiro single intitulado <i>Fra Brok</i> "	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas – Inforpress	12/02/21
"Jotacê – contando a música..."	Música	Crónica	Centrada no indivíduo	Cabo Verde	Interpretativo	-	Paulo Lobo Linhares	15/02/21
"[Re]cortes no Tempo : De Guadalupe a Cabo Verde via Paris"	História	Crónica	-	Cabo Verde/Diáspora	Interpretativo	Nº 1002 de 10 de fevereiro de 2021	Adriana carvalho	15/02/21
"Câmara da Praia com exposição <i>Memória do Carnaval</i> "	Artes plásticas	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas – Inforpress	15/02/21
"Peça de teatro <i>Segundo Sacrificio</i> estreia na Praia"	Teatro	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	15/02/21
"80 Escolas seleccionadas para Bolsa de Acesso à Cultura"	Cultura	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	16/02/21

"Livro <i>O Rapto da Primeira-Dama</i> apresentado na cidade da Praia	Literatura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	16/02/21
"Tradição e futuro: Frank, <i>mascrinha</i> e um tempo onde ...era <i>un vez un tokatina</i> ..."	Música	Crónica	-	Cabo Verde	Interpretativo	-	Paulo Lobo Linhares	17/02/21
"128 <i>Projectos</i> contemplados no edital <i>Medida Adicional de Apoio à Criação Artística</i> "	Cultura	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	17/02/21
"Os Tubarões celebram 52 anos de existência"	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	19/02/21
"Abraão Vicente defende a necessidade de dar outro passo para oficialização da Língua Cabo-verdiana"	Património	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	19/02/21

"Encarar o Carnaval como um investimento"	Cultura	Entrevista	Centrada no indivíduo	Cabo Verde	Descritivo	-	Nuno Andrade Ferreira	21/02/21
"Capítulos da Morna é o meu contributo para o Plano de Salvaguarda"	Literatura	Entrevista	Centrada no indivíduo	Cabo Verde	Descritivo	Nº 1003 de 17 de fevereiro de 2021	António Monteiro	21/02/21
"Santa Cruz terá Centro Cultural <i>Séma Lopi</i> "	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	22/02/21
"Fogo recebe filme <i>Meu Amigo Fela</i> do brasileiro Joel Zito"	Cinema	Notícia	Em ambos	Cabo Verde/diáspora	Descritivo	-	Dulcina Mendes	22/02/21
"SOCA disponibiliza 500 contos para apoiar 30 artistas"	Cultura	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas – Inforpress	22/02/21
"Coreógrafa Clara Andermatt cria espetáculo de homenagem a Orlando Pantera"	Dança	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde/Diáspora	Descritivo	Nº 1004 de 24 de fevereiro de 2021	Expresso das Ilhas – Infopress	23/02/21
"Editora/Livraria Pedro Cardoso apresenta <i>A Cor do Papel Verde</i> "	Literatura	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	24/02/21

"SCM regozija-se com a abertura dos serviços da Spotify em Cabo Verde"	Música	Notícia	Centrada no indivíduo/associação	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas – Inforpress	25/02/21
"12ª Edição do FESTIn com inscrições abertas até 31 de Março"	Cinema	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	25/02/21
"Museu Virtual da Música Cabo-verdiana poderá tornar-se um projecto de referência"	Música	Entrevista	Em ambos	Cabo Verde/diáspora	Descritivo	Nº 1004 de 24 de fevereiro de 2021	António Monteiro	27/02/21
"Khyra - pés em Cabo Verde, misturas e fusões em formato liberdade"	Música	Crónica	Centrada no indivíduo	Cabo Verde	Interpretativo	-	Paulo Lobo Linhares	28/02/21
"Orlando Pantera será homenageado com pintura mural na cidade da Praia"	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	01/03/21
"Câmara da Praia lança edital de apoio a artes e espectáculos no município"	Concurso	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	02/03/21

"Projecto Abrasu Muzikal vai homenagear Bitori Nha Bibinha"	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	04/03/21
"Documentário Os Herdeiros do Bairro conquista prémios internacionais"	Cinema	Notícia	Centrada no acontecimento	Diáspora	Descritivo	-	Dulcina Mendes	04/03/21
"Museus perderam quase 90% dos visitantes em 2020 devido à pandemia"	Património	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	04/03/21
"Cidade da Praia recebe festival Terra Sagrada"	Festival	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde/Diáspora	Descritivo	-	Dulcina Mendes	05/03/21
"Gravações inéditas de B. Léza vão ser editadas em livro-disco"	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	Nº 1005 de 3 de março de 2021	António Monteiro	06/03/21
"Mulheres triunfam na gala dos Prémios Goya de cinema"	Cinema	Notícia	Centrada no acontecimento	Diáspora	Descritivo	-	Expresso das Ilhas – Lusa	08/03/21
"São Vicente: Avenida Marginal foi lugar escolhido para acolher Busto de Manuel d'Novas"	Música	Notícia	Centrada no acontecimento/local	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas – Inforpress	09/03/21

"Manual di Mudjer, de Princezito apresentado em Assomada"	Literatura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	09/03/21
"Nomes de 100 figuras da arte e cultura nacionais inscritos em passeio no Mindelo"	Cultura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas – Lusa	10/03/21
"Liberdade Sempre apresentado em Mindelo"	Literatura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas	11/03/21
"Alveno Figueiredo lança este ano quatro dos 15 livros em carteira"	Literatura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas - Inforpress	12/03/21
"Sandra Horta quer promover Cabo Verde através da música"	Música	Reportagem	Em ambos	Cabo Verde/Diáspora	Interpretativo	Nº 1006 de 10 de março de 2021	Dulcina Mendes	13/03/21
"Nasce La Villa Studio em São Vicente"	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	12/03/21
"Kriol Jazz Festival no CULTURAS360"	Música	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	12/03/21
"2ª Edição da Feira Criativa com 20 expositores"	Exposição	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	15/03/21
"Jorge Gorila lança Sonho Realizad"	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde/Diáspora	Descritivo	-	Dulcina Mendes	16/03/21

"Esta proposta de lei formaliza dá maior robustez ao Quadro Jurídico dos Museus, Abraão Vicente"	Património	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	16/03/21
"Prémio Oceanos abre inscrições para 2021 e mapeia literatura em português"	Prémios	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde/Diáspora	Descritivo	-	Expresso das Ilhas – Inforpress	17/03/21
"Filme Sodade começa hoje a ser rodado em São Filipe"	Cinema	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas - Inforpress	17/03/21
"Palácio da Cultura Ildo Lobo recebe concerto do guitarrista Rafael Serrallet"	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde/Diáspora	Descritivo	-	Dulcina Mendes	17/03/21
"Danae Estrela com novo álbum Num tempo ki ka tem tempo"	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde/Diáspora	Descritivo	-	Dulcina Mendes	18/03/21
"SCM acaba de abrir serviços na Câmara Municipal de Santa Cruz"	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	18/03/21

"A Democracia Nacional Revolucionária, de José Tomaz Veiga	Literatura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Interpretativo	Nº 1007 de 17 de março de 2021	António Monteiro	20/03/21
"Março, Mês do Teatro"	Teatro	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	Nº 1007 de 17 de março de 2021	Dulcina Mendes	21/03/21
"Março, Mês da Mulher, da Árvore & Poesia"	Poesia	Crónica	Em ambos	Cabo Verde	Interpretativo	Nº 1007 de 17 de março de 2021	Brito Semedo	21/03/21
"Mindelact atribui prémio "Mérito Teatral" a Daniel Monteiro"	Teatro	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Inforpress	21/03/21
"Mário Lúcio homenageado na 13ª edição do FESTLIP"	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde/Diáspora	Descritivo	-	Dulcina Mendes	22/03/21
"SCM realiza formação para autores e artistas na cidade da Praia"	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	22/03/21
" <u>Mudjer di nha Terra: rostu & luta</u> em exposição na Praia"	Artes plásticas	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	22/03/21

"Cabo Verde cria organismo para promover-se como destino internacional para filmes"	Cinema	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde/Diáspora	Descritivo	-	Expresso das Ilhas, Lusa	23/03/21
" <u>Os Dias de Birgitt</u> estreia em Abril na cidade da Praia"	Teatro	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	23/03/21
"Plácido Vaz lança <u>Tudo Irmon</u> "	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde/Diáspora	Descritivo	-	Dulcina Mendes	25/03/21
"Chã das Caldeiras e Preguiça e os caminhos do futuro"	Exposição	Entrevista	Em ambos	Cabo Verde	Interpretativo	-	Jorge Montezinho	25/03/21
" <u>Alveno Figueiredo</u> lança livro sobre <u>Katcház</u> "	Literatura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes/Ailson Martins	25/03/21
"31 de Julho instituído como dia nacional do Batuco"	Música	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas, Lusa	25/03/21
"Grito Rock Praia 2021 cancelado"	Música	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	26/03/21
"Os Amantes' em cena no Mindelo"	Teatro	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Expresso das Ilhas	27/03/21
"UE e Países ACP lançam apoio para <u>projectos de co-produção audiovisual</u> "	Cinema	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde/Diáspora	Descritivo	-	Expresso das Ilhas, Lusa	29/03/21

"Obras de Tchale Figueira na Feira de Arte Contemporânea Art Dubai 2021"	Artes plásticas	Notícia	Em ambos	Cabo Verde/Diáspora	Descritivo	-	Expresso das Ilhas, Lusa	30/03/21
"SCM congratula-se com a consagração do Dia Nacional do Batuco"	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	31/03/21
"ACACV entrega prémios aos vencedores do concurso <i>Nossos símbolos, educação pela cidadania</i> "	Prémios	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Descritivo	-	Dulcina Mendes	31/03/21

Análise secção de Cultura – Jornal Expresso Impresso

PUBLICAÇÕES	TEMA	GÉNERO JORNALÍSTICO	CENTRADA EM INDIVÍDUOS OU ACONTECIMENTO	LOCAL	ESTILO DE DISCURSO	IMPRESSO	Autores
"O cheiro dos Velhos, Dramaturgia de Caplan Neves"	Teatro	Crónica	Centrada Acontecimento	Cabo Verde	Interpretativo	Nº 997 – 6 janeiro de 2021	Brito Semedo
"Celina Pereira, a guardiã das nossas tradições orais"	Música	Crónica	Centrada no indivíduo	Cabo Verde	Interpretativo	Nº 997 – 6 janeiro de 2021	César Monteiro
"Vera Durante publica primeiro livro de contos"	Literatura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	Nº 998 – 13 de janeiro de 2021	Dulcina Mendes
"Valem mais para Cabo Verde cem emigrantes da América que dez doutores"	História	Crónica	Centrada no indivíduo	Diáspora	Interpretativo	Nº 998 – 13 de janeiro de 2021	Adriana Carvalho
"Manuel D'Novas – Coração de Poeta"	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	Nº 999 – 20 de janeiro de 2021	Dulcina Mendes

“Falar de Amor sem truques”	Literatura	Crónica	Centrada no indivíduo	Cabo Verde	Opinativo	Nº 999 – 20 de janeiro de 2021	Dina Salústio
“Expresso das Ilhas na promoção da cultura, do livro e da leitura”	Cultura	Editorial	-	Cabo Verde	Descritivo	Nº 1000 – 27 de janeiro de 2021	-
“João José Lopes dos Santos com livro na gaveta à espera de financiamento”	Literatura	Reportagem	Centrada no indivíduo	Cabo Verde	Interpretativo	Nº 1000 – 27 de janeiro de 2021	-
“Navegar pelas ondas da Morna – piano, voz e encanto”	Música	Roteiro	-	Cabo Verde	Descritivo	Nº 1000 – 27 de janeiro de 2021	Paulo Lobo Linhares
“Música : Eutrópio Lima da Cruz recorda compositor Mané Razuedje”	Música	Entrevista	Centrada no indivíduo	Cabo Verde	Descritivo	Nº 1001 – 3 de fevereiro de 21	António Monteiro
“[Re]cortes no Tempo : De Guadalupe a Cabo Verde via Paris”	História	Crónica	-	Cabo Verde/Diáspora	Interpretativo	Nº 1002 de 10 de fevereiro de 2021	Adriana carvalho

“Capítulos da Morna é o meu contributo para o Plano de Salvaguarda”	Literatura	Entrevista	Centrada no indivíduo	Cabo Verde	Descritivo	Nº 1003 de 17 de fevereiro de 2021	António Monteiro
“Gravações inéditas de B. Léza vão ser editadas em livro-disco”	Música	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	Nº 1005 de 3 de março de 2021	António Monteiro
“De tanga, porquê? – a imagética colonial	História	Crónica	Centrada em acontecimentos	Cabo/Verde Diáspora	Interpretativo	Nº 1005 de 3 de março de 2021	Adriana Carvalho
“Sandra Horta quer promover Cabo Verde através da música”	Música	Reportagem	Em ambos	Cabo Verde – Diáspora	Interpretativo	Nº 1006 de 10 de março de 2021	Dulcina Mendes
“Um domingo silencioso”	-	Crónica	-	-	Interpretativo	Nº 1006 de 10 de março de 2021	Dina Salústio
“A Democracia Nacional Revolucionária, de José Tomaz Veiga	Literatura	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Interpretativo	Nº 1007 de 17 de março de 2021	António Monteiro
“Março, Mês do Teatro”	Teatro	Notícia	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	Nº 1007 de 17 de março de 2021	Dulcina Mendes

"Março, Mês da Mulher, da Árvore & Poesia"	Poesia	Crónica	Em ambos	Cabo Verde	Interpretativo	Nº 1007 de 17 de março de 2021	Brito Semedo
" <i>Kriol Jazz Festival</i> na edição do Culturas360"	Festival	Notícia	Centrada no acontecimento	Cabo Verde/Diáspora	Descritivo	Nº 1008 de 24 de março de 2021	Dulcina Mendes
"Março Solidário"	-	Crónica	Centrada no acontecimento	Cabo Verde	Interpretativo	Nº 1008 de 24 de março de 2021	Dina Salústio
"Gualberto do Rosário – Mestre no manejo das técnicas do romance"	Literatura	Crónica	Centrada no indivíduo	Cabo Verde	Interpretativo	Nº 1008 de 24 de março de 2021	Júlio Lopes
"Dina Salústio aos 80 anos – O charme Discreto da Poeta e Prosadora"	Literatura	Notícia	Centrada no indivíduo	Cabo Verde	Descritivo	Nº 1009 31 de março de 2021	-
"Tó Tavares recorda Orlando Pantera no vigésimo aniversário da morte do músico"	Música	Entrevista	Em ambos	Cabo Verde	Descritivo	Nº 1009 31 de março de 2021	António Monteiro

Apêndice 2: Texto dia das comunidades

Dia da Cultura e das Comunidades

O dia 18 de outubro, Dia Nacional da Cultura e das Comunidades apesar situação pandémica não passou em branco em Cabo Verde. Ficou marcado por diversas atividades realizadas sobre a tutela do Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas e inda por manifestações silenciosas realizados por profissionais na área da cultura um pouco pelo país. Como sabemos o setor da cultura foi um dos mais afetados pela pandemia, o que levou ao encerramento de espaços culturas e consequentemente deixou muitos artistas sem trabalharem.

Em Cabo Verde, o setor da Cultura começou a arrancar no dia 1 de outubro, com a realização de pequenas atividades e pequenos eventos, evidentemente cumprindo todas as normas de segurança sanitárias.

Deste modo no dia da Cultura e das Comunidades foram realizadas diversas atividades que serviram de impulso para a abertura sequencial do setor da cultura. Assim foram realizadas algumas atividades.

Apêndice 3: Texto Homenagem Orlando Pantera

Homenagem a Orlando Pantera

No dia 1 de novembro, dia em que o artista cabo-verdiano completaria 53 anos de idade, a filha Darlene Barreto organizou uma singela homenagem no Hotel Trópico.

Orlando Pantera foi um músico, cantor e compositor, que no auge da sua carreira acabou por falecer. Era conhecido principalmente por estar envolvido no Batuque e pelas suas grandes composições. Compôs musicais para artistas como Ildo Lobo (“Tunuka”), Os tubarões (“Porton di nós ilha”).

Antes de falecer o artista preparava o primeiro CD, que não conseguiu gravar. Contudo o seu legado foi perpetuado, pois muitos artistas, tal como Lura, Mayra Andrade, Tcheka, Princezito, entre outros não deixaram as músicas do Pantera morrer. Estes artistas fazem parte do chamado “Geração Pantera”, que tanto em Cabo Verde como no estrangeiro têm levado os diversos temas do compositor.

Uma das suas músicas muito conhecida pelo mundo fora é o “Na Ri Na”, cantando por Lura e que muitos pensam que a composição é da cantora.

Para além desses artistas quem quer perpetuar o legado pai, é Darlene Barreto. Darlene tinha 6 anos quando o pai faleceu e como a própria refere ela vive as histórias que lhe contam acerca do mesmo. A filha tem neste momento uma página na internet – [Orlando Pantera](#)- onde faz a divulgação da fundação Orlando Pantera.

No Dia 3 de novembro Darlene apresentou ao Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas “o projeto da criação da Fundação Orlando Pantera. Projeto este que tem como objetivo: - Recolher, proteger e divulgar o património musical de @orlandopantera - Preservar, divulgar e promover o património cultural de Cabo Verde.

Ainda no encontro teve a oportunidade de entregar ao Ministro Abraão Vicente algumas peças que está a desenvolver da marca juntamente com o artista plástico Helder Cardoso” (Instagram [Orlando Pantera](#)).

Relativamente à homenagem que ocorre no dia 1 de novembro, esta contou com a presença de alguns artistas como Hilário Sila, Alberto, Bob Mascarenhas, Djodje (guitarrista) que tiveram a oportunidade de apresentar temas escritos por Pantera. Ainda a filha cantou alguns temas, que deixaram familiares e amigos emocionados.



Figura 11: Homenagem Orlando Pantera (Praia, Cabo Verde 2020)



Figura 12: Homenagem Orlando Pantera (Praia, Cabo Verde 2020)

Apêndice 4: Exposição Figuras da Morna

Exposição “Figuras di Morna na Karbon”

Num espaço dedicado à *Morna* o artista Isaiáz Graça fez uma singela homenagem aos artistas revelantes para a história da *Morna*. A exposição foi exibida no Palácio da Cultura Ilido Lobo e esteve aberta ao público do dia 18 de setembro a dia 31 de outubro.

A exposição contou com 23 quadros com figuras ligadas à Morna todas pintadas em carvão. O artista representou artistas como Cesária Évora, Ilido Lobo, Bana, B.Leza, Tito Paris, Paulino Vieira, entre outras figuras.

Apresento algumas imagens da exposição:



Figura 13: Exposição Figuras da Morna (Palácio da Cultura 2020)



Figura 14: Exposição "Figuras da Morna" (Palácio da Cultura 2020)



Figura 15: Exposição "Figuras da Morna" (Palácio da Cultura 2020)

Apêndice 5: Texto sobre raiz de polón

29 anos de existência do grupo de dança raiz di polón

O grupo de dança *Raiz Di Polon*, é se calhar é um dos grupos de dança cabo-verdianos com o percurso mais longo na história da dança no país. Comemorou no ano de 2020, 29 anos de existência, com atividades realizadas no Palácio da Cultura Ildo Lobo.

Para além da dança o grupo apresenta características muito próprias, com uma mistura representações teatrais, através de incorporação de textos, personagens, sons, luzes, músicas, uma performance digna dos seus 29 anos de experiência.

Relativamente aos temas das representações o grupo recorre a acontecimentos intrínsecos da sociedade cabo-verdiana, expressando-se através de movimentos corporais, dos cânticos e da expressão musical.

O grupo tem vindo a fazer apresentações tanto a nível nacional como internacional, levando a cultura cabo-verdiano para diferentes cantos do mundo. O que possibilitou este ano (2020), a atribuição de 4 bolsas de mobilidade artística da Fundação Calouste Gulbenkian para a quatro bailarinos campanha de dança cabo-verdiana.

No que diz respeito ao aniversário de *Raiz di Polon*, no dia 24 de novembro o grupo apresentou um espetáculo no Palácio da Cultura Ildo Lobo, na Praia, constituído por uma performance de Djamilson Barreto, seguido da peça a solo “Kodé di Dona”, de Mano Preto, e do dueto “Duas Sem Três”, de Elisabete Fernandes e Rosy Timas.



Figura 16: Aniversário raiz di polón, Palácio da Cultura 2020



Figura 17: Aniversário raiz di polón, Palácio da Cultura 2020

Apêndice 6: Exposição “Mundi di Sonhus”

Artista plástica Simone Spencer faz primeira exposição a solo “Mundi di Sonhus”

A artista plástica Simone Spencer, nome artístico “Mone” fez a sua primeira a *solo* no Palácio da Cultura, Ildo Lobo, Cidade da Praia, Cabo Verde.

A exposição denominada de “Mundi di Sonhus” teve lugar do dia 18 de fevereiro a 4 de março deste ano.

A artista cabo-verde refere que "esta exposição retrata de forma abstracta, problemas sociais e reais com a lente crítica da artista interdisciplinar cabo-verdiana que é, e que sonha de olhos fechados e abertos. Com as suas obras, a artista começa narrativas, deixadas abertas para a interpretação de quem também sonha" (expresso das ilhas, 12 de fevereiro de 2021)

Desde muito cedo “Mone” despertou o interesse pelas artes plásticas e segundo uma entrevista no âmbito desta tese, revela que em Cabo Verde existem grandes constrangimentos para a classe artística, principalmente quando se trata de mulheres no mundo das artes. Ainda acrescenta que é um desafio viver exclusivamente da arte no país, pois precisam ser adotadas medidas, para que os artistas tenham as bases adequadas para profissionalização deste ofício.

As fotos da exposição:



Figura 18: Exposição "Mundi di Sonhus" Palácio da Cultura 2020



Figura 19: Exposição "Mundi di Sunhos" Palácio da Cultura 2020

Apêndice 7: Orlando Pantera atividades 20 anos

Atividades 20 anos da morte do artista Orlando Pantera “Semana Orlando Pantera”

Enquadrado no âmbito das atividades realizadas para ocasião dos 20 anos da morte do artista Orlando Pantera, a filha do artista Darlene Barreto realizou a que denominou de “Semana Orlando Pantera”, entre as quais envolveu uma conversa aberta com o artista Princezito, que era muito próximo de Orlando Pantera.

A conserva aberta foi realizada no Palácio da Cultura Ildo Lobo e o prato principal foi a contribuição de Orlando Pantera no Batuque.

Princezito releva que existi uma falta de documento em torno deste género musical cabo-verdiano e tudo o que diz sobre o batuque é algo que sente. Falou sobre os diferentes momentos do batuque, de como pode ser utilizado as mãos, os pés, a boca para compor este ritmo, ou seja, a que seja matriz, o ritmo do Batuque. Ainda este em conserva os subtemas como:

- O finaçon (género musical praticado pelo artista), considera que o finaçon é a poesia popular de Cabo Verde utilizados pelos pensantes cabo-verdianos, que são as cantadeiras do finaçon;
- Papel do batuque na luta colonial, de como o levantar das mãos no ato do batuque mostra sinal de liberdade;
- O projeto “Fina-Rap” que pretende juntar o finaçon e o rap crioulo, de forma a integrar os jovens nesta modalidade da música cabo-verdiana, que é o finaçon;
- A Introdução do batuque para as rádios de Cabo Verde;
- O número de grupos de batuque cerca de 200, espalhadas pelo arquipélago;
- A contribuição que o artista Orlando Pantera teve para levantar o batuque, até que atualmente podemos lembrar-nos da frase “Batuku sta na moda” de Orlando Pantera.



Figura 20: Orlando Pantera aniversário 20 anos



Figura 21: Orlando Pantera aniversário 20 anos

Apêndice 8: Artigos sobre Cabo Verde

Este apêndice é constituído por artigos feitos pela investigadora desta tese, que ocasionalmente escreve sobre a cultura cabo-verdiana para o site Cultural Brasileiro Vivente andante.

Link : <https://viventeandante.com/almakriola-a-moda-africana-aparece-pela-cidade-invicta/>



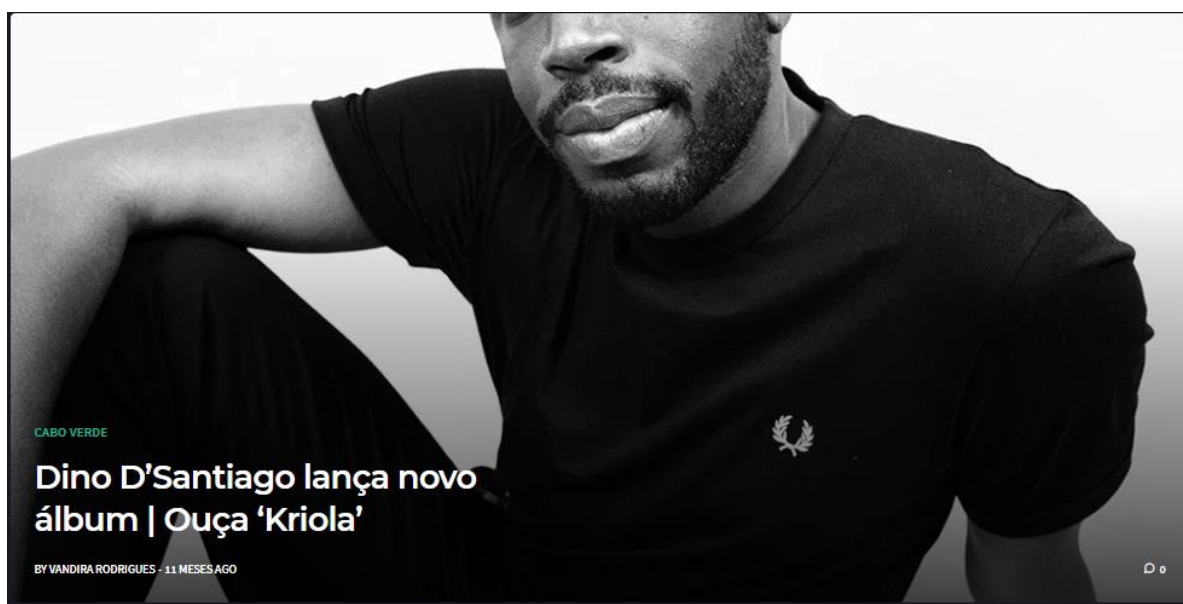
Link: <https://viventeandante.com/musica-de-cabo-verde-morna-simbolo-nacional/>



Link: <https://viventeandante.com/5-albuns-de-musica-de-artistas-cabo-verdianas/>



Link: <https://viventeandante.com/dino-santiago-lanca-kriola-novo-album/>



Link: <https://viventeandante.com/morna-o-ritmo-de-cabo-verde-elevado-pela-unesco-saiba-mais/>



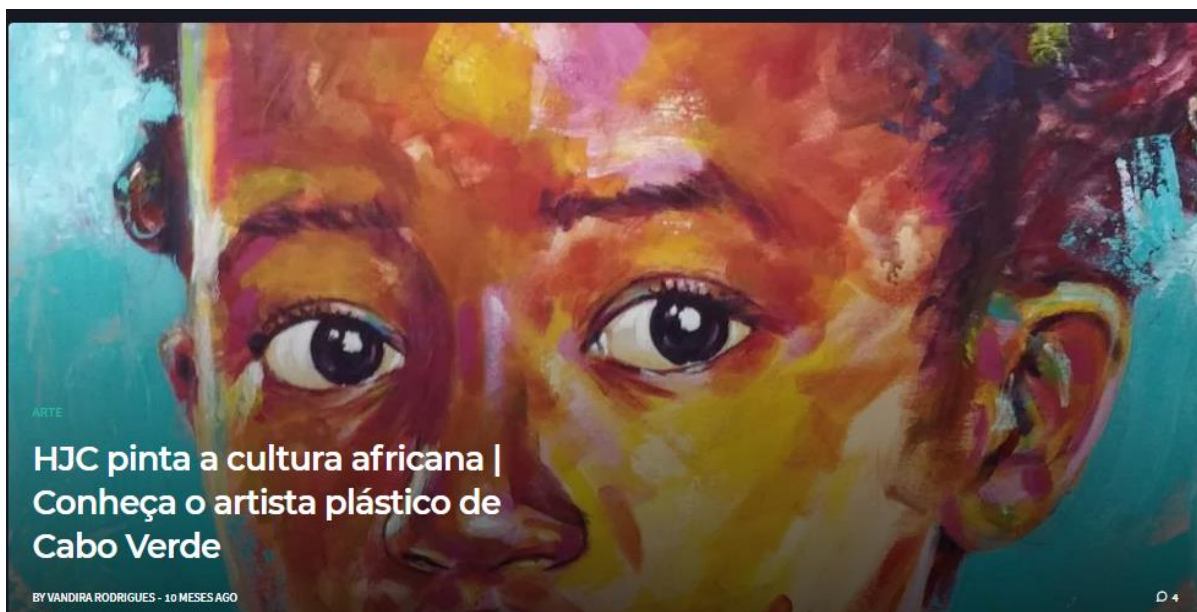
Link: <https://viventeandante.com/kintalona-live-festival-traz-artistas-de-cabo-verde-nas-redes-sociais/>



Link: <https://viventeandante.com/conheca-cachupa-prato-tipico-de-cabo-verde/>



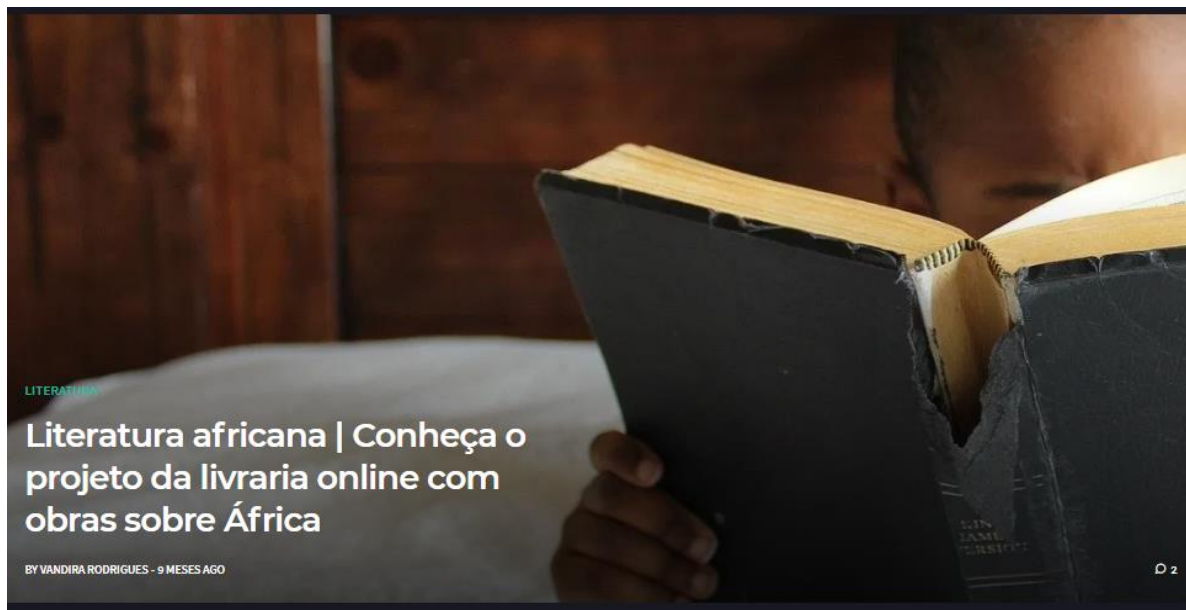
Link : <https://viventeadante.com/hjc-e-helder-cardoso-conheca-o-artista-plastico-de-cabo-verde/>



Link: <https://viventeadante.com/literatura-africana-conheca-germano-almeida-romancista-e-premio-camoes/>



Link: <https://viventeandante.com/tchatuvelah-encontre-livros-da-africa-e-literatura-africana/>



Link: <https://viventeandante.com/45-anos-da-independencia-de-cabo-verde/>



Link: <https://viventeadante.com/podcast-o-porto-nas-vozes-da-lusofonia-por-vandira-rodrigues-u-porto/>



Link: <https://viventeadante.com/konexon-arte-de-cabo-verde-tutu-sousa-helder-cardoso-hjc-sidney-cerqueira/>



Link: <https://viventeadante.com/idioma-crioulo-de-cabo-verde/>



Aprendizaji di lingua kabuverdianu i Padronizason di Skrita

CABO VERDE

Aprenda mais sobre o idioma
Crioulo | Aprendizaji di lingua
kabuverdianu i padronizason di
skrita

BY VANDIRA RODRIGUES - 1 SEMANA AGO

Auto

Do

Apêndice 9: Entrevistas

ENTREVISTA DRA ADELAIDE MONTEIRO – CURADORA DA BIBLIOTECA NACIONAL DE CABO VERDE- 11/01/21

O Programa “Lê Y escreve na kabuverdianu” (ler e escrever em crioulo), onde posso encontrá-lo?

O Livro “Auto da língua cabo-verdiana – algum traço estrutural” é na sequência do vídeo “Lê Y escreve na kabuverdianu”. E qual é o texto deste vídeo?

Ligado ao meu trabalho no IPC na questão da valorização da língua cabo-verdiana, uma das responsabilidades que tive foi precisamente a avaliação do ALUPEC. O ALUPEC foi aprovado como alfabeto experimental em 1998 e o tempo de avaliação estava proposto para um período de 5 anos, o que acabou por não acontecer.

Quando fui para o IPC em 2008 uma das tarefas que recebi por parte do ministro, Dr Veiga, foi fazer uma avaliação do uso do ALUPEC. Deste modo organizei e dirigi uma mesa-redonda constituída por doze pessoas mais ou menos, se não estou em erro. Enviamos inquéritos para várias pessoas, mas a verdade é que recebemos respostas apenas de pessoas que tinham usado o ALUPEC, porque muitos dizem “ah eu não gosto do ALUPEC”, mas nunca tinham experimentado escrever uma linha ou sequer um paragrafo utilizando o ALUPEC, nesse caso essas pessoas não podem fazer parte da avaliação. Assim trabalhamos com professores, que na “merca” (Estados Unidos) ensinavam o crioulo com base no ALUPEC, que em Portugal faziam o mesmo, poetas e escritores que utilizavam o ALUPEC. O objetivo desta avaliação era comunicar ao Ministério da Cultura se a proposta de escrita do ALUPEC servia ou não. Portanto quando fizemos a avaliação e foi positiva, foram feitas algumas observações e foi recomendada a oficialização deste alfabeto.

Depois disso o passo seguia seria a divulgação do alfabeto oficial e então foi com base na divulgação que gravei o vídeo. Atualmente o vídeo pode parecer antiquado e tal, mas eram os meios que tínhamos disponíveis. Na altura houve muitos feedbacks positivos e muitos pensam que foi um trabalho só meu, mas foi desenvolvido em conjunto com o

IPC. Tecnicamente foi concebida por mim, mas com o patrocínio do IPC/ Ministério da Cultura. O objetivo do vídeo seria levar as pessoas a conhecerem o alfabeto oficial.

A seguir ao vídeo, o objetivo seria lecionar pequenas aulas de como aplicar o ALUPEC e foi o tentei fazer no livro “Auto da língua cabo-verdiana – alguns traços estruturais”. E o livro terá uma continuação, pois são tantos aspetos referentes ao crioulo que para a sua divulgação tem de ser em pequenas brochuras. Com por exemplo o sistema de acentuação é extremamente complexo, ou seja, é simples, mas é preciso explicá-lo através de vários passos e para uma língua como o crioulo, mesmo que muitos digam que não é uma língua, é preciso apresentar certas técnicas para conseguir explicá-lo. Como por exemplo posso dizer alguém que a língua francesa alterou o sistema de acentuação, se calhar é muito fácil ela perceber e aceitar à primeira, mas no caso do crioulo muitos dizem que não existe um sistema de acentuação. E assim a minha opção seria fazer toda a divulgação do crioulo a nível de estrutura com pequenas aulas.

Existem um link do vídeo disponível na internet.

Relativamente ao crioulo como Património Cultural Imaterial nacional, como sabemos existiram vários autores que trabalharam a questão do crioulo, com Manuel Veiga, entre outros, mas gostaria de saber como foi o processo para essa classificação. Sei que a Dra. Adelaide esteve envolvida nesse trabalho, por isso gostaria que falasse um pouco sobre o mesmo.

Então, como ocorreu esta classificação? A UNESCO apresenta vários passos para a classificação de um determinado bem, mas no caso do crioulo o que tínhamos? Tínhamos documentos, vários documentos oficiais e particulares que mostravam que o crioulo, como dizem em Cabo Verde, “um tradiçon di terra”, ou seja, o património oral na língua vulgar é “um tradiçon di terra”. O cabo-verde que vive aqui ou fora quando fala da identidade, fazem imediatamente referência à língua. Existem inúmeras composições expressas em crioulo, através da literatura, como poemas, histórias e também textos teóricos resultantes do conhecimento dos autores na altura, pois muitos eram professores e alguns já chamavam a atenção para a defesa do linguajar que estava a surgir.

E para esta classificação o que fizemos? Foi indicar os vários textos e explicar que o crioulo é uma língua de cabo-verdiana que funciona como tal.

E a ideia de classificar o crioulo implicava outra coisa, o plano de salvaguarda. O plano de salvaguarda é até mais importante de que a própria classificação, contudo não podia acontecer sem a classificação. Mesmo que não haja a salvaguarda do crioulo, ele não se “perde” como muitos dizem, não tenho dúvidas tenho dúvidas disso, mas uma coisa é não “perder”, é deturpar, desviar. Pois existem muitas expressões atualmente comparadas com o que eram antes, não tem nada a ver. No caso do crioulo, concretamente o crioulo não se “perde” por uma razão muito simples, a vida de uma língua está na juventude e Cabo Verde, como sabemos, a maior parte da população é jovem. Mas como a transmissão do crioulo é apenas a nível oral acontece que vai sofrendo alterações, isso podemos ver por exemplo em crianças que crescem com os avós e crianças que crescem com irmãos, no meio com mais irmãos, a linguagem é totalmente diferente. Numa família com oito irmãos ou nove a linguagem do calcula ou do primogénito já existe alguma distância, por existem expressões que já desapareceram, que já não se usam. Vamos perdendo toda essa oralidade. E quando perdemos palavras na língua... como por exemplo já não se utiliza tanto o “pilon” e a palavra “pilon” pode não estar em uso, mas continua a fazer parte do léxico da língua. Porque se temos um museu, existe um “pilon” no museu, logo a vida está presente. Mas se basearmos apenas na oralidade... e uma das coisas que defendi quando estava a decorrer o processo de classificação que foi que a classificação serve precisamente para defender e conservar a língua, porque senão ela vai-se perdendo.

Foi há pouco tempo que descobri o significa entre duas palavras que ainda me faz confusão, acho que é “saraia” e a outra já não me lembro, mas eu pensava que o significado era o mesmo. Só há pouco tempo, ao fazer uma revisão do livro “Flagelados do vento leste” que descobri que a diferença. Contudo é uma diferença muito subtil, mas que já me foi dito que eram sinónimos. Na praia a palavra tem um significado, no Fogo outro significado. E eu descobri isso quando li um livro sobre S. Antão em que o autor explica a diferença. Portanto isto é uma riqueza que interessa apenas estão estás por dentro da língua, porque eu como linguista preciso saber essas diferenças. A língua

funciona um pouco por paradigmas, por exemplo se todo o “v” é “b” quando encontras um “v” que é “f” achas estranho, até perguntas porquê que é “f”. Tentas procurar caminho, mas não encontras uma ligação.

Assim a classificação da língua permite apresentar um projeto de modo a fazer um estudo sobre o crioulo, por exemplo, porque apresenta um quadro legal, é algo de valor. Muitos são da opinião de que a língua não deve ser classificada e existem línguas que não são, mas no caso do crioulo classificamos porquê? Como temos duas línguas e existem determinadas coisas que só acontecem em crioulo. E se deixarmos o crioulo sem essa classificação, vai perdendo os seus traços estruturais e consequentemente as histórias, as adivinhas em crioulo não vão tendo o mesmo efeito. Porque os veículos... vou dar um exemplo muito prático, é como se andasse num carro que vai perdendo às peças aos poucos, pode te levar até ao destino final, mas quando chegar, chega sem peças, pois ir no carro sem peças para o Tarrafal é diferente de ir num carro com peças para o Tarrafal.

Sou a favor da classificação do crioulo nesse sentido, pois permite-nos preservar, conhecer e estudar outras tradições orais. Existem vários campos dentro das tradições orais, mas qual é o veículo? É o crioulo, as tradições orais de Cabo Verde são passadas através do crioulo. Então o crioulo obrigatoriamente teria de ser o primeiro a ser cuidado.

O nosso trabalho foi no sentido de mostrar a presença do crioulo na vida do cabo-verdiano. Mostramos isso através de textos, estudos académicos que mostram que não estamos perante um simples dialeto português, não é um dialeto, mas uma língua com uma estrutura própria e uma enorme quantidade de gravações de cabo-verdianos residentes no país e fora a darem o seu parecer em relação à língua. Se existe alguns conflitos entre os cabo-verdianos não é em relação ao sentimento que têm pelo crioulo, mas sim na forma como ela é valorizada. E isso é uma outra discussão. Mas todos os cabo-verdianos gostam e defendem o crioulo. É um património já, a classificação apenas reconheceu. É diferente estar reconhecido no papel do que oralmente. Porque se for só oralmente não conseguir ir avante com nenhum projeto e ainda existe a questão da oficialização.

A partir do momento que existe um estatuto de património, pode-se conseguir muitas coisas, como por exemplo abrir um centro de estudos sobre o crioulo. Não me lembro exatamente de todos os pontos de salvaguarda porque coincidiu com o momento em que vim exercer o cargo de curadora na biblioteca. Contudo trabalhei imenso no projeto, depois fomos apresentá-lo, mostrando a suas valias na área do ensino, do património. E o crioulo apresenta uma força enquanto língua materna no seio das crianças com necessidades educativas especiais e a língua que temos de usar com eles é o crioulo, pois o só começam a aprender o português na escola. Imagina uma criança que já apresenta as suas limitações, ainda não foi à escola, não podemos colocá-lo ainda mais uma dificuldade.

Enquanto o crioulo não estiver no ensino, ele precisa de proteção. Esse foi um dos motivos pelo qual fui a favor do plano de salvaguardar, pois uma das formas de preservar um bem é através do ensino. Por exemplo tens um excelente contador de histórias, mas ele é analfabeto, contudo pode ensinar muita coisas, assim é preciso valorizá-lo. E sabemos que este contador de histórias vai chegar um dia em que não vai poder contar mais essa história, mas vamos perder o conteúdo da história? Não, é preciso registá-lo e para ser registado é preciso ter um código comum. Se eu registar à minha maneira, não vais servir de nada e daqui a vinte anos alguém não vai perceber.

No crioulo ainda existe a questão das variantes...

É uma questão importante, mas com alguma boa vontade acaba por ficar bem semeada. No meu ponto de vista é que todas as línguas têm variedades, como temos o português e as variedades do português, Timor, Angola, Moçambique, ect. Mas vou fazer referência aos mais sintomáticos que são Angola, Moçambique, Brasil e Portugal. Quando se ouve pessoas destes quatro países percebe-se imediatamente que existe variedades do português, mas utilizam uma única língua. No caso do crioulo temos variedades sim, mas é uma única língua, porque se não fosse não havia compreensão. O exemplo mais comum é que uma pessoa de S. Antão não percebe uma pessoa do Tarrafal, isso pode ser normal nos primeiros tempos de convivência e mesmo que não perceba não deixam de comunicar. Mas isso acontece porque a pronúncia é diferente. O mesmo acontece quando um português e um brasileiro se encontram, nos primeiros

momentos não se percebem perfeitamente, porque os portugueses tiram os vogais todos enquanto que os brasileiros colocam os vogais todos. E em Cabo Verde não é diferente, só que nós já estamos habituados com o português escrito, assim o crioulo torna-se mais suave, porque quando escrevemos uma palavra tio, um brasileiro lê “txio”, um português tio, mas não há discussão. Mais um exemplo quando um brasileiro diz paletó e o português fato, não há discussão. Mas aqui acontece muito isso, dizemos as palavras de maneira diferente dependendo da ilha. E varia as pronúncias, um diz com a boca mais fechada, outro com a boca mais aberta, portanto são essas diferenças que temos de saber viver com elas.

Como estamos atrasados no processo de escrita, toda a gente já tem consciência do seu processo de variedade e em plena democracia pedir a alguém que escreva de uma determinada forma é um grande problema, já nem é em termos linguísticos. Quanto mais isso se estender no tempo, pior vai ser. Reconheço que a questão das variantes é importante, mas é uma questão que tem solução, deve ser tratado devidamente e com equipas técnicas. Mesmo com o ALUPEC, não escrevemos como falamos, porque a escrita é convenção. Por exemplo no alfabeto russo “r” é “a” passou a ler “a”, aqui é mesma coisa, é uma convenção e se uma pessoa de S. Antão pegar no ALUPEC e escrever eu consigo ler perfeitamente. Agora é claro que o que não é recomendável não é no país circular textos escritos de forma diferente, aí é preciso optar. É como é que isso deve ser feito. Eu não defendo que essa opção deva ser geográfica, porque na verdade se eu disser que é a variante de Santiago, depois como é que uma pessoa de S. Antão vai ler? Posso até estar contente por estar a escrever o meu crioulo, mas a pessoa de S. Antão não vai ler com o sotaque de Santiago. E igual quando um brasileiro escreve, eu não vou ler com o sotaque brasileiro. Nestas questões estamos muito apegados ao que conhecemos. Mais um exemplo, nota-se a diferença quando se discute em crioulo com um cabo-verdiano que vive na “merca” e um crioulo que sabe fala português, este último vai ficar preso ao português. A questão do acento é uma dúvida que não é colocado porque o inglês não tem acento.

Tudo isto são questões que se foram estudadas num determinado tempo e com um grupo de técnicos são ultrapassadas. É uma questão técnica, não é uma questão de

falante comum. Falante comum é normal que queira que a sua variante se destaque, mas não pode escrever somente para que ele perceba ou as pessoas da sua ilha percebam. É preciso um corpo de pessoas para estudar o tema para que possamos ultrapassar as questões da variedade. Por exemplo o mandarim é como o crioulo, pois a escrita foi forçada, já não sei se é bem assim, é uma mistura de léxicos, alguns vieram do Sul, outros do Norte. Mas isso não é um processo que resulta de um dia para o outro, nem é feito por uma ou duas pessoas, é preciso existir uma equipa de trabalho, com as condições adequadas para trabalhar de modo a apresentarem uma proposta.

Para escolher uma variante é preciso ter em conta vários aspetos. Muitas vezes no Facebook as pessoas tentei abordar este assunto, mas tento evitar ao máximo entrar nessas discussões. Eu percebo as dúvidas das pessoas de acordo com as informações que elas têm, pois muitos consideram que as perguntas são estúpidas, mas eu não. É normal, porque eu quando fui estudar como é óbvio tinha menos informações do que agora. E essas perguntas muitas vezes ficam sem respostas devido à ausência de espaços para discussões, ausência de uma instituição com um trabalho sistemático, procura uma série de conflitos acerca das variedades.

Um exemplo, qual é variedade padrão do francês? Todos dizem que é de Paris, mas eu vim a perceber que não quando estudei. É de Paris no sentido de que era em Paris que existia a corte e era a corte quem lia, mas na verdade eram escritores ao redor de Paris que escreviam e como na altura as pessoas tinham a ideia de que tudo o que vinha nos livros era melhor, as pessoas da corte passaram a imitar o francês escrito nos livros.

Na minha opinião a solução para as variantes é sentar e trabalhar na questão... e quem tiver aptidão para a escrita para aproveitar e escrever na sua variante, só assim podemos conhecer a variante do outro. Enquanto linguista o meu papel é analisar. Por exemplo... a palavra sábado... tu és de que ilha?

Sou do maio. O meu pai é de S. Vicente, a minha mãe é do Maio. Mas nasci no Maio e cresci em S. Vicente.

Que mistura interessante, por acaso estive no maio para a comemoração do dia da língua materna, no dia 21 de fevereiro. O crioulo do Maio, o crioulo de S. Nicolau são

dois crioulos que eu poderia estudar e a partir daí propor um padrão. Porque são crioulos que misturam estruturas. O Maio por exemplo apresenta a estrutura de acentuação muito parecida com a de S. Vicente, mas a maioria das palavras são pronunciadas como no crioulo de Santiago. E como o crioulo de S. Vicente tem um peso social devido ao facto de ter tido liceu, é um polo cultural e isso tem a sua importância. Mas existe uma questão no crioulo de S. Vicente, as vogais desaparecem. Crioulo de S. Vicente é um dos que se for tida como padrão, não facilita, porque repara... por exemplo como escreverias a palavra Sodb (sábado)?

Ou seja, ia ficar com uma sequência de consoantes. Agora alguém que não conhece o crioulo de S. Vicente, nem é natural da ilha, teria imensas dificuldades em chegar lá. Diz-se que o crioulo de S. Vicente tem uma pronúncia parecida com o do português, mas não sou desta opinião, porque a palavra “sábado” está longe de “sobd”, ou exemplo “casóq” está longe de “casaco”. Existe um conjunto de palavras que o sistema de acentuação muda, “casóq”, “sapót”, portanto qual é mais fácil de ser reconhecido?

Por exemplo “badjo conjunto”, a primeira vez que vi escrito no crioulo de S. Vicente tive que soletrar porque escreve-se “boi de conjunt”. Só depois de ler conjunto é que associei ao verdadeiro significado. Também já vi escrito de uma outra forma, por alguém natural de S. Vicente, “bodje de conjunt”.

Isso são aspetos interessantes que podem ser estudados e não criar polémicas em torno da questão. Porque eu acredito que mesmo chegando perto do pessoal de S. Vicente e explicar, vão perceber perfeitamente todas essas questões. Já tive alunas de S. Vicente e de S. Antão que enveredaram para linguística, eu não fiz o doutoramento, mas algumas delas fizeram. Houve uma que até fez uma proposta de manual. Foram alunas que despertaram o gosto pela linguística através das minhas aulas e isso não impediu que elas estudassem as suas variedades.

Neste momento para não existir este mito em torno das variedades é preciso estudar para se conhecer. Por exemplo “pta”, se eu nunca tivesse escrito não percebia a existência do “p”, eu percebi “b”. Mas o porquê da importância de cada pessoa escrever a sua variante? Porque ela é que sabe como pronuncia. A pessoa fornece aos linguistas

os dados e o linguista faz a sua parte. Com as redes sociais as pessoas escrevem mais em crioulo e eu vou lá para ver e analisar. Por exemplo noutro dia li um texto de um senhor natural da ilha Brava, que fiquei uauuu... ele utilizou o ALUPEC, pois as pessoas eliminam a vogal eu não sei o que está escrito, como na palavra “sobd”, quando daqui uns anos alguém for ler não percebe o que está lá, porque não tem as vogais. E o que Baltasar Lopes da Silva defendi era que o crioulo de Santiago deveria ser a base, sem excluir os outros, nem que a variedade padrão deveria ser a da ilha de Santiago. Só que deve ser tomada como base e tomar como empréstimos das outras variedades. Por exemplo existem palavras no crioulo de Santiago que prefiro não usar e se for possível uso outra de outra variedade.

Isso é um trabalho interessante, de equipa e a questão das variedades e padrões estão juntos, mas devem ser desconstruídos com estudos. Estudos na verdade já existem, mas é preciso reuni-los com equipas de trabalhos. O apelo que faço é que qualquer pessoa que tenha vontade de escrever na sua variedade, que o faça. Porque eu não consigo escrever na variedade de S. Vicente igual a uma pessoa que é natural de S. Vicente.

Aquele texto do Senhor da Brava dá vontade de ler, está no “Santiago Magazine”. Não sei se acompanhaste uns textos de Amália de Melo Lopes, que também é linguista e escreveu uns mitos sobre o crioulo. Pronto, nós tínhamos uma Comissão Nacional da Língua e discutimos muito acerca do assunto. Amália de Melo Lopes também é vindo a trabalhar muito em torno da língua cabo-verdiana, era professora de português, mas no seu doutoramento veio enveredar para a área da sociolinguista. E nesses mitos, escreveu dez pontos sobre a língua crioulo. E num post do Facebook alguém perguntou à Amália porque não escrevia em crioulo e ela respondeu que fez toda a sua formação em português e que não estava habituada a escrever em crioulo.

Se pegássemos no crioulo da Brava, na forma como o Senhor escreveu, porque no crioulo da Brava utilizam todas as palavras. Se pegássemos no crioulo do Maio e de S. Nicolau, por exemplo S. Nicolau recupera os “tches” que existem na ilha de Santiago, que não existem em S. Vicente. E em relação ao Maio, quando estive lá é que percebi que quando as pessoas do Maio estão em Santiago acabam por acomodar ao “badio”, porque realmente encaixa. O que o crioulo de Santiago relativamente aos outros é

sistema de acentuação que diferencia que no crioulo do Maio não existe. Santiago é a única ilha que não faz acentuado na última sílaba, as pessoas do fogo dizem “labá”, abrem um pouco mais.

Existem muitos aspetos que podem ser desmitificados e conseguimos com certeza fazer uma proposta de escrita. Que não precisa de ser da ilha A, B ou C, que todas as ilhas são incluídas propositadamente. Eu percebo que quem não está na área fica um pouco preso, mas basta estares com alguém com alguma experiência na escrita para perceberes que não é um bicho de sete cabeças. Mas como não existe um gabinete de estudo para isso, continuamos sempre à volta do mesmo.

Por acaso é algo que fico sempre a pensar, porque não existe um centro destinado à língua cabo-verdiana.

Já existiram várias propostas e de vários encontros que são realizados surgem propostas para a criação de um centro, de um instituto, mas nunca foi feito nada. Mas também existem pessoas que são contra, porque a língua engloba uma outra questão, o poder, a língua é poder, porque enquanto eu sei português e tu não conseguir exprimir as tuas ideias na língua que estou a utilizar, claramente que consigo te ultrapassar. Como por exemplo tive colegas muito inteligente, contudo não tinham o domínio da língua.

E em relação à oficialização do crioulo, qual é a opinião da Dra. Adelaide?

Olha, eu sou a favor da oficialização do crioulo, considero que neste momento tudo o que está relacionado com a oficialização do crioulo está atraso, por isso nem vamos conseguir seguir todos os passos que a literatura recomenda. Considera que a língua materna nem deveria ter discussão em relação à oficialização, é um direito nato de todos os cidadãos utilizarem a sua língua em qualquer espaço, nem é preciso saber se é oficial ou não. É um direito de aprender e estudar a sua língua, não há discussão em relação a isso. Os direitos humanos dizem isso, os direitos linguísticos dizem isso e é o que acontece em outros países. Esta questão da oficialização acontece nos países que foram colonizados, porque outros países não tiveram de lidar com esta questão. E quando houve o processo de descolonização, as questões linguísticas não foram levadas em conta. E com a independência de Cabo Verde as questões linguísticas ficaram sem ser

tratadas, continuou com a lei antiga. Claro que os portugueses não iam perder o seu tempo em aprender e ensinar uma nova língua, mas houve uma altura, séc. XVII, em que o crioulo era quase uma língua oficial para os portugueses. E existem discursos que fazem referências aos padres que vinham para Cabo Verde aprendiam o crioulo.

Para mim foi um descuido a seguir à independência. Sempre houve consciência de que o crioulo é uma língua de valor, mas o que não foi visto é que era preciso passá-lo para o ensino. A grande lacuna é a ausência de ensino, porque se já estivesse a ser ensinada mesmo que não aparecesse na constituição não haveria problema. Porque a língua materna não tem de aparecer, mas a partir do mundo em que resolveram que decidirem colocá-lo na constituição a coisa é outra.

Um dos ganhos do partido MPD foi a introdução da língua crioula na constituição, bem como o ALUPEC. Neste momento as coisas estão num patamar que me afligem como linguistas. Noutro dia estava a conversar com alguém disse que tenho vontade de voltar a fazer investigação de forma independente e estudar línguas, pois o trabalho de curadora não permite isso. Não é o meu trabalho direto.

A situação neste momento está preocupante, pois é preciso oficializá-lo rapidamente na situação em que se encontra. E é preciso saltar etapas, ou seja, oficializar, introduzir no ensino. Em vez de ser passo a passo tem de ser tudo ao mesmo tempo, porque neste momento encontras pessoas a fazerem um autoensino do crioulo e isso tem o seu perigo para a língua. A língua é um código, tu tens de conhecer e que tenho que conhecer, o código é só um, se daqui a uns tempos tivermos cem mil habitantes e cem mil códigos não nos entendemos. Por exemplo agora em plena campanha política uma coisa que me está a repugnar são os cartazes, a forma como as frases estão escritas. Não é crioulo, nem é português, cada um escreve uma palavra de uma forma, em cima de uma forma, em baixo já é de outra forma e linguisticamente á algo feio de ser visto. Por isso na minha opinião existe a necessidade urgente de introduzir o crioulo no ensino, começar a ensinar de modo há tomar um rumo, assim pode-se dizer que é oficial. Se não estiver oficializado corro o risco de receber dez cartas escritas de maneiras diferentes em crioulo e é isso que não quero. Eu defendo sim a oficialização, mas antes disso defendo a massificação do ensino da língua cabo-verde. Na língua existe dois tipos de gestão,

uma é feita pelos falantes, que foi trazido nesse caso pelos cabo-verdianos até os dias de hoje, que resistiu estes séculos todos e que é falada em casa, mas também é preciso ter a voz do estado, que tem que ser feito agora, porque Cabo Verde já tem universidades. Antes quem não aprendeu o português no liceu poderia aprender quando fosse estudar para o estrangeiro, mas agora temos os que se estão a formar aqui e não têm espaço para aprender o português. Eu aqui na instituição, por exemplo, passo muitos dias sem falar o português, porque não sou tipo de estar no dia a dia a falar em português, se alguém falar comigo em português respondo, não tem problema nenhum, mas instintivamente digiro-me para uma cabo-verdiano em crioulo. Se houver um estrangeiro no meio se calhar tenho de falar em português, mas isso nem sempre acontece porque se for um francês prefere que eu fale em crioulo.

A minha grande preocupação neste momento são dois aspetos... porquê é que decidi publicar o Manuel de auto da língua cabo-verdiana? Na verdade, em primeiro lugar gostaria de publicar a minha tese de mestrado que tem como o tem “Políticas da língua”, só que é um trabalho extenso e claro com um carácter académico. Assim comecei ao contrário, com este livro para ajudar as pessoas a conhecerem a sua própria língua.

No livro de “auto da língua cabo-verdiana” também existe a questão da língua gestual. Eu por acaso fiz língua gestual, na Escola Superior de Educação do Porto. E tive linguista duas vezes.

Não me digas, por acaso comecei a fazer em Portugal, mas não consegui dar continuidade. Aqui existe uma associação de surdos e por acaso queria trabalhar com eles num projeto que não consegui avançar. Existem jovens surdos com muitas dificuldades em relação à língua. Por isso introduzi um pouco da língua gestual no livro, pois os surdos em Cavo Verde têm um problema, eles não dominam o português, mas precisam dominar o português escrito, para que tenham saída profissional. Por exemplo muitos colegas ouvintes enviam mensagens em crioulo, contudo não percebem o crioulo escrito e pedem que as mensagens sejam enviadas em português. não conhecem o alfabeto crioulo. E quando eu fui lá mostrar-lhes o crioulo acharam complicado, e eu percebo. Os que conseguem verbalizar normalmente o fazem em crioulo, mas para escrever uma mensagem é em português.

Sei que a Dra. Adelaide ensinava o crioulo em Portugal...

Na verdade, a primeira experiência no ensino do crioulo foi precisamente em Portugal, no ex. bairro Pedreira do Húngaros, estava no segundo ano de linguística e havia um projeto, em que as assistentes sociais iam trabalhar com crianças neste bairro, contudo havia um problema, sendo que as crianças eram filhos de pais cabo-verdianos falavam o crioulo, mas as assistentes não sabiam o crioulo. A língua materna dessas crianças era o crioulo apesar de terem nascido em Portugal e claro utilizavam o português. As assistentes por vezes sentiam a necessidade de recorrer ao crioulo e isso era o meu trabalho. No bairro isso foi aceite com tranquilidade, chamava muitas vezes as pessoas do bairro para assistirem às aulas de crioulo, às vezes achavam graça porque diziam que nunca tinha sido ensinado crioulo em Cabo Verde e em Portugal era estranho. Mas as pessoas sentiam-se valorizadas e o que eu reparava é que o crioulo fazia com se sentissem com poder, ou seja, ficam “basofos”. Enquanto com português poderiam ficar com um pé atrás, com medo de errar, mas quando as assistentes estavam a prender achavam aquilo engraçado.

Existe uma valorização da língua na diáspora. Estive nos Estados Unidos e o que reparei foi que a língua que se estava a perder entre os cabo-verdianos é o português e a minha briga era ao contrário, dizia “nunca percas uma língua que ganhaste”. Mas existe muito a questão da vaidade dos pais cabo-verdianos, falam apenas inglês com os filhos. Mas existe um fenómeno interessante, que acontece quando as crianças mais pequenas ficam em casa dos avós quando os pais vão trabalhar. Estas crianças aprendem o crioulo com os avós, o crioulo dos avós. Mesmo que vão para a escola e existem um período em que negam falar o crioulo, não quer dizer que não sabem a língua. deixam de utilizá-lo durante uma faixa etária e retomam mais tarde. A língua crioula é um símbolo muito forte do povo cabo-verdiano. Já estive com uma cabo-verdiana que vivia na Suécia e que nem conhecia Cabo Verde. Conhecemo-nos no Brasil, quando ela me ouviu a falar crioulo ficou completamente deslumbrada, alegre, ligou à mãe a dizer que estava a falar crioulo, porque na realidade ela e a mãe só falavam em sueco. Conhecia o crioulo porque a mãe sempre ouvia música cabo-verdiana, encontra-se com um ou outro cabo-verdiano na rua e era daí que conhecia o crioulo. O que falta muitas vezes é a oportunidade para

falar o crioulo e nestes quinze dias a falar o crioulo descobriu que realmente sabia falar o crioulo.

Filhos de cabo-verdianos no estrangeiro a maioria sabe o crioulo, só que não têm a necessidade de utilizá-lo. Como por exemplo o fenómeno da Lura, ela diz que só começou a falar o crioulo com 12 anos, mas isso não quer dizer que ela aprendeu aos 12 anos, ela já sabia, simplesmente não utiliza.

Assim o processo de classificação para mim é justíssimo, porque trata-se de um património confirmado na diáspora. As composições dos cabo-verdianos que vivem fora são no crioulo, não o fazem na língua de chegada. Os mais jovens o fazem por questões comerciais, o mesmo acontece com os portugueses que cantam em inglês porque tem mais saída. Os cabo-verdianos costumam dizer “eu escrevo o que está na alma”.

É uma valorização na diáspora, igual ou até mais porque unifica. Porque quando estás numa determinada parte do mundo e ouves alguém a falar em crioulo ou até mesmo em português, sentes uma certa liberdade, um alívio.

Dra. Adelaide na sua opinião o que podemos fazer para levar o crioulo mais longe? Para dar a conhecer mais na diáspora, para além da música?

Considero que neste momento estamos numa fase em que temos que avançar para a prática, o que temos que valorizar é a parte escrita no crioulo, escrever o melhor que conseguirmos, se não sabemos o alfabeto oficial, utilizar o português, mas o mais importante deste código, é manter a expressão do crioulo, é manter o crioulo genuíno. O que quero dizer com isso? O crioulo tem as suas regras, no caso da marcação de género e número, que são duas coisas bem visíveis. Não podemos dizer que não existem regras no crioulo, se alguém nos perguntar com digo “janelas brancas” em crioulo é preciso ter a confiança e dizer “kes janela branku” porque nós não fazemos concordância de adjetivos com coisas, só quando faço referência a pessoas, por exemplo “mudjer branca”, “mesa branku”. O que tem de se fazer neste momento é mostrar a nossa verdadeira língua, não é aproximá-la do português, ou tentar suavizá-lo, não, o crioulo é assim, não faz essa marcação.

Neste momento o que temos de fazer é mostrar às pessoas a estrutura do crioulo, como ela funciona. O que está na moda são os “s”, mas o crioulo tem apenas uma marca do plural, quando fazemos uma frase apenas marcamos um elemento, como por exemplos “traz-me duas canetas” em crioulo fica “trazem dois caneta”. Não existe muitos “s” no crioulo, tanto é que os cabo-verdianos têm muitos problemas no português com os “s”, porque na sua língua materna na sua estrutura não existe isso. A marcação do plural é feita apenas num elemento, às vezes utilizando um numeral ou “kes”.

Nós também não temos artigos definidos, “a” “o”. Falar crioulo é bom, mas tem de ser falada da forma como ela é, por isso o ensino é importante. Temos de defender que temos uma língua. e não tentar aproximá-lo do português.

Oiço muitas vezes as pessoas a dizerem, ah o crioulo é um português arcaico...

A única verdade é que o crioulo tem palavras do português arcaico, mas não é o português arcaico porquê? Porque a estrutura não é a mesma. Um exemplo muito simples, no português o sujeito é opcional, posso dizer “estou bem” ou “eu estou bem”, mas no crioulo o sujeito é obrigatório, porque os verbos não têm flexão, é tudo igual e para sabermos qual é a pessoa temos de colocar o sujeito.

É importante atualmente mostrarmos como o crioulo funciona, o crioulo e o português têm muitas palavras parecidas, mas a estrutura é diferente, pois a língua não é apenas o léxico, que até pode parecer igual, mas colocado em lugares diferentes resulta de forma diferente.

Portanto perante a diáspora temos que admitir temos uma língua, com palavras em português, com a sua história de formação, num contexto de contacto com várias línguas, com uma literatura sobretudo oral, mas já existe muitas coisas escritas, histórias de raiz no crioulo, poesias que foram musicadas, autores que escrevem crioulo, autores que traduzem para o crioulo. Podemos estar à vontade porque é uma língua que ganha cada vez mais se transmitimos para as pessoas a verdadeira língua. a mensagem que temos de passar aos outros é que o crioulo é uma língua como o português, a única diferença é que não é ensinada na escola.

**ENTREVISTA DRA. SANDRA MASCARENHAS – DIRETORA DO PATRIMÓNIO IMATERIAL
IPC – 05/03/21**

Quais os benefícios da elevação Morna a Património Imaterial da Humanidade para a comunidade cabo-verdiana na diáspora?

Penso que tem mais a ver com o sentir de que o ser, porque na medida em que a Morna já é Património Imaterial da Humanidade pressupõe-se que é um reconhecimento da cultura cabo-verdiana, por um lado e para a comunidade, do ponto de vista pessoal será o elevar da autoestima. Mais um fator de integração para a comunidade, que acaba por ter um Património da Humanidade que pode partilhar com outras comunidades, com outras pessoas. Sendo certo que neste momento, na maior parte dos países as pessoas já têm uma noção do que seja a Morna e onde não houver, sempre há aquele sentido “ah vou apresentar a minha música”, mas não será visto como algo exótico porque já é Património da Humanidade. Neste caso vou apresentá-la numa situação de igualdade, de paridade, sem receios. Tem mais a ver com o orgulho e o sentir-se cabo-verdiano, fazer parte da diversidade cultural, a qual tenho uma manifestação que acaba por estar em pé de igualdade com o Fado, a Rumba ou outras manifestações.

Mas da própria comunidade, são perspetivas diferentes, pois uma coisa é a realidade que se devolve com o país de acolhimento e a outra é relação que se estabelece dentro da própria comunidade, pois temos um género musical que é nosso, com a qual nos identificamos, toda a gente chora quando ouve lá fora. A Morna lá fora acaba por ter uma dimensão completamente diferente, daquilo que nós aqui em Cabo Verde vivenciamos no dia a dia. Mas o facto é que há sempre aquela ambição de levar mais além, de perpetuar mais e a verdade é que a comunidade cabo-verdiana na diáspora é que acaba por cultivar a nossa cultura, é quem salvaguarda, digamos que numa escala de 100%, 90% eu creio que é feito lá fora. É dentro dessas comunidades que a tradição acaba por se enraizar mais.

Nós aqui em Cabo Verde, temos qualquer manifestação, que está sempre sujeita a incorporações, a elementos de fora, que é o que acontece. Nas comunidades cabo-verdianas lá fora há esse apego à cultura, o que a cultura representa e esse bem

representa toda uma cultura e as pessoas tendem a digamos, a sacralizar aquilo e a cristalizar, porque se aqui dentro a Morna pode sofrer influências, o que nós vemos lá fora é que as pessoas a cultivam tal como a conhecem. Dificilmente haverá essa tendência para meter outros géneros, para ir para além da Morna, ou tentar fazer outras misturas, então há sempre essa noção de conservar.

Outras manifestações como a Tabanca. S. João, Língua cabo-verdiana, o que tem sido feito para a salvaguarda das mesmas na diáspora?

Normalmente não temos muitos mais informações para além que são enviadas pela embaixada, ou através de contactos que temos na diáspora, por exemplo associações. Mas o facto é que a nível do S. João já é algo consumado que tem muita expressividade na diáspora e é uma manifestação que permite a permutação, pelas suas características. Já na Tabanca não existe o mesmo nível, pois a Tabanca não se trata apenas da manifestação, mas do cunho de associação mutualista e existe a barreira a nível geográfico, que é a identificação entre manifestação, comunidade e localidade e dificilmente podemos ter a Tabanca na diáspora. Até porque a Tabanca é centenária, não se pode criara assim do nada, é um dos patrimónios imateriais cuja origem já é intemporal. E todas as tabancas que conheço já vêm de um percurso antigo, que é deste do tempo que eram proibidas, ou seja, temas a continuidade da tabanca, não se pode criar assim do nada.

A Tabanca de Boca Amado tem uma espécie de associação em França que os apoia, dizem que é uma filial da Tabanca de Boca Amado, mas não conseguem ser uma Tabanca, pois não conseguem realizar todos rituais que estão à volta da Tabanca, por isso é muito difícil. Poderá haver na diáspora essa representação da Tabanca, a não ser que tivessem que viajar todos os elementos constituintes da Tabanca. No S. João isso, porque os rituais não possuem a dimensão existente na Tabanca, é mais a parte lúdica que temos.

A nível de outras manifestações, o Batuque já possível e existem lá fora várias associações de Batuque e muito daquilo que as pessoas sabem sobre o Batuque é principalmente de lá de fora. Apesar de ser circular, não exige os rituais existentes na

Tabanca. O batuque é música, dança e as mulheres conseguem fazê-los tanto aqui como lá fora e um exemplo existe todos os anos um intercâmbio *Herança* da Cidade Velha e já muitos os grupos que vêm de Holanda, Espanha, Portugal, porque existe uma Herança que as mulheres têm todo o grupo de passar para as filhas, etc.

Quanto falamos da língua aí sim temos um caso que é particular, pois é basicamente o nosso primeiro património, pois isso existe uma identificação constante com o cabo-verdiano com a sua língua. O cabo-verdiano pode estar 50 ou 60 anos no estrangeiro, mas comunica no dia a dia em crioulo, dificilmente existem pessoas da primeira e da segunda geração que não entendam o crioulo. Acontece por exemplo com as crianças que já nascem no estrangeiro, que têm pouco contacto com o crioulo, mas existem determinados países que desde sempre as comunidades apresentam muito apego ao crioulo. E nestas diásporas, temos os principais professores, pedagogos da língua, não é em Cabo Verde que está o grosso da massa pensante da língua cabo-verdiana, mas sim lá fora. Por exemplo, iniciativa como o ensino do crioulo nas universidades, como nos EUA, vemos que é um nível elevado e isso não existe em Cabo Verde, tirando uma experiência de Manuel Veiga “Crioulística”. E quando falamos EUA, falamos também de Portugal, em que a língua crioula é ensinada num programa da RTP, temos a Ana Josefa, temos Lona, um alemão que ensinam o crioulo.

Acho que na diáspora existe mais identificação, mais apego, apesar de termos a Morna, o Batuque, o Funaná, as pessoas são conscientes de que a língua é o que os identifica e os une, por isso existe esse apego, iniciativas de vários géneros para salvaguarda essa manifestação e isso permite com que façam um trabalho que é muito mais abrangente de que aquilo que é feito em Cabo Verde, pois é limitado, pois não conseguimos chegar às diferentes ilhas.

Na totalidade quando falamos da cultura cabo-verdiana, não é aqui dentro, mas sim lá fora que têm conseguido salvaguardar essas tradições. Vemos isso através da música, pois os grandes artistas, os que se sobressaem estão na diáspora e mesmo nós temos essa tendência de valorizar o que o pessoal da diáspora faz, independentemente do que temos aqui, deve ser devido ao mercado que é muito pequeno. E lá fora existe uma comunidade que abraça a sua cultura, que compra a cultura, que é o mais

importante, pois não é salvar do ponto de vista patrimonial, mas existe a parte económica, que é a sobrevivência do artista, que automaticamente implica a sobrevivência da manifestação. Então podemos dizer que na diáspora, os nossos bens estão mais bem assegurados do ponto de vista em que vivemos num país em que é valorizado mais o que é de fora do que de dentro. Um exemplo, neste momento estamos a trabalhar com o funaná, todos correm para o *cotxi pó*, enquanto lá fora existem outros estilos que são mais *gaita e ferro*, completamente do que é o *cotxi pó*. O funaná do Zé Espanhol, do Lejema, claro que não é o funaná original de *gaita e ferro*, mas também não é o *cotxi pó*, por isso é de tirar o chapéu a estes artistas que vivem na diáspora e que espalham o funaná lá fora, embora não seja o funaná genuíno. Pelo menos as pessoas que vivem lá fora acabam por se identificar com esse funaná.

Pronto estamos a falar de salvaguarda e o prémio maior é para a diáspora, porque se virmos todo o percurso daquilo que tem nas várias áreas, com a Morna, no Batuque, no S. João, mesmo quando falamos de outros bens, como a culinária tradicional, acabamos por ver que a diáspora preserva mais o genuíno, o tradicional, do que nós aqui. O contributo da diáspora é fenomenal, fora as competências que são adquiridas lá fora que são difíceis de serem adquiridas aqui, por exemplo na Morna existem grandes dificuldades em termos de partituras, na pauta, mas existe lá fora Humberto Ramos, maestro reconhecido internacionalmente, como uma pessoa que faz aquilo e o facto de viver fora ajudou-o a desenvolver essas capacidades e estar mais bem preparado.

E de uma forma geral esse apego acaba por ser o alicerce da cultura cabo-verdiana.

ENTREVISTA MATILDE DIAS - JORNALISTA DA TCV - 01/03/2020 VIA EMAIL

Apresentação da Entrevistada.

Matilde Dias, tenho 45 anos, sou natural da Praia. Sou licenciada em Comunicação Social e Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense no Brasil, sou jornalista desde o ano 2000, trabalho na Televisão de Cabo Verde. Na televisão tenho feito o meu percurso como jornalista cultura, editando e apresentando vários programas culturais, como “Cultura” Kombersu Sabi” e agora o “Revista”, embora faça de forma polivalente a

informação diária, a cobertura também de eleições. Trabalho na Ilha de S. Vicente desde 2007 e atualmente faço o programa “Revista” que é um programa cultural semanal.

Breve contextualização do programa “Revista”.

O programa “Revista” nasceu em 2013, fizemos a primeira emissão em meados de março, é um magazine cultural, ou seja, é um informativo cultural com base na agenda, o que se passa no setor cultural das ilhas, a produção dos artistas, artesãos, agentes culturais, as políticas culturais, os espetáculos, as obras, o património e a memória. É um programa semanal que é editada a partir de S. Vicente, eu sou a editora e gestora de conteúdos e trabalho com a rede da Rádio Televisão de Cabo Verde, ou seja, nós temos a sede na Praia, as delegações em Santiago Norte, Sal, Fogo, S. Antão e aqui em S. Vicente e temos representantes ou correspondentes nas restantes ilhas.

O que nós fazemos é semanalmente é uma ronda por todos os colaboradores ou centros de produção da TCV, levantamos os temas da atualidade e também temas de interesse que nós provocamos e trazemos para a atualidade para informação e reflexão e iniciamos assim a produção.

Por norma o programa é apresentado em S. Vicente.

Considero que o “Revista” é um espaço de excelência dos obreiros das artes e da cultura, de quem faz, muito mais do que propriamente ser um canal de ressonância dos órgãos públicos ou da tutela da cultura. Para mim isto é muito importante porque como somos um órgão tutelado pelo estado, em regra geral os nossos conteúdos são muito voltados para a informação institucional, ou dos órgãos do estado de soberania, ou das instituições públicas, mas também daquelas privadas, portanto para mim é muito mais interessante que os artistas, os artesãos, os criativos tenham um espaço onde o criador e obra tenham realmente relevância.

Apresentando uma estratégia de divulgação do Programa na diáspora?

Os conteúdos são disponibilizados na internet, no nosso site, com links divulgados nas redes sociais, Facebook. A partir daí a nossa diáspora pode ter acesso diretamente ao programa “Revista”. Por outro lado, temos procurado ao longo dos anos divulgar aqui

que é a nossa diáspora, os artistas que estão lá fora, os criadores e criativos e o que fazem no exterior. Hoje em dia é muito mais facilitado porque podemos através de plataformas como o zoom, por exemplo e o Youtube e através do email, do Wetransfer, do Messenger, posso fazer entrevistas online, fazer captação de imagem e depois fazer edição aqui na sede da TCV, ou seja, o nosso alcance aumentou a nível do contacto. Por exemplo, esta semana vou estar a entrevistar uma realizadora que está em Portugal e também um produtor que está também em Portugal, isso intensificou a partir da pandemia do Corona vírus, onde é preferível fazer o contacto online, para evitar a propagação do vírus. Deste modo estamos muito mais à vontade nas plataformas digitais, com espaço, com troca de informação, de registos de informação e divulgação.

Para além da televisão, que outras plataformas utilizam na divulgação do programa?

Nós disponibilizados os conteúdos do programa no nosso site www.rtc.cv e também colocamos os vídeos no Youtube e os links são divulgados através do email, Messenger e o Instagram.

**ENTREVISTA AO DIRETOR GERAL DAS ARTES E DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS (DGAIC) -
DR. ADILSON GOMES - 05/04/21**

Em que consistem as linhas diretivas da Direção Geral das Artes?

A Direcção-Geral das Artes (DGAIC) é o serviço central de apoio técnico ao Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas, em matéria de definição, estruturação das políticas, das prioridades e objetivos nos domínios da cultura, das artes, do artesanato e das indústrias criativas, a quem compete:

A coordenação e execução das políticas de apoio às artes, dinamizando parcerias institucionais e promovendo políticas adequadas a garantir a universalidade na sua fruição, bem como a liberdade e a qualificação da criação artística, assegurar e propor a execução das medidas de política estruturante do sector da cultura e das indústrias criativas; garantir e ao mesmo tempo propor a execução de mecanismo e instrumentos orientadores da política cultural, promover fóruns e espaços de debate e recolha de

subsídios nos domínios da cultura e das indústrias criativas entre a sociedade e o Ministério da tutela; Também é uma direção que tem como responsabilidade o Palácio da Cultura Ilho Lobo, que é um espaço que nesta direção, tentamos voltar para uma casa da cultura onde o real propósito foi de criar um que conseguisse pulsar o que de bom e de melhor faz na Cidade da Praia, na Ilha de Santiago em Cabo Verde.

Temos também a responsabilidade do Auditório Nacional, que durante este mandato estivemos a tentar recuperar um espaço que estava com muitas mazelas em termos da estrutura física, penso que estamos a conseguir porque 60% do que era preciso fazer já está feito é ainda da nossa responsabilidade o Memorial Amílcar Cabral que era um espaço, digamos, que estava a precisar de uma nova roupagem, uma nova inspiração. Conseguimos traduzir isso com uma curadoria expositiva diferente e mais voltado para a dinâmica que pretendemos introduzir no espaço.

Por último a Cesária Évora Academia de Artes encontra sob a nossa tutela, tendo este espaço uma coordenadora que tem como responsabilidade implementar as dinâmicas no espaço.

O mais difícil dessa direção tem passado por conseguir trabalhar com os Municípios, porque os Municípios têm a sua própria forma de atuar, as suas próprias políticas. E temos sentido essa grande dificuldade em conseguir articular e trabalhar com eles de forma mais linear e articulada e não intermitente como tem acontecido, mas com uma certa constância, isso é o que tem faltado e é o nosso grande desafio para os próximos anos, se cá continuarmos como diretor. E acreditamos que conseguindo isso, conseguiremos certamente ter uma direção que realmente consiga ir de encontro às políticas do MCIC.

E dentro das linhas diretivas da DGAIC tem alguma neste momento direcionada para a diáspora? Em específico para os artistas cabo-verdianos que residem na diáspora? Que trabalhos é que têm vindo a desenvolver nesse sentido?

Sim, nós em 2019 participamos em toda a construção do CCCV em Portugal, que é um centro situado, digamos assim, numa zona icónica para a comunidade cabo-verdiana. O Ministério e o Governo de Cabo Verde em parceria com a Embaixada de Cabo Verde em

Portugal trabalharam juntos e conseguimos fazer um espaço muito interessante, é muito semelhante ao Palácio da Cultura Ilídio Lobo, mas com outras condições, em termos de remodelação o espaço está muito bem apetrechado e esse centro é e será nos próximos tempos o elo entre Cabo Verde e a Diáspora, porque tem uma valência de apresentar tudo o que de melhor se faz pelos cabo-verdianos, africanos em Portugal, nos restantes países europeus e no mundo. É verdade que a COVID 19 veio nos impor certas dificuldades, devido a essas restrições todas, mas este foi o verdadeiro propósito deste centro cultural e o primeiro centro cultural de um país africano na Europa, feita e financiada pelo país dentro de um território não nacional, ou seja, Cabo Verde é um país pequenino que de forma “audaciosa” conseguiu construir o primeiro centro cultural de um país africano fora de portas digamos assim.

Este centro a meu ver será nos próximos anos, pós-Covid, um ponto muito importante para criarmos uma verdadeira dinâmica cultural entre a Diáspora e o país Cabo Verde.

Através de que plataformas digitais têm divulgado o vosso trabalho? Sei que o MCIC tem as suas plataformas e que comunicam através das redes sociais. E a DGAIC comunicam através de alguma plataforma em particular?

Sim. A verdade é que não temos uma plataforma, a DGAIC como já referi tem o Palácio da Cultura Ilídio Lobo, centralizamos quase todas as atividades e projetos no Facebook e no Instagram do MCIC e partilhámos pelas outras páginas, do CNAD, do CCM, do IPC que é um setor à parte, da BNCV que também é um setor à parte e do Arquivo Nacional. E a DGAIC por ser uma direção, por não ser uma estrutura, não tem a sua plataforma, nem a sua página, porque achamos que primeiro é preciso consolidar os propósitos da direção e só posteriormente partir para outros objetivos. Nem o MCIC tem um site, pois o mandato de cinco anos é uma coisa quase efémera, se o atual governo não continuar todo esse trabalho pode não ser continuado pelo governo que vier a seguir, isso também é um problema porque voltamos a estaca zero e quem sai a perder é todo um setor.

Apresentação do Entrevistado.

Sou licenciado em Teatro, Ramo da Produção, pela Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. Também comecei o mestrado no ISCTE, em Estudos da Cultura e Empreendedorismo Cultural com Ramo em Indústrias Criativas e Entretenimento.

Ainda não terminei este mestrado porque coincidiu precisamente com o convite de vir ocupar o cargo de diretor da DGAIC. Defino-me como produtor cultural, de momento calhou-me esta parte dirigir um setor, é uma experiência nova e que tem sido desafiante e tenho esforçado para dar uma boa réplica e estar a altura do desafio que me foi colocado em mãos.

ENTREVISTA MANUEL BRITO DIAS – REDATOR EXPRESSO DAS ILHAS – 10/02/21

- Antes demais gostaria que começasse com uma breve apresentação.

Professor Universitário, antropólogo, professor e escritor.

- Breve contextualização da situação do jornalismo cultural em Cabo Verde?

Agora falando de jornalismo cultural, a última vez que colaborei com a UNICV e decidi não colaborar mais, vi um trabalho de fim de curso sobre o jornalismo cultural e quando eu fui ver de facto, não era jornalismo cultural. Trabalharam as revistas literárias, eu mostrei que estava completamente errado em termos de conceito e por isso não estava certo aquilo, entrei em desacordo, porque de base estava errado.

O que eu acho que aqui não se faz jornalismo cultural, há o jornalista que dá as informações, notícias sobre as coisas que estão a acontecer. Agora há um jornalista que de tanto escrever acaba por ter mais informações, como acontece noutras áreas do jornalismo.

O que levei para o Expresso é conceito abrangente de cultura e eu não sou jornalista, o que sou é um homem de cultura e um dinamizador cultural, porque participo na comunicação social. Uma pessoa que fazia um trabalho interessantíssimo sobre a cultura é a Margarida Brito, era uma pessoa muito vocacionada para isso, mas também não era jornalismo cultural de televisão.

Também existe o programa da Matilde Dias, Revista que passa na TCV. A jornalista Matilde Dias já teve um blogue chamado Lantuna, como a Margarida teve, mas ela é especialmente da área da cultura. Existem esses casos, agora dizer que existe um jornalismo cultural, não concordo.

- Ferramentas necessárias para o escrever sobre a cultura?

A abordagem da cultura como perspectiva de notícia não é cultural, porque há uma pessoa no Expresso das Ilhas que escreve, anuncia as coisas que vão acontecer, já me questionei sobre isso, isso é jornalismo cultural? Não faz nada aprofundado, porque apenas tem aquela função informativa.

Mas o que o expresso das ilhas faz acaba por ser um jornal com uma componente forte de cultura, nós promovemos a distribuição do “Chiquinho” para assinalar os 80 da “Claridade”, integrado nisso fizemos textos sobre o “Chiquinho”, convidamos pessoas para falar sobre o “Chiquinho”, distribuímos os 9 números da “Claridade”. Não é um jornal cultural, mas tem a componente cultural bem robusta, nós assinalamos os 150 de Eugénio Tavares, o livro de crónicas saiu com uma dedicatória que fiz para esta data. Fizemos a reedição das revistas literárias, muitas esgotadas.

A última coisa que fizemos foi um suplemento cultural nº1 que saiu em 59, e eu escrevo em função desses temas. Não é tão a recensão critica, porque não é nesse sentido. O mais aproximado disso é as apresentações dos livros, por vezes vem na decorrência de textos que faço para apresentar publicamente determinados livros, ou artigos como aconteceu com recentemente. Saiu o livro “Viagens Imaginárias sobre Ensaio Literários do Países de Língua Portuguesa”, eu escrevi um ensaio sobre a literatura de Cabo Verde, apresentei o livro.

O trabalho faço, faço sempre a pensar nos estudantes, muito didático, com quadros, por exemplo fiz um quadro com mês, ano, autor, ect. São essas coisas que o jornal tem feito, porque não existem revistas literárias, só que a SOCA tem uma revista que sai, mas não sai muitas vezes, apesar de ter essa pretensão de ser uma revista cultural.

A academia cabo-verdiana de letras...

O último ano que saiu em 2019, falava sobre as “mulheres na escrita”.

No expresso da Ilhas existe uma jovem que faz o trabalho ligado à cultura, mas que precisa de experiência, fala com os músicos, etc.

O último jornal traz uma entrevista de duas páginas, com um autor sobre o livro dele.

O Jornal Expresso da Ilhas fez outra coisa, no âmbito da promoção da Morna como Património Imaterial da Humanidade fez juntamente com o Jornal Público de Portugal a publicação de cinco livros e CDS e distribui com o jornal, esgotou, chamava-se “Morna Rainha de Nos Terra”.

Ou seja, o expresso é um jornal com uma forte componente cultural, que não é só o jornal propriamente dito.

O jornal a Nação não é sistemático. O Expresso está organizado em secções e é uma secção que é cultura e todas as semanas temos 3 ou 4 páginas na secção de cultura. Mas a Nação é capaz de fazer o suplemento de cultura de alguma coisa e depois não fazer nada. E tem saído sobretudo em PDF.

O expresso das ilhas coloca todos os artigos do jornal no site, com algum atraso para que as pessoas possam adquirir o jornal.

Houve um boom de blogue, toda a gente fazia, mas depois as pessoas migraram para o Facebook, e eu demorei a utilizar o Facebook, mas quando comecei a utilizar fazia-o para partilhar o que saia no blogue, não é uma página pessoa. Utilizo como forma de chegar ao público. Mas não existem pessoas a utilizarem os blogues.

Eu achava inicialmente que o blogue não era para uma pessoa que quisesse fazer o trabalho intelectual, não era uma coisa séria, resisti, mas vi que o Pacheco Pereira tinha blogue e aí mudei de ideias. Fiz o Blogue para divulgar os textos e para me disciplinar e obrigar a escrever e partilhar os mesmos.

Fiz uma sequência de crónicas de memória da minha infância, o primeiro livro que é o “Esquina do tempo, crónicas de *Diasá*”, do antigamente e eu pus no blogue e dizia que era um blogue de S. Vicente feito na Praia, porque eu só falava de S. Vicente, da minha infância e juventude.

“Esquina do Tempo, Crónicas do Mindelo” recolhi vários depoimentos, textos das pessoas e na altura até escrevi sobre o Éden Parque que iria ser construído no Mindelo.

Crónicas que passaram na rádio Barlavento depois saiu no boletim oficial, sobre as diferentes ilhas, menos maio e os intelectuais, cada um escreveu sobre uma ilha, isso recuperei e coloquei no Blogue.

Papel para o blogue, blogue para o papel e do blogue para o jornal.

De vez em quando faço trabalhos para assinar, há pouco tempo estava a fazer um trabalho de investigação sobre advocacia, último livro que publiquei, advocacia em finais de dezembro e no dia dos professores em abril coloquei um artigo de Baltasar Lopes porque ele foi professor e advogado, substantivamente professor e adjetivamente advogado, penso que é assim (risos). Também no dia advocacia falei sobre a Rosinha, que era um advogado muito conceituado da mesma geração do Baltasar Silva.

Uma outra coisa que valia a pena ver, é que o Jornal Expresso das Ilhas, é o único que há dez anos quando o atual diretor entrou e deu essa nova estruturação, tem um editorial. Esses editoriais, agora compilamos e sai no fim do ano, então dão uma ideia do que aconteceu no país. Agora pelo número 1000 do Jornal que saiu na semana saiu o livro editorial de 2020. Antes quando faziam esses livros eram divulgados, contudo não havia muita procura, há dois anos ainda foi vendido e não passado reduziram 250 e distribuíram gratuitamente aos assinantes, mas as pessoas podem adquirir, podem comprar.

Nós recebíamos o Expresso de Portugal, era muito pesado, com muitos cadernos e caro. E com as dificuldades de transportes.

Mas pronto, resumindo considero que em Cabo Verde não se faz jornalismo cultural, porque basicamente não temos jornais.

Há outra coisa o jornal a Nação, quando estava a ser publicar decidiu aumentar o preço, teve um aumento de 100%. O Expresso mesmo que saia mais caro, uma opção é ser impresso cá, fica até à última quando se está a fechar o jornal, manda-se para a gráfica,

mas quando é imprenso em Portugal há sempre constrangimentos, problemas de transportes e já houve vezes em que o jornal não veio. Antes da pandemia fazia-se isso, com a pandemia, era preciso pôr para fora os cadernos eleitorais.

É muito mais barato em termos de impressão fazer em Portugal, mas tem esses riscos e como não era prioritário, ficava lá. Para os estudantes, o preço do jornal é caro. Isto também é muito mais fundo, tem haver com falta do gosto pela leitura, o estímulo, entre outras coisas. O jornal acaba por ser um tipo de luxo, mas teimosamente continua-se a colocar o Expresso nas bancas todas as quartas-feiras, às 8 da manhã.

- Em relação à diáspora, que meios têm utilizado para comunicação de cultura?

“Esquina do Tempo - Crónicas do Expresso das Ilhas” deveram estar disponíveis no expresso das ilhas, é barato, também comprei para oferecer, ou seja, sou o meu bestseller.

Tenho um conjunto de crónicas, sempre com o mesmo título, tenho “Esquina do tempo, crónicas de *Diasá*” “Esquina do tempo, crónicas de Mindelo” “Esquina do Tempo, Crónicas do Expresso das Ilhas”. Como tinha um blogue chamado “Esquina do Tempo” pensei que já chegava de esquinas, mudei a minha secção para *Falucho*, que são os barquinhos que faziam ligação Pedra Badejo – Maio ou S. Vicente – Porto Novo, a ideia do mar, de viagens, porque as crónicas não são propriamente viagens, então este conceito que achei de crónicas... mas quando sai no jornal as crónicas, o expresso das ilhas disponibilizam no site e eu coloco no meu blog. Por essas vias pode encontrar.

Está organizado para sair em livro, mas está atrasado, sobre as histórias ligadas às viagens, mar, ou livros que falam sobre o mar em homenagem às capitãs das ilhas.

Presentemente tenho “Porto Memória”, o último artigo que escrevi apresentei o livro de dramaturgia... são as memórias, eu trabalho com as memórias, não são as minhas memórias, daí a questão de “Esquina do Tempo”, por acaso moro numa casa de esquina. Mas o nome tem a ver com o lugar onde nós nos reuníamos, conversávamos, aprendíamos com os mais velhos e tal, um lugar de aprendizagem, de troca, para recordar as coisas e ao mesmo tempo na esquina a pessoas olha para trás e para frente, um bocado isso.

**ENTREVISTA DÉCIO BARROS – RESPONSÁVEL AGENDA CULTURAL DE CABO VERDE -
16/03/21**

Apresentação do entrevistado (função que exerce no site Agenda Cultural).

Chamo-me Décio Barros, estudei em Portugal e vive lá durante 9 anos.

Quando estudava em Portugal tinha acesso às notícias, acontecimentos do setor cultural de Cabo Verde esporadicamente e quando regresssei a Cabo Verde comecei realmente a consumir a cultura cabo-verdiana, as atividades culturais feitas por aqui e onde eram realizadas estas mesmas atividades.

Porque quando estamos muito tempo fora, começamos a “curtir” o nosso país de forma diferente, então quando cheguei aqui não encontrava as informações que realmente queria, a nível de atividades e em conjunto com uns amigos criamos a *Agenda Cultural da Praia*. A ideia consistia em colocar tudo o que eram atividades culturais e desportivas nessa agenda, apresentando também uma espécie de guia turístico, como por exemplo o havia disponível a nível de hotéis, restaurantes, etc. Começamos por fazer isso, mas devido à escassez de tempo acabei por adiar o projeto.

Mas a agenda cultural acaba por ser o meu hobby, é algo que gosto de fazer. Fiz a licenciatura na área de Multimédia e Cinema, por isso gostar de fotografar, além de possuir essa formação, gosto de sair para caminhadas, fazer mini vídeos...

No fundo criei dois projetos: Agenda Cultural e CV Cultural. Este último abrange assuntos relacionados com a cultura e o turismo, está disponível no Instagram e a ideia é criar uma audiência no Instagram e depois transportá-lo para um órgão de comunicação social. Por isso acabei assim por registar no Instituto de Qualidade de Cabo Verde duas marcas. Na página CV cultural apostava em conteúdos relacionados com a cultura e o turismo, mas depois comecei a analisar bem os conteúdos e reparei que tinha um bom feedback da comunidade na diáspora, devido à nostalgia que têm em relação ao país. Por exemplo, no início fazia publicações acerca do Djodje ou da Élide Almeida, tinha muita interação, quando colocava uma foto de *simbrom*, teve dez vezes mais interações

do que a dos artistas. Vi que era um conteúdo interessante a ser explorado, pois a comunidade na diáspora dá mais valor à cultura quando está fora.

Em que consiste a agenda cultural?

O objetivo de base da Agenda cultural é promover a cultura e o turismo, pois como já referi muitos eventos não tinham o público que mereciam devido à falta de divulgação. Mas o objetivo também passa por ser um negócio, algo rentável, que pode autossustentável.

A Agenda Cultural da Praia foi criada em 2011 quando regresssei e em 2014 tive um encontro com Ministro da Cultura que sugeriu que a transformasse numa Agenda Cultural de Cabo Verde, uma ideia de que eu tinha já algum tempo e claro que isso era um trabalho mais amplo e exigia a formação de uma equipa.

A ideia é criar uma audiência fiel, que se identifique com o conteúdo que produzimos e fazendo disso um negócio autossustentável. Fazendo por isso plurireportagens de restaurantes, etc. Não sei se conhece alguns sites em Portugal que fazem esse tipo de trabalho, como a Time Out, etc. Por exemplo através de agências fazer caminhadas, em que as pessoas pagam para as fazer, é uma das formas de ser autossustentável.

Mas existem constrangimentos, pois preciso de uma equipa, para escrever, por exemplo para escrever crónicas. Não quero publicar apenas conteúdos acerca do evento que vai acontecer, mas sim à base de crónicas.

É uma das coisas que tenho reparado nos jornais em Cabo Verde, que no jornalismo cultural em Cabo Verde é à base da comunicação de eventos, sem reflexão, críticas...

Acerca do jornalismo cultural que se faz em Cabo Verde é um assunto complexo, porque os órgãos estão muito limitados às notas de imprensa. Muitos jornalistas são qualificados, mas não lhe são dados o tempo de investigação, de ir para casa estudar sobre o assunto, falar com os artistas para perceber desde o processo de criação... tudo isso. Literalmente não temos tempo, a culpa não é do jornalista, mas sim do sistema, do órgão.

Existe algum plano direcionado para a diáspora?

Relativamente à Diáspora, considero-me um pouco fruto da diáspora devido aos 9 anos que vive em Portugal. Analisando a audiência nas redes sociais, principalmente no Instagram, muitas pessoas estão a residir na diáspora, ou já viveram na diáspora e que agora estão a residir nos grandes centros urbanos em Cabo Verde, na Praia, em S. Vicente e no Sal. São pessoas que conseguem ver Cabo Verde com outros olhos.

Qual é o perfil do utilizados das vossas plataformas?

O nosso público-alvo são os cabo-verdianos residentes no país e na diáspora, não sei se é politicamente correto dizer isso, mas são pessoas que estão mais predispostos a consumir cultura e turismo.

65 % público que reside em Cabo Verde e 35% pessoal que reside na diáspora. Pessoas que residente nos três principais centros urbanos cabo-verdianos e pelos comentários, são pessoas que aparentam possuir um nível elevado de escolaridade, e que possuem poder de compra e de consumo.

Quando se adquire uma cultura visual é mais fácil adquirir a cultura, ou seja, o nosso público-alvo são pessoas que estão predispostos a consumir cultura. Mas a história por detrás de uma imagem é importante.

Para além do público-alvo da diáspora existe um outro público que são os viajantes pelo mundo, os chamados "World travellers", como angolanos, ingleses, franceses e muitos deles contactam a nossa página. Por exemplo houve uma altura em que veio um grupo de angolanos, que me contactaram e pediram para lhes apresentar todos os sítios que viam nas fotos no Instagram.

ENTREVISTA DENISE FERNANDES – DIRETORA DO GABINETE DE COMUNICAÇÃO DO IPC - 11/02/21

Apresentação da entrevistada.

Denise Fernandes, 28 anos, é licenciada em Marketing Turístico pela Escola Superior de Turismo e Tecnologias do Mar, do Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.

Após regressar da sua formação, comecei a trabalhar como jornalista na Agência Cabo-verdiana de Imagens. Uma agência privada que para além de produzir o programa semanal “Nha Terra Nha Cretcheu” emitido na RTP África, realiza spots publicitários e outros trabalhos a nível de comunicação audiovisual.

Passados cinco anos propôs a mim mesma um novo desafio profissional aceitando a proposta de emprego numa instituição pública, como coordenadora do gabinete de comunicação e Imagem, onde está à frente da organização de todos os eventos da instituição, faço a gestão das plataformas digitais, participo ativamente na implementação e divulgação de projetos.

Relativamente às linhas orientadoras do IPC como tem sido o trabalho de comunicação direcionado para a diáspora?

O Instituto do Património Cultural tem trabalhado a sua comunicação essencialmente para o público nacional (investigadores, comunidade estudantil, e o público que trabalha com o património cultural), sendo que a diáspora ter entrado recentemente na lista do seu público alvo, principalmente agora que tem trabalhado na promoção do turismo cultural com a reabilitação de monumento importantes para a cultura nacional.

Desta forma, os trabalhos que tem sido feito para além do restauro dos monumentos e projetos que visam a salvaguarda do património imaterial, e a realização de contatos (associação dos cabo-verdianas residentes na diáspora, comunicação social, etc.) para divulgar os seus projetos. Uma divulgação que tem sido feita recorrendo às plataformas digitais como o site, Facebook, Instagram e Youtube.

Entretanto existem projeto em carteira para começar a trabalhar em projetos que promovam a nossa cultura com foco no aumento de turistas que visitam Cabo Verde essencialmente para a prática do turismo cultural.

Através de que plataformas e estratégias de comunicação?

Como foi citado acima, tem sido utilizado diferentes plataformas digitais (site, Facebook, Instagram e Youtube) para a divulgação dos trabalhos realizados junto do nosso

património cultural, material e imaterial, que possam despertar o interesse pela cultura cabo-verdiana.

A estratégia tem sido essencialmente a comunicação digital que tem sido um alicerce na divulgação de e que tem trazido retornos favoráveis. Retornos estes que tem disso notório quando se fala do aumento gradual do número de estrangeiros que tem visitados o site do IPC e interagido nas publicações realizadas nas redes sociais.

Para já esta tem sido a estratégia, mas está-se a trabalhar para que a comunicação digital seja apenas mais um instrumento de comunicação utilizado pela instituição para alcançar o público internacional.

ENTREVISTA DR IRLANDO FERREIRA – DIRETOR CENTRO NACIONAL DE ARTE, ARTESANATO E DESIGN - 28/01/20 VIA ZOOM

Apresentação do entrevistado.

O meu nome é Irlando Ferreira, sou formado em Produção e Gestão Cultural, tanto a nível de licenciatura como de mestrado.

Neste momento o desafio que tenho em mãos é a direção do Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design, que é o instituto responsável por esses setores, tanto do ponto de vista da programação cultural, como do ponto de vista da implementação de políticas públicas que possibilitem um maior desenvolvimento, tanto do artesanato como do design.

Fale-nos um pouco sobre os objetivos/ missão da vossa instituição.

Sim. O Centro Nacional de Arte Artesanato e Design acaba por se dividir em dois eixos, porque enquanto equipamento cultural tem o espaço museológico, duas galerias, um centro de investigação e biblioteca, um centro de formação, uma loja e um café, que fazem parte desta estrutura. E aí a missão é programar sobretudo no campo das artes visuais. É desenvolver uma programação de qualidade, seja de artistas nacionais como também de artistas internacionais, para podermos trazer uma reflexão do que é a contemporaneidade cabo-verdiana e do mundo, e qual o caminho desenvolvido até

então, de todos aqueles que se envolveram artisticamente ou criativamente nesse sector.

Depois temos o outro eixo que é o desenvolvimento do sector do artesanato e design, onde somos responsáveis por projetos que possibilitem os artesãos e designers terem um terreno muito mais fértil, no trabalho que fazem, sobretudo a sua profissionalização e por aí adiante. Então dentro desse eixo estamos a levar avante o processo de regulamentação e profissionalização do sector do artesanato. Temos o projeto “LEAD” que é o Laboratório Experimental do Artesanato e Design, que tem como objetivo promover, produzir e formar, ou seja, permitir aos mestres artesãos passar o saber aos mais novos e que os artesãos e designers trabalhar em conjunto para poder desenvolver novas perspetivas em termos de património material e imaterial de um determinado território, focando sobretudo no artesanato. Depois também temos o projeto “Rede de Lojas *Created in* Cabo Verde” que vem criar um espaço privilegiado de escoamento tanto do produto produzido pelos artesãos individualmente ou produzido a partir do “LEAD”.

Dentro desses dois eixos que referiu, como tem sido a promoção e divulgação da vossa instituição? Através de que meios?

Normalmente o processo de divulgação tem sido desenhado a partir das ações que vamos implementar, nós temos o plano de ação que tem um universo temporal de 2016 a 2021 e conforme essas implementações, vamos comunicando. A nossa comunicação é sobretudo no sentido de dar a conhecer aquilo que já foi feito, não numa perspetiva de promessa, mas sim de concretizações.

Os meios são variados, desde a rádio, televisão, das redes sociais, publicações do CNAD e por aí adiante. Esses são os meios que nos possibilitam chegar ao público, seja no público específico que são os artesãos, criativos e designers, seja ao público em geral. Não sei se essa era a base da sua questão.

Sim, sim. Não sei se utilizam outros tipos de plataforma. Não sei se a instituição tem algum site.

Aqui é preciso entender vários fatores, num primeiro momento estamos a criar as bases e uma das bases seria a requalificação do Centro Nacional de Arte Artesanato e Design

que começou em 2018 e entrando nesse projeto de requalificação do Centro não interessou criar um site sem a identidade visual desse novo projeto que se vai inaugurar. Tendo em conta que o CNAD vai ser inaugurado, ainda este ano, isso vai exigir um rebranding, onde entrará o site e que mostrará a identidade da instituição. Assim optamos por não ter nenhum site, até à data, e comunicar sobretudo através do Facebook e do Instagram.

Apresentam plano de ação direcionado para a diáspora?

Sim. Não sei se tem acompanhado a URDI – Feira do Artesanato e Design de Cabo Verde - que é o nosso ponto alto a nível de criação, programação, por aí em diante. A URDI normalmente, sobretudo o concurso de design do Salão *Created in* Cabo Verde, atrai vários criativos e para criar uma rede mais ampla, nós identificamos embaixadores nacionais e na diáspora, ou seja, pessoas ligadas ao sector disponíveis a colaborar connosco e a fazer a ponte com a sua comunidade e com as pessoas daquele país ou local que se identifiquem com a proposta; a partir daí comunicamos através dos vários media de modo a chegar ao maior número de pessoas na diáspora. É uma relação que se vai criando com o passar dos anos e que vai tendo resultados contínuos. Vamos dando conhecimento através de mailinglist direcionada e contactos mais diretos e envolvendo a diáspora numa dinâmica que parte de Cabo Verde, mas que tem essa preocupação que é o envolvimento de todos os que não se encontram nas ilhas.

Também envolvemos a diáspora através de convites a artistas, a criativos para trabalhar connosco em projetos específicos.

Mas artistas cabo-verdianos que vivem na diáspora, não é?

Certo. No geral, a comunidade criativa que engloba um espectro bastante alargado.

E quais são as diásporas com quem mais têm trabalhado?

Em termos de diáspora já contamos com a participação de criativos de Portugal, França, Holanda, Suíça, e num contexto de intercâmbio além diáspora já trabalhamos com profissionais do sector de países como Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Brasil, Egipto e Espanha.

ENTREVISTA DRA. HELENA GUERREIRO – DIRETORA DO CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS (CCP) – 14/01/21

De que forma o CCP ajuda na promoção da cultura cabo-verdiana na diáspora? Ou apenas se restringe à divulgação da língua portuguesa em Cabo-Verde?

Essa perspetiva que me diz, nós pensamos a nossa programação de modo a promover a cultura cabo-verdiana na diáspora, seja em Portugal ou em outras geografias, isso não existe. Porque digamos que isso não é a lógica dos centros culturais., estou a ver isso como um papel do Centro Cultural Cabo-verdiano em Lisboa, por exemplo, cabe a esse Centro Cultural, fazer aquilo que os nossos Centros Culturais fazem fora do país, que é mostrar, tenho acompanhado e têm feito um ótimo trabalho, a cultura cabo-verdiana em Portugal.

Aí vejo, na minha opinião, que deviam ter as duas vertentes, que deveriam ter uma narrativa mais direcionada para a diáspora, não sei... através das plataformas digitais poder-se-ia aproveitar para a difusão para outras diásporas, como França, Holanda.

Nós aqui de facto temos essa preocupação de trazer a cultura portuguesa para Cabo Verde e mostrá-la e simultaneamente dar a oportunidade aos artistas aqui em Cabo Verde para mostrar as suas expressões artísticas, à semelhança do que faz o Palácio do Ilho Lobo, que faz espetáculos regulares, vemos que há uma preocupação em dar palco aos artistas e remunerá-los, de forma a compensá-los devido à situação difícil em que vivem. Estas apresentações tiveram o duplo objetivo de mostrar a arte cabo-verdiana, mas também de compensar a quase ausência de trabalho ao longo do ano passado.

De facto, essa vertente que me fala não temos.

Que plataformas são utilizadas pelo CCP de modo a divulgar as atividades culturais desenvolvidas em Cabo Verde?

Uma das coisas que no âmbito dessas atividades que acabamos por dinamizar aqui no CCP e que tiveram esta dupla valência, a determinada altura falava com a minha colega Andreia Mendes que é quem acompanha de mais perto as atividades do CCP, que seria interessante que essas apresentações online fossem direcionadas para as comunidades

imigrantes. Normalmente promovemos as nossas atividades através do Facebook e já houve uma ocasião, no dia 10 de junho, que foi comemorado com artistas nacionais foi utilizado uma outra plataforma, a qual não me lembro o nome neste momento. A minha sugestão na altura, foi que quem quisesse assistir aos espetáculos, poderia pagar uma quantia simbólica, conforme foi feito no festival Mindelact no ano passado.

Muito obrigada, Dra. Helena.

ENTREVISTA ELLY BARBOSA – DIRETORA DA REVISTA TURIMAGANIZE - 17/03/21

Apresentação da entrevistada.

Elizandra Barbosa é licenciada em Relações Comerciais Internacionais, MBA com especialização em Comércio Internacional, pelo Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo (ISCET).

É CEO e Cofundadora na empresa Cabo Verde Global Business.

Diretora da Revista de Turismo de Cabo Verde – Turimagazine.

Conselheira da Global Chamber® para o mercado de Cabo Verde.

Investigadora e formadora nas áreas de Comércio Internacional, Negócios e Eventos.

Desempenhou funções de Coordenadora do Bureau Export Música e Bens Culturais de Cabo Verde (BEM-CV) no Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas.

Relativamente à revista Turimagazine, qual é a relação que fazem entre o turismo e a cultura?

Nós acreditamos que Turismo é Cultura, tendo esse pressuposto como ponto de partida para a difusão de informações, a produção de conteúdos culturais e a discussão sobre a interface entre os dois setores.

Criamos a Rota Cultural, um espaço dedicado a temas da atualidade da produção cultural e artística e da dinâmica das indústrias criativas nacional.

Defendemos através da informação que produzimos e difundimos, que Cabo Verde deverá trabalhar e organizar-se em rede para aproveitar os 4 ativos internacionais que

detém hoje e que poderão ser a base para o seu marketing internacional e na Diáspora, são eles: dois Patrimónios inscritos na lista da UNESCO, o Sítio Histórico da Cidade Velha – Património Cultural e Natural da Humanidade e a Morna – Património Cultural Imaterial da Humanidade, a cidade da Praia que figura a lista da UNESCO como Cidade Criativa no âmbito da Música e as ilhas de Fogo e Maio que fazem agora parte da Reserva Mundial da Biosfera da UNESCO.

No que diz respeito à diáspora apresentam alguma estratégia de divulgação da revista no estrangeiro?

Ainda não temos uma estratégia de comunicação direcionada em exclusivo à nossa Diáspora. Aproveitamos as redes sociais para chegar e estar cada vez mais perto dos nossos emigrantes e seus descendentes. Procuramos também trazer a Diáspora para a nossa rede informativa, através de entrevistas principalmente.

E que plataformas utilizam nessa divulgação?

Os grupos do Facebook e do LinkedIn que tem como foco a partilha de informações para a comunidade emigrada.

ENTREVISTA DR. ANTÓNIO MONTEIRO – DIRETOR AJUNTO EXPRESSO DAS ILHAS

23/03/2020

Apresentação do entrevistado

António Monteiro, diretor adjunto do Expresso das Ilhas. Estou neste projeto desde a primeira hora, vai fazer agora 20 anos.

Contextualização do que é o Jornal Expresso das Ilhas

O primeiro nº do Expresso das Ilhas saiu em dezembro de 2001, portanto no mês de dezembro serão 20 anos nesta caminhada. É um semanário, sai e continua a sair sempre às quartas-feiras, já passou por vários concelhos de administração, pois são alguns anos. Em Cabo Verde um projeto editorial desaparece antes de completar os 20 anos, por norma. Mesmo alguns que nos tinham prognosticado uma vida curta, eles desapareceram e nós ainda estamos, foi devido à capacidade do Expresso das Ilhas de se

adaptar aos novos tempos. Essencialmente, a primeira leva do Expresso tinha política, economia, cultura, desporto, secções que se mantiveram. E com o atual conselho de administração que tomou posse em 2010 houve mudanças, já temos um jornal típico anglo-saxónico, temos opinião, mundo, trazemos colonistas internacionais, prémios Nobel, etc. Trouxemos ciência e tecnologia, uma secção que também não havia. Demos muita importância à saúde, noticiamos sempre, com temas como o cancro da mama, cancro do colo de útero, etc. etc.

O expresso tem sido pioneiro, sempre trazendo novas descobertas, métodos de cura que fomos sempre acompanhando a evolução.

Em relação ao online (2007) como funciona em processo de trabalhar para online e ao mesmo tempo para o impresso.

Depois chegou a tendência que chegaram os online. A redação é quase a mesma, todos colaboramos no online, os jornalistas do impresso colaboram no online, temos um colaborador, André Amaral (coordenador do site).

Quais são as diferenças, na secção de cultura do online e do impresso?

Bom, o online faz as cobertas diárias, quase que segue uma agenda, não direi governamental, mas conferências de imprensa. Essencialmente acompanhamos os eventos, e está sempre atualização.

Os jornalistas que trabalham (secção de cultura) para o online são os mesmos que trabalham para o impresso?

Há uma escala, mas ao fim ao cabo são todos jornalistas do impresso. Todo o fim de semana os jornalistas trabalham e estão a atualizar as notícias.

A Dulcina Mendes trabalha na secção de cultura, juntamente com o Sr. Brito Semedo.

E a divulgação nas redes sociais?

Isso não dá muito trabalho, basicamente é a mesma coisa, quando vai para o online entra diretamente para o Facebook, está pré-programado.

Perfil dos utilizadores do site? Comunidade cabo-verdiana na diáspora está envolvida?

André Amaral.

E quanto aos financiamentos e lucros do site como funcionam?

Lígia Pinto – administradora financeira – ver entrevista no link [“O jornal não é apenas uma empresa. Existimos para lá da lógica do lucro” \(expressodasilhas.cv\)](http://expressodasilhas.cv)

O Jornal gera certa de 3 000 CVE por ano.

**ENTREVISTA MARCO ABBONDANZA – DIRETOR DO FESTIVAL 7 SÓIS 7 LUAS –
22/01/21 VIA EMAIL**

Apresentação do entrevistado/cargo que exerce no âmbito do Festival Sete Sóis Sete Luas.

Marco Abbondanza, diretor do Festival Sete Sóis Sete Luas.

Em que consiste o Festival Sete Sóis Sete Luas? E qual a missão?

O Festival Sete Sóis Sete Luas, em 2021 na sua XXIX edição, é promovido por uma Rede Cultural de 30 cidades de 10 Países do Mediterrâneo e do mundo lusófono: Brasil, Cabo Verde, Croácia, Eslovénia, Espanha, França, Itália, Marrocos, Portugal, Tunísia. Realiza a sua programação no âmbito da música popular contemporânea e das artes plásticas, com a participação de grandes figuras da cultura mediterrânea e do mundo lusófono. Entre os objetivos do Festival: o diálogo intercultural, a mobilidade dos artistas dos Países da Rede, a criação de formas originais de produção artística com a participação dos criadores vindos dos Países da Rede.

Em Bruxelas, em janeiro de 2009 e de 2013, o Festival Sete Sóis Sete Luas foi convidado para realizar uma audiência na Comissão Cultura do Parlamento Europeu dedicada à dimensão europeia do projeto.

Recebeu o apoio da União Europeia com os Programas Caleidoscópio, Cultura2000 e Interreg IIIB Medocc, pela dimensão europeia e qualidade cultural do projeto. Durante

18 anos os Presidentes Honorários do Festival foram os Prémio Nobel José Saramago e Dario Fo. Desde 2012 o novo Presidente Honorário é o Presidente da República Jorge Carlos Fonseca. Em Granada, em abril de 2009, o Festival Sete Sóis Sete Luas recebeu o prestigiado Prémio «Caja Granada para a Cooperação Internacional», do valor de 50.000- euros, finalizado à construção do Centro Cultural Sete Sóis Sete Luas em Cabo Verde. Este Prémio nos anos anteriores foi atribuído a personalidades como Carlinhos Brown, o Prémio Nobel Yulnus, as Forças Armadas Espanholas...

Quanto à diáspora como tem sido a vossa linha de atuação?

O Festival SSSL tem convidado e ajudado na internacionalização das carreiras de inúmeros artistas cabo-verdianos a partir do ano 1993. Por exemplo o Festival SSSL organizou as estreias na Itália de importantes cantores cabo-verdianos como Cesária Évora (1995), Bana (1998), Ildo Lobo, Tito Paris, Mayra Andrade.... O Festival tem recebido nos seus concertos muitos cabo-verdianos a viver fora de Cabo Verde, tentando sempre criar uma ligação e uma ocasião de convívio.

Através de que meios (plataformas) têm feito divulgação e promoção do festival?

O Festival SSSL utiliza habitualmente as plataformas Facebook, Instagram, bem como a web-APP www.7sois.eu

ENTREVISTA GIL MOREIRA – MÚSICO - 05/02/21

Apresentação do entrevistado.

Sou o Gil Moreira, sou do Concelho de Santa Catarina, Boa Entradinha, ilha de Santiago. Tenho estado a trabalhar a cultura cabo-verdiana em vários domínios, no domínio do teatro, da música tradicional cabo-verdiana e das tradições orais, contos de histórias, incluindo o *Batuku* como um fator mais animado da oratura cabo-verdiana. Coordeno a cultura cabo-verdiana no ensino secundário e também trabalho com a Escola de Hotelaria e Turismo, no sentido de formar os nossos guias no campo das tradições orais, no campo das investigações culturais, a ponto de transmitir a cultura cabo-verdiana com maior rigor.

Uma pequena contextualização do *Batuku* em Cabo Verde?

O *Batuku* no campo da tradicional cultural cabo-verdiana é contextualizado na formação etno-cultural cabo-verdiana, primeiro ponto. É resultado de uma mistura de povos e de culturas cabo-verdiana, como Cabo Verde é e responde por isso culturalmente. É um contributo africano na formação da cultura cabo-verdiana, é um processo de narração oral, conto de histórias da vida social e cultural cabo-verdiana e o *Batuku* tem mudado de acordo com fase, ou seja, a contextualização é toda ela uma manifestação cultural dinâmica, que tem seguido Cabo Verde nos diferentes pontos da sua formação, da sua evolução histórico-cultural, citando isso.

Por exemplo o *Batuku* antes da independência Nacional tem uma contextualização diferente, a preocupação das batucadeiras e como de todos os cabo-verdianas com a situação sócio-cultural na altura, é o denunciar da situação da vivência quotidiana, a situação da escravatura, e as letras realmente resumiam toda essa situação, essa denuncia dessa situação sócio-cultural da época, tanto do *Batuku*, *Finaçon* e nas outras manifestações culturais e *Kombersu Sabi* que é o género que destaco e que tenho estado a trabalhar junto do Princesito, do Claudino Moreira, que vive neste momento fora de Cabo Verde, de alguns outros tradicionalistas da nova geração do *Batuku* e *Finaçon*. A contextualização tem mudado, já não existe a preocupação da sociedade escravagista, é o vivenciar do povo das ilhas, é conhecimento da nossa vivência, da nossa realidade, são os acontecimentos sociais o dia a dia do povo cabo-verdiano, então a contextualização tem sido neste aspeto muito adaptada à realidade, à vivência e à dinâmica social cultural cabo-verdiana.

Na diáspora, que trabalhos têm sido feitos em torno do *Batuku*?

Primeiro, levei o *Batuku* num projeto em contrato com uma associação cultural na Costa do Marfim, projeto de nome “*Naforoba*” que engloba os países de língua oficial inglesa, na África do Este, Burkina Faso, Senegal, Togo, Benim, que não havia, Níger.

Levei o *Batuku* numa modalidade mais do conto tradicional, o *Batuku* entrava quando tocava a *cimboa*, que é para dar aquela dinâmica, aquela cadência, musicalização e trazer o interesse e o prazer para as pessoas assistirem. Porque o objetivo era previver

a tradição dos griô africanos, que são os narradores da vivência quotidiana e que Cabo Verde tem essa influência, são os contadores de história, os nativos contadores de história, são improvisadores, o que assemelha um pouco aos repentistas brasileiros. Porque temos uma ligação bastante forte com a cultura brasileira, pela ligação afro-étnico na formação da nossa cultura, pelo comércio triangular e tudo isto, só que muitas vezes não damos por bem, não catalisamos, não preocupamos tanto.

Deste modo, levei o *Batuku* neste domínio, trabalhamos 5 anos e acabamos por estabelecer um protocolo com a associação RJ em Lisboa.

Existe uma componente de narração oral lá dentro, porque o projeto centralizou numa região a qual teve um apoio forte na linha de Sintra, Cacém. O projeto englobou os países de língua oficial portuguesa, teve presente narradores dos Açores, da Madeira, países como Angola, Moçambique, teve algumas representações.

Nesse campo a Cimboa esteve lá dentro acompanhando o *Batuku* também acompanhando a narração oral. Fiz workshops do *Batuku* criando essa dinâmica.

Na questão da divulgação, a diáspora tem sido a minha maior preocupação porquê? Dentro de Cabo Verde o *Batuku* andou, parou, quase por que acabou se concluir, toda a gente já sabe o que é o *Batuku*, quem faz o *Batuku*, mas a dinâmica da produtividade do *Batuku* tem sido além.

Porque são os artistas que vivem fora que têm instrumentalizado o *Batuku* de forma diferente, metendo novas cadências, metendo instrumentos como o cavaquinho, como o violino, até o próprio tambor. O que tenho estado a fazer é trabalhar com artistas fora, como é o caso da Lura, estivemos juntos nesse aspeto, como a Gláucia Nogueira, que é uma investigadora a qual participei no seu trabalho, levando o *Batuku* além, assim a preocupação era dar a montagem do terreiro do *Batuku* que é diferente, o toque tradicional que vem de Bibinha Cabral, Nha Nácia Gomi, essas ancestrais culturais do *Batuku*, o próprio recém falecido Nhô N'Toni Dentu D'oru, dar essa dinâmica da montagem do terreiro para não perder a vertente cadencial, porque sair do terreiro cantando, pum pum, dessa vertente que orquestra o *Batuku*, perde o risco de desfalecer em termos do andamento, mais rápido, que não dá para cantar finaçon, não dá para a

mensagem centralizar. Isso também tem estado a acontecer com o funaná, assim como chamamos a nova tradição do ritmo funaná como o *cotxi pó*, corremos o risco de leva o *Batuku* para o *cotxi pó* também, porque as batucadeiras saem a correr... buuuurrrrrmmmm a mesma não para, não centraliza e Nha Nácia Gomi, nem Nha Bibinha Cabral não gostavam, chamavam sempre a atenção por isso. Porque o *Batuku* tem a sua cadência, começa lento, depois há o momento da progressão, há o clímax, depois volta o rapicado para o final.

Tenho estado a trabalhar com a diáspora no campo formativo. Em França trabalhei com a associação Simenteira, que é uma associação do *Batuku* em França, trabalhei não só em espetáculo, mas também em workshop e formação, em Genebra, na Suíça estive com um grupo de batucadeiras recém-formadas, em formação para além do concerto, exatamente não perder a essência.

Quais os meios que o Gil utiliza atualmente na divulgação deste género musical?

Os meios que utilizo atualmente para divulgar o género musical, primeiro fiz uma gravação do *Batuku*, *Sambuna*, *Finaçon* e *Kombersu Sabi*, com a presença dessas quatro vertentes, depois da defesa da minha tese em “*Batuku, Nova Geração e Finaçon e Kombersu Sabi*” e fiz este trabalho como resgate.

Através da comunicação social, que tem estado sempre a solicitar, as universidades também têm estado sempre a solicitar e trabalhando com a Escola de Hotelaria e Turismo de Cabo Verde é exatamente nesta vertente divulgar o *Batuku* e levar alem, como a maioria dos turistas são estrangeiros, não existe essa tradição do turismo interno, assim trabalho nesse sentido de divulgação. A Televisão de Cabo Verde (TCV) já disse, os jornais, as revistas, mas as mais importantes que tenho estado a gostar é a forma como as pessoas procuram-me para os estudos, nas teses, por exemplo da Gláucia Nogueira, Dr. Arlindo Mendes, tem sido um investigador incansável nas raízes da tradição cultural e social cabo-verdiana e tenho estado a colaborar com ele. Eu tive, aliás tenho registos na televisão independente de Cabo Verde, a TIVER, produzi por três anos um programa chamado “Pessoas com história”, onde o *Batuku* era frugal.

Tem sido diversos trabalhos e diversos meios, já trabalhei com Nha Balila que e das culturas mais antigas que temos no *Batuku*, nós gravamos um projeto com a *Cabo Verde Productions* com o conhecido *Zé de Sucupira* que tem essa loja grande no mercado do Sucupira, tenho trabalho com batucadeiras de diferentes sítios, de Porto Mosquito, Pedra Badejo, Tarrafal, Santa Catarina, tem o *Projeto Batuku Vol I*, gravei o finaçon Nha Tomásia, não sei se se encontra disponível nas redes sociais.

As redes sociais também tem sido um meio de divulgação, não por mim porque não estou muito ligado às tecnologias, mas por pessoas que apanham e fazem isso. Isso obviamente é positivo, no campo da divulgação, porque a nossa cultura não pode parar e nós temos de estar sempre disponível a colaborar.

ENTREVISTA DRA DULCINEIA RAMOS – DIRETORA DE INFORMAÇÃO DA INFORPRESS- 28/04/21

Como que agências de notícias, fora de Cabo Verde, a Infopress tem feito parcerias?

A Inforpress tem feito parcerias com agências de notícias fora de Cabo Verde, nomeadamente de Portugal, Marrocos, Angola e Nigéria.

A Inforpress envia conteúdos para agências de notícias no estrangeiro?

Sim. A Inforpress envia conteúdos para agências de notícias fora de Cabo Verde, como de Marrocos. As outras agências que a Inforpress tem parceria, podem apanhar as notícias diretamente na página, como é o caso da Lusa em Portugal.

E na área da cultura, como têm acesso aos eventos realizados fora do país?

Nessa área, como disse anteriormente, a Inforpress tem acesso aos conteúdos das outras agências, inclusive, relacionados com a cultura. A Inforpress também consegue trabalhar notícias sobre eventos culturais realizados fora do país, a partir de Cabo Verde. Como sabe, agora é muito fácil contatar pessoas e organizações mesmo estando num país diferente, através das tecnologias disponíveis.

ENTREVISTA MÁRIO BETTENCOURT – PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES DE EVENTOS DE CABO VERDE (APECV) - 08/02/21

Apresentação do entrevistado.

Chamo-me Mário Bettencourt, sou dono da empresa Marius Produções, produtor de evento, agente cultural, músico no grupo *Os Tubarões*, em tempos fui jornalista e atualmente circunstancial presidente da APECV.

Qual é a Missão da Associação de Produtores de eventos de Cabo Verde (APECV)?

Relativamente à APEC é uma associação relativamente recente, que começa a dar os seus primeiros passos, com alguma dificuldade e dentro da situação da pandemia torna tudo mais desafiante. Neste momento a nossa principal ação consiste em juntar produtores possíveis e termos uma grande expressão em número de elementos, só assim de facto ser ouvido. Acredito que já possuímos alguma influência dentro do ambiente musical e promocional, mesmo a nível de estruturas governamentais, pois já nos “ouvem” e algumas reivindicações nossas têm sido levadas em consideração, porque até ao momento da criação da APEC podemos dizer que não “erámos” achados, mas quando começa-se a chamar a atenção às pessoas em aspetos fundamentais como influência no balanço do pagamento de país, na economia, o volume de negócio que geramos por ano e quando fizermos as contas, vemos que realmente tem um peso expressivo. Maior prova que tivemos foi que a produção devido à pandemia, foi que o sistema de produção de cultura parados, a economia sofreu e muito. É um pouco isso que a APEC está a fazer e continua fazer, porque a maioria dos associados não possuem renda, por isso não podemos pressioná-los com questões de aquisições, pagamento de cotas, ou outros compromissos para desenvolver a associação, mas vamos ter paciência, mas sempre com muito interesse e vontade, para que a associação nunca perca o seu norte, que de facto tentar o melhor que conseguirmos junto das entidades governamentais, privadas e públicas, para conseguirmos desenvolver o nosso trabalho.

Existe algum plano traçado para os Produtores de eventos cabo-verdianos na Diáspora?

Interessante. Neste momento todos os associados da APEC residem em Cabo Verde e de facto que não temos nenhuma ação, ainda, para produtores cabo-verdianos fora do país. Mas claro que faz parte do futuro no nosso âmbito de ação.

Agora não sei até que ponto, a não ser convidá-los para serem convidados da APEC, podemos fazer alguma ação, com as fronteiras fechadas, limitação de movimentação, *lockdown*, por complica a situação. É um caminho a seguir naturalmente, porque inclusivamente uma das questões que levantamos juntamente com o Ministério da Finanças, porque Cabo Verde é um país *open door*, todos chegam aqui fazem eventos e nem precisam de estar inscritos, mas segundo as condições que estamos a impor ao governo para que possa haver disciplina, por a situação assim não pode continuar, sem sequer pagarem as receitas geradas no país. E tudo isso são ações que temos de trabalhar juntamente com as autoridades. Nesse âmbito de ação da APEC é um pouco ambicioso, porque temos excelentes parceiros lá fora que nos servem de concelheiro e de exemplo, como é o caso de Centros de Produtores em Portugal, França, Bélgica, EUA, enfim existem vários exemplos, agora devagar falta pegar e de acordo com a nossa realidade e trazer para Cabo Verde.

Quais são os meios/plataformas digitais utilizados divulgados pela vossa associação na divulgação da cultura cabo-verdiana?

A APEC tem uma página Web, no Instagram, tímidos. Como estamos no início acredito que mais para a frente quando tivermos mais material e mais conteúdos podemos conseguir ter mais destaque.

A minha empresa tem uma página no Facebook, que nos ajuda a divulgar não só a empresa, mas o trabalho que nela tem sido feito, as nossas parcerias e tudo o que estamos envolvidos. É fundamental, mesmo nesta época da pandemia, fizemos um projeto “Si KI Nu ta Vive Live” com seis empresas que se juntaram durante 4 meses, concertos de 15 em 15 dias e depois fizemos um concerto no auditório nacional tudo

transmitido no Facebook e Instagram. Isso foi ótimo porque nos permitiu manter no ativo, deu visibilidade às empresas e aos músicos que fizeram parte do projeto.

ENTREVISTA SABINO BAESSA– GRUPO TEATRAL “FLADU FLA” - 26/01/21

Apresentação do entrevistado, função que desempenha no grupo.

Chamo-me Sabino Baessa, sou Oficial Superior Militar, de profissão, Engenheiro Técnico Aeronáutico.

Faço teatro como um hobby e no ano de 2002 fundamos o grupo “Fladu Fla”, porque fazia parte de um grupo de legionário católicos, então decidimos introduzir o teatro como forma de atrair os jovens do presídio “Arca da Aliança”. A partir da primeira apresentação percebemos que existia um grande número de jovens desse presídio com potencial e que não deveríamos fazer apenas o teatro religioso, mas sim ter como público alvo a sociedade cabo-verdiana, e não só. E daí, dentro dos vários nomes elegemos o “Fladu Fla”, em que “Fladu” representa toda a vivência do povo cabo-verdiano, com os seus hábitos, costumes, normas... e “Fla” representa o ato de comunicar os aspetos tradicionais da cultura cabo-verdiana à nova geração. Algumas pessoas conotam a expressão como sendo “fofoca”, mas na nossa perspetiva, não é isso. Assim tentamos comunicar os aspetos da cultura cabo-verdiana, porque como sabemos as tecnologias modernas estão a ocupar bastante tempo, estão a desviar-nos o nosso interesse da nossa identidade nacional e acabamos por consumir mais cultura estrangeiro do que propriamente a nossa. Trata-se de um processo antigo, do nosso processo de escravatura, processo de colonização e isso tudo nos formatou a mente de modo a não vermos o que é nosso como referência, mas ao contrário.

É nessa perspetiva que “Fladu Fla” tem como objetivo promover a identidade cultural cabo-verde, de forma a garantir que a nova geração tenha contacto com a sua identidade cultural, para que continuemos a preservar a cultura cabo-verdiana. Porque na verdade, no mundo globalizado, que Cabo Verde, não foge à regra, um dos fatores que valoriza a Nação, é a sua singularidade cultural, daí é fundamental que direcionemos os jovens para aquilo que é nosso.

A cultura constitui uma das diversidades que faz parte do pacote da oferta turística e turismo cultural de excelência, é a chave para atração turista. Porque os turistas quando vêm para Cabo Verde não vêm à procura da cultura estrangeira, mas o que não encontram lá fora, mas querem ver o que é genuinamente cabo-verdiano. Assim temos trabalhado nessa perspetiva e o Festival do Teatro Atlântico, surge neste âmbito, que é promover a cultura dos países do corredor atlântico, sobretudo os países que constituem a origem e a extensão da cultura cabo-verdiana, como na Europa é o caso de Portugal, Espanha e como a nossa cultura resulta dessa mixagem entre a cultural europeia, com a Costa Ocidental Africana, como Angola, Guiné, Senegal, S. Tomé. Também houve o que chamamos da africanização da cultura europeia, ou seja, a cultura europeia sofreu influências da cultura africana. A cultura é uma componente dinâmica, porque com a presença de diferentes povos, aqui a cultura cabo-verdiana acaba por ficar mais rica em termos de diversidade, mas é fundamental perante esta diversidade cultural, conhecermos a nossa própria identidade para que a nossa não fique deturpada dentro dessa mixagem de culturas. Porque senão a cultura dos países com maior poder económico, acaba por sobressair.

Como caracteriza o teatro cabo-verdiano, principalmente na ilha de Santiago?

Após a independência a ilha de Santiago ganhou uma boa dinâmica teatral, mas um teatro genuinamente cabo-verdiano, com objetivo direcionado para a promoção da nossa cultura. Dentro dessa dinâmica surgiu o grupo *Korda Kauberdi, Kruma Kruma*, OTACA que ainda existe, surgiu uma série de grupos que com o tempo acabaram por desaparecer. Surgiram na década de 70 e na década de 80 já começaram a desaparecer por falta de financiamento. Por outro lado, como vivíamos num país com partido único, havia a Juventude Africana, que era a JAAC- CV, que incentivou a criação de vários grupos, mas que tinham de ser vinculados ao partido no poder. E qualquer grupo que apresentava manifestações que não correspondiam às expectativas do partido, não eram financiados, por isso acabavam por desaparecer.

No entanto, nos finais da década de 80 a 90 começaram a surgir novos grupos. De entre esses grupos, *Korda Kauberdi* e *Juventude em Marcha* foram dos grupos que mais internacionalizaram Cabo Verde. Depois com o surgimento do grupo do Centro Cultural

Português do Mindelo, que depois fundaram a Associação Mindelact, com a dinâmica de trazer grupos de outros países, como de Portugal, do Brasil para a ilha de S. Vicente, promovendo ações de formação e isso permitiu a proliferação de grupos de teatro na ilha de S. Vicente e com grandes potências, mas que com a falta de financiamento acabavam por desaparecer.

A Associação Mindelact, basicamente, tinha o monopólio do financiamento do Governo para o teatro em Cabo Verde, então os outros grupos não conseguiam montar os seus espetáculos.

A promoção do Teatro no país ainda carece de financiamento e Fladu Fla é a prova disso. Pois, caminhando para 19º aniversário e organizador da IV Edição do Festival de Teatro do Atlântico, ainda as atividades são realizadas na sua maioria, apenas com o apoio institucional. Na verdade, a vinda de grupos para a ilha de S. Vicente é bom, no sentido em que acabamos aprender a forma como montam os espetáculos na Europa, na América e em África. Cabo Verde precisa criar um teatro cabo-verdiano com a sua própria linguagem, mas para isso é preciso investir na formação e financiamento das produções. Pois, a nossa identidade é vulnerável, suscetível de mudança, qual é a tendência? Copiar o teatro europeu. A dinâmica do grupo *Korda Kauberdi* era inverter essa tendência, criar um teatro genuinamente cabo-verdiano, mas com uma linguagem própria de Cabo Verde e não de imitação do Europeu. E nós seguimos essa linha, que quando estreámos a peça “Profisia di Kriolu” no ano de 2006, Francisco Fragoso numa entrevista disse /... agora sim apareceu um grupo que segue as linhas de orientação de “*Korda Kauberdi*”.../. Fladu Fla promove um teatro de investigação científica e de identidade cultural cabo-verdiana.

O teatro em si mesmo sendo uma das modalidades da arte com maior expressão artística na história de um povo, ainda em Cabo Verde é visto como uma componente pobre, na verdade a arte que engloba todas as outras modalidades artísticas, como a música, dança, poesia, literatura, pintura, até arquitetura.

O que tenho estado a fazer é aplicar as técnicas da engenharia no teatro e vice-versa, isso facilita tanto no meu trabalho como no meu hobby.

Esta a resenha histórica do teatro cabo-verdiano. Agora existe realmente um teatro cabo-verdiano, ou é apenas de imitação ao teatro europeu? Esta é uma tendência natural que possuímos, por exemplo os agentes de teatro de São Vicente criticam o teatro feito nas outras ilhas porque não seguem a mesma linha de produção que eles. No entanto, como recebem muitas influências do teatro Europeu e Brasileiro e porque na generalidade os primeiros formadores de teatro foram indivíduos de Europa ou Brasil, logo as suas produções cénicas sofrem influências europeias e brasileiras. Fladu Fla, OTACA, Juventude em Marcha são grupos de teatro que primam pela promoção da identidade cultural cabo-verdiana.

Por exemplo, a embaixada do Brasil contratou o grupo “Fladu Fla” para fazer a adaptação do filme “Auto da Compadecia”, que na verdade é uma obra que está relacionada com a cultura cabo-verdiana. E o que fizemos? Fizemos um paralelismo cultural entre Brasil e Cabo Verde, em que mantivemos as características das personagens da obra e atribuímos nomes cabo-verdianos. Isto acabou por ser um trabalho muito rico e demos o nome de “Fronta ka só ku agu ku lume”, foi um sucesso, até que no festival passado muita gente fez questão de assistir novamente. O Ministro da Cultura e o Diretor Geral das Artes também adoraram o espetáculo e não pensavam que Fladu Fla tinha o padrão de qualidade apresentado. Algumas pessoas dizem que não existe teatro em Santiago, mas Fladu Fla nunca dececionou o seu publico e por cada espetáculo, o processo da conquista tem sido constante e com resultados satisfatórios. Quem assiste apresenta críticas positivas.

Resumindo, já existe uma preocupação tanto do Francisco Fragoso como do “Fladu Fla”, na criação de uma linguagem genuinamente cabo-verdiana.

Este ano o IV Edição do Festival de Teatro do Atlântico (TEARTI) tinha como objetivo atrair mais turistas para Cabo Verde. Como tem sido o trabalho realizado na diáspora de modo a chamar atenção da cultura cabo-verdiana na diáspora?

A intenção não foi esta. A verdade é que devido à situação pandémica, com o fecho das fronteiras, a nossa intenção foi tentar ajudar os cabo-verdianos a ultrapassar esta crise, tanto que dentro da programação integramos “Fome 47” para mostrar **como o povo** cabo-verdiano sofreu no passado e que nos fez ganhar resiliência e que hoje temos esse

Cabo Verde diferente e uma outra peça que fazia referência à depressão, para ajudar as pessoas com esta situação. E também devido ao facto de as pessoas estarem há muito tempo sem nenhuma atividade cultural, atores decidiram que nesse momento que era necessário levantar a sociedade cabo-verdiana. À *priori* seria em formato *live*, mas com a abertura das salas de espetáculos, desde que cumprissem com a normas sanitárias e a verdade é que logo depois do anúncio tivemos salas esgotadas em todos os espetáculos. Agora à semelhança dos anos anteriores montamos o diário para que as pessoas que tivessem fora do país nos pudessem acompanhar através do mesmo, ou seja, uma síntese da peça em si e das entidades que a viram.

E isso Fez com que as entidades governamentais vissem as dificuldades que o teatro em Cabo Verde enfrenta. Por exemplo, a música cabo-verdiana já tem um lugar na mesa de representação cultural do país, a literatura também, mas o teatro não. Por isso, a minha luta é conquistar o espaço do teatro na mesa da representação cultural de Cabo Verde.

Através de que plataformas digitais costumam fazer a comunicação do vosso grupo?

Estamos num processo de construção de um site (www.fladufla.com – em construção), mas já temos um protótipo do site (www.teatrofladufla.wixsite.com/fladufla que já está montado. Comunicamos através das redes sociais (facebook – Companhia de Teatro Fladu Fla, Instagram – Companhia de Teatro Fladu Fla, youtube – Companhia de teatro Fladu Fla) e também apresentamos duas formas inovadoras de comunicar que é o **happyning e teasar** (divulgado na nossa rede social) que utilizamos para divulgar e promover os nossos eventos. Normalmente utilizamos o Mercado Municipal da Praia, para apresentação de **sketch's** (pequenas peças de teatro) envolvendo a comunidade. Já fizemos na rua pedonal, em 2018 fizemos “A revolta dos escravos”, com a classe de elite e a classe dos escravos, saímos do Palácio da Cultura e fomos até ao Mercado, isso causou muita emoção nas pessoas e foi solicitado por vários municípios de Santiago. Utilizamos uma réplica do pelourinho, como símbolo do poder, porque era o que representava a autonomia do poder na época da colonização. E isso atraiu muitos turistas, a partir daí que ganhamos a atenção da Camara Municipal da Praia, em que estabelecemos uma parceria, pois quando trazemos grupos de fora, a CMP assume as

despesas. E foi com essa parceria que conseguimos realizar as 4 edições do festival de Teatro do Atlântico (FESTA) - TEARTI.

A IV Edição do Festival que era local tornou-se nacional e com cunha internacional devido ao patrocínio da vinda do grupo do Centro Cultural do Mindelo, pelo Centro Cultural Português na Praia.

Estamos neste momento a submeter um projeto para financiamento através do MCIC e acredito que a partir deste momento o teatro cabo-verdiano pode ganhar mais dinâmica. Para que não exista apenas trabalho voluntário, visto que já temos 19 a trabalhar como voluntários e a única fonte de receita que temos é o teatro de intervenção social. No entanto, os parceiros que temos vindo a envolver desde na altura da Direção Nacional da Juventude, CCS-SIDA, VerdeFam, ONU, Câmara Municipal da Praia e Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas do Projeto da Bacultura, têm contribuído para a sustentabilidade e continuidade de Fladu Fla. Acho que as entidades governamentais estão a ganhar sensibilidade no que diz respeito ao teatro e acredito que seja possível, para o ano, tornar esta modalidade semiprofissional, onde os atores desempenham as suas funções e recebem pelo trabalho que prestam.

A nossa página ganhou muitos seguidores devido ao diário que implementamos em 2019 e este ano adotamos novamente esta estratégia. E as plataformas dá-nos uma projeção internacional. Esta projeção pode contribuir para a atração de potenciais financiadores desta modalidade.

Finalmente, essa dinâmica de teatro implementado por Fladu Fla na Praia, tem atraído muitos investigadores da área do teatro e das ciências sociais, os profissionais da comunicação Social para entrevistas e documentários. O envolvimento desses setores da sociedade contribui para a valorização da modalidade artística e das organizações que a produz e sobretudo, contribui para sedimentar o processo da socialização das comunidades com os valores socioculturais e artísticos e que indiretamente, contribui para o desenvolvimento humano.

IENTREVISTA SIMONE SPENCER “MONE” - ARTISTA PLÁSTICA - 01/02/21

Apresentação da entrevistada.

Chamo-me Simone Spencer, nome artístico “Mone”. Trabalho com a arte visual, faço pinturas em tela, bem como pintura de arte urbana, é um estilo que aprecio bastante. Também estou ligada à área da música e da literatura, mas o meu foco neste momento é a arte visual.

Contextualização da situação das artes plásticas em Cabo Verde.

Considero que as artes plásticas em Cabo Verde estão no bom caminho, no sentido em que temos diversas pessoas que se encontram neste ramo, tanto os que já trabalham há muito tempo na área, bem como os jovens, “new blood”.

Considero que existem dois problemas atuais em Cabo Verde, a falta de mulheres nas ligadas às artes plásticas, somos poucas mulheres e a maioria que se encontram neste, ou não são conhecidas o suficiente, ou não são valorizadas e ou também não possuem meios para fazer arte a tempo inteiro. Um segundo problema diz respeito à inexistência de profissionalização das artes plásticas, não é valorizado por muito gente. E mesmo ligado ao Ministério das Finanças não existem seguros, descontos para o INPS... esta parte precisa ser resolvida. A pandemia veio realçar como a área da arte é ignorada neste aspeto. A parte da profissionalização da arte é de extrema importância, visto que são poucos os artistas que conseguem viver 100% da arte e essa profissionalização com certeza seria uma mais valia.

Então o que achas que as mulheres enquanto artistas poderiam fazer para sobressair nesta área?

O problema é que muitas vezes não depende de nós, porque a sociedade cabo-verdiana em geral está programada para que “a mulher cuide da família”. Os homens normalmente têm maior liberdade na família, para se aventurar numa área como esta, que nada é garantido. Enquanto que as mulheres estão mais condicionadas e programadas para serem seres práticos, lógico. E sinceramente aventurar-se na área das artes não é um empreendimento com garantias. É um investimento extremamente

arriscado. “É um salto sem saber se existe uma rede para te amparar”. Os homens são mais encorajados a tomar riscos. Por exemplo aqui em Cabo Verde existe o problema das mães solteiras, que cuidam dos filhos sozinhas e isso faz com a vida da mulher se transforme completamente e isso não acontece da vida dos homens, apesar de terem filhos. A nossa sociedade encoraja as mulheres a serem mães muito jovens e se quisermos entrar no mundo das artes é mais complicado quando temos uma família que depende de nós.

Então não é algo que depende apenas de nós, mas é a própria sociedade que nos condiciona e mesmo que tivermos alguma aptidão para as artes, torna-se mais difícil aventuramos na área.

A situação na diáspora, como considera que tem sido a comunicação? Os vossos trabalhos têm tido repercussão a nível internacional?

Acho que tem sido muito bom. Noutro dia em conversa com outro artista, este referiu que ele sobrevive a partir de investidores estrangeiros, de pessoas que estão no estrangeiro. E é verdade, pois devido à situação económica em Cabo Verde, se um artista quiser viver 100% da arte, uma grande parte do teu trabalho tem de ser vendido no estrangeiro, então não é uma questão de decidir se queremos ou não contactar, ou ir para a diáspora, mas é inevitável.

Para existir um equilíbrio, para as pessoas terem poder de compra em Cabo Verde o que estou habituada a fazer é em festa de fazer trabalhos em tela, faço em papel. Porque os materiais são muito caros, então não tem como baixar os preços dos trabalhos. Os artistas precisam viver, precisam de comprar os materiais e se formos a ver são muitas despesas.

O que se pode fazer é investir em materiais mais baratos, fazer pequenos trabalhos, mas sem colocar em causa a qualidade.

Quanto ao poder de compra, é o que temos...

Consideras que os cabo-verdianos residentes na diáspora dão mais valor à arte?

Não te sei dizer. Tenho familiares que residem no estrangeiro, são emigrantes que foram com o intuito de trabalhar e dão valor à arte necessariamente, os que conheço. Talvez, a nova vaga, os mais jovens, mais intelectuais, deem valor às artes plásticas. Sei que a arte musical é muito valorizada, sem dúvida, sendo que a arte mais valorizada em Cabo Verde é o ramo da música. Se se valoriza a arte? Sim, mas artes plásticas não está no mesmo patamar.

Um exemplo, no murro do Centro Cultural Cabo-Verdiano em Portugal, quem fez a pintura não foi um artista cabo-verdiano, no meu ponto de vista trata-se de partidarismo. E infelizmente isso também acontece muito em Cabo Verde, o que é triste.

Que plataformas são utilizadas nessas comunicações?

Mais através do Instagram, também através do Facebook, mas não utilizo tanto com o Instagram. 90 % das vendas que faço são através do Instagram.

Também utilizo outra plataforma que é o *Patreon*, mas que não é muito utilizado em Cabo Verde, trata-se de uma plataforma em que todos os meses pagas um X valor, podes ter acesso exclusivo. Mas infelizmente aqui a Internet Baking não funciona da melhor forma, torna-se mais complicado aceder.

Obrigada, Simone, pela entrevista.

ENTREVISTA DANNY SPINOLA- PRESIDENTE DA SOCIEDADE CABO-VERDIANA DE AUTORES (SOCA) - 18/03/21

Apresentação do entrevistado.

Chamo-me Daniel Spinola, mas conhecido porque Danny Spinola, nome mais literário e artístico, que utilizo e pelo qual sou conhecido. Mas muitas pessoas pensam que Danny Spinola é o nome oficial.

Sou presidente da SOCA desde 2008, ano em que fui eleito, mas antes era secretário executivo da SOCA na primeira direção. Enquanto secretário montei toda a estrutura da sede, mobiliários, tudo isso. Fui eleito em 2008 e fui conduzido a cargo em 2015. Então

estamos aqui a trabalhar desde a altura, focalizando na cobrança de direito de autores e conexos, o autor é aquele que cria e os artistas aquele que executa.

As linhas diretivas da SOCA.

A SOCA é uma organização abrangente, não se abrange somente a música, que é arte que está mais em destaque, mas a SOCA abrange todas áreas de direitos de autores e conexos, desde a literatura, artes plásticas, fotografia arquitetura, programas de computadores, informática, tudo o que é ligação literária, artista e científica encontra englobado na SOCA.

O que acontece é que nem todos têm a possibilidade de receber direitos, porque cada um apresenta as suas especificidades e a sua forma de estar, por exemplo numa pintura é difícil alguém receber os direitos de uma pintura, existem algumas formas, como se publicar as suas pinturas, etc. Nos livros é um processo mais rápido.

Mas objetivo da SOCA é cobrar e distribuir os direitos, cobrança de direitos, por exemplo a utilização de músicas em discotecas, pubs, rádios, televisão, pública ou privado, todos devem pagar um valor dessa utilização. E essas instituições têm de se dirigir à SOCA preciso pedir uma licença e mediante a contrapartida de pagar de um determinado valor para conseguirem a autorização para o uso das músicas. Nos espetáculos tem de funcionar da mesma forma, pedem autorização, trazem uma lista de músicas para darmos a autorização.

Para além da distribuição, da arrecadação dos direitos que fazemos. abrange os hotéis, mas não entrar em pormenores porque existem dois tipos de cobrança. Os lugares que utilizam a música de forma direta, que vivem da música e os outros são de forma indireta, como a rádio, que é a transmissão, como também os hotéis, ou os táxis, todos devem pagar. Mas a tabela de preços varia consoante a situação, os que utilizam de forma direta devem pagar mais, os outros, como por exemplo num restaurante a música não é essencial, mas é uma valia porque torna o ambiente mais agradável.

Também temos uma outra fonte que nos permite estar mais à vontade, chamado de cópia privada, fazemos a distribuição na área de compensação equitativa pela cópia privada. E o que é isso? Por exemplo, quando alguém faz um CD ou um livro, depois está

no mercado à venda e existe sempre a possibilidade de uma das pessoas comprar e fazer uma reprodução, ou comprar um livro e faz uma cópia e essa cópia que é utilizado para o uso pessoal, porque se o fizer para vender já não se trata de uma cópia privada, mas sim de cópia ilegal. E nós pagamos às pessoas proprietários dos livros ou CDs ou montante para compensar a utilização da cópia privada.

É uma lei a SOCA propôs ao Ministério da Cultura, que dá a possibilidade de dinheiro sem andar atrás das pessoas que não querem pagar. Então foi criada esta lei, em que todos os materiais que chegam à alfandega como CDs, DVD, computadores, máquinas de fotocópia, pagam uma percentagem que vai para as finanças que depois é encaminhado para o fundo autónomo da cultura, que serve para distribuir para a Sociedade de direitos de autores, que somos nós e o outro grupo SCM.

Mas é preciso que os autores façam o cadastro das suas obras, com todos os dados incluídos, como quantos exemplos estão disponíveis no mercado, o preço, ect. E consoante este dado é feito uma dedução que quanto o autor poderá receber.

Então é este o papel fundamental da SOCA, só que ao longo do tempo e ainda bem, porque apesar de não haver apoios, que só entraram em 2027, conseguimos fazer algumas revistas, semestrais e desde 2009 que se encontram em circulação.

Através de que plataformas divulgam no vosso trabalho? Existe algum plano para a diáspora?

Criamos um site através da qual podemos comunicar com os nossos associados, o Facebook e apostamos na publicação de diversos livros de jovens associados, que por vezes não têm saída. Porque nós temos como lema a valorização do autor, porque não estamos aqui só para oferecer dinheiro, mas para uma “autoria digna e próspera”, mostrar a dignidade do autor, dar o seu devido valor. Por isso temos alguns revistas com destaques dos autores e fazemos homenagens ao longo do tempo.

Todos os anos fazemos diversas atividades em, como é o caso da Semana da Arte Integrada, que consiste numa semana com exposição coletiva de pinturas, onde agregamos os nossos associados, vários pintores, fazemos feiras de livros, tertúlias de música e a música está sempre presente na Semana de Arte Integrada.

Fazemos isso não só na Cidade da Praia como centralizamos noutros municípios, como por exemplo, na Cidade da Velha, porque temos três datas importantes que marcamos essas atividades, 19 de fevereiro, a data do nosso aniversário, o dia 21 de março que é o dia mundial da poesia e artes e o outro é o Dia Nacional das Culturas e das comunidades. No Dia Nacional das Culturas e das comunidades já fizemos atividades na diáspora, já estivemos três vezes em Lisboa, Portugal, já estivemos em Saragoça, EUA e já fizemos homenagens também nos Estados Unidos e em Portugal a várias artistas que residem na diáspora. Há pouco tempo fizemos uma gala nos Estados Unidos e temos vindo a apostar nas galas para as homenagens, como por exemplo fizemos uma homenagem à Titina Rodrigues que estava “abandonada”, fizemos ao Zeze e Zeca que já não têm tanto destaque e depois fizemos uma gala em homenagem à Morna e ao Djosinha e também que estava “abandona”, sendo que foi um dos primeiros grandes músicos e interpretes de Cabo Verde. Mais recentemente fizemos uma homenagem ao Kaka Barbosa e Princezito, o que calhou numa boa hora, visto que o Kaka faleceu, porque queremos fazer as homenagens sempre em vivo, não depois da morte.

E isso depois é colocado em destaque na nossa revista e no nosso site, em que podes encontrar diversos textos, sobre pintores, autores, literatura, ect. Neste momento temos o Facebook que está sob supervisão de um informático extremamente bom naquilo que faz e isso faz com que os nossos conteúdos cheguem a toda a diáspora.

Temos também o chamado email marketing.

Também sempre em todas as atividades, faço gravações, ou contratamos alguém para filmar e por isso temos todos esses conteúdos, tanto de Portugal, como Saragoça, mas o mais difícil é arranjar forma de distribuir esses vídeos, mas neste momento até estamos a conseguir, graças a este informático, que coloca a resolução certa para o nosso canal de Youtube. Atualmente temos mais de 70 vídeos disponíveis no Youtube que temos vindo a fazer ao longo do tempo, é só procurar, desde homenagem a Marino Silva em Lisboa, Homenagem nos EUA, Semana de Arte Integrada em Saragoça, Semana de Arte Integrada em Portugal, o pré-bienal que fizemos na Assomada há pouco tempo, muitas atividades que fizemos ao longo do tempo e que agora estão em destaque. E isso permite uma maior visibilidade.

Em termos gerais a SOCA é isso, depois pode completar com informações das nossas revistas.

Entrevista TUTU SOUSA - Artista Plástico - 24/02/20

Apresentação do entrevistado.

Meu nome artístico é Tutu Sousa, um cabo-verdiano puro, que tem muito amor pela arte. Nasci na ilha de S. Vicente e isso se calhar justifica o meu amor pela arte, pois como sabemos S. Vicente é uma ilha que respira cultura, respira arte e provavelmente a minha vocação é proveniente da minha nascença. Já tenho alguns anos de carreira, acho que ao longo desses anos considero que o meu trabalho já deu a volta ao mundo, África, Europa, América, Ásia.

Enquanto artista plástico cabo-verdiano, como tem sido o desenvolvimento do trabalho na diáspora?

Considero que o meu trabalho tem sido bem aceite fora de Cabo Verde, porquê? Porque consegui fazer um percurso com algum rigor, com a preocupação da divulgação daquilo que é a cultura cabo-verdiana, principalmente retratando a música, pois quem conhece Cabo Verde sabe que o “prato” forte da cultura cabo-verdiana é a música. Mas como não limito a minha pintura à música, também tenho baseado na Mulher e no Mar, que são fatores fortes na nossa terra, o Mar porque estamos rodeados por ele, a Mulher porque graças à Mulher que estou viva. E graças a Deus a partir das minhas fontes de inspiração o meu trabalho consegui chegar à diáspora, com facilidade e foi bem aceite.

E quando referimos que um artista cabo-verdiano conseguiu levar o seu trabalho para a diáspora, é preciso um grande esforço, que exige igualmente qualidade, de algumas mensagens que temos de transmitir, por exemplo, quando passamos algumas mensagens que são muito viradas para a vida política, considero que acabamos por perder. Mas no meu caso não, como a política não faz parte da minha inspiração e as fontes de inspiração que possuí me permitem chegar mais facilmente lá fora. Tem sido

bem aceite, quando olho para trás e vejo o que já percorri vejo que o resultado é positivo.

E o feedback da comunidade cabo-verdiana no estrangeiro?

É assim, nem sempre, nem em todo o lado é recebido com igualdade. Por exemplo, a comunidade cabo-verdiana nos EUA apresenta um tipo de vida que não é voltada para a cultura, mas sim é uma vida baseada no trabalho e consumo. E quando estive nos EUA para expor o meu trabalho 80% das pessoas que visitaram a exposição eram americanos, poucos cabo-verdianos e os que estiveram presentes foram antigos colegas de infância que foram ver o meu trabalho. Já na Europa não, é diferente, por exemplo em Portugal, basta expor em qualquer espaço aparecem muito cabo-verdianos, muitos que nem conheço, na Holanda também acontece isso. Em França foi num lugar onde não havia muitos cabo-verdianos por isso na exposição não estiveram presentes cabo-verdianos. Mas em todos os países que já estive e que vivem cabo-verdianos, sou sempre recebido com muito amor e admiração e feedback é bastante positivo.

Através de que meios/plataformas digitais comunica os seus trabalhos?

Utilizo mais o Instagram e o Facebook, recebe muitas vezes sugestões de outras plataformas, mas é preciso ter muito cuidado, pois infelizmente no mundo da Arte existe muita pirataria e saber onde se pisa. Por exemplo quando recebe convites de galerias internacionais, tendo sempre entrar nas suas plataformas e fazer uma boa análise, uma pesquisa aprofundada, pedir informações através de outros meios, até aceitar os convites. Isso tudo por causa do cuidado que devemos ter com a questão da pirataria. Sou um artista que o meu trabalho já foi copiado, já foi reproduzido sem a minha autorização, o porquê desse cuidado. Procuro evitar estes problemas e tenho optado por estar apenas no Instagram e no Facebook, pois apresentam um certo nível de confiança.

Apêndice 10: Consentimento entrevistas

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu ADELAIDE TAVARES MONTEIRO, residente em cidade da Praia
Cabo Verde

declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 11 / 01 / 2021

Assinatura

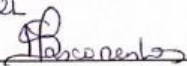
Adelaide

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu Sandra Helena Macanudo Marbuz
residente em Achada - Praia - Ilha de Santiago
declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 05/03/2021

Assinatura 

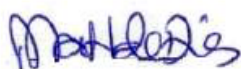
TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu MATILDE CRISTINA AMADO DIAS,
residente em MINDELO, SÃO VICENTE,
declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 01 / 03 / 2021

Assinatura



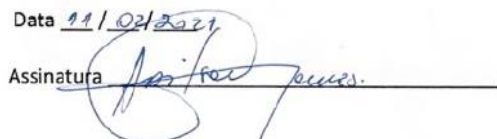
TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu Fátima Lima Da Rosa Gomes,
residente em CABO VERDE CIDADE DA PRAIA,
declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 01 / 02 / 2021

Assinatura



TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu Denise Helena B. Fernandes,
residente em Endosela, Póvoa da Praia,
declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 19/02/2021

Assinatura Denise Fernandes

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu António Jorge de L. F. F. F. F.,
residente em Mindelo - Cabo Verde,
declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 28/01/21

Assinatura [Assinatura]

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu Manuel Brito Semedo
residente em Achada S^{te} António — Praia

declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 10/02/2021

Assinatura

Manuel Brito Semedo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu Décio Avelino Mendes de Barros
residente em Praia

declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 16/03/2021

Assinatura

Décio Barros

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu Helena Faria da Silva Gurgel
residente em Cidade de Praia - Cabo Verde
declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 4/1/21

Assinatura

[Assinatura]

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu Elizabeth Patricia Barbosa de Rê
residente em Achada Santo António, Praia Cabo Verde
declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 17/03/21

Assinatura

[Assinatura]

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu António Monteiro
residente em Achada Santo António, Praia
declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 23/03/2021
Assinatura [assinatura]

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu MARCO ABBONDANZA
residente em via Mazzini, 8 – 56012 CALCINAIA (Itália)
declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 22 de janeiro de 2021.

Assinatura

 [assinatura]

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu Gil José Cabral Moreira
residente em Cabo Verde

declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 05/02/21

Assinatura Gil José Cabral Moreira

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu Mário Alexandre Lima Bastenacores
residente em ALMADÉJ - BRA

declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 8/12/21

Assinatura Mário Alexandre Lima Bastenacores

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu Saxino Vitoria Silva Bressa
residente em Cachada S. Filipe - Praia
declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora), autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 26/11/21

Assinatura



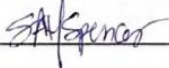
TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu Simone Augusta Moreira Spencer
residente em ASA - Praia - Cabo Verde
declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora), autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 01/02/2021

Assinatura



TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu Daniel Ezequiel Spencer Rodrigues Spínola
residente em Palmarão Grande

declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 18/03/21

Assinatura



TERMO DE AUTORIZAÇÃO

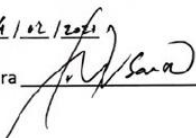
Eu Paulo Jorge Pinheiro de Sousa (Ate Sousa)
residente em Terra Branca - Póvoa

declaro ter conhecimento dos objetivos do projeto de investigação no âmbito da tese
*Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura (De Cabo Verde
para a Diáspora)*, autorizando todas as filmagens, captações de imagem ou áudio.

A entrevista, bem como a autorização do uso dos conteúdos concedidos representam
um contributo gratuito para o trabalho académico, sem que haja quaisquer direitos
que onerem a utilização, incluindo a utilização para fins não lucrativos.

Data 24/02/2021

Assinatura



Apêndice 11: Questionário

Questionário sobre Comunicação da Cultura Cabo-verdiana na diáspora.

Bem Vindo!

Este questionário é dirigido aos cabo-verdianos ou filhos de cabo-verdianos residentes em Portugal e está a ser realizado no âmbito da dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação (UPORTO), com o tema "Plataformas Digitais Culturais: Processo de Comunicação da Cultura".

O objetivo passa por perceber como tem sido o processo de comunicação da Cultura Cabo-verdiana na diáspora e através de que plataformas digitais.

Obrigado por responder ao nosso questionário.

1. Identificação

1.1. Idade

Até 20 anos
21 - 30 anos
31 - 40 anos
41 - 50 anos
+ de 50

1.2. Habilitações literárias:

Ensino Básico
Ensino Secundário
Ensino Superior
Não completou os estudos

2. Cultura cabo-verdiana

2.1. Quais são, na sua opinião, as formas mais expressivas de manifestação cultural cabo-verdiana?

Música
Teatro
Artes plásticas
Dança
Literatura
Festas padroeiras

3. Plataformas digitais

3.1 É Navegador assíduo na internet?

Sim
Não

3.2. Como classifica a divulgação das manifestações indicadas acima nas plataformas digitais?

Muito Má

1
2
3
4
5

Muito Boa

3.3. Através de que plataformas digitais tem conhecimento das manifestações culturais?

Redes sociais
Websites
Jornais online
Outras

4. Comunicação da cultura Cabo-verdiana em Portugal

4.1. Como classifica a divulgação, em Portugal, da cultura cabo-verdiana?

Muito Má

1
2
3
4
5

Muito Boa

4.2. Através de que meios é divulgada, em Portugal, a cultura cabo-verdiana?

Plataformas digitais culturais
Comunicação Social
Redes sociais

Que redes sociais?

A sua resposta

Que plataformas digitais culturais?

A sua resposta

4.3. Tem acesso a meios de comunicação social cabo-verdianos, em Portugal?

Sim

Não

4.4. Se sim, que meios?

Jornais

Televisão

Rádio

Plataformas digitais exclusivas sobre Cabo Verde

Obrigada por ter respondido ao nosso questionário!